



FERNANDA VERÔNICA

Amor de novela

Às vezes quem você está amando
não é a pessoa certa pra você



AMOR DE NOVELA

FERNANDA VERÔNICA

Copyright © 2018 por Fernanda Verônica

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 10/02/1998.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são produtos da imaginação da autora e usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, ou eventos reais é mera coincidência.

Não colabore com a pirataria, seja aliado da literatura nacional e incentive o autor a continuar escrevendo.

Produzido no Brasil.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Dica de leitura:](#)

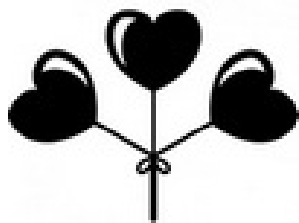
Mulherengo, inconsequente, sem-vergonha e um conquistador barato. Isso define Dante Novaes. Acostumado a dominar as situações e conquistar toda mulher com quem se envolve, ele não tem problemas em dispensá-las. Seu lema é não insistir no que não deu certo, não esmurrar ponta de faca, como vive dizendo e sempre partir para outra. Quando ele e Ana se reaproximam, ele não espera que ela seja diferente das outras. O problema é que ela namora o seu melhor amigo e acredita amá-lo. João é o cara certo pra toda mulher que quer viver um relacionamento estável e saudável. Mas será que viver no comodismo satisfaz por muito tempo? A falta de emoção, aventura e do perigo podem induzi-la para o caminho errado. E, às vezes, quem você está amando não é a pessoa certa pra você.



Às vezes a pessoa que você ama e a pessoa certa, não são a mesma.

“Eu sou essa gente que se dói inteira porque não vive só na superfície das coisas”

— Raquel de Queiroz



PRÓLOGO

ANA AGUIAR

Ana. Essa conversa me faz odiar o meu nome. Ana. Pronto, não parece importante. Você mal começa a dizê-lo e ele já acabou.

— Se tivesse dois *enes*, pelo menos — a namorada do Dante falou quando entraram nessa discussão e eu a olhei, fazendo uma carranca.

— Maria Madalena Scarlet — o João Pedro falou sarcástico, a cutucando e ela fez uma careta para ele — desculpa, Madá, mas eu prefiro Ana.

— Você não conta, cara — o Dan falou me lançando um sorrisinho — namorado é suspeito pra falar.

Nós ficamos mais alguns minutos nessa conversa chata sobre nomes, enquanto o Dante preparava as bebidas.

Todo final de ano, as nossas famílias se reuniam na casa de praia dos pais do Dan e passávamos as férias aqui. Quero dizer, quando éramos crianças ficávamos as férias inteiras, mas à medida que fomos crescendo, tínhamos os nossos próprios planos. Natal e réveillon eram prioridades da família.

Eu e o Dante fomos amigos desde a barriga. Nunca fomos melhores amigos ou os maiores confidentes um do outro, mas nunca nos odiamos, também. Nós convivíamos porque as nossas mães são amigas desde a escola, o que as fizeram fazer das nossas famílias, quase uma só. A minha mãe costuma até dizer por aí que somos primos.

Do tipo que já viveram uma aventura juntos.

Não tão juntos. Quando crescemos, no início da adolescência para ser mais exata, não tínhamos outra opção a não ser acompanhar os planos dos

nossos pais. Éramos os únicos adolescentes no meio de quatro adultos e os amigos que faziam, nas viagens. Ninguém tinha muito tempo para nos monitorar.

.

Tínhamos dezesseis quando ele começou a namorar pela primeira vez e isso caiu no esquecimento.

No ano seguinte ele trouxe o João nas férias e foi a minha vez de começar a namorar. O meu namoro durou até hoje, mas o Dante trocava de namorada como os nossos pais trocavam de carro: todo ano.

Ninguém nunca soube desse nosso *passado*, não parecia relevante contar, afinal.

João era muito bonito, quero dizer, muito mesmo, mas o Dante tinha um charme que era gracioso.

Eu também nunca fui apaixonada por ele, só fiz a comparação.

Madá era bem magrinha e alta. Os cabelos eram bem pretos e curtinhos, e ela fazia alguns trabalhos como modelo. Ela era muito simpática, mas fresca. Não comia de tudo e quando contrariada, ela fazia birra.

O João voltou da cozinha com a toalha de mesa e o baralho, foi quando as bebidas que o Dan preparava ficaram prontas.

— Vocês vão levar uma surra — eu falei, arrumando a mesa, enquanto o meu namorado embaralhava as cartas.

— Só espera, lindinha — o Dante zombou, chamando o apelido que a sua mãe usava para mim e eu rolei os olhos.

Nós nos divertimos com as bebidas e o jogo de buraco até tarde.

No dia seguinte, eu acordei cedo com a música alta que estrondava na casa e grunhi de ódio, porque os nossos pais tinham a mania de acordar cedo para aproveitar o dia.

O que me fazia acordar cedo e ficar de mau humor.

Eu levantei fazendo mil carrancas e peguei uma toalha, escova de dente e o que precisaria para um banho, indo para o banheiro. Me escorei à parede do corredor, esperando o banheiro ser desocupado, quando o João passou por mim, parando para me roubar um beijinho.

— As vantagens de acordar mais cedo — ele falou, por causa do banheiro ocupado e eu suspirei impaciente.

— Me leva embora com você — eu falei, porque ele teria que ir embora daqui dois dias, por causa do trabalho.

— Você vai mesmo perder a festa da sua mãe? — ele perguntou arqueando as sobrancelhas e fiz uma carranca — você acorda muito de mau humor, amor.

— Vou arrumar um emprego pra não ter que ficar aqui o mês inteiro.

— Você já tem um emprego — ele me lembrou, rindo — só está de férias.

— Os meus pais deveriam perceber que eu já sou adulta.

— Nem os seus pais, muito menos os do Dan aceitam isso — ele falou, se divertindo com a afirmação. Nós dois tínhamos vinte e um, com a diferença de algumas semanas, apenas.

— Joao, lindinho, ajuda a tia a pegar as compras no carro — a mãe do Dan se chamava Marília. Como ela me chamava de lindinha, achou válido e *fofo* chamar o meu namorado de lindinho, também. João virou motivo de chacota para os seus amigos no começo do nosso namoro, há mais de três anos, por causa do Dante.

— Vou lá — ele falou, deixando mais um beijo nos meus lábios, antes de descer.

Eu comecei a bater na porta, impaciente e apertada para fazer xixi.

— Menina, você acorda de muito mau humor — o Dante falou ao abrir a porta, sacudindo a cabeça e respingando a água do seu cabelo em mim, que grunhi de ódio.

— Você quer acabar com a água do mundo inteiro com essa demora!

— Já saí — ele me sorriu, indo para o *seu* quarto. Eu o segui com o olhar, porque ele estava com a cor mais bronzeada e as gotas de água escorrendo pelas suas costas eram... E ele tinha covinhas nas costas, eu achava isso muito... *Tentador*.

Tomei um banho rápido e fui me vestir no quarto. Coloquei um maiô preto com as laterais abertas e as costas nuas. Vesti um short jeans claro e preendi

o cabelo num coque. Já passava um pouco de perfume, quando o João entrou no quarto, me abraçando por trás, tirando o celular do bolso para bater uma foto nossa. Nós éramos muito aquele casal bobo que postava mil fotos juntos.

— Você é muito linda e muito gostosa, sabia? — ele perguntou e eu franzi o nariz, sorrindo e virei a cabeça para ele me beijar. Virei-me de frente para ele, passando os braços em volta do seu pescoço, começando outro beijo, que não durou muito porque gritos histéricos nos atrapalharam.

— Dante fez merda, aposto — o João falou, saindo do quarto e eu suspirei, indo atrás. O Dante sempre fazia merda.

O João estava no quarto, segurando a Madá, que gritava palavras que eu mal conseguia entender e o Dante a olhava com as mãos nos bolsos da bermuda, não esboçando alguma reação.

— EU SABIA QUE VOCÊ NÃO ERA SÓ AMIGO DAQUELA VAGABUNDA — ela gritava, com a voz fina e histérica e eu olhei para o Dante.

— Você entendeu errado — ele afirmou como se isso fosse o óbvio — você não sabe ler? Não tem nada de mais nas mensagens.

— NÃO TEM? — ela berrou, arfando de raiva — EU VOU AMAR VOCÊ À NOITE TODA QUANDO CHEGAR AÍ NÃO É NADA? MEU DEUS, QUE MANÍACO VOCÊ É?

— Caralho, Madalena — o Dante resmungou — quando você se acalmar a gente conversa — ele falou, passando por mim para sair do quarto. Eu olhei para o João, que soltou a Madá e ela começou a chorar, se sentando à cama e escondeu o rosto entre as mãos. Eu fui até ela, me sentando ao seu lado.

— Eu vou lá falar com ele — o João falou, puxando a porta ao sair do quarto.

— O que houve? — eu perguntei e ela soluçou, negando com a cabeça.

— Eles ainda trocavam fotos — ela falou inconformada — porque ele sempre faz isso? — ela perguntou, soluçando. A fama de *traidor* do Dante corria solta pela cidade. Quero dizer, quem o conhecia sabia que ele era só pra diversão. Seu problema estava em sempre começar namoros. Ele fazia a menina se sentir amada, única. Ele as enfiava nas nossas famílias e nós as tratávamos como parte dela. Até ele aprontar. Tia Mari dizia que no dia que ele se apaixonasse de verdade, iria pagar por tudo que fazia, mas mesmo que ela brigasse com ele por isso, ela não conseguia pará-lo.

O Dante era bem bonito, *independente*, formado em publicidade e trabalhava na empresa do pai. Ele era a promessa de homem bem sucedido,

privilegiado e um conquistador barato.

— E ele ainda tem a cara de pau de dizer que eu entendi errado — ela grunhiu de nervoso e eu apertei os lábios, lamentando.

Eu fiquei com a Madá até ela se acalmar, mas mesmo pedindo para que ela ficasse e desse para o Dante a chance de explicar o inexplicável, eu fui com o João, levá-la até a rodoviária.

Dante não se deu o trabalho de tentar falar com ela. Era a sua estratégia maldita. Ele ficava quieto, sequer tentava se explicar. A raiva da menina se dissipava e ele ia atrás, fazendo dela mais uma da sua lista.

Ele era o mais amado e o mais odiado pelas mulheres que nós conhecíamos. Chegou um tempo que a minha lista de amigas que podiam vir comigo para cá simplesmente acabou, por causa dele.

— Quando você chegar, me avisa, tá? — eu pedi, quando o ônibus chegou e ela assentiu.

— Obrigada por me trazerem — ela falou e eu a abracei.

— Eu sinto muito pelo Dante — eu lamentei.

— Vai ficar tudo bem — ela sorriu fraco, indo para o ônibus.

Eu olhei para o João, suspirando e ele entrelaçou as nossas mãos, nos levando de volta para o seu carro.

— No dia que o Dante achar uma pra fazer com ele, o que ele faz com todas, ele vai mudar — o João falou, enquanto dirigia e eu deixei escapar um riso.

— O problema das meninas é achar que ele vai mudar — eu falei.

— Amor... — o João riu — ele faz todo mundo acreditar nisso.

— E o pior é que a gente acredita — eu reclamei.

Quando voltamos para casa, o Dante estava na área da piscina, sentado na mesa de madeira perto da churrasqueira e tomava cerveja. O João foi até ele, mas eu fui comer alguma coisa.

— Porque o meu filho não leva os namoros dele à sério como você faz? — a tia Mari perguntou, enquanto eu preparava um sanduiche para mim e eu a olhei, rindo.

— Porque ele é bonito demais pra namorar — eu falei sarcástica,

usando a frase que o Dante usava quando ficava solteiro.

— Eu tenho pavor de pensar que ele vai voltar a ser o galinha de sempre. Não se se fico mais preocupada com doença ou gravidez — ela falou, como se algum namoro já tivesse freado o Dante.

— Ele não deve fazer sexo sem camisinha, tia — eu falei, mas quem garantiria?

— Deus abençoe que não... — ela resmungou.

Eu comi e encontrei os meninos, pegando outra garrafa de cerveja no freezer e um copo para mim.

— Já que eu tô solteiro, a gente podia ir pra aquela festa, Ana — o Dante falou, mas o João lhe lançou um olhar feio.

— Você ficou solteiro, ela não! — ele falou.

— Eu cuido dela... Não deixo ninguém chegar perto — o Dan falou, bebendo um gole da sua cerveja — eu não tenho culpa que você vai embora.

— Eu não tenho a sorte de trabalhar na empresa do papai — o João falou sarcástico e o Dante fez uma careta, porque eles trabalhavam juntos, mas o Dante era cheio de regalias.

— Eu pago seu ingresso, Ana — ele falou para mim, que lhe cerrei os olhos e o João me olhou.

— Você quer mesmo ir?

— Tudo bem se eu for? Porque o Dan vai comprar o camarote mais caro, não é fácil recusar — eu falei, levando uma mão para a lateral do rosto do meu namorado e o João riu, se aproximando para beijar os meus lábios.

— Eu preferia que você não quisesse ir — ele suspirou — mas tudo bem, já que o meu amigo vai cuidar de você.

— Ei — eu reclamei, cedendo aos beijos — você não tem que confiar no Dante pra cuidar de mim. Você tem que confiar em mim.

— E eu confio — e ele sussurrou, aprofundando mais o beijo e eu grunhi, mordendo o seu lábio inferior suavemente, voltando a beijá-lo.

O Dante foi para a piscina e logo nós dois o acompanhamos. Ficamos ali até a hora do almoço.

Os nossos pais vieram para fora e o assunto do almoço foi a recém-solteirice do Dan. Na verdade, como o seu pai dizia: a canalhice dele.

— Coitada da menina — o tio Marcelo resmungou, tirando a carne da

churrasqueira e colocando sobre a tábua de madeira, onde a minha mãe estava cortando-a — parecia tão boa gente e ele faz isso. Eu não gosto nem de lembrar o que ela gritou que viu — ele falou negando com a cabeça e eu deixei escapar um risinho, porque ele era nojento de tão pervertido.

— O que a família dela vai pensar de você? — a sua mãe perguntou inconformada.

— O que sempre pensou, tia — eu fiz uma careta — que ele não presta.

— Eu só comecei namorar, porque ela queria muito — o Dante falou, como se isso fosse razão para ser infiel — e eu gostava dela. Vocês acham que eu também não to sofrendo? — ele perguntou incrédulo, bebendo um pouco da cerveja.

— Tá na sua cara o seu sofrimento — o João falou.

— A próxima menina que você me apresentar, eu vou falar logo que você não presta — a tia Mari continuou, inconformada e eu dei um risinho.

— Ainda bem que o João é diferente — foi vez de o meu pai falar e eu o olhei — porque se alguém trai a minha princesa, eu não sei o que eu faria.

— Jamais faria — o João falou e eu sorri para ele, porque quando a minha mãe contou para o meu pai que eu não era mais virgem e a culpa era do João Pedro, o meu pai quis matá-lo. Demorou um tempo até o meu pai voltar a ser simpático e amigo do meu namorado — to muito bem cuidado com o que eu tenho.

— Eu não era tão bem cuidado assim — o Dante falou, zombando — mas eu to muito mal com o fim.

— Você é muito cara de pau — eu falei para ele.

À tarde, nós queríamos ir para a praia, mas o tempo mudou do nada e começou a chover. Eu estava no quarto com o João e nós procurávamos um filme pelo notebook, quando o Dante chegou com o seu travesseiro e o João fez uma carranca.

— Sabe o que eu odeio quando você termina o namoro e a gente tá aqui? — o meu namorado perguntou, mas ele jogou o travesseiro no meio de nós dois — isso!

— Tá chovendo e eu não tenho ninguém.

— Você não tem ninguém? — eu arqueei as sobrancelhas, enquanto ele vinha para o meio da cama.

— Se eu deitar no canto vocês vão me fazer virar vela — ele explicou, por causa do olhar incrédulo do João Pedro.

— Eu tenho hoje e amanhã pra aproveitar a minha namorada e vou ver filme com você — o João resmungou.

— Mais tarde a gente sai pra jantar — eu falei.

— Eu não quero ficar sozinho — o Dan falou.

— Que não traísse a sua namorada — o João retrucou.

[...]

Eu aproveitei os dois dias de férias com o meu namorado e o Dante, que inconvenientemente se incluía nos nossos planos.

— Como um filho — o João resmungou — perseguindo a gente o tempo inteiro.

— Para com isso — eu reclamei, mas eu ria.

— Como vai ser essa festa?

— Boa? — eu perguntei confusa — o Dan vai arrumar umas várias meninas, me deixar em casa e dormir com uma delas?

— Você quer mesmo ir?

— Acho que vai ser legal — eu fiz uma careta — você não quer que eu vá?

— Não... Tudo bem você ir — ele suspirou — só fico com ciúme.

— Não precisa ter ciúme — eu cutuquei o seu braço.

O João foi embora depois do almoço, para não pegar estrada, sozinho à noite.

— Você fica deprimida como se ele tivesse ido embora pra sempre — o Dante falou, se sentando junto comigo à beirada da piscina.

— Porque eu gosto dele — eu falei.

— Lindinha — ele falou, rindo.

Os nossos pais foram encontrar alguns amigos na praia, mas eu não queria ir e o Dante ficou comigo na casa. Nós pegamos algumas cervejas para pôr para gelar e escolhemos músicas animadas. Tentamos jogar buraco, mas eu dava uma surra fácil nele, que não suportava perder.

— Sabe, Ana — ele falou, voltando do freezer com mais uma cerveja, se sentando.

— O que?

— Você já falou com o João sobre nós?

— O que? — eu perguntei confusa, mas ele sorriu, enchendo os nossos copos com mais cerveja e deu um risinho, para voltar a falar:

— Sobre nós dois... O que a gente fazia antes.

— Não, eu nunca falei — eu falei confusa — porque você tá falando disso?

— Nada... Só lembrei. Do jeito que ele é ciumento, não ia nunca deixar você aqui.

— Ele confia em mim. E em você. E é passado, coisa de criança, ninguém tem que saber.

— A minha mãe sabe — ele disparou e eu o olhei, confusa e surpresa.

— O que? — eu perguntei, mas ele bebeu metade do que havia da cerveja no corpo, se levantando. Ele foi para perto da piscina, tirando a camiseta e a bermuda, antes de pular e eu levantei, tirando o meu short, pegando a cerveja e os nossos copos, deixando na beirada da piscina, entrando também.

Eu fiquei pela beirada da piscina, para usufruir melhor da cerveja e logo o Dante veio, sacudindo o cabelo, porque ele sabia que isso me dava nos nervos.

— Já sabe a sua roupa da festa? — ele perguntou e eu o olhei, que bebia a cerveja — porque você me fez gastar uma nota com as entradas.

— Não precisava mesmo comprar os camarotes mais caros.

— Mais bebida de graça e melhor lugar na festa. Acaba compensando.

— Já pensei na roupa — eu falei e ele riu.

— Quando a gente era criança você dava chiliques por causa de roupa.

— Eu era horrível com isso — eu reclamei, mas nós rimos.

Nós passamos a tarde ali, jogando conversa fora, bebendo, jogamos sinuca, porque em algo, ele tinha que ganhar de mim.

— Eu acho que tô bêbada — eu falei, rindo ao me sentar à mesa de sinuca e ele riu, se sentando ao meu lado.

— Eu falei pra dar um tempo.

— João não me deixa embebedar — eu reclamei.

— É que você já é mal humorada pra caralho de manhã. Imagina você de manhã e com ressaca?

— Será que ele me trai? — eu perguntei, mas o Dan riu. Eu deixei o meu corpo cair deitado na mesa e ele fez o mesmo — não vai me dizer?

— Você acha que ele trai?

— Você que é o melhor amigo dele, se ele faz, você que sabe, né?
— Ele é um babaca fiel — o Dante resmungou — você deu sorte.
— Você tá falando a verdade ou você tá sendo amigo dele?
— Eu to falando a verdade — ele suspirou — queria conseguir ser como ele.
— Hum?
— Fiel. Entrar numa relação e viver ela de verdade. Eu até entro, mas logo fica sem graça e aparecem outras.
— Você é muito galinha, Dan — eu falei — eu fico com dó toda vez que você traz alguém. A menina vem achando que agora você vai mudar e você nunca muda.

A nossa noite terminou em pizza. Eu dormi cedo, porque estava um pouco embriagada, mas não acordei com ressaca.

No dia da festa, a minha mãe e a tia Mari me ajudaram com a roupa e maquiagem. Eu já estava pronta, enquanto elas escolhiam os acessórios, quando o Dan entrou no quarto, exalando o seu perfume.

— Mas é por isso que ele arrasa os corações — a minha mãe falou e eu o olhei. Estava bem bonito, com uma bermuda clara, uma camiseta branca com uns escritos em preto e um sapato branco. Ele usava um boné virado para trás, mas minha mãe o tirou dele, consertando o seu cabelo.

— Sem é mais bonito — ela falou.

— Pronto — a tia Mari falou, colocando o colar em mim, enquanto eu colocava as pulseiras. Eu vestia um cropped preto e uma saia preta longa, com cortes nas laterais, na altura da coxa. E calçava uma sandália rasteira dourada. A maquiagem era leve e na boca eu tinha um gloss, os cabelos estavam lisos.

— Juízo, viu? — ela continuou, me analisando e sorriu — você é muito linda.

— Obrigada, tia — eu falei.

— Não bebe demais, nem aceita bebida de estranhos — ela resmungou — não dá pra confiar em ninguém — ela falou, indo até o filho — e você, se for ficar com alguém, usa camisinha, pelo amor de Deus!

— Camisinha na língua? — ele perguntou sarcástico e a sua mãe fez uma carranca.

— Não seja palhaço — ela falou — você tá bonito demais pra ser pai sem planejar o bebê.

— O que isso tem a ver, mãe? — o Dante perguntou, porque ela era

neurótica com a possibilidade de ele engravidar alguma desconhecida.

— Você quer ser pai agora?

— Eu não — ele falou o óbvio.

— Então usa camisinha — ela repetiu enfática, saindo do quarto e nós sabíamos que ela voltaria com camisinhas para ele.

[...]

Nós chegamos e fomos pegar uma bebida. Tínhamos várias opções e era tudo free.

Quando a primeira atração começou, nós fomos para mais perto do palco, mas na realidade estávamos mais interessados em beber.

Nós dançamos o pagode, o samba, o sertanejo e o forró que passou por ali e ele cuidou para que eu bebesse água, dando intervalos com a bebida.

— Assim você embebedada e não passa mal — ele falou, trocando a minha caipiroska por água mais uma vez.

— Obrigada — eu reclamei, porque eu já estava no nível de não querer mais água e sim mais bebida.

Em um momento, eu estava me divertindo com a minha bebida e com a música, quando um engraçadinho chegou em mim.

— Mas eu não tô vendo o seu namorado aqui — ele falou e eu fiz uma carranca.

— Mas eu não quero também — eu falei impaciente.

— Você quer, sim — o rapaz falou, se aproximando mais e eu recuei — vai ficar se fazendo de difícil, gatinha?

— Eu namoro — eu falei mais uma vez — e eu não vou ficar com você!

— Só um beijo — ele falou, aproximando o rosto de uma vez e eu recuei, tentando sair, mas ele me puxou pelo braço. Foi quando o Dante voltou e veio até nós.

— O que tá acontecendo aqui?

— Esse idiota que não me deixa! — eu falei irritada, mas o cara não me soltou.

— Qual é, gatinha? — ele ainda perguntou, mas eu grunhi de nervoso

e o Dante o empurrou, me puxando e ficou à minha frente — quem é você, cara?

— Vaza daqui — o Dan falou, apontando para qualquer canto e saiu me puxando. Nós paramos e ele me abraçou por trás, rindo.

— O que foi? — eu perguntei, falando alto por causa da música.

— É a terceira briga que eu quase arrumo pra livrar você desses idiotas — ele falou.

— Porque homem acha que tem o direito de convencer a menina à força? — eu perguntei incrédula, me virando para ele.

— Isso é coisa de homem que não pega ninguém — ele falou convicto — porque eu não faço isso.

— Que nojo de homem assim — eu reclamei e ele me puxou, nos guiando no ritmo da música.

— Se você não namorasse, quem ia te beijar era eu — ele disparou com a boca mais perto do meu ouvido e eu o olhei. Não ia levar a sério, porque o Dante é cheio de piadas idiotas, mas ele manteve o olhar e eu engoli pesado.

— Mas eu namoro — eu falei e ele riu, voltando a dançar comigo, nesse ritmo gostoso da música.

— Tá tudo bem, tá tudo normal, você já deve ter outra pessoa legal — ele começou a cantar e eu passei os braços em volta do seu pescoço, o seguindo.

A próxima música foi mais lenta, mas nós continuamos.

Quando a festa acabou, nós fomos para a praia, onde havia lugar aberto com comida. Nós pegamos os lanches e o refrigerante e fomos nos sentar na areia.

Eu me deitei na areia quando acabei, respirando fundo e olhei para o Dante deitado ao meu lado, com o braço dobrado sob a cabeça.

— Você teria coragem? — eu perguntei e ele me olhou de volta, me analisando.

— De?

— Me beijar — eu falei mais baixo, como se isso fosse algo proibido de ser cogitado. Ele deixou escapar um riso, voltando a olhar para o céu e não me respondeu — ou eu não sou beijável?

— Você namora um parceiro meu — ele resmungou — mamãe nunca deixaria.

— O que?

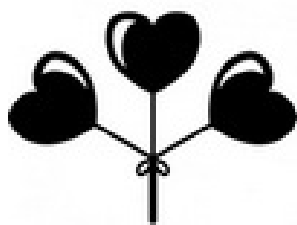
— Ela entrou em pânico quando viu um dos nossos beijos.
— Por quê?
— Porque eu ia estragar tudo e isso ia acabar com a nossa *família* — ele usou sarcasmo na última palavra.
— Mas a gente nunca foi apaixonado um pelo outro — eu falei — era legal porque a gente ficava entediado naquela casa. Nem internet tinha na época.
— Graças a deus que agora tem.
— É — eu dei um risinho.
— Vamos?
— Vamos — eu falei, me sentando.

Quando entramos em casa, eu fui para a área da piscina, indo até o freezer para pegar uma cerveja.

— A saideira — eu falei, procurando o abridor.
— A última — ele zombou, pegando os copos. Eu liguei o som, mas deixei a música bem baixa, porque era madrugada e todos já dormiam.

Eu me sentei sobre a mesa e apoiei os pés no banco largo de madeira que acompanhava. O Dante estava mais interessado em dançar a música sertaneja. A sua blusa estava pendurada no ombro e os movimentos da sua dança marcava o V que descia no seu quadril. Eu corri a língua nos lábios e bebi um pouco da cerveja, barrando o meu olhar indiscreto e os meus pensamentos nada bonitos ao ouvir o seu riso.

— E se a gente se beijasse? — eu perguntei.



CAPÍTULO 01

O Dante parou um segundo, mas eu mantive o meu olhar no dele, o vendo engolir pesado. Eu estendi a mão e ele me entregou a sua, então eu o puxei para perto de mim. Eu o olhei, me sentindo nervosa e ele tirou o banco, parando entre as minhas pernas. Ainda bebi o resto da bebida que estava no meu copo e voltei a olhá-lo. Eu sabia que deveria parar, mas eu inclinei o corpo, apoiando as mãos na mesa e o corpo nas mãos. O Dan me olhou, sendo cauteloso ao segurar o meu rosto entre as suas mãos e um calafrio correu o meu corpo quando ele foi se aproximando e deixou um beijo suave no meu queixo, indo para o canto da minha boca. Eu arfei e ele parou para me olhar, escorregando uma mão pelo meu cabelo, roçando os lábios sobre os meus, deixando o beijo no outro canto da minha boca, me deixando arrepiada de ansiedade. Quando ele foi roçando os lábios no lóbulo da minha orelha, eu enrolei as pernas em volta do seu corpo e o puxei de vez, estremecendo com o seu gemido forte e surpreso. O Dante riu, me deixando ainda mais arrepiada e me segurou firme, sugando o meu lábio inferior, finalmente começando o beijo.

Foi lento, mas intenso, como ele parecia ser. E nós dois ficamos ali, em beijos longos e eloquentes, que acabavam, mas logo davam início a outros... E outros. Eu grunhi, me sentando direito e passei os braços em volta do seu pescoço, subindo uma das mãos para a sua nuca, arranhando devagar o seu couro cabeludo e ele desencontrou o beijo, me fazendo sentir o seus lábios estremecendo contra os meus e ele arfou, mas eu o olhei rapidamente e voltei a beijá-lo. Dessa vez, ele levou uma mão para o meu quadril, me puxando e encontrando realmente os nossos corpos. Eu sorri contra os seus lábios, deixando beijinhos rápidos e ele subiu a mão que estava na minha cintura, apertando o meu seio e eu segurei a sua mão, mas o beijo que começou me fez ceder e eu o abracei, deixando que ele descesse o cropped e o sutiã, apertando o meu seio. Eu arfei na sua boca, mas algum celular começou a vibrar insistentemente e eu arfei, quebrando o beijo para procurá-lo.

— Algum celular está tocando — eu sussurrei, me arrastando na mesa para pegar, me dando conta de que era o meu. Era *meio* patético, mas os nossos celulares eram iguais. Presentes de Natal das nossas mães. Eu fitei a tela ao focar o nome *amor* insistindo e olhei para o Dante, me dando conta da loucura que nós estávamos fazendo.

Um filme da nossa história se passou pela minha cabeça. Não digo história de amor, mas da nossa vida. Mesmo que tivéssemos os nossos amigos, a nossa vida longe dessa *família* que as nossas mães formaram, nós sempre convivemos. E beijá-lo agora só me fazia dar conta de que desde que nós começamos a ficar, nós só paramos quando ele começou a namorar. E no ano seguinte, eu comecei a namorar. Nós só paramos com aquela *brincadeira* porque fomos impedidos. E desde então, nunca mais tivemos a chance.

Nós nunca mais ficamos sozinhos por muito tempo, sem alguém para nos alertar ou impedir.

Mas mesmo que ele tivesse terminado o namoro, porque o Dante sempre terminava um namoro, eu estava firme no meu.

Eu amava o meu namorado. Nós dois construímos juntos uma relação de carinho, amizade e amor que eu não poderia estragar por puro capricho de um desejo adolescente que foi adormecido.

— Tá tocando de novo — o Dan falou, pegando a sua camisa que caiu no chão, o seu celular e entrou na casa.

Eu respirei fundo, para ficar calma ao atender e aceitei a ligação.

— Oi, amor — eu falei.

— Já chegou?

— Já, agora pouco — eu falei, vendo o Dante voltar, mas ele parou e entrou de novo.

— Como foi a festa? Não consegui dormir, sem saber notícias suas.

— Foi legal...

— E o Dan? Tentei falar com ele e não consegui.

— Ele chegou e foi deitar, a gente bebeu muito...

— Ele não foi dormir com nenhuma gatinha da festa? — ele perguntou fingindo estar surpreso e eu dei um risinho.

— Eu não ia voltar sozinha. Não deixei ele ficar com alguém.

— Eu imagino — o João riu — se o seu tio me liberar aqui, eu acho que consigo voltar na terça, pro aniversário da sua mãe.

— Seria ótimo — eu falei, mas não estava animada. Eu não sabia com que cara o enfrentaria — amor, eu vou desligar... Vou tomar um banho e descansar.

— Tudo bem, beijo — ele falou serenamente — eu te amo.

— Eu também...

Eu fiquei algum tempo ali, mas logo entrei na casa e fui pegar o que precisaria para tirar a maquiagem e um banho.

— Ana... — o Dante falou, parando ao meu lado em frente à porta do banheiro.

— Oi — eu falei, com a voz quase não querendo sair.

— Deixa — ele sussurrou, entrando banheiro. Eu suspirei, me sentindo encurralada, logo pensando que o João poderia fazer alguma pergunta errada e o Dante nos entregar. No impulso, eu entrei no banheiro, acreditando que ele não teria tido tempo de já estar no banho. Mas ele estava.

— O que? — ele perguntou confuso e eu me virei de costas, porque a porta do Box era de vidro.

— Você pode não falar nada pro João? — eu perguntei, ouvindo uma carranca.

— Eu não vou falar.

— Por que... Isso foi errado — eu falei envergonhada — a gente achou que podia, mas...

— Não podia — ele resmungou — eu sei, eu me deixei levar. A gente bebeu e ficou sozinho, foi só isso — ele continuou a falar e eu me virei incrédula. Só isso? Eu quis beijá-lo porque eu gostava do beijo dele no passado.

— Você só me beijou porque estava bêbado? — eu precisei perguntar e ele abriu uma fresta da porta do Box, colocando a cabeça para fora, arqueando a sobrancelha.

— Você não só me beijou porque estava bêbada? — ele perguntou de volta e eu fiz uma carranca, o encarando para não descer o olhar pelo seu corpo.

— Não... — eu disparei e ele me fez uma careta sarcástica — quero dizer, foi! Não, Dante, eu te beijei por que...

— Por que... — ele me incentivou, abrindo mais a porta do Box e eu o encarei incrédula, não perdendo a chance de olhar. Sendo sincera, eu não consegui segurar o olhar no dele — to esperando — ele falou presunçoso e eu

voltei a olhá-lo.

— Eu namoro — eu falei meio desnorteada e ele riu.

— Você me beijou porque você namora? — ele perguntou zombeteiro e eu grunhi nervosa.

— Beijo não pode contar como traição — eu sussurrei para mim e ele riu, saindo do Box. O meu coração deu um salto, porque ele estava pelado e bem perto de mim. E ele não prestava. *Meu Deus me tira daqui.*

Eu lamentei quando ele parou à minha frente, deixando os braços ao lado do meu corpo na pia, me deixando presa entre o seu corpo e a pia. Eu arfei, olhando para baixo e ele aproximou mais o rosto. Levei as minhas mãos para o seu peito, para impedi-lo de aproximar mais, mas olhá-lo pelado à minha frente era muito tentador.

O tamanho era muito *bom* e ele nem estava ereto.

— Eu só não vou te beijar agora, de novo, porque to pelado — ele falou e eu ergui o rosto, encontrando o seu olhar.

— O que — eu sussurrei incoerente, sentindo uma pressão no peito pela dor de ser infiel lutando com o desejo de não só beijar esse canalha à minha frente.

— Você quer que eu te beije, Ana? — ele perguntou baixinho e eu resfoleguei, negando com a cabeça, mas a sua boca estava tão perto... — o que você quer que eu faça, então?

— Que você me beije — eu falei, completamente manipulada por ele, que sorriu, encaixando os nossos lábios. Eu subi uma das minhas mãos para a lateral do seu rosto, mas a medida que o beijo foi se aprofundando, o momento foi ficando mais intenso e eu desci a boca pelo seu pescoço.

— Faz isso não... — ele falou no meio de um gemido lamentoso e eu voltei a beijá-lo na boca. A minha mão escorregou e eu parei num susto ao tocar o seu membro excitado.

— A gente não pode transar — eu falei, querendo mais me convencer disso do que alertá-lo e ele assentiu, fazendo o meu corpo me apertar ao vê-lo se tocando tão cauteloso.

— A gente não vai, então — ele falou simplesmente.

— Mas eu queria — eu reclamei e ele riu.

— Então a gente pode — ele deu aquele sorriso charmoso.

— E se a gente só fizesse o que fazia antes? — eu sugeri, mas ele riu.

— Era legal quando a gente tinha quinze anos — ele falou, voltando a

deixar um beijo rápido na minha boca.

— Eu queria — eu falei e ele riu da minha confusão — mas a gente não pode.

— Que pena — ele sussurrou, deixando beijos gostosos na minha boca — porque eu ia te fazer delirar a noite toda — ele continuou e eu gemi frustrada.

— Promete que ninguém vai ficar sabendo? — eu perguntei e ele me analisou um pouco, deixando um beijo carinhoso na minha boca.

— Eu sonho tanto com isso — ele falou e eu sorri, quase confusa — você nem imagina o quanto.

— Eu não sei por que a gente tá fazendo isso — eu reclamei, o deixando descer o meu cropped e deixar um beijinho no meu seio — mas é muito gostoso — sussurrei, afundando a mão no seu cabelo, agoniada com a ansiedade da sua boca descendo pelo meu corpo, mas batidas na porta nos fizeram parar.

O Dante me olhava confuso ou assustado e eu consertei a minha roupa.

— Dan? — era a tia Mari.

— Oi, mãe — ele falou, vestindo a roupa da festa — tudo bem?

— A Ana não veio com você?

— Veio — ele disparou.

— Onde ela está? — ela voltou a perguntar e o Dan sussurrou um *ela sabe que estamos aqui*. Eu o olhei com os olhos arregalados de medo e ele riu, me enfiando debaixo do chuveiro, com roupa e tudo. Ele se consertou e abriu a porta para a sua mãe.

— Ela passou mal, não queria que ninguém visse — ele falou e a tia Mari entrou no banheiro.

— Você está melhor?

— Eu misturei algumas bebidas e esse idiota me enfiou nessa água — eu falei irritada e por esse fato, eu estava mesmo.

— Termina o banho que eu vou pegar um remédio pra você — ela falou, mas saiu puxando o filho do banheiro.

Eu terminei o meu banho, tirei a maquiagem, hidratei o meu rosto e o corpo. Vesti o pijama e quando saí, o Dante estava na porta.

— Eu queria muito ter entrado aí pra tomar banho com você — ele reclamou e eu lhe olhei incrédula.

Deixei as minhas coisas no quarto e encontrei a tia Mari na cozinha. Eu tomei o remédio para ressaca que ela me deu antes de voltar para o quarto.

[...]

Apesar de ter ido dormir quase de manhã, eu não consegui ficar na cama até tarde. Eu me sentia mal pelo que havia acontecido, eu me sentia horrível. Mas eu não conseguia me arrepender.

— Também não consegui dormir? — eu mexia o nescau no leite quando o Dante falou e eu me assustei, derramando tudo na pia — eu não queria te assustar.

— Eu não consegui dormir — eu resmunguei, limpando a bancada suja — to me sentindo uma vagabunda.

— Para com isso — ele falou mais baixo, chegando mais perto e eu arfei, me afastando.

— Eu namoro — eu falei — meu deus, eu namoro e você não presta.

— A gente se divertia antes — ele falou sorrateiro — a gente se curtiu, ontem.

— Por favor, Dante — eu pedi — por favor! Para com isso... O João é o seu melhor amigo.

— Ele não vai saber.

— Isso não deixa de ser errado — eu falei, com a respiração acelerando à medida que ele se aproximava, sorrindo porque era isso que ele gostava: dominar a situação. O Dante chegou mais perto, me olhando minucioso e segurou o meu rosto em suas mãos. Eu engoli pesado, não achando força para pará-lo e fui fechando os olhos, mas ele se afastou e deu um sorrisinho. Eu fiz uma carranca e o empurrei, voltando para o meu café da manhã.

Eu tomei o *café da manhã* e voltei para o quarto, procurando alguma roupa para tomar um banho.

À tarde nós fomos para a praia. Ver o Dante de gracinha com uma menina que conheceu por ali me fez ver como eu estava sendo burra. Não que eu fosse apaixonada por ele, eu fiquei atraída. Mas eu estava colocando em risco o meu relacionamento estável para ser a diversão de um cafajeste assumido.

Ele só queria sexo com alguém. Eu fui o seu primeiro alvo. Ele não pensou nem no seu amigo. Só na sua vontade. E eu também.

Voltei para casa sozinha e antes de todo mundo, me sentindo assustada com a gravidade do que eu havia feito. O coração apertava angustiado, porque o João não merecia isso. Foi uma traição dupla.

Eu só poderia sofrer de desvio de caráter.

— Porque você tá chorando? — o João perguntou ao atender e eu solucei — amor, eu to ficando preocupado.

— Eu quero ver você — eu falei, fungando — se eu pegar o próximo ônibus, você me busca na rodoviária?

— Mas porque você quer vir?

— Eu não quero ficar aqui — eu falei, chorando mais.

— Pode vir, meu bem. Quando estiver chegando, me manda mensagem que eu vou te pegar.

— Tá bem, eu te amo.

— Eu também.

[...]

Quando eu cheguei, o João estava no celular com alguém e eu o abracei quando o vi. Ele me olhou confuso, mas eu o segurei e o beijei, encerrando com vários selinhos. Quando ele fez um carinho no meu rosto, voltando a me abraçar, eu comecei a chorar.

— O que houve? — ele perguntou confuso — o Dan ligou aqui, porque você sumiu. Você veio sem avisar ninguém?

— Eu não queria ficar lá, sem você — eu falei, soluçando e ele me olhou confuso. Mas ficar lá sem ele, me deixava vulnerável ao Dante e eu não queria ficar exposta a essa insegurança.

— Aconteceu algo? — ele perguntou e eu voltei a chorar, o abraçando.

— Eu sou uma pessoa horrível — eu falei e ele afagou o meu cabelo.

— Você não é uma pessoa horrível.

— A gente pode conversar? — eu pedi, porque eu precisava colocar para fora o meu erro. Amor é isso, não é? Confiar e ser sincero? Amar e cuidar. E principalmente, não trair por capricho.

O João nos levou para a sua casa e eu cumprimentei o seu irmão e a sua mãe, que estavam na sala. Nós subimos e ele fechou a porta, enquanto eu fui

me sentar à cama.

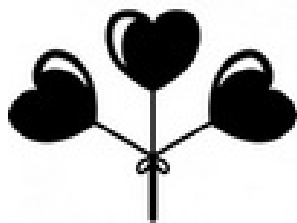
— Então... — ele falou, se abaixando entre as minhas pernas. Eu o olhei, porque ele era tão bom, tão sereno, tão companheiro e eu fiz isso. Eu fiz um carinho no seu rosto, me aproximando para beijá-lo.

— Eu te amo mais que qualquer coisa — eu falei, soluçando para voltar a chorar.

— O que houve?

— Eu fiz uma coisa — eu sussurrei e ele enrijeceu, franzindo o cenho.

— O que? — o João perguntou e eu funguei, o beijando mais uma vez, antes de começar a falar.



CAPÍTULO 02

O João andava de um lado para o outro, depois de a minha coragem ir embora e eu dizer que beijei um desconhecido na festa.

Eu não conseguia parar de chorar, porque era como se ele fosse terminar comigo.

— Me perdoa — eu sussurrei e ele parou de andar.

— O Dante viu isso? Ele deixou você fazer isso? — ele perguntou incrédulo e eu chorei mais, negando com a cabeça. — meu Deus... — ele correu as mãos no rosto.

— Eu estava bebendo, não me dei conta do que fazia — eu falei inconformada — eu to arrependida, amor. Tanto que vim aqui, pra contar pra você.

— Eu preciso pensar, Ana — ele falou, voltando a andar pelo quarto e eu fui até ele — eu não quero conversar agora.

— Não deixa a sua mágoa acabar com a gente — eu falei lamentosamente e ele franziu o cenho.

— Você beija outro cara e eu vou acabar com a gente? — ele perguntou incrédulo.

— Me perdoa... — eu pedi mais uma vez.

— Eu vou te deixar na sua casa — ele falou, suspirando forte — depois a gente conversa.

— Não, por favor — eu pedi, indo até ele, mas ele segurou os meus braços, me impedindo de aproximar mais.

— Agora não, Ana — ele falou, me olhando cauteloso — eu tenho que trabalhar ainda hoje, depois eu falo com você.

Eu entrei em casa, me sentindo encurralada e nervosa com essa situação. Chorei, mas logo voltei a enviar mensagens implorando o perdão do João.

“quando eu sair do trabalho, vou aí e a gente resolve isso de uma vez”.

Eu li a mensagem, me sentindo vazia e indigna de querer o seu perdão, mas eu o queria mesmo assim.

Falei com a minha mãe, explicando que eu e o João nos desentendemos e eu precisava vê-lo.

Ainda banquei a mocinha inconformada e fiz chiliques no sofá, chorando desolada pela minha burrice em ceder a um desejo tão sem fundamento.

Eu não tinha mais quinze anos.

No final da tarde eu fui ao supermercado para comprar algo e preparar um jantar. Coloquei um vinho na minha cesta e uma caixa de bombons.

Fiz um espaguete ao molho pesto porque ele gostava, mas chorei inconformada, porque e se ele não me perdoasse?

Eu tomei um banho a tempo de ele dizer que estava chegando e coloquei uma roupa confortável. Ainda passei uma maquiagem e estava escolhendo um gloss, quando o interfone tocou. O meu coração começou a acelerar quando eu destravei o portão e quando eu fui abrir a porta, estava tão nervosa e amedrontada que chegava a tremer. Mas a minha euforia foi por água abaixo quando eu abri a porta.

— O que você está fazendo aqui? — eu perguntei ao ver o Dante parado do outro lado e ele colocou as mãos nos bolsos da bermuda que usava.

— A gente pode conversar? O João me contou que vocês terminaram...

— Nós não terminamos — o corrigi, mas ele deu um risinho por essa minha contestação.

— Porque você veio embora?

— Meu deus, porque eu sou uma pessoa mau caráter. Por isso eu vim embora.

— Você ficou arrependida? — ele perguntou, dando um passo na minha direção e eu o olhei, me recusando a responder.

— Isso não devia ter acontecido.

— Só não aconteceu antes, porque a gente nunca teve a chance de fazer — ele falou, apertando os lábios e eu continuei o olhando.

— Dante, eu preciso que você vá embora, porque o João vai chegar aqui a qualquer hora.

— Então você contou pra ele que o traiu? — ele perguntou, entrando na casa e eu fiz uma carranca, fechando a porta e o segui pela sala, até a cozinha.

— Você fez um jantar pra ele? — ele perguntou soando sarcástico e eu fiquei quieta — você contou que o traiu, mas não teve coragem de dizer que foi comigo?

— Meu deus, o que eu fiz pra merecer isso? — eu perguntei incrédula e ele deu um risinho.

— Você quer mesmo continuar com ele? Ou só está com medo de mim? — ele perguntou, mas quando eu vi que ele vinha em minha direção, dei a volta no balcão, me *escondendo* atrás da mesa.

— Eu quero mesmo continuar com ele.

— Tem certeza? — ele perguntou, me seguindo — porque eu acho que a gente ia se divertir muito, juntos — ele falou presunçoso, colocando a mão rente a minha, que estava apoiada à mesa. O Dante ainda aproximou um pouco, mas eu pigarreei, afastando o rosto dele, mesmo que um pedacinho de mim quisesse esse beijo.

— A sua proposta de deixar um relacionamento bom pra viver uma diversão com alguém que estava com a primeira que apareceu na praia mais cedo, não é tentadora.

— Então você ficou com ciúme — ele atropelou as minhas palavras — *cê* sabe que por mim, a gente nunca teria parado.

— Como você é cínico, Dante! — eu falei incrédula — você começou a namorar primeiro!

— Você ficou com ciúme disso também?

— É inflar o seu ego que você quer? — eu perguntei irritada, mas corri as mãos no rosto, respirando para pensar com sensatez — olha, vai embora. O João vai chegar e eu preciso conversar com ele.

— Implorar o perdão dele — ele presumiu e eu o olhei, parando um segundo.

— Implorar o perdão dele, porque eu o amo e eu agi errado.

— Tudo bem — o Dante falou mais baixo — se quiser voltar comigo, eu vou amanhã cedo.

— Espera! — eu pedi, quando ele começou a andar para ir embora e

ele parou, me olhando com esse olhar bonito — eu não vou em hipótese alguma contar algo ao João. Você pode não fazer?

— Eu não vou — ele sorriu fraco e eu deixei que fosse embora.

[...]

O João chegou e quando eu abri a porta, ele ficou me encarando, com as mãos nos bolsos da calça jeans. Eu engoli pesado, pronta para começar a chorar, mas respirei fundo.

— Você não vai entrar? — eu perguntei baixo e ele continuou me olhando.

— Eu ainda não consigo entender o que você fez.

— Não quero me lembrar disso — eu falei — por favor, eu não quero lembrar que eu fiz isso.

— Ana, eu nunca traí você — ele falou, de uma maneira baixa e fria — eu sempre acreditei que você também não. Mas você acha que vai dar pra gente seguir em frente depois disso?

— Pelo amor de Deus, João — eu falei desesperada — você se vinga de mim. Beija alguém e pronto.

— Eu to falando de respeito, de confiança, de amor. Não vingança.

— Mas eu te amo — eu falei inconformada.

— Você transou com esse cara? — ele perguntou e eu o encarei, negando com a cabeça — você quis isso?

— Porque você tá me perguntando isso? — eu perguntei incrédula — é claro que não!

— Ana... — ele fez uma pausa, olhando para o lado, antes de voltar a olhar para mim — eu acho melhor a gente dar um tempo.

— O que? Não! — eu só falei gritar — você pode entrar e conversar direito comigo?

— Eu não consigo esquecer que você ficou com outro cara — ele falou e eu fraquejei, querendo chorar.

— Espera — eu pedi, o puxando pelo braço quando ele se virou para ir embora — não vai embora assim, conversa direito comigo...

— Ana, eu acho que se você tivesse só vontade de beijar outro cara, seria porque algo estaria faltando pra você. Algo que eu não estava sendo capaz de dar — ele começou, falando sempre baixo e calmo — se você beijou outro cara, é porque definitivamente algo está te faltando. E eu não sei o que é. Eu te dou o meu melhor, não vejo o que mais posso corrigir.

— Eu prefiro morrer a ficar sem você! — e pronto, lá se foi a minha dignidade.

— Para com isso, Ana — ele resmungou, mas eu já chorava — eu preciso de um tempo pra digerir isso tudo e você precisa de um tempo pra ver se quer mesmo permanecer em um namoro.

— Eu quero permanecer com você! — eu gritei com ele — por favor, me perdoa! — eu chorei mais, mas quando eu ia me ajoelhar, ele me segurou.

— Por favor, para com isso — ele falou mais baixo, entrando em casa comigo, me colocando sentada no sofá.

— Isso foi algo tão sem importância. Eu te contei, eu não queria deixar algum segredo entre a gente.

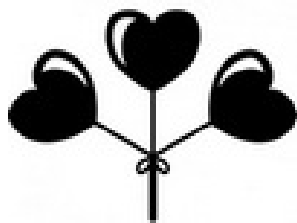
— Ana, por favor, me deixa pensar um pouco — ele falou, mas eu neguei com a cabeça, segurando o seu rosto entre as minhas mãos quando ele se abaixou em minha frente.

— Eu to implorando o teu perdão, por favor, me perdoa — eu sussurrei, soluçando, mas quando fui beijá-lo, ele virou o rosto.

— Eu vou pra casa — ele falou devagar, se levantando.

— Você não pode terminar comigo desse jeito — eu falei, mas ele foi embora.

Eu me encolhi no sofá, escondendo o rosto entre as mãos, me deixando chorar, porque isso parecia um pesadelo, desses que a gente sabia que poderia ter evitado.



CAPÍTULO 03

Eu voltei com o Dante, mas me recusava a falar com ele, porque se o João havia me largado a culpa era toda dele, que simplesmente existia.

Quando eu cheguei, dei o presente da minha mãe, porque o seu aniversário era o único motivo de eu estar aqui.

— Que cara é essa? — a tia Mari perguntou.

— O João terminou com ela — o Dante falou e a minha mãe, que analisava o vestido bonito que eu dei, parou, confusa.

— Vocês estavam tão bem... — ela falou confusa — o que houve?

— Eu não sei — eu sussurrei.

— Por isso essa carinha abatida? — a tia Mari perguntou e eu forcei um sorriso para ela.

— Eu vou pro quarto — eu resmunguei.

Quando entrei, ia fechando a porta e o Dante me barrou.

— Eu não quero falar com você! — eu falei enfática, mas fui para a cama e ele entrou no quarto, fechando a porta.

— Eu queria me desculpar, seja lá o que foi — ele falou — porque eu não te amarrei pra te beijar e nem te mandei contar algo ao João.

— Deveria ter contado toda a verdade. Eu perdi o meu namorado, mas você ainda tem um amigo — eu resmunguei, abraçando o travesseiro com raiva e ele riu, se sentando à beirada da cama.

— Ele vai acabar te perdando — ele falou tranquilamente — só tá te dando um gelo pra você não pensar que pode sair aprontando que ele vai te perdoar.

— Que patético — eu resmunguei.

— Digo isso porque se eu quiser, aposto que hoje a Madalena já volta.

— Se você quiser — eu repeti enojada.

— Mas eu quero ficar solteiro agora — ele falou e eu o olhei — você

deveria experimentar. É bom.

— Eu amo o João — eu falei pausadamente.

— O João ou a vida cômoda que leva ao lado dele?

— Me deixa em paz, Dante — eu resmunguei, fechando os olhos para ele não continuar a falar.

Eu estava aceitando o gelo do João como o castigo merecido até ele apagar as nossas várias fotos do seu instagram. Anos juntos representados em fotos foram apagados. Ele não se daria esse trabalho à toa.

— Ele quer brincar com a minha cara só pode! — eu falei nervosa e irritada.

— O que? — o Dante perguntou, junto com a sua mãe, quando eu cheguei à cozinha e eu os olhei.

— Primeiro o João termina comigo por nada! E agora ele apaga as nossas fotos!

— Vocês brigaram? — a tia Mari perguntou e eu a olhei.

— Ele ficou com ciúme porque deixou ela ir pra festa comigo — o Dante falou.

— Com ciúme de você? — ela perguntou para ele, que riu, mas negou com a cabeça — ele não pode fazer isso... Se ele confiou e ele sabia que você ia, não podia ficar com raiva depois.

— Quando ele se acalmar, eles voltam, mãe — o Dante falou.

— Mas ele não pode puni-la por pura insegurança — a tia Mari falava inconformada — nós vamos pra ilha na hora do almoço, vocês vão querer ir?

— Eu não quero — o Dante falou — a Ana fica aqui comigo.

— Ana? — ela perguntou e eu a olhei — vai ficar?

— Vou — eu falei, não me dando conta naquele momento de que eu ficaria sozinha nessa casa por uma noite, com o culpado por eu estar solteira.

— Vocês começam a arrumar as coisas pra festa da Eliza amanhã, então — ela falou, saindo da cozinha.

Eu passei o dia no quarto, porque estava deprimida. Mas à noite, o Dante comprou mais cervejas e me fez tomar um banho.

— Eu vou te ensinar como se sofre um término — ele falou — quanto mais sofrida você aparentar estar, mais seguro de te fazer sofrer ele fica.

— A culpa disso tudo foi sua — eu resmunguei, antes de entrar no banheiro.

Quando cheguei ao lado de fora, ele aumentava o volume da música e me entregou um copo, junto o enchendo com cerveja.

— Eu vou embora quarta cedinho — ele falou — você vai ficar?

— Vou ficar, porque não vou voltar e ficar me humilhando atrás do João.

— Eu chamei um pessoal que conheci na praia — ele falou, segurando a garrafa de um jeito bonitinho e eu o olhei, porque que droga, ele era bonito — tudo bem?

— Ótimo — eu forcei um sorriso para ele.

Fiquei mais na minha, bebendo devagar e administrando a agonia do inconformismo que queimava em mim. Eu sabia que eu estava mais errada do que o João achava que eu estava, mas eu estava ficando com raiva do seu *castigo*.

— Não adianta você ficar desse jeito — o Dante falou, se sentando ao meu lado na mesa e eu o olhei, suspirando — foi só o primeiro pé na bunda, dos outros vários que você vai levar na vida.

— Isso é mesmo pra me consolar? — eu perguntei e ele riu, me analisando.

— Se for te deixar melhor, eu posso te beijar hoje de novo — ele falou tranquilamente e eu cheguei a rir da proposta absurda.

— Você seria, com certeza, a última pessoa que eu beijaria na vida.

— Por quê? Eu sou feio, por acaso? — ele inclinou o rosto para o lado e deu um sorrisinho torto.

— Porque eu ainda quero voltar com o João.

— Para de se humilhar, vai — ele reclamou, rindo.

As pessoas que eu apostava que o Dante mal conhecia começaram a chegar, trazendo mais bebida e eu fiquei quieta, bebendo e mexendo no celular. Foi passando os *stories* de alguma menina, que eu notei algo suspeito atrás dela. Eu voltei, olhando minuciosa o meu *namorado* aos beijos com outra, no fundo do vídeo. Eu comecei a arfar, nervosa, me sentindo traída, mesmo que ele tivesse terminado comigo antes.

— O que foi? — o Dante perguntou confuso, ao me notar e vir até mim.

— O João está com outra — eu disparei nervosa, bebendo toda a cerveja do meu copo — meu deus, que ódio!

— E daí? — ele perguntou, enchendo o meu corpo e eu o olhei, querendo chorar.

— Como ele pôde?

— Ele tá com raiva, magoado... É óbvio que ele iria ficar com outra. Se ele não fizesse, só poderia ser gay.

— A culpa disso é sua — eu falei, mas ele não me levava a sério.

— A culpa é do desconhecido que você beijou na festa e sua — ele me corrigiu de uma maneira muito cínica e eu grunhi de raiva — esquece isso hoje, quando você voltar pra casa, você sofre.

— Eu vou me vingar — eu disparei, mas o Dante riu.

— Ana, se você fez merda primeiro, não tem que se vingar.

— Mas eu vou — eu retruquei furiosa.

— Eu to bem aqui — ele me deu um sorriso sorrateiro e eu me levantei, saindo dali para entrar em casa.

Eu enviei umas quinhentas mensagens para o João, deixando claro que agora, era eu quem não o queria mais.

Eu chorei de raiva, de arrependimento, porque nós nunca tivemos essa fase. Nós nunca fomos esse casal feio que briga por bobagem. Nem que fica com outras pessoas.

— Você tá bem? — o Dante perguntou ao entrar no meu quarto. Ele andava sempre com a garrafa verde de cerveja na mão e eu o olhei, mas ele parou ao ver que eu chorava.

— Eu o odeio — eu solucei, limpando o meu rosto — eu sei que eu errei, mas eu fui verdadeira com ele e tudo que ele fez foi se vingar.

— Você foi omissa — ele falou, se abaixando à minha frente.

— Esse ano já começou todo errado — eu falei inconformada.

— Ana, ele não vai querer te perder — o Dante falou, suspirando e eu o olhei, dando atenção para ele.

— Ele não parece querer não me perder, beijando aquela outra.

— Bem, se eu fosse ele, não ia querer perder você.

— Obrigada — eu falei, fungando.

— Se você quiser, eu ainda posso te beijar — ele falou e eu deixei escapar um riso.

— Eu to aqui sofrendo por outro cara.

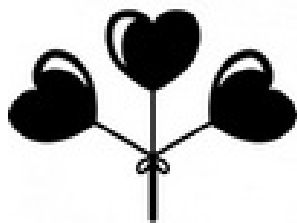
— Eu posso te consolar — ele falou, mas acabou rindo — eu não

presto, mesmo — ele fez uma careta, bebendo um pouco da cerveja direto da garrafa e eu peguei dele, bebendo também.

— Vamos voltar pra lá — eu falei e ele assentiu, se levantando e me puxou pela mão, resmungando algo, mas quando eu pude reagir, ele já estava perto demais.

— Dante não faz is... — eu ainda tentei falar, mas ele já havia começado o beijo.

Que eu poderia muito bem não corresponder, mas eu não sei o que me deu.



CAPÍTULO 04

O pessoal foi embora durante a madrugada. Fato é que depois das três da manhã não havia mais ninguém. Eu ainda nos incentivei a arrumar toda bagunça, mas o Dante estava animado demais com as cervejas e nos jogou na piscina. Pelo menos a água estava morna.

— Eu te odeio — eu falei pausadamente, mas ele nadou até mim, me prendendo entre os seus braços e a borda.

— Eu não sei por que, mas quanto mais proibido, mais vontade eu tenho — ele reclamou, inclinando o rosto para o meu e eu grunhi de susto, deixando que ele me beijasse.

— Isso vai morrer aqui — eu falei contra a sua boca e ele arfou, porque eu enrolei as pernas em volta do seu corpo.

— Porque a gente parou com isso aquele tempo? — ele perguntou com a voz entrecortada, jogando a cabeça para trás quando eu desci a boca pelo seu pescoço e eu parei — porque eu sou um idiota — ele respondeu e eu dei um risinho, voltando a beijá-lo.

— Eu sinto que to usando você — eu resmunguei e ele parou, me olhando — o que foi?

— Pode me usar, do jeito que você quiser — ele falou e eu dei risada, me afastando dele.

— Você é muito canalha, Dante — eu falei, chegando à escada para sair da água, mas ele me puxou de volta.

— Mas eu tô sendo sincero com você.

— Porque você não presta hein? — eu perguntei e ele deu um sorrisinho fraco, dando de ombros — vamos entrar, tô ficando com frio aqui.

Eu me vesti com o roupão e mesmo que ele não quisesse, eu o fiz me ajudar a arrumar a bagunça, porque no dia seguinte era a festa de aniversário da minha mãe.

Saí do banho, me enrolando na toalha e me olhei no espelho, inconformada pela bagunça que eu fiz na minha vida amorosa em uma semana. Ainda analisei o meu rosto, porque eu julgava o Dante, mas eu não estava sendo muito diferente dele.

— Tá tudo bem? — ele perguntou, parando no arco da porta e eu o olhei, suspirando.

— Se alguém sonhar com a possibilidade de a gente ter ficado, vão pirar.

— O seu pai iria querer acabar com a minha raça — ele falou e eu dei um risinho, o puxando para dentro do banheiro — e eu nunca nem fiz nada além de beijo com você.

— E não vai fazer — eu avisei, passando por ele e fui para o quarto, me trocar.

[...]

Eu acordei na manhã seguinte com a maldita sensação de estar sendo observada. Eu abri os olhos devagar e olhei confusa para a tia Mari, que tinha os braços cruzados e esfreguei os olhos, tirando o braço do Dante que estava em volta do meu corpo e me sentei.

— O que houve? — eu perguntei, com a voz rouca de quem acabou de acordar e ela inclinou a cabeça para o lado.

— Eu que pergunto.

— O que? — eu perguntei confusa.

— Vocês passaram a noite aqui. Sozinhos — ela afirmou e eu assenti, cutucando o Dante para ele acordar.

— E daí?

— Será mesmo que não aconteceu nada e será mesmo que tem outro motivo pro João ter terminado com você? — ela perguntou desconfiada e eu fiz uma carranca, me levantando.

— Não aconteceu nada e o João terminou comigo porque eu beijei um cara naquela maldita festa — eu resmunguei, começando a acreditar na minha mentira — porque eu estava muito bêbada. Você viu como eu cheguei aqui.

— Sei...

— E eu não sei por que eu ficaria logo com o Dante — eu zombei — ele não vale nada.

— Ainda bem que você sabe — ela me forçou um sorriso e eu saí do

quarto.

DANTE NOVAES

— Caralho, mãe! — eu resmunguei, porque se existia alguém mais paranoica que ela, eu não havia conhecido ainda.

— Você vai mentir pra mim? Você acha que eu não conheço você?

— Pelo visto, não — eu resmunguei, me levantando de uma vez.

— Ela namorava o seu melhor amigo de infância! Isso não se faz.

— E eu não fiz nada — eu reclamei, mas eu estava mentindo.

— Quem foi o cara que ela beijou nessa festa?

— Eu não sei — eu falei entediado dessa conversa — eu não fiquei de babá da Ana na festa.

— E deixou ela trair o João! Coitado do João!

— Vocês precisam parar de tirar a culpa do que a Ana faz, dela — eu falei, pegando a minha toalha — se ela beijou outro cara, foi porque ela quis fazer isso. E o João que é sensível, porque ela foi lá pedir perdão pra ele.

— Não se perdoa uma traição assim, Dante!

— Eu não concordo — eu resmunguei, porque eu era o cara que queria ser perdoado pelos deslizes.

Quando eu cheguei à área externa da casa, a Ana estava junto com os nossos pais, arrumando o lugar para a festa da sua mãe. Eu não controlei o meu instinto e passei os olhos pelo corpo dela, porque eu já era doido pelo beijo, mas imaginar ela na cama comigo era desesperador de como seria bom.

Eu deveria colocar na balança o fato de ela ter namorado o João e de que provavelmente eles voltariam, mas eu dei o primeiro beijo dela e a gente se divertiu muito antes de ele aparecer. Isso me soava a desculpa perfeita para tirar a culpa das minhas costas. Ele a *roubou* de mim primeiro.

— Eu to de olho em você — o pai da Ana falou quando eu me aproximei e eu o olhei confuso — porque se você tentar algo com a minha princesinha... Eu nem sei o que faço com você.

— Que isso, tio? Ela como uma irmã — eu resmunguei.

— Cuidado que ela tá virada numa onça hoje — o meu pai falou e eu olhei para a Ana — o João terminou com ela.

— João é um frouxo — eu falei e a Ana me olhou — um cara não

termina com uma menina por tão pouca coisa.

— Se a Madá tivesse ficado com outro cara você não ia gostar — o meu pai falou — se a sua mãe ficasse com outro cara, eu não ia gostar.

— Vão ficar me martirizando por isso agora? — a Ana perguntou irritada — porque o Dante trai todo mundo e ninguém fica buzinando no ouvido dele que ele tá errado! Pelo contrário, ficam com pena da menina, mas abraçam com carinho e enchem de ilusão a próxima vítima que ele traz! — ela foi falando até estar gritando e foi para dentro casa.

— Bem, isso não é mentira — o pai dela falou e eu fui atrás dela, que estava entrando no quarto.

— Minha mãe contou pra todo mundo, não foi? — eu perguntei ao fechar a porta e ela se sentou na cama, assentindo — eles não conhecem sobre limites.

— Eu mudei de ideia e vou embora com você — ela falou — não dá pra ficar aqui ouvindo sobre como eu fui leviana. E eu não posso nem te jogar no meio, porque o tormento seria pior.

— João não falou com você? — eu perguntei, mas ela negou com a cabeça — você quer que eu fale com ele? — eu perguntei e ela me olhou.

— Você me beija e quer me ajudar a voltar com o João?

— Eu queria que vocês não voltassem...

— Então porque você falaria com ele? — ela arqueou as sobrancelhas.

— Porque você tá aí sofrendo...

— Mas ele apagou as nossas fotos e ficou com outra — ela resmungou — isso pesa, também. Ele apagou as nossas fotos — ela repetiu com mais ênfase.

— Apagar as fotos foi pior que ficar com outra? — eu zombei.

— A nossa história estava contada ali.

— A gente não devia ter ficado, Ana — eu suspirei — mas foi muito bom. Eu com certeza faria de novo.

— Você é muito cafajeste e desapegado — ela resmungou, deixando o corpo cair deitado na cama e eu me sentei.

— Se eu gosto de uma pessoa e ela não me quer, eu não vou ficar sofrendo.

— O que?

— Você ficar aí frustrada pelas coisas que o João tá fazendo, não vai mudar a situação. Você errou primeiro.

— Culpa sua. — ela me interrompeu e eu a olhei, sorrindo e neguei com a cabeça — foi sim!

— Você pediu o beijo — eu a lembrei, mas ela me olhou incrédula.
— Mas é claro que não — ela rebateu e eu dei um risinho.
— Ana... — eu fui presunçoso — eu já tinha percebido como você me olhava, era fofo. Não sei como o João não notava. A Madá ficava doida.
— O que? — ela perguntou incrédula, se sentando no impulso e eu dei um risinho.
— Eu queria, isso é fato. Mas eu só fiz porque você pediu.
— Você quer transferir a culpa só pra mim, é isso? — ela perguntou irritada e eu me sentei mais perto dela — você não chega perto, Dante!
— Eu não quero transferir culpa, porque eu não sinto culpa — eu falei, inclinando o rosto para o lado e ela fez uma carranca.
— Você deveria no mínimo se sentir culpado por trair o seu amigo!
— Ana... — eu dei um riso — quando você começou a namorar com ele, você já tinha ficado comigo.
— Meu deus, como eu te odeio, Dante! — ela grunhiu nervosa, mas eu me divertia com isso.
— Quem foi que te deu o primeiro beijo? — eu perguntei e ela me olhou, me lançando um olhar furioso — não foi o João.
— Você é muito irritante! — ela falou irritada, se levantando — como eu pude cair na tua conversa barata? Me diz!
— Eu que caí na tua conversa — eu falei, rindo e ela parou — e eu não me arrependo — eu me levantei, indo até ela, que mesmo bancando a *difícil* e inconformada, nunca fugia das minhas investidas.
— Não chega perto — ela resmungou, mas eu a puxei pela cintura, levando uma mão pelo seu cabelo e ela me olhou, tão bonita e frustrada.
— Você quer que eu saia? — eu precisava perguntar, porque era o meu alibi. A Ana desceu o olhar para a minha boca e voltou a me olhar nos olhos, me fazendo rir, antes de beijá-la.

Uma parte inconformada em mim sabia que ela acabaria voltando com o João. Mas eu não iria parar isso aqui. Eu havia pisoteado no meu desejo por anos, era a minha chance.

Eu fui andando para trás, até cair sentado na cama e ela parou o beijo, me olhando.

— A gente não vai transar — ela arfou e eu assenti, porque ela reafirmava isso, mas eu sabia que ela queria.

— Tudo bem — eu sorri para ela, a puxando pela mão e ela caiu sentada de lado em uma das minhas pernas — eu gosto de só beijar você — eu sussurrei e ela voltou a encontrar as nossas bocas.

Não estava sendo presunçoso nem nada, mas era raro encontrar um beijo que encaixava tão bem, quanto o nosso. Eu arfei contra a sua boca quando ela arranhou suavemente a minha nuca e quase desceu a boca pelo meu pescoço, mas voltou à boca para minha, num beijo mais intenso.

Eu comecei a ficar ansioso e mesmo sabendo que aqui não aconteceria nada, porque os nossos pais estavam lá em baixo, eu a virei e a deitei na cama, a beijando de novo antes que ela começasse o seu drama de não me querer, quando ela queria. Eu tirei a mecha do seu cabelo que estava no seu rosto e a olhei, roçando os lábios nos dela e mordi o seu lábio inferior. Eu dei um gemido fraco quando ela afastou as pernas e o meu corpo encaixou no meio, mas ela puxou o meu cabelo com força quando eu involuntariamente investi o meu corpo no seu.

— Isso é tão maldoso — eu sussurrei, correndo a língua nos seus lábios e ela trouxe a mão para a lateral do meu rosto.

— Isso é tão errado — ela falou e eu sorri nos seus lábios.

— Um errado tão bom — eu falei e ia voltar a beijá-la, mas batidas na porta me fez levantar.

Eu fui para perto da janela, ficando de costas e corri as mãos no cabelo.

— Entra — a Ana falou.

— Está tudo bem? — era a minha mãe.

— Está — a Ana respondeu — eu só queria ficar sozinha.

— E o Dante está fazendo o que aqui? — ela perguntou e eu me virei, a olhando entediado. Porque a minha mãe era muito, mas muito paranoica.

— Nós estávamos conversando, mãe — eu resmunguei.

— Muito estranho, vocês dois ficarem solteiros nessas férias — ela falou e eu fiz uma carranca.

— Você devia parar com isso — eu falei enfático — a Madalena foi embora porque ela quis. Mensagem não significa traição — eu falei cheio de mim e ela me cerrou os olhos, incrédula.

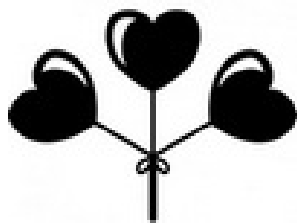
— Eu to de olho em vocês — ela falou, antes de sair, puxando a porta.

— Ainda tem essa menina que você vai passar a noite! — a Ana levou as mãos para a cabeça, mas eu dei risada e fui até ela, a puxando de volta.

— Se você quiser, eu não passo a noite com ela — eu falei e ela me cerrou os olhos, enquanto eu nos levava de volta para a cama.

— A sua mãe vai voltar aqui — ela falou e eu me afastei no susto quando a porta foi aberta.

— Mãe, isso significa necessidade de tratamento — eu falei para ela, saindo do quarto.



CAPÍTULO 05

ANA AGUIAR

Eu vi o quanto estava sendo patética quando precisei censurar os meus pensamentos que vagavam nos beijos do Dante e a minha vontade de ir além com ele. Eu precisava me parar, porque eu o conhecia. Eu não era mais uma que ele poderia enganar. Seria engraçado eu me deixar cair na sua conversa barata, sabendo que isso tudo era só pra me levar pra cama.

Não ajudei a arrumarem as coisas para a festa e só saí do quarto para comer.

À noite os convidados começaram a chegar. Isso incluía o meu tio Claudio, irmão de sangue da minha mãe, as minhas primas Emília e Emily de seis anos e a mãe delas, Ananda.

Isso me fez ter que mudar de quarto. Quero dizer, havia colchões e o colocaram no quarto que o Dante dormia.

Eu vi isso como um castigo num primeiro momento. A tia Marília tratou logo de tirar a chave da porta, porque ela era muito desconfiada com tudo, enquanto o resto de nós acreditava que eu e o Dante nos tínhamos como irmãos.

No entanto, quando eu bebi as primeiras bebidas que o tio Marcelo preparava e olhei para o Dante muito bonito perto da piscina e mexendo no celular, eu vi isso como uma resposta da vida: se eu tive que ir para perto, eu poderia deixar acontecer.

— Você vai dormir comigo, lindinha — a tia Mari falou, parando ao meu lado e eu a olhei, quase querendo dar um chilique — o Marcelo vai pro quarto do Dan.

— Por quê? — eu perguntei fingindo estar confusa, mas eu queria gritar que não.

— Porque sim — ela me sorriu docemente e eu suspirei, sugando a minha bebida pelo canudo.

Mais amigos dos nossos pais chegaram e a casa ficou animada. Eu não conseguia parar de seguir o Dante com o olhar, porque ele estava muito bonito hoje. E agora ele dançava com a minha prima. Quero dizer, ela tinha os pés sobre os dele e ele a guiava. Era fofo e ele ria. Eu senti os nossos olhares se conectando quando ele me notou os observando, mas sacudi a cabeça, porque eu estava indo longe demais.

Ia pegar outra bebida, mas fui para a mesa onde estavam as comidas, para escolher algo.

— Você acha que se a gente for lá atrás alguém vai notar? — eu ia pegando uma empadinha quando o Dante perguntou e eu a deixei cair, olhando — ninguém tá ouvindo, Ana.

— A sua mãe deve ter escutado, do jeito que ela está pirada — eu falei e ele riu, chegando mais perto — meu deus, você é muito doido — eu disparei nervosa e ele riu, aproximando mais, fingindo pegar dos salgados que estavam do meu lado.

— Eu quero muito aproveitar os nossos momentos aqui — ele falou, virando o rosto para mim e estava tão perto que eu queria beijá-lo aqui na frente de todo mundo.

— Vai lá pra trás — eu falei, completamente ensandecida e ele sorriu, pegando uma coxinha e entrou na casa.

Eu comi a empadinha e olhei para a tia Mari, porque ela era a única desconfiada sobre nós dois, mas ela estava distraída, dançando envolvida com o tio Marcelo.

Peguei o meu copo e entrei na casa, indo para a cozinha e saindo no quintal. Procurei o Dante, vendo a luz de uma dispensa que havia ali sendo acesa e apagada, duas vezes. Eu dei risada para isso, porque eu me sentia uma adolescente burlando regras. E a sensação de fazer isso era muito boa.

Eu fui puxada e ele me encostou à parede, puxando a porta para ela se fechar, a trancando e juntou a boca na minha. Desse jeito meio brusco, mas tão

intenso e gostoso. Ele saiu de lá comendo uma coxinha, mas o seu hálito agora tinha gosto de menta. Eu arfei contra a sua boca, passando os braços em volta do seu pescoço, correndo a minha mão no seu cabelo.

— A sua mãe disse que vai dormir comigo — eu falei, quando ele desceu os beijos pelo meu pescoço e ele parou ali, rindo.

— Ela tá bebendo e eu duvido que ela vá se lembrar de algo — ele falou, voltando a beijar o meu pescoço.

— Ia ser muito bom se ela não lembrasse — eu sussurrei e ele parou para me olhar — o que foi?

— Porque você me provoca assim? — ele perguntou — porque eu sonho com isso desde que a gente era mais novo.

— Isso o que? — eu perguntei, o puxando para ele me beijar e a sua mão que estava no meu quadril foi para a minha bunda. Ele desceu um pouco mais, para erguer a minha perna e pressionar o corpo no meu e eu joguei a cabeça para trás — que maldade, Dan — eu falei lamentosamente e ele voltou a me beijar.

Em algum momento ele pegou uma das várias cadeiras que estavam ali e se sentou. Nós apagamos a luz, pro caso de alguém achar que havia alguém aqui e eu estava sentada de frente no seu colo, agoniada por sentir a sua ereção e ele se contentar só com o beijo.

— A gente devia voltar — eu falei, mas eu não queria. Ele foi deixando beijos suaves pelo meu colo e puxou a alça do meu cropped rendado para baixo. Eu deixei escapar um gemido ao sentir os seus lábios roçando a minha pele à procura e eu afundei a mão no seu cabelo quando ele encontrou o meu seio, o beijando de um jeito que mais parecia um carinho — Dante — eu sussurrei, investindo quase involuntariamente no seu corpo sob o meu e ele me mordeu, circulando a língua no meu seio e o beijando, roçando os dentes e quando ele foi à procura do outro, beliscava o bico molhado e eu gemi com força, querendo mais do que isso.

Eu me afastei um pouquinho, desabotoando a sua bermuda e ele parou, me segurando. Eu tirei a sua mão, com dificuldade desabotoei a sua roupa e apalpei o seu sexo protegido pela cueca e ele deu um gemido baixo, tentando me parar quando eu puxei a cueca para baixo, pegando o seu sexo. Eu ouvi o seu suspiro e ele tombou a cabeça para trás.

— Eu nem acredito que a gente tá aqui e você tá com o meu pau na sua mão — ele falou e eu dei risada.

— Você é muito idiota — eu falei, mas eu ria.

— E você é muito gostosa — ele reclamou, gemendo quando eu comecei a mover a minha mão. Eu me estiquei para acender a luz e levantei a sua blusa, o vendo contrair o abdome quando eu aumentei o ritmo da minha mão nele — me beija — ele sussurrou e eu o fiz, mas ele desencontrou o beijo quando eu senti o seu membro latejar na minha mão — Ana, para — ele sussurrou, investindo na minha mão e jogou a cabeça para trás. Eu parei, levando a mão para o seu cabelo, voltando a beijá-lo.

— Eu to com uma vontade louca de gozar — ele reclamou e eu grunhi, mas alguém tentou abrir a porta — que droga.

A pessoa saiu falando algo e eu me levantei, consertando a minha roupa e olhei se havia alguém antes de sair dali.

A festa seguiu até quase de manhã. Quando eu disse que ia dormir, a tia Mari, como o Dante previu, foi arrumar o colchão para mim e se certificou que eu estaria deitada ao sair do quarto.

Não demorou muito até o Dante voltar, rindo ao me mostrar a chave. Ele saiu levando a sua toalha e no tempo que ele levou para tomar banho, a sua mãe veio me checar e eu fingi que já estava dormindo. Até mesmo quando ela chamou o meu nome.

O Dante voltou para o quarto, fechando a porta e se vestiu. Ele ia para a sua cama, quando eu num impulso comecei a falar:

— Deita aqui comigo — eu falei e ele parou — eu não quero dormir sozinha.

Ele voltou apagar a luz, vindo se deitar comigo. Eu me virei de frente para ele, me aconchegando no seu corpo e ele deixou um beijo na minha testa, mas eu virei o rosto e o beijei a boca.

[...]

Na manhã seguinte, eu acordei já sozinha no quarto e depois de tomar banho, eu desci para comer algo.

Encontrei o Dante na cozinha comendo as sobras da festa e me juntei a

ele.

— Eu falei com o João esta manhã, Ana — a tia Mari falou, ao chegar à cozinha e eu a olhei, confusa — ele disse que está chateado, apesar do amor que sente por você.

— O que? — eu perguntei confusa e o Dante fez uma carranca, saindo da cozinha.

— Eu acho que ele vai te perdoar. Ele só se assustou, afinal quem ia esperar que justo você, a menina que faz tudo certo ia imitar o Dante?

— Imitar o Dante? — eu perguntei ainda mais confusa.

— E trair alguém — ela explicou e eu fiz uma careta entediada — mas o mais importante é que você vai poder se acertar com o João.

— Tia, eu não sei mais se eu quero me acertar com o João — eu falei e ela parou um segundo, mas respirou fundo para voltar a falar:

— Por quê?

— Porque ele ficou com outra. E porque ele apagou todas — eu enfatizei — as nossas fotos.

— Ele estava magoado, era de se esperar.

— Eu errei, mas eu assumi pra ele o meu erro. Ele se vingou, desfez de mim e apagou a nossa história. Perdoar não é castigar.

— Ana, você não vai encontrar um cara como o João.

— Então eu posso ficar sozinha — eu forcei um sorriso para ela, porque eu amava namorar o João.

Mas eu amava a sensação de aventura que o Dante me trazia.

[...]

Mais tarde, ao ver o Dante distraído no celular, eu me dei conta de que eu não poderia me enganar e me iludir achando que quando voltássemos para casa, teríamos essa paz que temos aqui. Digo que, lá ele tinha as suas várias mulheres, a sua vida de baladeiro e mulherengo.

A verdade é que eu estava acostumada a ser mimada e amada. E alguma parte do meu subconsciente fantasiou que eu teria isso dele.

O tio Marcelo começou a expulsar o Dante antes de anoitecer, porque precisava dele na empresa na manhã seguinte. Então eu arrumei as minhas coisas

para ir embora com ele.

— Você não vai ficar sozinha em casa — o meu pai falou.

— Eu passo a noite lá, tio — o Dante falou e a sua mãe deu um grito histérico:

— Não! — ela gritou e todo mundo olhou para ela.

— Porque, mãe? — o Dante perguntou fingindo estar confuso e eu quase dei um risinho.

— Porque a sua avó vai deixar o Bart lá em casa e ele não pode ficar sozinho — ela explicou. Bart era o cachorro.

— Então a Ana pode ficar lá em casa — ele falou despretensioso e ela me lançou um olhar.

— É melhor — o tom da tia Mari demonstrava a sua contrariedade, mas eu fingi não perceber — avisem quando chegarem.

— Tá bem.

[...]

Quando nós chegamos, o Dante passou na minha casa, para eu deixar a minha mala e pegar roupas limpas. Eu estava em frente ao meu guarda roupa, quando ele me abraçou por trás e eu grunhi de susto.

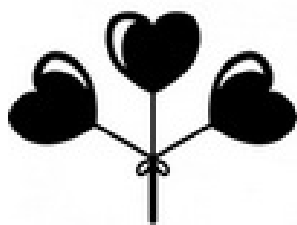
— Eu não sei dizer o tanto que eu to curtindo isso que a gente tá fazendo — ele falou, colocando o meu cabelo para o lado pra beijar o meu pescoço, me deixando arrepiada.

— Achei que você tivesse algum compromisso com alguma outra — eu falei, me virando para ele, que viu.

— Ana... — ele falou presunçoso — eu não troco uma noite com você, por outra.

— Meu deus, quando foi que você achou que ia me enganar?

— Eu não to te enganando — ele falou mais baixo, escorregando uma mão pelo meu cabelo, tombando a minha cabeça um pouco para trás antes de me beijar a boca.



CAPÍTULO 06

À noite, nós pedimos pizza e colocamos um filme de suspense enquanto esperávamos.

Eu não sei o momento em que o filme ficou desinteressante e não consigo explicar o momento em que deixamos o sofá e estávamos no tapete macio da sala. A minha blusa já não estava mais no meu corpo e quando eu caí em mim, já puxava para baixo a sua cueca, então ele se levantou para tirá-la.

— Eu sempre quis fazer isso — ele falou, tirando uma mecha do meu cabelo e eu assenti, fechando os olhos quando ele foi descendo os beijos pelo meu corpo. Eu sabia as sua fama de ser bom de cama e de como as meninas falavam das suas habilidades, mas eu não esperava que fosse tão certo. Eu afundei uma mão no seu cabelo quando ele chegou *lá*, mas ele afastou a minha perna direita, dobrando o meu joelho e correu a língua ali, focando no meu clitóris com uma pressão perfeita e no lugar *certo*. O meu corpo se contorcia e mesmo que eu quisesse controlar, e esperar mais tempo, quando eu apoiei o corpo para olhá-lo, ver a sua língua trabalhando em mim era tão prazeroso que gemidos fracos me escaparam, me entregando. Eu o vi rir contra a minha intimidade, dobrando mais a minha perna e quando eu achei que não poderia melhorar, ele escorregou a língua para perto da minha entrada, voltando ao meu clitóris e quando meu orgasmo começou, ele penetrou suavemente um dedo em mim. O meu gemido de satisfação foi longo e eu joguei a cabeça para trás, me deixando cair enquanto a sua língua me guiava.

Eu ainda arfava, inebriada pelas sensações quando ele veio, fazendo um carinho no meu rosto para me beijar, tão carinhosamente. Eu resfoleguei contra a sua boca, escorregando uma mão pelo seu cabelo até a sua nuca.

— Se você quiser, a gente não precisa fazer nada — ele sussurrou.

— Pega a camisinha — eu pedi.

Sendo inexperiente com outros caras, eu poderia dizer que talvez fosse

a sensação de proibido ou de aventura, mas quando ele foi me penetrando, eu o abracei, gemendo baixinho, porque era como se ele estivesse me preenchendo de um jeito perfeito.

— Você é muito gostosa, Ana — ele sussurrou, apoiando um braço ao lado da minha cabeça, me olhando ao começar os movimentos. Eu afastei mais as pernas, o analisando e o sentindo, porque ele era muito bonito e agora eu poderia afirmar com mais certeza: muito gostoso. Quando a minha mente vagou para o seu sexo na minha boca, o meu corpo contraiu em volta dele, que gemeu, aumentando o ritmo, mas logo voltou, me beijando.

— Me coloca de quatro — eu pedi e ele grunhiu, afundando o rosto no meu pescoço, rodando o quadril e gemendo forte, aumentando o ritmo — Dan...

— Eu vou — ele sussurrou, saindo e eu virei. Eu gemi surpresa ao senti-lo beijar o meu sexo, antes de voltar a me penetrar e eu gemi de satisfação. Eu comecei a ficar inquieta e voltando a querer mais, quando ele se apoiou nos calcanhares, me puxando e me segurou com um braço, investindo em mim enquanto brincava um dedo na ponta do meu clitóris com a outra mão. Eu arfei, empinando o bumbum e ele correu a língua nas minhas costas, indo para o meu pescoço, mas eu joguei o meu corpo para frente, escondendo o rosto entre as mãos e ele veio, me penetrando enquanto eu estava de bruços.

Ele se sentou e eu me sentei de frente no seu colo, descendo no seu membro e segurei o seu rosto, o beijando enquanto rebolava devagar no seu sexo. Nós dois gememos mais alto quando eu fiquei agachada e fui mais rápido para ele, que apoiou a cabeça no sofá, mas voltou a nos olhar, circulando o polegar no meu clitóris, como se ele conhecesse o meu corpo e os lugares certos, o que era bizarro. Os meus joelhos apoiaram no chão e eu comecei a ficar mais agoniada. Ele me sorriu, passando os braços em volta do meu corpo para me parar e foi me deitando no tapete, vindo junto e beijou o meu seio, começando a estocar devagar e cauteloso.

Quando eu desci uma mão para o meu sexo, ele me segurou e parou, descendo, me pegando de surpresa ao abocanhar a minha intimidade de uma maneira sedenta. Eu choraminguei, correndo uma mão pelo seu cabelo, porque isso era muito gostoso.

— Dan — eu o chamei, como um pedido e ele grunhiu, passando a deixar beijinhos rápidos no meu clitóris. Eu me apoiei para olhá-lo, vendo o meu corpo latejar de ansiedade, mas ele parecia se divertir com isso.

— Abre mais a perna, amor — ele sussurrou, me olhando rapidamente

e quando eu fiz, ele deu uma lambida longa e deliberada no meu sexo, escorregando a língua para a minha entrada e eu apertei os olhos para não gritar de prazer.

— Faz isso de novo — eu implorei investindo para qualquer coisa e ele fez de novo e de novo, me matando de satisfação — eu vou gozar — eu choraminguei, estremeçando, mas ele parou e segurou o meu quadril.

— Calma — ele falou, esperando um tempo para voltar a me beijar *lá*. Dessa vez, ele beijava o meu sexo como me beijava a boca e era tão gostoso, que eu corria mão na sua nuca, o trazendo.

O Dante se sentou e eu também. Eu me aproximei, o beijando e tomei o seu membro na minha mão, puxando a camisinha e me abaixei, correndo a língua pela sua extensão, colocando a cabecinha na boca, o levando o quanto eu consegui na minha boca. Ele deu um gemido rouco, tirando o meu cabelo e contendo a vontade de me guiar, porque ele puxava o meu cabelo, mas grunhia e fazia carinho. Eu relaxei a garganta, o levando mais fundo e ele deixou escapar um gemido mais alto, puxando o meu cabelo e eu o fiz de novo.

— Para — ele sussurrou e eu parei, ficando de joelhos para beijá-lo.

Ele foi me puxando e eu passei a perna para o outro lado, descendo no seu sexo e o abracei, me movendo mais rápido, porque eu me sentia tão perto.

— Isso está muito gostoso — o Dante sussurrou e eu assenti, perdida.

— Eu quero gozar — eu falei, o apertando com mais força no abraço.

— Goza, amor — ele falou docemente e eu gemi frustrada. Ele deu um risinho, me segurando e eu diminuí o ritmo. Ele inclinou o meu corpo um pouco para trás, beijando o meu seio, e desceu uma mão para o meu sexo, beliscando o meu clitóris e eu deixei escapar um gritinho fino, porque o meu corpo parecia arder de prazer. Coisa que, eu não havia sentido ainda. Ele continuou e eu queria controlar o meu barulho, mas estava tão intenso que eu não tinha como me parar.

O meu orgasmo veio inesperado e tão intenso e o meu gemido foi forte e alto. Quando o meu corpo foi ficando manso, ele emaranhou uma mão no meu cabelo e eu continuei me movendo.

— Eu vou gozar — ele sussurrou e eu assenti. Ele gemeu com força, investindo de volta em mim.

— Que coisa mais perfeita — eu falei um tempo depois e ele grunhiu.

Eu me levantei, sentindo as pernas meio fracas e os resquícios do

nosso gozo escorreu pelas minhas pernas. Eu o puxei pela mão e nós fomos para o banheiro.

Eu acordei primeiro pela manhã e observava o Dante dormindo pelado ao meu lado, analisando todo o seu corpo. Um calafrio corria o meu corpo quando eu pensava no que havíamos feito. Era tão errado, mas tão gostoso. Ele estava estranhamente excitado e o seu membro latejava. Eu me senti sedenta quando ele se virou, levando uma mão para o seu membro, o segurando, mas ele parou, abrindo os olhos e quando me notou, ficou me olhando.

— Bom dia — eu falei quase confusa e ele grunhiu, me puxando para mais perto. Eu passei uma mão pelo seu rosto enquanto ele colocava a minha perna em volta do seu quadril, me penetrando devagar e eu grunhi, afundando o rosto no seu pescoço.

[...]

O Dante foi trabalhar e eu fui para casa. Ao entrar no meu quarto e me deparar realmente com as coisas que havia nele, eu peguei um porta-retratos que estava no criado mudo e suspirei, porque o que estava acontecendo comigo?

Eu não era e nem estava apaixonada pelo Dante, para me deixar levar dessa maneira.

Um filme da minha história com o João rodou a minha cabeça. O nosso relacionamento sempre foi calmo. Bom. Eu sentia segurança ao lado dele. Nós conseguíamos fazer planos juntos e eu sabia que ele nunca me desapontaria.

Apesar de todo o desejo e aquela sensação de aventura, o que eu poderia esperar do Dante?

Não era como se eu estivesse esperando mais dele, mas de virar mais uma na sua lista enorme de vítimas. E eu não era dessas pessoas que curte só sexo com alguém. Eu sempre quis algo mais que só atração.

Eu dei uma arrumada no meu guarda-roupa e fui colocar as minhas roupas sujas para lavar. Aproveitei para começar a fazer almoço e quando peguei o meu celular, havia mensagens do Dante. E do João.

Eu deveria ficar esperançosa com as mensagens do João, porque eu errei com ele primeiro. E sendo realista, ele não fez nada errado comigo. Eu odiava o fato de ele ter ficado com outra, no entanto, ele fez isso enquanto estava solteiro.

Mas mesmo assim, eu abri a conversa com o Dante primeiro.

“o João disse que vai aí, pra conversar com você.”

“você vai voltar com ele?”

Eu batuquei o celular, porque era a minha melhor escolha, não é? Retomar a minha vida calma de ter um namorado que era bom para mim. Continuar estudando e focar no meu trabalho.

“eu não sei...”

Eu enviei e fui ver as mensagens do João:

“a gente pode conversar?”

“não sei... pensei em almoçarmos juntos”

“não quero que as coisas fiquem mal resolvidas entre nós”

Eu suspirei, confusa. À noite e a manhã com o Dante me davam a certeza de que por mais que eu gostasse do sexo com o João, ele foi a minha única referência para isso até agora. E eu nunca havia experimentado tantas sensações com alguém, como foi com o Dante.

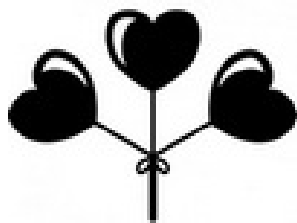
O que me voltava à maldita posição de trocar tudo por apenas sexo. Sexo e um mar de estresse que viria junto.

A tia Mari nunca facilitaria as coisas para nós. Mesmo que tentássemos esconder, ela era esperta, iria ficar em cima e nos monitorando.

O que quase me fez cogitar a ideia de voltar com o João e ficar com o Dante, mas eu cheguei a rir disso. Eu não era tão inescrupulosa assim. O João não merecia. E do jeito que o Dante era doido, iria logo contar tudo ao amigo.

“?”

O João insistiu a mensagem e eu respirei fundo, o respondendo. Acreditando que estaria tomando a decisão certa.



CAPÍTULO 07

Eu preferi preparar o almoço para nós dois a sair com ele.

Quando o João chegou, quase ao meio dia, ele ficou parado na porta, me analisando e eu o encarei de volta, me sentindo culpada. Eu comecei a sentir pena dele pelo que eu fiz.

Apesar de eu ter vivido algo *sem importância* com o Dan no passado, isso não me dava o direito de trair o João com o seu melhor amigo. Eu precisava ter focado no hoje.

— Entra — eu falei, dando espaço para ele passar e ele entrou, colocando as mãos nos bolsos da calça jeans.

— Você tá bem? — ele perguntou, franzindo o cenho — a sua tia falou comigo, disse que você estava mal, arrependida.

— A tia Mari não tinha que se envolver nisso — eu falei — foi um erro meu que você não quis perdoar.

— Ana, não foi fácil ouvir de você, que você me traiu.

— João, eu poderia ter escondido isso de você — eu falei, andando para o meio da sala — ninguém nunca ficaria sabendo. Mas eu quis te contar, eu fui sincera. Eu estava arrependida, eu queria que as coisas ficassem bem entre nós.

— Mas...

— E você além de terminar comigo, apagou as nossas fotos — eu falei inconformada.

— Eu posso postar tudo de novo — ele deu um sorrisinho sorrateiro, se aproximando mais de mim e eu o olhei.

— Você ficou com outra — eu disparei, porque um aperto no peito me fazia fugir dele. Eu estava na cama com o seu melhor amigo. Antes de ser qualquer coisa, o Dante era amigo do João.

— Ana, eu estava chateado, magoado... Aconteceu. Não teve

importância nem pra mim, nem pra ela.

— Ela quem? — eu indaguei incrédula, como se eu tivesse o direito de estar.

— Você sabe quem era o cara que ficou? Você vai me dizer quem foi?

— O que? — eu perguntei, ficando nervosa — você passou a noite com ela? Você transou com outra pessoa? — eu perguntei, arfando de nervoso.

— Ana, o importante agora, é que eu não traí você — ele falou, vindo até mim.

— Eu também dormi com outra pessoa — eu disparei e ele parou.

— Então além de me trair, você dormiu com outro cara? — ele perguntou, rindo como se não acreditasse no que me perguntava — quando foi que a gente virou isso?

— Eu estava solteira quando fiz isso.

— Você não me ama — ele afirmou desacreditado — porque se amasse, não teria feito tanto.

— Então você também não me ama — eu retruquei — porque você também ficou com outra pessoa.

— Você precisa parar de querer sempre transferir a culpa pro outro, Ana — ele falou mais baixo — eu vou embora. Isso aqui não tem mais jeito.

Eu o olhei indo embora e não o impedi. Algo em mim pedia para que eu não o deixasse ir, mas eu fiquei quieta e fui fechar a porta.

À noite, o Dante veio à pedido do meu pai, para que eu não passasse a noite sozinha.

Eu estava quieta, incomodada com algo que eu não sabia mais explicar e ele se sentou à cadeira ao meu lado, na cozinha.

— O que foi?

— Nada — eu falei mais baixo.

— Tava querendo pedir uma barca em algum japonês, o que você acha?

— Tudo bem, por mim.

— E um vinho, você quer? — ele perguntou e eu sorri fraco.

O Dante foi tomar banho e deixou o seu cartão para eu pagar a comida, quando chegasse.

Quando chegou, eu fui pegar o cartão sobre a mesa, o seu celular estava tocando numa chamada da Ingrid. Eu não sabia quem era, mas era pra isso que eu estava perdendo o João? Pra virar mais uma das que competem a cama e a atenção do Dante?

Eu não briguei com ele, quando ele voltou, vestindo só uma calça de moletom que tinha o cós baixo, marcando bem as linhas nas entradas do seu quadril. O seu perfume era tão gostoso e ele ainda ousou me abraçar por trás, colocando o meu cabelo para o lado para deixar um beijinho no meu ombro.

— Eu estava pensando — eu falei e ele, que distribuía beijos pelo meu ombro em direção ao meu pescoço, parou, me virando de frente. Eu ia continuar a falar, mas ele levou uma mão para a lateral do meu rosto, começando um beijo carinhoso e eu me deixei levar.

Nós comemos e tomamos um pouco do vinho. Eu coloquei uma série que queria começar a ver e o Dante pegou o seu notebook, para terminar algo da empresa.

Eu ainda o olhei, concentrado no computador, sentado no outro sofá e me perguntei por qual motivo eu poderia me fazer acreditar que seria melhor ficar com ele, seja lá como fosse.

O seu celular começou a tocar de novo e dessa vez, ele foi para fora atender. Eu ainda tentei observá-lo pela porta, mas não dava para ouvi-lo. Ele não demorou e quando voltou, se sentou ao meu lado. A sua intenção era começar um beijo, mas num impulso eu desviei.

— Quem era? — eu precisei perguntar e ele olhou para o celular.

— Ingrid — ele falou desprezioso e eu queria perguntar quem era, mas morder a minha língua parecia mais sensato. Eu continuei o encarando — ela está fazendo uma campanha junto comigo. Trabalha na agência, Ana.

— Você já ficou ela? — eu disparei e ele riu.

— Eu não gosto disso.

— Disso o que? — eu perguntei desdenhosa e ele chegou mais perto.

— Isso. Esse ciúme bobo, sem fundamento.

— Eu não tenho ciúme de você — eu falei inconformada, mas ele deu aquele maldito sorriso presunçoso — você já ficou com ela?

— Não — ele falou, não contendo o riso — eu não posso me envolver

com as meninas da agência. Nem as modelos.

— Você namorou a Madalena.

— Tá vendo? Eu tive que namorar a Madá — ele se divertiu ao dizer — e eu to gostando disso. Não quero namorar por agora.

— O João não merece isso — eu falei inconformada, me levantando e ele me seguiu com o olhar — não te pesa a consciência não?

— Não — ele falou, cruzando os braços enquanto eu andava pela sala feito uma maluca.

— Porque a gente foi fazer isso? Me diz! Eu vou ficar com isso me perseguindo pra sempre!

— Esse drama todo porque eu recebi uma ligação? — ele perguntou e eu parei, o olhando.

— Isso tudo porque eu to trocando tudo pra ter nada.

— Nada? Isso não significa nada pra você?

— É — eu falei enfática e ele se levantou.

— Porque você tá complicando tudo? — ele perguntou, vindo até mim — a gente estava se curtindo agora, eu não quero ficar pensando no depois.

— Você deveria no mínimo se sentir culpado.

— Não, eu não devia — ele riu — você também não está sentindo culpa. Tá só fazendo o show porque ficou com ciúme.

— Eu não fiquei com ciúme — eu falei pausadamente e irritada, mas ele riu. A nossa discussão poderia ter continuado, mas o seu celular voltou a tocar e eu fiz uma carranca, indo para a cozinha.

Quando eu voltei, trazendo um copo com água, vi que ele falava com a sua mãe, pelo diálogo. Ele brincava com o laço da calça, o desfazendo e tinha a careta entediada.

— Mãe, por favor — ele falava pausadamente, piscando como se quisesse ser calmo — eu não vou fazer nada com — ele parou, parecendo ser interrompido — eu não beijei ninguém — ele riu entediado, me olhando rapidamente — eu não transei com ninguém, pior sem camisinha — ele resmungou, chegando a rir — eu não sei se ela falou com o João, que tempestade — ele reclamou, suspirando — eu vou desligar, porque vou acordar cedo amanhã pra encontrar a Ingrid — ele falou, rindo e eu pude ouvir os gritos histéricos da sua mãe — eu não vou ficar com ela, mãe. Que mania chata de achar que eu quero todo mundo. Eu vou desligar. Beijo, te amo — ele falou, colocando o celular sobre o sofá.

— Não sou só eu que desconfio da Ingrid — eu sorri falso para ele,

que riu e se levantou.

— A gente junto já fez duas coisas que eu nunca posso — ele falou, vindo em minha direção e eu me engasguei com a água — você fica nervosa demais — ele resmungou, passando um braço cautelosamente em volta da minha cintura, juntando os nossos corpos e eu respirei fundo para tentar parar de tossir.

— O que? — eu perguntei nervosa e ele inclinou o rosto para o meu, selando os nossos lábios suavemente.

— Quer ir pro quarto? — ele perguntou baixinho, levando uma mão para a lateral do meu rosto enquanto brincava os lábios nos meus. Eu odiava a sua mania de me perguntar se eu queria para me culpar quando eu ficasse inconformada, mas era difícil negar quando ele me provocava desse jeito.

Eu me soltei dele, deixando o copo na mesa de centro e fui para o quarto de hóspedes. Estava fechando as cortinas quando ele chegou, me puxando e nos levando para cama.

[...]

Quando acordei na manhã seguinte, foi por sentir os lábios do Dante roçando o meu corpo e grunhi preguiçosa, rindo quando ele desceu e deixou um beijinho bem no meu clitóris. Eu afundei a mão no seu cabelo e ele veio para a cima de mim, que puxei a toalha, tomando o seu membro na minha mão, o roçando no seu sexo. Ele gemeu baixinho, emaranhando uma mão no meu cabelo e se forçou para dentro de mim devagar, investindo lento e ficando. Eu enrolei uma perna em volta do seu quadril e afundei uma mão no seu cabelo, o observando e o sentindo.

Eu gemi lamentosamente quando ele afundou o rosto no meu pescoço, segurando o meu quadril e vindo com um ritmo tão perfeito, que eu ficava mais excitada. O barulho dos nossos corpos se chocando e do seu sexo junto ao meu se misturava aos nossos gemidos e eu fui ficando mais inquieta, ainda mais quando ele ergueu o corpo, afastando os meus lábios íntimos e usou a outra mão para circular um dedo no meu clitóris. Isso combinado as suas estocadas me levou para um lugar tortuoso, onde eu não conseguia ter controle do meu corpo. Eu tentei me mover, mas ele me segurou, então eu choraminguei, me deixando ir.

— Isso, Ana — ele sussurrou carinhosamente e eu gemi mais alto, escondendo o meu rosto entre as minhas mãos, quando o meu orgasmo veio,

rasgando o meu corpo.

O meu corpo foi relaxando, mas eu sentia como se algo estivesse faltando ainda e por ele continuar os movimentos do seu corpo e da sua mão em mim, eu tentei segurá-lo, mas ele tirou a minha mão, mantendo o ritmo e eu me deixei levar, vindo de novo, apertando os olhos e pressionando os lábios para me conter. Foi quando eu ouvi o seu gemido rouco e ele afundou o rosto no meu pescoço enquanto gozava.

Os seus movimentos foram perdendo o ritmo e quando eu senti o seu corpo estremecer sobre o meu, eu fiz um carinho no seu cabelo, correspondendo ao seu beijo que foi rápido.

— Eu não quero mais ir trabalhar — ele sussurrou, rindo e eu puxei o seu rosto para ele me olhar, mas antes que eu pudesse dizer algo, ele me roubou um beijo.

Ele foi para o banheiro e eu me levantei, o seguindo. Foi o tempo de a gente tomar um banho, para o João ligar, avisando que estava passando aqui.

— Você vai voltar com ele? — o Dante perguntou, enquanto se vestia. Eu estava parada no meio do quarto de hóspedes, enrolada na toalha e responder essa pergunta não era algo que eu queria fazer. A Ingrid ligou para ele, que atendeu apressado e calçou os sapatos, vindo até mim para me beijar de novo — eu não quero que vocês voltem — ele falou, mas foi vestir a sua camisa. Eu sorri involuntariamente, porque ele errou um dos botões e teve que começar de novo.

— Você teria coragem de contar ao João? — eu perguntei e ele, que lidava com os botões da camisa lilás, assentiu, já dizendo:

— Aham.

— Não fica com pena dele? — eu perguntei inconformada.

— Ana, eu só não saio contando pra todo mundo agora, por causa dos nossos pais e a minha mãe é doida — ele falou, pegando o carregador do seu celular e do notebook. Ele ia saindo do quarto, mas voltou, rindo ao me roubar mais um beijo — e o João não é criança. Ele não iria morrer por causa disso.

— E como a gente vai se ver, depois quando os nossos pais voltarem?

— Eu tenho uma semana ainda, pra pensar nisso — ele falou — me deseja sorte, lindinha.

— Boa sorte, seja lá pra que for — eu falei e ele me sorriu, respirando fundo.

Eu fui me trocar e descii, vendo que eu precisaria ir ao supermercado,

mesmo que eu não quisesse. Tomei café com leite, em pó, porque era o que tinha no armário e quando saí para o quintal, me deparei com a Simone, terminando de lavar as roupas que eu comecei.

— Eu não sabia que você estava aqui — eu falei, quase assustada.

— A sua mãe pediu pra eu vir mais cedo, pra você não ficar sozinha — ela me sorriu fraco — Dante não precisa mais dormir aqui.

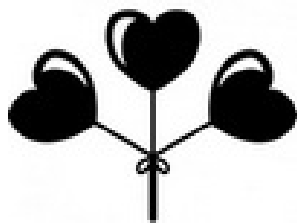
— Ah, estava tudo bem ele ficar — eu falei desinteressada.

— Sei — ela me lançou um olhar desconfiado — a mãe dele já me ligou aqui também, pra eu não deixar ele ficar.

— A tia Mari é muito paranoica, né? — eu perguntei e a Simone riu.

— Com razão, eu acho.

— A gente pode ir ao mercado? — eu perguntei — não tem comida nessa casa.



CAPÍTULO 08

DANTE NOVAES

Eu sabia dos olhares tortos, quando uma conta boa caía de bandeja em minhas mãos. Mas eu não iria, de repente, recusar trabalho.

A manhã foi movimentada, mas eu já estava na minha sala, no telefone com o meu pai, comemorando, quando o João entrou, vindo se sentar na cadeira em frente à minha mesa.

— Eu ligo depois, pai — eu falei, colocando o telefone no gancho.

— Você deu sorte — ele falou, vendo o contrato já assinado sobre a mesa e eu sorri fraco. Eu não dei sorte, eu era bom.

— E você, tá bem? — eu perguntei, porque, de todo modo, ele era meu amigo. Eu não achava bonito de dizer, mas eu nunca fui muito dependente dos outros. Nem das amizades, nem dos relacionamentos. Eu gostava da companhia dos caras, mas eu conseguia pensar mais em mim. Como essa coisa com a Ana, que eu sabia que não teria futuro, mas eu queria aproveitar. Eu não devia. Ela era namorada do João, um dos meus melhores amigos. Mas culpado? Eu não conseguia me sentir. Até porque, ela também queria.

— Confuso — ele suspirou — de repente deu uma coisa na Ana e ela nem parece mais a mesma.

— Como assim?

— Quando você ia pensar que a Ana é mais uma dessas que encontra o primeiro cara por aí e fica? Ela não era solteira, cara.

— Complicado — eu apertei os lábios — mas você não tá gostando da vida de solteiro? — eu dei um riso, mas ele suspirou, relaxando o corpo na cadeira.

— Eu não tenho a sua sina de administrar tanta mulher, nem paciência pra isso. Eu gosto de ter alguém. A Ana, pra ser mais exato — ele resmungou.

— E dá pra voltar um relacionamento depois de tanta coisa?

— Não sei... A sua mãe que ficou sentida, dando força pra gente voltar — ele deu um riso — mas eu não consigo mais conversar com a Ana. Ela não só ficou com o cara, ela transou com ele.

— Caralho — eu falei, porque não sabia que ela havia contado tanto.

— Ninguém viu quem foi? — ele perguntou, mas eu dei de ombros.

— Às vezes é bom pra vocês darem um tempo.

— Talvez — ele resmungou.

— Conhecer gente nova — eu falei e duas batidas na porta me fizeram levantar.

Era a Ingrid, com uma garrafinha pequena de champanhe e duas taças descartáveis.

— Não sabia que estava aqui, João — ela falou para ele — senão tinha trazido mais taça.

— Não — ele falou, se levantando — eu vou deixar vocês sozinhos, pra comemorar — ele deu um sorriso presunçoso — eu vou aproveitar o tempo livre pra ver a Ana.

— Se eu fosse você dava um tempo pra ela — eu disparei num impulso, mas ele já havia saído da sala.

— O seu pai tinha razão quando disse que você era bom — ela falou, colocando as taças descartáveis sobre a mesa, me entregando a garrafa para eu abrir.

— Nós fizemos tudo do jeito que eles queriam, ficou muito boa a campanha — eu falei, abrindo a garrafa e derramando a bebida na taça. Quando eu as peguei, para entregar uma para ela, ela já estava perto demais.

Eu apertei os lábios num sorriso, porque a Ingrid era loira, alta, bonita, mas ficar com outra menina da agência me faria ter que namorar de novo.

— Tudo bem? — ela perguntou, porque eu desviei e corri uma mão na nuca — eu não achei que você levasse essas ordens do seu pai à sério.

— E eu não levo — eu falei num impulso — mas eu preciso começar a levar.

— Eu soube que você e a Madá terminaram — ela falou, bebendo um pouco do champanhe e eu sorri fraco, assentindo.

— Não deu certo — eu falei e ela deu um risinho. Eu me escorei à mesa, colocando a taça nela e a Ingrid veio até mim, parando bem à minha frente, levando uma mão para o meu ombro, colocando a sua taça sobre a mesa.

— Não vou dizer que sinto muito — ela falou mais baixo, descendo o olhar para a minha boca.

— Tá todo mundo vendo, Ingrid — eu falei, não sabia o porquê.

— E daí? — ela perguntou, sorrindo presunçosa, fingindo consertar a gola da minha camisa — o que você vai fazer hoje à noite?

— Eu tenho que fazer companhia pra uma amiga — eu falei — filha de uns amigos dos meus pais.

— Eu tinha pensado em algo mais interessante — ela inclinou a cabeça para o lado e eu deixei escapar um riso. Eu não sabia se era a sensação do novo ou do proibido, mas eu duvidava muito que algo relacionado à mulher estivesse mais interessante que a Ana, nesse momento.

— Vamos ter que deixar pra próxima — eu falei, porque também não iria descartar a menina — eu sinto muito, amor.

— Tudo bem — ela sorriu fraco — já falou com o seu pai? Ele me ligou, para parabenizar.

— Já, ele ficou bem animado.

— Deu sorte de o filho gostar de seguir os mesmos passos e ser bom nisso — ela falou e eu assenti.

Nós acabamos indo almoçar juntos, porque o João ligou avisando que iria almoçar com a Ana.

À tarde foi chuvosa, o que me fazia querer largar tudo para ir dormir, mas eu fiquei organizando as coisas que o meu pai havia pedido, na empresa.

“eu sempre soube que você era assim, não sei por que confiei em você”

Era uma mensagem da Ana, muito aleatória por sinal. Eu sabia que ela seria dor de cabeça pura, por N motivos, mas eu conseguia me divertir com isso.

“você tá com ciúme de que, de novo, meu amor mais lindo?”

Eu enviei de volta, deixando o meu celular para focar no meu trabalho.

— A mãe da Ana falou que você tá passando as noites com ela — eu estava guardando umas pastas na gaveta, quando o João entrou na minha sala falando e eu deixei tudo cair. Fiz uma carranca, me abaixando para pegar.

— E?

— Não viu nada suspeito? — ele perguntou e eu me virei para olhá-lo. Era fato que o João não merecia o que estávamos fazendo, mas eu merecia fazer isso.

— Não — eu falei desinteressado — eu tenho mais o que fazer, do que ficar monitorando a Ana.

— Tá foda, cara — ele falou exasperado — eu não quero perder tudo o que a gente tinha, mas eu não consigo engolir tudo que aconteceu.

— Então dá um tempo — eu falei o óbvio — eu não entendo essa mania que vocês têm, de ficar sofrendo a toa.

— Eu não entendo a sua mania de não se importar com nada — ele falou, negando com a cabeça, mas eu me importava. Eu era capaz de dar o meu melhor para a pessoa ao meu lado. Só não costumava ficar insistindo no que deu errado e nem esmurrar ponta de faca.

Quero dizer, se eu errei e a pessoa não quis me perdoar, eu não iria ficar correndo atrás de ser humilhado. Era mais fácil seguir em frente. Quantas pessoas disponíveis existem? Era meio sem razão ficar sofrendo.

Eu estava saindo do escritório, quando o João me alcançou, indo comigo para o elevador.

— Você não vai sair hoje? — ele perguntou e eu o olhei, rindo.

— Eu to de babá — eu falei, como se isso fosse convincente, mas ele deu um riso.

— Eu passo a noite com a Ana, se ela for um empecilho — ele falou, pegando o celular — acho que é um bom jeito de a gente se acertar.

— Deixa as coisas esfriarem, cara — eu resmunguei, quase frustrado — isso foi recente, vocês dois estão chateados, só vão brigar.

— Eu não vejo a hora de ficar tudo bem.

— Logo fica tudo bem — eu forcei um sorriso para ele — vai passar a noite na casa dela ou eu vou ter que ir?

— Melhor você ir — ele suspirou — não adianta voltar e ficar dando tudo errado.

— É.

— Se ela for sair, você me avisa — ele falou e eu assenti.

Eu comprei um vinho bom no caminho e uns bombons, dos que eu sabia que ela gostava. Estava preso no trânsito, quando o meu celular notificou

as mensagens do João.

“acho melhor eu insistir mais e ir lá ficar com ela”

“se você quiser, pode sair com a Ingrid”

“eu tive uma conversa com a sua mãe”

“quanto mais eu esperar as coisas esfriarem, mais as coisas vão esfriar”

“entendeu, né?”

Eu bati com a mão no volante, porque era muito a cara da minha mãe obrigar o João a voltar com Ana. Como quando ela cismou que ele *precisava* namorar com ela. Isso me fazia quase ter raiva dele, por ser tão pateta.

“eu marquei com os caras de a gente ir pra aquele bar, você não quer vir?”

“eu levo a Ana e vocês conversam por lá”

Eu enviei de volta, vendo o sinal abrir.

Seria mais fácil eles dois não voltarem se eles conversassem em público. Um lado meu sabia que era pra eu deixar os dois em paz, porque seria sempre esse tormento, mas o outro lado, o maior e mais infantil, queria *ficar* com ela. Eu queria ir fazer birra para a minha mãe deixar, porque ela que sempre foi contra.

Eu não havia marcado nada com ninguém, então tratei de marcar e avisei o horário ao João.

Quando cheguei à casa da Ana, ela estava na sala com a Mayra, uma das suas amigas. Ela não era de ter muitas, pelo que eu sabia e a Mayra era a única que eu nunca cheguei a ficar.

— Não sabia que estava aqui, May — eu falei, a cumprimentando, mas ela parou um tempo, me analisando — tudo bem?

— Sim, tudo ótimo — ela falou, deixando escapar um riso — eu vou pra casa e se você decidir ir, me avisa, Ana.

— Ir pra onde? — eu perguntei.

— Pra casa do Jorginho. O pessoal vai pra lá beber e agora que a Ana

está solteira, acho que seria legal.

— Ah — eu falei, indo para a cozinha guardar o vinho na geladeira.

Quando eu voltei, a Ana estava distraída no celular e a sua amiga não estava mais aqui.

— Eu to ficando agoniada com o João sendo bipolar com isso de querer ficar bem, mas não conseguir ficar bem comigo — ela falou e eu parei de andar, esperando que ela continuasse — e você aqui, dormindo comigo como se não fosse amigo dele.

— Vai dizer que não está gostando? — eu perguntei, indo até ela, me sentando ao seu lado no sofá.

— Eu não sou assim — ela falou inconformada, correndo as mãos no cabelo — eu não faço essas coisas.

— Que coisas? — eu perguntei confuso, me aproximando mais dela, que bufou um riso — o beijo? O sexo, que por sinal é bom pra caramba?

— Não falo sobre ser bom — ela reclamou — mas de ser errado.

— Um errado bom — eu dei de ombros, levando uma mão para acariciar o seu rosto. Eu a escorreguei pelo seu cabelo, fazendo um carinho na sua bochecha com o polegar e ela se curvou para a minha mão, então eu me aproximei, beijando suavemente a sua boca — você quer parar? Eu não consigo mais pensar em ficar sem isso.

— Isso? — ela abriu os olhos, me olhando e deu um riso.

— Sem você — eu sussurrei e ela riu, se afastando um pouco.

— Sabe o que é pior? — ela perguntou desdenhosa e eu suspirei, esperando — eu sei que você tá me iludindo.

— Eu não to te iludindo — eu falei entediado. As meninas que eu costumava realmente iludir, não ficavam me jogando isso na cara.

— Quando os nossos pais voltarem, isso vai acabar.

— Não precisa acabar — eu falei mais baixo, voltando a me aproximar — a gente pode se divertir sem ninguém ficar sabendo.

— Eu sou muito ciumenta — ela disparou e eu parei, a olhando, porque eu já sabia disso.

— Tudo bem, eu sei — eu falei e ia beijá-la, mas ela recuou.

— Eu não vou conseguir te ver ficando com outras.

— Eu não fico então — eu falei e ela riu, se levantando.

— Dante, eu to tentando te alertar — ela falo mais enfática, gesticulando — eu gosto de ter segurança, de saber pra onde as coisas estão

indo. Essa proposta de diversão não me parece tentadora — ela foi falando enquanto eu ia me aproximando e eu a puxei pela cintura, inclinando o rosto para o seu e a olhei, chegando a sorrir, porque eu que vivia por aí lembrando os velhos tempos, não imaginei que algum dia nós voltaríamos a fazer isso.

Quero dizer, hoje a gente fazia sexo. Então era muito melhor.

— Pra onde você quer que as coisas vão? — eu perguntei, descendo o olhar para a sua boca e ela resfolegou, me fazendo sentir estranheza quando eu voltei a olhá-la nos olhos — hum?

— Isso que a gente está fazendo, tem cara de coisa que vai dar muito errado — ela disparou e eu neguei com a cabeça, roçando os nossos lábios, sugando o seu inferior.

— Eu nunca imaginei que a gente ficaria de novo — eu falei mais baixo — eu não quero ficar pensando que é errado ou que eu não posso magoar alguém.

— O seu amigo — ela reclamou.

— Se eu soubesse que vocês iam namorar, não teria chamado ele aquele ano — eu resmunguei, deixando escapar um risinho. Ela ia dizer algo, mas o interfone começou a tocar.

Eu subi para o quarto de visitas e fui tomar um banho. Me troquei e quando descí, parei no meio da escada, vendo os dois abraçados. Digo, a Ana e o João. Eu fiquei observando, se ela teria a coragem de beijá-lo, quando ele segurou o seu rosto entre as mãos.

— João, é melhor não — ela falou e eu respirei aliviado, foi quando me notaram.

— Ah, você está aí — o João falou, sorrindo fraco.

— Nos vemos mais tarde?

— Claro — ele suspirou — você vai, Ana?

— Vou pra casa do Jorginho, com a Mayra — ela fez uma careta e o João permaneceu a encarando — eu não tenho culpa de vocês não gostarem do Jorginho — ela falou como se fosse o óbvio.

— Esse cara é boçal e sem noção — o João falou e eu precisei concordar.

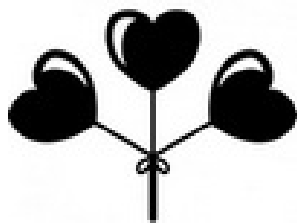
— Mas eu estou com saudade das meninas. Eu quero vê-las e elas vão pra lá.

— Tudo bem — o João suspirou — eu já vou. Se cuida — ele falou para ela, deixando um beijo na sua testa.

A Ana foi fechar a porta, parando no meio da sala e colocou as mãos na cintura, ficando muito bonitinha com essa careta furiosa, quando começou a falar:

— Você não se sente mesmo culpado?

— Não — eu falei, indo para a cozinha.



CAPÍTULO 09

ANA AGUIAR

— Eu te odeio — eu falei, mas eu estava preguiçosa enquanto o Dante acarinhava o meu cabelo.

— Eu vejo o quanto — ele falou, puxando o edredom para nos cobrir — cadê a Simone?

— Eu falei que ela podia ir pra casa — eu fiz uma careta — porque agora que eu não presto, eu queria que você viesse.

— Para de dizer isso, Ana.

— Eu não trocaria nenhuma das minhas amigas por um cara.

— Eu não to trocando nada. Eu sentia falta de ficar com você. O João não tem culpa, mas eu não sou a pessoa que vai se sacrificar por causa dos outros.

— Como você tem coragem de dizer isso? — eu perguntei, me sentando e ela deu um sorriso sorrateiro.

— Se a gente tivesse potencial pra dar certo, eu iria ligar pra ele e conversar.

— Não — eu disparei nervosa, porque nós não tínhamos esse potencial. Ele principalmente.

— E eu aposto que a gente está aqui seguindo o coração — ele continuou a falar, se sentando também — não é errado fazer isso.

— É errado sim — eu falei mais baixo, porque toda vez que ele ameaçava ou começava um beijo, eu concordava com ele. Eu levei as minhas mãos para o seu rosto, controlando o ritmo do beijo e arfei contra os seus lábios, quando ele emaranhou uma mão no meu cabelo, tombando a minha cabeça para trás, intensificando o nosso contato.

— Eu tenho que me arrumar — eu sussurrei, quando ele desceu os beijos pelo meu pescoço, indo para o colo — Dan... — eu grunhi lamentosamente, quando ele chegou ao meu seio.

— Você vai me deixar pra ir à festa do panaca do Jorge?
— Vou — eu arfei, me levantando de uma vez.
— Enquanto isso eu vou pra um bar com o João e os caras — ele cruzou os braços e eu dei um risinho, indo para o meu quarto.

Eu tomei um banho, lavei os cabelos e quando saí, o Dante estava com as mãos no arco da porta, me impedindo de passar.

— E se a gente ficasse aqui?
— Eu não vou ficar aqui — eu falei o óbvio — eu combinei com as minhas amigas.
— A gente pode voltar cedo? Eu trouxe aqueles bombons que você gosta.
— Eu não sei que horas eu vou voltar — eu reclamei — vou estar com as minhas amigas, não nos vemos há semanas.
— Eu vou sentir tua falta.
— Eu não estou indo embora pra sempre — eu falei, rindo do seu exagero.

Quando eu já estava pronta, vestida num macacão jeans e uma sandália meia-pata vermelha, o Dante parou atrás de mim no espelho, me tomando o meu celular. Ele me abraçou por trás, mostrando a conversa com a sua mãe no whatsapp e colocou na câmera, mandando uma foto nossa para ela.

— Você é retardado — eu resmunguei, mas ele se divertia.

Não demorou mais que dois minutos para a sua mãe enviar várias mensagens:

“Ana, o que foi isso?”

“Porque o Dante ainda está aí? Eu já mandei ele ir pra casa”

“O meu filho é a pessoa que eu mais amo nessa vida. Você é como uma filha pra mim.”

“Eu não quero que quem eu mais ame magoe a minha coisa mais preciosa”

“Nós somos como uma família. Vocês não podem estragar tudo por puro capricho de juvenzinhos”

“Não estraguem tudo”

Eu respirei fundo, mas antes que eu pudesse dizer algo, o Dante já

havia me puxado para outro beijo.

— Eu nunca beijei tanto alguém — eu falei, atendendo à ligação da Mayra.

— Eu to indo, amiga — eu falei — para, Dante — eu reclamei, quando os seus beijos foram pelo meu pescoço. Eu desliguei a ligação e fui me olhar mais uma vez no espelho.

— Você tranca a casa, quando sair — eu falei e ia indo para a porta, mas voltei, segurando o seu queixo para selar os nossos lábios.

— Vê se não fica com ninguém — ele falou — não suporto o Jorginho e a corja dele.

— Tchau — eu o beijei mais uma vez, mas o meu celular voltou a tocar e eu me apressei.

Quando entrei no carro, a Mayra me olhava minuciosa.

— Porque você e o João terminaram? — ela perguntou despretensiosa, ligando o carro e eu a olhei.

— Eu fiz uma coisa — eu falei, porque precisava vomitar isso para alguém.

— O que?

— Nós estávamos na casa de praia dos pais do Dante — eu comecei — só que o Dante fez merda e ele e a Madalena terminaram.

— Droga, eu apostei que com a Madá durava mais de três meses — ela fez uma carranca e eu dei um risinho.

— Então o Joao veio embora — quando eu falei isso, ela encostou o carro de qualquer jeito, parando para me analisar. Eu encolhi os ombros, envergonhada e ela abriu a boca para falar, mas apontou para qualquer canto.

— Não — ela falou pasma e eu fiz uma careta, me encolhendo ainda mais — Ana, não...

— Amiga, você sabe como ele é. Tipo, gato.

— Você é retardada? — ela perguntou incrédula.

— Poxa, May, não é fácil negar.

— Ana, a aventura idiota do passado de vocês não pode ser mais forte que o que você e o João tinham — ela começou a falar — eu apoiaria qualquer decisão sua. Seja lá se fosse terminar com o João, ficar com qualquer outro cara. Mas o Dante?

— Eu não sei, mas eu tenho gostado de ficar com ele.

— Ana, o que te faz acreditar que com você é diferente? — ela

perguntou e eu continuei a encarando, ficando muda — porque a gente conhece o repertório dele. O que ele fez de diferente com você?

— Eu não to apaixonada por ele.

— Isso faz menos sentido ainda pra mim — ela riu incrédula — você tá deixando o João por nada, então?

— May, por favor — eu pedi, porque eu não tinha uma explicação coerente.

— A menos que a sua intenção seja curtir a solteirice... Porque estragar o seu namoro com o João pra cair na conversa do Dante? Você é mais esperta que isso, Ana.

— O João quem terminou comigo — eu falei amuada e ela continuou me encarando, cerrando os olhos.

— Você ficou com um dos melhores amigos dele. Como ele não iria?

— Ele não sabe que foi o Dante — eu disparei e a Mayra levou as mãos para a cabeça, como se não absorvesse o que eu havia feito. Para falar a verdade, nem eu conseguia me entender, com ela me olhando desse jeito.

— Amiga, me diz por que ele e o Breno não se falam mais — ela pediu e eu senti um peso caindo nas minhas costas.

Antes de ser o João, Breno era o amigo mais próximo do Dante. Aquele que ia com ele para todos os lugares na infância. Eram como um trio. Foi pouco depois de o Dante terminar o primeiro namoro, que ele teve um caso a Giulia, que namorava o Breno. Bem, na época, como eram adolescentes e imaturos, eles brigaram feio.

O Dante ainda ficou um tempo com a menina, mas logo partiu para outra.

O que eu iria dizer para a Mayra? Que comigo ele faria diferente? Ele usa o termo diversão para nos definir.

— O João não merece isso. Foi uma traição dupla — ela falava baixo e eu a olhei, sem nem ter o que dizer — de todos os caras que a gente conhece, ele é o único que a gente não ouve boatos de traição. E você sabe que é difícil não ficar sabendo, se houvesse — ela falou e deu um risinho — e também, o seu pai o mataria se ele fizesse.

— Eu fui muito burra — eu consegui dizer, um tempo depois.

A Mayra ligou o carro e nos levou para a casa do Jorginho. Os

meninos não simpatizavam com ele, por ele ter tudo de mão beijada. Enrolava na faculdade, não trabalhava e levava uma vidinha de rei.

Isso era o oposto do João.

O Dante, eu acreditava que os via como concorrência. Tia Mari nunca o deixaria dar uma festa em casa.

Nós o cumprimentamos quando chegamos e ele demorou um pouco mais no meu abraço.

— Não vou dizer que sinto muito pelo fim do seu namoro — ele sorriu ao se afastar e eu apertei os lábios num sorriso sem graça.

— Todo mundo já sabe, é?

— As notícias boas correm rápido — ele falou — vem, vamos pegar uma bebida.

Logo a Madá chegou, vindo falar comigo. Eu me senti culpada ao olhá-la. Eu estava a consolando pelo que o Dante havia feito e depois eu me joguei na cama dele.

O Jorge me dava mais atenção, porque de todo modo, para esses meninos que não tem compromisso com a vida, eu era coisa nova. Mas eu não estava com cabeça para me *divertir* com mais alguém.

Quando o DJ começou a tocar umas músicas mais lentas e *sofridas*, eu me sentei em um dos pufes e apoiei o rosto na minha mão, apoiando o cotovelo no meu joelho. A minha vida rodou a minha cabeça.

Eu sabia que logo a minha rotina voltaria e eu não teria tempo para pensar nisso, mas o Dante não pensou na nossa *coisa* quando começou a namorar pela primeira vez. Eu fiquei surpresa ao saber, talvez até chateada, mas era nova e sempre instruída a nunca me envolver com ele, então logo passou.

Quando eu comecei a namorar o João, eu não o amava. Nós fomos nos conhecendo, construindo o nosso amor. O nosso relacionamento era sólido. Mas de todo modo, eu nunca tinha oportunidade de ficar a sós com o Dante. O meu relacionamento foi sólido até o Dante se aproximar de mim, sozinho.

A maldita ideia do beijo foi *minha*, mas a conversa sobre isso surgiu dele. Ele me deixou instigada, intencionado ou não.

Eu já nem via o que estava a minha frente, imersa em mil pensamentos, porque eu e o João éramos perfeitos juntos. O Dante era novidade, o sexo com ele era mais intenso. Mas era só isso. Eu e o João poderíamos melhorar isso, bastava conversar.

— Tá tudo bem? — o Jorginho perguntou, se sentando ao meu lado e eu o olhei, sorrindo fraco — fim namoro é ruim, né?

— Você nunca nem namorou — eu falei e ele deu um risinho, fazendo um carinho no meu rosto.

— Mas pela sua carinha, eu sei que não é bom.

— Vocês já sabem o motivo também? — eu perguntei e ele riu, mas negou com a cabeça.

— Vem, vamos dançar — ele falou, me puxando pela mão — quer outra bebida?

— Pode ser.

A Mayra se engraçou com um dos meninos e veio, lá pelas duas da manhã me entregar a chave do seu carro, segurando o meu rosto para beijar a minha bochecha.

— Eu devo voltar, mas de todo jeito, você fica prevenida — ela falou e eu assenti.

O Jorginho voltou com outra bebida, mas quanto mais eu bebida, em vez de eu ficar eufórica, eu ficava deprimida.

*“Só restou eu sentindo saudade
E não tô curtindo essa vibe
Vai bater a falta minha em você
Só que cê nem sabe”*

Eu sabia que o Jorginho poderia ter tentado algo, mas a Mayra voltou quase uma hora depois, mais animada, me levando para beber.

— Ela tá sofrendo, precisa se divertir — ela explicou para ele, antes de me levar para onde estavam servindo as bebidas.

— Eu vi o João — ela falou, enchendo dois copos de shot com uma bebida quente.

— Pra onde você foi?

— Nós fomos pra casa do Felipe, depois passamos naquele bar que todo mundo vai — ela falou — ele perguntou de você.

— E? — eu perguntei, cerrando um pouco os olhos — o Dante estava lá?

— Não — ela negou com a cabeça — ou foi pra casa, ou saiu com alguém. Qual mais provável?

— Difícil ele ter ido pra casa — eu fiz uma careta — a gente fez sexo antes de sair — eu disparei inconformada e ela derrubou os dois copos.

— Você transou com ele? — ela gritou e as meninas que estavam por perto nos olharam — EU! — ela gritou mais alto, olhando de volta para elas — fiquei com alguém!

— May...

— Meu deus, você pirou de vez — ela falou como se não acreditasse — Ana, eu só to te alertando porque ele é melhor amigo do teu namorado. Se você quisesse se divertir com qualquer um dos meninos que estão aqui, eu apoiaria. Porque não daria problema.

— Eu não acredito que ele saiu com outra — eu falei inconformada.

— Você deveria ser esperta. Porque você conhece o Dante, eu não vi novidade no que ele fez. Até porque ele deixava a Luana em casa pra ir dormir com outra — ela lembrou e era como se a mascara que eu havia colocado no Dante estivesse sendo arrancada. Luana era outra ex — vocês usaram camisinha, pelo menos?

— Não — eu resmunguei incrédula comigo, por ter chegado a esse ponto.

— Eu espero que o João nunca fique sabendo, porque ele não merece.

— Para de defender o João! — eu falei irritada, querendo me estapear pelo tamanho da minha burrice.

— Você quer que eu defenda quem? — ela riu, voltando a encher os nossos copos.

Eu bebi de raiva dessa vez. E se eu pudesse dar um conselho para todo mundo era: nunca beba com raiva.

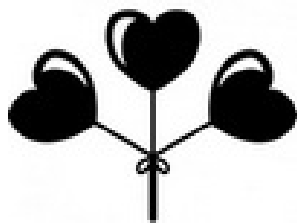
Eu chorei no banheiro, limpei a maquiagem borrada e saí, pegando o meu celular.

“Ei”

“Eu te amo”

“Me perdoa?”

Enviei para o João, porque eu não poderia passar mais tempo refém do Dante. Alguém tinha que dar um freio nisso. E para ele era pura diversão, ele não iria fazer.



CAPÍTULO 10

Eu não lembro o momento em que o João chegou e eu estava com ele em frente à casa do Jorginho. Ele estava um pouco bêbado, enquanto eu estava bem mais. Ele me abraçava e eu segurava o seu rosto, deixando beijos na sua boca, mas ele riu, me segurando.

— Eu te amo — ele falou e eu assenti, me sentindo aliviada, porque eu iria me deixar levar pelo Dante, que logo iria estragar tudo.

— Me desculpa, eu não sei o que me deu — eu falei, fazendo um carinho no seu rosto — eu não consigo imaginar mais ficar sem você — eu sussurrei, pressionando os meus lábios nos seus.

— Vamos pra casa? — ele perguntou e eu sorri, o puxando para mais um beijo.

Nós fomos para a sua casa, mas o tempo que ele levou para tomar um banho, eu peguei no sono.

Eu acordei primeiro na manhã seguinte, com a cabeça explodindo por causa da ressaca e me levantei, tirando a minha roupa no caminho para o banheiro. No banho, algo em mim parecia inconformado, porque eu estava gostando dos momentos com o Dante. Mas por outro lado, eu não era mais criança. Quando as minhas férias tivessem fim, eu não teria tempo de me divertir com alguém. Nem paciência para passar raiva com alguém. Eu precisaria do João, se fosse para ter alguém.

Ele acordou quando eu derrubei uma caixa no seu guarda-roupa, sem querer, porque estava procurando alguma roupa minha. O João se levantou, vindo até mim, me abraçando por trás e deixou um beijinho no meu pescoço.

— Bom dia, amor — ele falou tão carinhoso que eu sorri — milagre não estar de mal humor.

— É quase meio dia, não dá tempo acordar mal humorada — eu

brinquei e ele puxou a toalha de mim, indo para o banheiro.

Eu quase voltei para o banheiro com ele, mas o fato de eu ter estado com outro me deixou bloqueada e receosa.

Eu encontrei um vestido longo preto e o vesti, colocando a minha roupa suja numa sacola que encontrei.

— Você contou para a sua mãe o que eu fiz? — eu perguntei e ele, que secava os cabelos, parou e me olhou.

O João tinha um corpo bem bonito. O seu abdome ameaçava definir, mas ele não era tão focado nessas coisas. O Dante estava no ponto. Cada centímetro do seu corpo era um pedaço de mau caminho, mas eu sacudi a cabeça, afastando esses pensamentos.

— Eu só disse que nós brigamos e você pediu um tempo — ele falou e eu lhe olhei incrédula.

— Você terminou comigo — eu falei, mas ele veio até mim, me puxando pela cintura — e eu sinceramente não sei como você vai voltar as nossas fotos pro lugar — eu falei e ele riu, beijando suavemente os meus lábios.

— Eu só arqueei — ele falou, se divertindo com a minha preocupação idiota.

— Eu sinto muito pelo que eu fiz. Eu não devia — eu suspirei — foi feio, foi errado... Eu juro que não vai mais acontecer.

— Até porque você não vai mais sair sozinha com o Dante — ele sorriu para mim — era pra ele ter te parado, não ter te deixado sozinha.

— Ele não teve culpa — eu disparei — quero dizer, eu não devia ter ido sozinha com ele pra uma festa, mas...

— Vamos esquecer isso. Aconteceu, mas passou — ele sorriu fraco.

— Você ainda confia em mim? — eu perguntei e ele analisou o meu rosto.

— Eu quero confiar — ele falou, um tempo depois — você vai ter tempo pra me mostrar que eu to certo em confiar de novo — ele falou e eu assenti, suspirando — e eu te amo, então você tem muita sorte.

— Você que tem sorte, João — eu falei debochada — não é qualquer um que me ganha fácil assim.

— Ah, isso me lembra de que você foi pra cama com outro cara! — ele falou enfático, mas acabou rindo — que raiva disso, Ana.

— Eu não devia — eu falei mais uma vez — me desculpa... Eu sempre

ouvi as meninas falando dos caras que ficaram. Você terminou comigo e... — eu fiz uma careta para a minha mentira e ele riu, assentindo.

— Eu vou pegar o lado bom dessa história.

— Teve lado bom? — eu perguntei confusa e ele deu de ombros.

— Eu vi o quanto eu te amo e como é ruim não ter você.

— Eu vi isso também — eu falei e nós rimos — eu me sinto culpada, eu quase perdi você por puro capricho. Já estava pensando em mandar flor e acampar na frente da sua casa pra você me perdoar.

— Não estava parecendo isso quando eu fui à sua casa ontem.

— Porque a gente ficou se acusando em vez de conversar — eu reclamei — me perdoa, de novo.

— Está perdoadada, meu bem — ele sorriu, deixando um beijinho na ponta no meu nariz — eu vou me trocar pra gente ir almoçar em algum lugar.

— Tá. Passa na minha casa pra eu me trocar também.

— Liga pro Dante e pergunta se ele está melhor — o João falou, indo pegar uma roupa e, eu o olhei.

— Pra que?

— Ele foi embora cedo ontem — o João falou, pegando uma cueca boxer.

— Com alguém? — eu perguntei e o João riu, se vestindo.

— Não. Ele estava com dor de cabeça, disse que ia pra casa — ele falou e eu parei um segundo — pra sua casa — ele completou e eu queria dar um chique de inconformismo.

— Liga você — eu falei, com a voz mais baixa.

Quando eu peguei o meu celular, vi que eu havia recebido essas mensagens do Dante, avisando que estava indo embora. Para eu ir embora cedo também.

Uma parte em mim queria voltar no tempo e ter ficado atenta a essas mensagens, porque eu havia aberto a conversa, só não me lembrava. Ou lembrava e associei ele estar em casa com ele ter estado com alguém antes.

Mas eu me acalmei, vendo isso com o vento soprando ao meu favor. Ou me soprando para o lugar certo. Eu não teria voltado com o João. Nem me dado conta do quanto estava sendo imatura cedendo ao Dante.

A Dona Lúdia, mãe do João, me cumprimentou, contando que sabia que acabaríamos voltando.

— Eu fiz lasanha — ela falou — vocês não vão ficar pra almoçar?

— Ana? — o João perguntou para mim e eu sorri, porque eu era viciada na comida da sua mãe.

— Não precisa perguntar — eu reclamei, rindo.

[...]

O João me deixou em casa à tarde e avisou que iria à casa do Dante, para saber se ele estava bem, já que na minha casa, ele não estava mais.

Eu respirei fundo ao entrar em casa, porque eu não poderia sentir pena do Dante e nem cogitar a ideia de fantasiar ter algo com ele.

Acabei pegando no sono ao ler um livro e acordei quando já era noite, com o meu celular tocando.

— Quer ir ver um filme? — era o João — eu passei à tarde com o Dante, ele estava meio mal.

— Mal?

— Acho que é enxaqueca — o João falou — se quiser ir, se arruma que eu passo aí em meia hora.

— Tá, vou me arrumar — eu falei — beijo.

Eu fui tomar um banho e coloquei uma roupa confortável. Prendi o cabelo num coque e calcei um tênis. Quando passei perfume e desci, o João chegou.

— A Madá estava nessa festa? — o João perguntou, enquanto dirigia.

— Estava.

— Cê acha que o Dante gostava dela? — ele perguntou e eu o olhei, confusa — porque ele tá meio mal, mas eu acho que não é doença.

— Estranho o Dante mal sem ser doença — eu falei entediada — porque ele é todo desapegado.

— Ele é acostumado a ter as meninas na palma da mão dele, amor — o João riu, levando a mão para a minha perna — a Madá não ficou atrás dele depois que veio embora, ficou?

— Não — eu falei confusa — mas ele nem falava dela...

— Porque ele tem essa máscara de desapegado, de não sofrer por nada, não esmurrar ponta de faca, como ele vive dizendo — o João zombou e eu suspirei — ele não comentou nada com você?

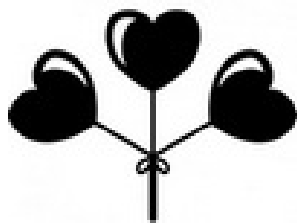
— Comigo, não.

— Estava na hora de alguém dar um freio nele.

— Eu duvido que ele esteja tendo um freio — eu resmunguei — daqui dois dias já vai estar com outra.

— Essa é a previsão, né? — o João riu — eu nunca vi tão mulherengo.

— Nem eu — eu resmunguei, chegando a ter raiva disso.



CAPÍTULO 11

DANTE NOVAES

Eu acordei com a minha mãe fazendo um carinho no meu cabelo e quando ela me viu despertando, abaixou para deixar um beijo na minha testa. Como se eu fosse uma criança.

— Mamãe estava morrendo de saudade — ela falou, sorrindo fraco — você tem algo pra me contar?

— Começou — eu falei, me sentando para levantar.

— Porque você quis ficar com a Ana?

— Eu não fiquei com a Ana! — eu falei irritado, levando as mãos para a cabeça — que droga! — eu gritei de raiva.

— Na casa dela — ela completou.

— Porque ela pediu — eu falei, porque era o que parecia coerente — e eu não quero ouvir acusações, ela está com o João.

— Eles voltaram?

— Pelo que parece, sim — eu resmunguei — corno manso, ainda. Patético.

— Você não está com ciúme disso, né? — a minha mãe perguntou desconfiada e eu parei, a olhando.

— Porque porra eu teria ciúme disso? — eu perguntei o óbvio.

— Tá muito inflamado pro meu gosto.

— Tô porque ele é meu amigo — eu falei — e ela traiu o cara, ele não devia ter voltado.

— Foi um deslize, Dante. Você sabe disso melhor que ninguém.

— Ela é muito mimada, acha que pode ter e fazer tudo o que bem quer — eu resmunguei, porque não queria ver a Ana nem pintada de ouro na minha frente.

— E porque você tá com raiva dela? — a minha me perguntou, contendo um sorrisinho — tentou levá-la na conversa e não conseguiu?

— Mãe, olha a minha cara de quem iria perder tempo com a Ana — eu falei impaciente, pegando uma toalha e fui para o banheiro.

Eu tomei um banho, querendo arrancar essa irritação que me dominava, porque eu sentia que tinha perdido algo.

Eu não conseguia entender a facilidade que essa menina teve de fingir que não fizemos nada e voltar pro João. Ela simplesmente me usou e me fez de palhaço.

Os meus pais saíram para almoçar e levaram o Bart, o meu cachorro, um buldogue.

Eu me joguei no sofá, pedindo lanche para almoçar.

Pela tarde, eu me distraí com o videogame e ignorei as ligações dos caras para sair, porque eu estava irritado e se eu visse o João, eu iria querer socar a cara dele. Mesmo que quem merecesse apanhar fosse eu

Quando eu recebi uma mensagem no Whatsapp da Ana, eu li e ignorei, mas ela insistiu.

“a gente pode conversar?”

Eu fiz uma carranca, porque ela estava querendo ser mais esperta do que eu. Isso não era justo. Eu estava lá, disponível para ela e ela voltou com o namorado. Ela fez isso porque ela quis.

“não”

Eu respondi, mas ela começou a digitar e eu bloqueei o seu contato.

Eu silenciei o celular quando ela começou a ligar, porque a Ana estava achando mesmo que eu seria o brinquedinho na mão dela? Ela só poderia não me conhecer.

Ela insistiu e na quinta ligação, eu atendi.

— O que você quer? — eu fui estúpido, para ela ver que eu não estava bom com o que ela fez.

— Você vai sair? Com os seus amigos.

— Não — eu resmunguei.

— Você pode não contar nada pro João? — ela perguntou mais baixo — foi errado, Dante. A gente não devia ter feito nada disso.

— Era o que eu devia fazer! — eu falei irritado — porque você tá tirando onda com a nossa cara, né? — eu forcei um riso — só pode ser isso.

— Eu to só fazendo a escolha certa, Dante — ela falava baixo — eu podia jurar que você estava com outra.

— Você não confia em mim? Que desgraça, Ana! A gente tinha combinado uma coisa e quando eu acordo, você estava namorando o João! De novo! — eu grunhi de raiva, ouvindo o seu risinho.

— Você não tem um histórico muito bom pra eu ter te dado voto de confiança.

— Eu achava que a gente ia ser diferente disso.

— Ah, Dante... Quando tempo você ia levar até enjoar e querer outra?

— Não é sobre isso que eu to falando — eu resmunguei — para de achar que ia ser tudo igual!

— A gente precisa esquecer isso — ela falou, estalando os lábios — eu gosto do João. O que aconteceu com a gente foi momento, mas acabou.

— Ok.

— Ok — ela suspirou — mas foi muito bom — ela falou e eu quase sorri, mas me contive, porque eu estava era com *raiva* dela.

— Olha, Ana, eu não vou perder o meu tempo sendo um palhaço na tua mão, então tchau — eu resmunguei, antes de desligar.

Eu ainda rolei a minha agenda, para procurar alguém e me provar que eu poderia, *sim*, ficar com quem eu quisesse.

Mas eu não queria isso *hoje*.

[...]

O meu mau humor estava perceptível, então ninguém ousava me afrontar. Como quando o meu pai reuniu todos no seu escritório para apresentar uma conta nova e eu avisei que era minha.

Bem, eu avisei que era minha e saí da sala, porque não queria ouvir ninguém contestando.

Peguei um chá no caminho para a minha sala e me sentei, respirando fundo.

— Você tá parecendo uma mocinha de TPM — o João falou ao entrar e eu não me dei o trabalho de responder — faz dias que você tá assim, o que aconteceu?

— Esse calor desgraçado — eu resmunguei.

— Não é o calor se você tá com o ar ligado — ele sorriu fraco, se sentando — não quer desabafar?

Eu não queria e nem *podia* desabafar com ele, porque a minha vontade era passar o dia falando mal da Ana, para aliviar essa raiva.

O meu pai bateu duas vezes na porta, antes de abrir e entrar.

— João, eu preciso dar uma palavrinha com o Dante — ele falou e o João se levantou, saindo da sala.

— Você não pode fazer isso — o meu pai falou, caminhando até a cadeira ao lado da que o João estava sentado.

— Isso o que?

— Dante, se fosse pra entregar todas as contas na sua mão, eu não contrataria outras pessoas — ele falou o óbvio e eu o encarei, quase cerrando os olhos.

— Manda todo mundo fazer e o cliente escolhe — eu falei impaciente.

— Você tá ficando muito competitivo — ele resmungou — você já esta com todas as contas grandes que temos, deixa o pessoal trabalhar, respira um pouco.

— Vou pedir à Ingrid pra fazer comigo — eu falei e o meu pai forçou um riso sarcástico — eles tiveram tempo pra trabalhar enquanto eu estava de férias.

— Você não pode — ele enfatizou — ficar com as meninas da agência. A Madá era ótima pras fotos e nós a perdemos por *sua* causa.

— Eu me demito então — eu falei, me levantando e saí da sala, puxando a porta com força.

Voltei para casa, ignorando a minha mãe que vinha me mostrando algo e me tranquei no quarto. Tomei um banho frio, como se isso fosse mesmo arrancar essa agonia que me dominava e fechei as cortinas, deixando o quarto bem escuro. A minha mãe ainda bateu na porta, mas eu a ignorei.

Desci à noite para o jantar, porque o meu pai havia ligado exigindo.

— O que aconteceu com você? — ele perguntou confuso, quando eu cheguei à cozinha — esse menino pediu demissão hoje, Mari — ele contou à minha mãe, que se sentou à mesa, me olhando de um jeito estranho.

— Você por acaso está enlouquecendo? — ela perguntou docemente e eu deixei escapar um riso.

— Eu só volto a trabalhar na agência se essa regra ridícula de eu não poder me envolver com ninguém acabar.

— Dante — a minha mãe riu — o seu pai *precisa* das meninas que trabalham lá. Não sei se você sabe, mas a Madá pediu demissão.

— E daí?

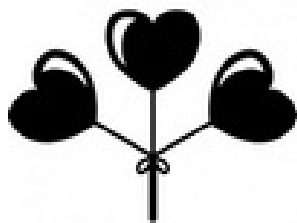
— Você pode ficar em casa e viver de mesada se quiser — o meu pai falou — mas eu não quero você de rolo com as minhas funcionárias.

— Ótimo — eu sorri falso para ele.

— Então eu vou passar a conta pro João — ele falou e eu lhe olhei irritado.

— Dá meu carro pra ele também — eu resmunguei, deixando a mesa, mas voltei furioso, voltando a falar: — dá o Bart também! Entrega tudo o que eu *quero* pro João! Adotem ele!

Peguei a chave do meu carro, minha carteira e vesti uma camiseta, saindo sem dar atenção ao que os meus pais falavam.



CAPÍTULO 12

ANA AGUIAR

— Você devia parar de bancar a babá do Dante — eu falei impaciente, porque o tio Marcelo ligou às nove da noite, pedindo para que o João fosse atrás do Dante, para tentar descobrir o que estava acontecendo com ele. O João terminou de vestir a camisa que eu havia acabado de tirar e riu, vindo até mim para deixar um beijo na minha boca.

— Ele está estranho tem uns dias — o meu namorado falou e eu suspirei — hoje, quando o Marcelo o proibiu de ficar com as meninas da agência, de novo, ele pediu demissão.

— Que mimado — eu fiz uma careta.

— Sem contar, que agora ele pega todas as contas que chegam à agência, não tá dando chance pra ninguém.

— Bom que ele pediu demissão, então — eu falei zombeteira e o João riu, deixando mais um beijo na minha boca antes de sair.

Uma parte muita insana em mim *queria* acreditar que essa fase de rebeldia do Dante era por minha causa. Ele queria disfarçar o sofrimento com a fúria, mas era meio absurdo eu cogitar essa ideia. Sem contar, que ele já estava sendo o Dante de sempre, fazendo birra por ser contrariado.

E eu precisava focar na minha realidade. A menos que a minha intenção fosse ficar solteira, eu não tinha outro motivo para deixar o João. Nós dois funcionávamos muito bem juntos. Eu o amava, eu amava estar com ele e sentir a segurança de tê-lo ao meu lado.

A sensação que eu tinha, era de que eu poderia voar, se eu quisesse, porque se eu caísse, o João estaria ali para me dar amparo. O que eu iria esperar do Dante? Que ele fosse para um bar fazer birra, quando eu o contrariasse?

O meu coração ficava calmo com o João e eu não queria perder tudo o que nós tínhamos para ter sexo bom com o Dante. E por quanto tempo? Ele sempre enjoa das pessoas. E era imaturo, não sabia sequer conversar quando se sentia contrariado.

Eu voltei a ver o filme do início, uma vez que eu e o João não estávamos prestando atenção. Já passava das onze e ele não havia voltado, então eu enviei uma mensagem, perguntando se estava tudo bem.

Quando fui à cozinha para pegar um copo com água, encontrei a sua mãe sentada à mesa, com um chá que pelo cheiro, eu presumi ser de camomila.

— Não quer chá? — ela perguntou e eu indiquei o copo com a água — o João saiu, foi pra onde?

— Encontrar o Dante — eu rolei os olhos.

— Dante é difícil, não é? — ela suspirou — sempre chamando atenção.

— É...

— Ele precisa amadurecer, foi mimado tempo demais — ela negou com a cabeça.

— Nada que supere a canalhice dele com as meninas — eu falei, bufando um riso.

— Isso se conserta com amor — ela falou o que todo mundo falava — que ele encontre alguém que o ame de volta, né?

— É — eu falei — tomara que o João não demore.

— Vocês sendo o grude de sempre — ela falou, deixando escapar um risinho — não pensam em casar?

— Por agora não — eu falei, porque eu e o João fazíamos vários planos, mas sobre o que faríamos no feriado mais próximo ou na casa de quem iríamos dormir. Nunca falamos sobre casamento.

— Estão há tanto tempo juntos, deveriam pensar — ela sugeriu e eu sorri fraco.

— Está querendo expulsá-lo de casa, dona Lúcia? — eu perguntei e ela deu um risinho.

— Não quero imaginar o meu filho longe de casa, mas casal tem dessas né? Uma hora vocês vão formar a família de vocês e eu vou ter que me contentar com os almoços de domingo.

— Vão ser competidos, os almoços de domingo.

— Vocês já passam o natal e o réveillon com os seus pais — ela falou o óbvio e eu dei um risinho.

— Esse ano a gente passa com a senhora — eu falei. Eu achava muito bonita a maneira como o João respeitava os pais. Quero dizer, eu não lidava com a minha mãe dessa maneira. Eu não a chamava de senhora, nem nada. E o Dante era ainda pior, porque ele enfrentava os seus pais.

— Duvido — ela falou enfática e nós ouvimos o barulho do carro do João chegando à garagem.

— Já vou deixar avisado de agora, lá em casa — eu falei para ela, indo para a porta da sala, a abrindo.

O João chegou mexendo no celular e parou a me ver, me sorrindo ao se aproximar.

— Sentiu saudade, foi? — ele perguntou e eu o abracei pela cintura, tombando a cabeça para ele selar os nossos lábios.

— Aham — eu falei, rindo — prometi à sua mãe que vamos passar o natal com ela.

— Convince a sua disso, agora — ele falou, entrando na casa e eu o segui — o que a Ana prometeu ela não pode cumprir, mãe — o João falou para a sua mãe, ao chegar à cozinha.

— Não custa ficar esperançosa — a dona Lúcia falou.

— Eu vou pedir pizza, a senhora vai querer? — ele perguntou, mas ela bebeu o último gole do chá, se levantando.

— Não, eu já vou dormir — ela falou, levando uma mão para o rosto do João, quando ele se aproximou para beijar a sua testa.

— Boa noite, então — ele falou e eu sorri, porque eu iria mesmo trocá-lo pelo Dante?

— Boa noite — ela falou, antes de sair.

Eu me sentei à mesa, enquanto o João pegava o celular, discando o número da pizzaria. Ele veio até mim, parando entre as minhas pernas.

— Vai querer de que?

— Muito queijo — eu falei, o abraçando e ele riu.

— Quatro queijos? — ele perguntou e eu assenti. O João pediu a pizza e colocou o celular sobre a mesa, escorregando as mãos pelo meu cabelo para manter o meu rosto quieto enquanto beijava a minha boca. Eu resfoleguei contra os seus lábios, cedendo ao seu beijo.

— Eu te amo muito — eu falei, como se isso pudesse arrancar a culpa

do que eu e o Dante fizemos e ele assentiu, mordendo o meu lábio inferior — e isso me faz sentir que eu não mereço você.

— Para com isso, amor — ele falou, me analisando e eu assenti — isso passou, já.

— Eu sei — eu reclamei — mas eu ainda me sinto culpada — eu falei, suspirando — eu não devia, foi tão sujo e tão errado. Eu sinceramente não sei o que me deu.

— Você quer me mostrar quem foi o cara? — ele perguntou e o meu coração gelou com o susto da pergunta.

— Não, eu não quero lembrar que esse cara existe — eu falei.

— Tudo bem — ele falou — to ansioso de saudade tua — ele falou e eu passei as minhas mãos em volta do seu corpo, sob a sua blusa.

— Eu também to — eu falei, escorregando as mãos sob a sua calça de moletom, para puxar o seu corpo para mais perto.

— Sabe quem estava com o Dante no bar? — o João perguntou e eu, que trazia uma das minhas mãos para a frente parei, o olhando.

— Você quer mesmo falar do Dante? — eu perguntei fazendo uma careta e ele riu — quem estava lá?

— A Ingrid — ele falou, se divertindo e eu fiz uma carranca. O Dante era um mentiroso, isso sim — eu sabia que o problema dele era resolvido com mulher.

— Ele é nojento — eu disparei — nossa, eu não sei como alguém consegue ficar com ele! Só quem gosta de ser enganada, né?

— Ele devia ir com aviso prévio — o João falou zombeteiro — sirvo só pra diversão — ele fez um gesto como se segurasse uma placa e eu dei um riso nada empolgado, negando com a cabeça.

— Não sei o que essas pessoas veem nele.

— Ainda bem que você não é dessas — o João falou e eu o olhei, engolindo amargo — que cai na conversa furada do Dan.

— Eu não sou burra e eu tenho você — eu falei, um tempo depois, tentando sorrir — teria que ser muito burra, né?

— Eu te amo — o João riu — a pizza chegou — ele falou, quando o interfone tocou.

Eu fui chamar o João Lucas, irmão do João, para comer com a gente e peguei copos e guardanapos quando voltei para a cozinha.

Nós fomos dormir depois de a meia noite e uma força maior e

inexplicável me fez fugir do João quando ele tentou tirar a minha roupa.

Eu virei para o lado, querendo me estapear, porque eu tinha TODOS os motivos do mundo para não pensar no Dante e esquecer o maldito blefe.

Mas eu não podia transar com o meu namorado com pensamentos esdrúxulos de como o Dante era mais intenso.

[...]

Na manhã seguinte o João me deixou em casa antes de ir para o trabalho. Eu me aproximei antes de descer, o beijando.

— Eu tenho uma ideia pra gente — eu falei e ele me olhou confuso — quero dizer, eu acho que nós dois deveríamos fazer algo diferente.

— Diferente?

— É — eu suspirei — no sexo, eu não sei... Fazer algo... Diferente?

— O que você quiser, gostosa — ele falou, mordendo o meu lábio inferior — se precisar de algo, me liga — ele falou, entre alguns beijos que deixava na minha boca — que eu venho correndo.

— Você me mima muito, credo — eu falei — por isso eu fico tão mal acostumada.

— Mas cê tem sorte, hein, Ana — o João falou despretensioso.

— Já vou, que eu quero voltar a dormir.

— Aproveitar os últimos dias de férias — ele falou, rindo — então teremos que lidar com o seu mau humor de todo dia.

— Eu vou melhorar isso — eu prometi.

Eu tentei dormir, mas a agonia da minha fuga na noite anterior estava me consumindo, então eu liguei para a Mayra. Três vezes até ela me atender.

— Porque você tá me ligando essa hora na minha última semana de férias? — ela atendeu com a voz rouca de sono.

— Você pode me ajudar?

— O que você fez, Ana? Não parou na cama do Dante de novo, né?

— Não, que horror! — eu falei incrédula — eu voltei com o João.

— Eu sei, eu estava lá — ela lembrou e eu suspirei.

— Mas toda vez que a gente vai transar, me dá uma coisa e eu fujo dele.

— O que?

— Eu não sei o que me dá — eu grunhi irritada — eu sinto que eu to indigna de fazer isso com ele, depois... Você sabe do que — eu falei mais baixo.

— Você não pode colocar na sua cabeça que só o Dante é bom de cama — ela resmungou.

— O João não merece isso que eu fiz — eu falei incomodada — eu vejo como ele lida com a família, sabe? E como ele é bom pra mim. O Dante pediu demissão quando o pai dele avisou de novo pra ele não se envolver com as meninas da agência. E ele disse que não tinha ficado com a Ingrid, mas o João disse que ela estava com ele ontem no bar.

— Ana, eu fico me perguntando, qual a sua surpresa? Porque você achou mesmo que você — ela enfatizou — mudou o Dante com algumas fodas? Sinceramente, você deveria era ficar com medo de uma pessoa que leva a namorada do melhor amigo pra cama e não sente remorso por isso.

— Eu to com medo de mim, por ter feito isso.

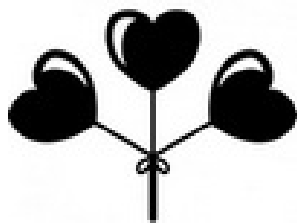
— Você tem que aceitar que se o Dante mudar um dia, não vai ser por sua causa.

— Eu não achei isso — eu fiz uma carranca.

— Você achou o que então? — ela perguntou e eu suspirei — que com você era diferente?

— Não, mas... — eu parei de falar, porque de algum modo eu *acreditei* que por causa do nosso passado, comigo seria diferente — eu só preciso conseguir fazer sexo com o meu namorado, porque eu gostava disso. Eu sugeri algo diferente hoje, mas não sei se consigo...

— O chama pra ir a um motel, bebe algo com ele pra se soltar — ela falou e eu suspirei — mas se nem isso resolver, eu sinto muito, você caiu na conversa fodida do Dante. Tchau — ela desligou e eu fiquei olhando para o celular.



CAPÍTULO 13

DANTE NOVAES

Eu cheguei em casa pouco depois das sete da manhã e passei pelo meu pai na sala, indo para o meu quarto. Entrei no banheiro e tomei um banho, me arrumando para ir trabalhar.

Encontrei a minha mãe na mesa, tomando café e me abaixei para deixar um beijo na sua testa.

— Melhorou o humor? — ela perguntou e eu me sentei.

— Desde que o meu pai queira me deixar separar a vida pessoal do trabalho, eu to ótimo — eu falei e o meu pai chegou à cozinha, se sentando também.

— Desde que você não iluda e largue as minhas funcionárias — ele resmungou — porque você tem que parar de achar que o mundo gira em torno do seu umbigo.

— E eu quero a minha conta nova de volta — eu falei, colocando café em uma xícara, mas o meu pai de um riso.

— Você, o João e o Dilsinho vão fazer.

— Juntos? — eu disparei.

— O cliente vai escolher — o meu pai falou.

— Você já sabe que eu vou ganhar, né? — eu perguntei o óbvio.

— Isso não é uma competição, Dante.

— Não to competindo. Eu só acho que depois da Martinha, eu seja o melhor — eu forcei um sorriso para ele.

— Onde você passou a noite?

— Isso importa? — eu perguntei desinteressado.

Quando cheguei à agência, fui recebido com olhares curiosos, porque eu havia pedido demissão há um dia.

Eu fui até a Ingrid, que estava se servindo com café e passei uma mão em volta da sua cintura, a pegando de surpresa ao selar as nossas bocas.

— Bom dia, amor — eu falei e ela continuou me olhando, porque isso era ir contra a todos os pedidos do meu pai, mas eu não estava nem aí — dormiu bem?

— Você não pode fazer isso — ela falou, mas eu dei um sorriso sorrateiro — o seu pai vai te matar.

— Você liga? — eu perguntei e ela se virou para pegar o copo descartável, de café.

— Eu não posso cair na tua conversa.

— Eu não to jogando conversa furada pra você — eu falei como se fosse o óbvio — você almoça comigo hoje?

— Tenho reunião com uma cliente — ela falou — mas a gente pode se ver mais tarde.

— Vou esperar ansioso — eu falei, deixando outro beijo nos seus lábios, ignorando o olhar reprovador do meu pai, na porta da minha sala.

De algum modo, o meu pai *sabia* que eu não queria ficar próximo do João. Porque não era possível querer me colocar para trabalhar junto com ele justo agora.

E eu não podia simplesmente despejar a raiva que eu sentia dele, uma vez que quem teria motivo para ter raiva era ele. O errado era eu.

No meio da manhã, eu estava na sala dele, quando ele se distraiu no celular e eu fiquei o encarando esperando.

— Larga essa merda — eu resmunguei e ele que ria parou, me olhando — que foi?

— A Ana — ele falou e eu suspirei — cismou que quer ir pra um motel hoje — ele falou e o meu estômago se revirou de raiva.

— Você vai gastar pra levar namorada pra motel? — eu perguntei desdenhoso e ele arqueou as sobrancelhas.

— E eu ia levar quem, se não ela? — ele riu confuso e eu fiz uma carranca.

— Eu não ia gastar pra levar namoradinha pra motel. Namorada eu como em casa — eu resmunguei, mas não era isso, na verdade. Eu não queria que ele ficasse com ela.

— Você é nojento — ele falou, negando com a cabeça — vai ser a primeira vez desde que voltamos, tem que ser especial.

— Ah, me poupa, João — eu disparei incrédulo e irritado — a menina te trai e você ainda quer ser fofo pra ela?

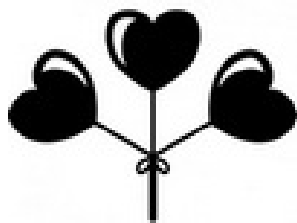
— A gente já resolveu isso — ele falou mais baixo.

— Eu não perdoaria uma coisa dessas.

— Você trai todo mundo, Dante — ele retrucou e eu o encarei.

— Por isso mesmo. Se alguém trai é porque não ama — eu falei e ele ficou quieto.

Aparentemente eu consegui colocar uma pulga atrás da orelha do João, porque ele ficou inquieto e sequer opinava, então eu peguei os papéis e voltei para a minha sala.



CAPÍTULO 14

ANA AGUIAR

Eu estava me sentindo nervosa e ansiosa para encontrar o João. Marcamos às oito horas e era como se essa fosse a nossa primeira vez de verdade.

A minha lingerie era nova e ousada e o vestido era bem decotado. Eu enrolei as pontas do meu cabelo e fiz uma maquiagem leve. Calcei uma sandália alta com o salto fino e passei o perfume que o João preferia, mas quando eu entrei no seu carro, ele estava estranho.

Ele deu partida no carro, mas não me falou nada. Nem o beijo de todos os nossos encontros aconteceu.

— Está tudo bem? — eu perguntei e ele me olhou rapidamente, levando uma mão para a minha perna desnuda — João Pedro...

— Está — ele falou friamente e eu suspirei, colocando uma mão sobre a sua, mas ele tirou a mão, a voltando para o volante.

— Não está — eu falei confusa, mas ele suspirou, não falando nada.

Quando chegamos ao motel, ele pediu a suíte de luxo e pegou a chave do quarto, mas continuava quieto.

Ele fechou o portão ao colocar o carro na garagem e eu entrei no quarto, o vendo trancar a porta ao entrar. Ele foi até o frigobar, pegando uma das cervejas e a abriu, me entregando.

— Aconteceu algo? — eu perguntei, o puxando pela mão, quando ele ia voltando para pegar outra bebida. O João parou, me olhando por um segundo, mas quando ele ameaçou começar a andar eu o segurei mais firme — eu conheço você, está tudo bem? — eu insisti e ele respirou fundo de novo, vindo se sentar

ao meu lado.

— Ana, essa história de você ter ficado com outro cara me veio à cabeça de novo e...

— Eu pensei que isso tinha acabado, já — eu falei confusa.

— Amor, eu tive uma conversa com o Dante e...

— Ah, João, você vai querer ouvir conselho sobre relacionamento do Dante?

— Ele não entende de amor, de compromisso, mas ele sabe sobre traição.

— E o que ele te disse sobre isso? — eu perguntei impaciente e o João olhou para as próprias mãos.

— Amor, a gente tá fazendo certo em voltar?

— O que? — eu disparei incrédula.

— Se você quis ficar com outro cara, você sente mesmo amor por mim?

— Você vai dar crise de insegurança por causa do que o Dante falou? — eu perguntei irritada, me levantando — você acha mesmo que se eu não amasse você, eu teria ido atrás de você pra gente voltar?

— Ana...

— João isso não faz sentido! Eu errei, eu me sinto culpada por isso, mas eu quero ficar com você! Eu amo você!

— Ana... — ele voltou a falar.

— O que o Dante sabe sobre amor, pra querer encher a sua cabeça de paranoia? — eu perguntei e ele levantou, vindo até mim — ou o que? Ele trai todo mundo e por não gostar de ninguém, ele acha que eu não amo você, porque ninguém o ama?

Mais silêncio.

— Você não acredita no meu amor? — eu perguntei indignada — depois de tudo que a gente viveu, um deslize desimportante desses vai ser grande o bastante pra gente não conseguir passar por cima?

— Você tem razão — ele sussurrou — eu quero que a gente tente de novo.

— Eu quero que a gente faça dar certo — eu falei inconformada, me abaixando para pegar a cerveja na cabeceira da cama — a gente vai fazer?

— No que depender de mim...

— De mim, também — eu falei, bebendo um pouco da cerveja — e a gente vai ser desses casais que todo mundo quer ser igual — eu falei e ele deu um risinho, me fazendo sorrir — eu sinto muito por quase ter perdido você.

Nós dois conversamos, bebemos várias cervejas e dançamos as músicas que tocavam. Nos beijamos e reafirmamos o nosso amor, eu precisava acreditar no nosso amor. O real é certo.

Eu afundei uma mão no seu cabelo quando ele me jogou na cama e veio para cima de mim, descendo os beijos pelo meu pescoço, colo e tirou o meu sutiã, beijando o meu seio carinhosamente. Eu emití um gemido fraco e ele apertou o outro seio com a mão, logo o tomando na boca. Eu me apoiei nos antebraços quando o João desceu a boca pela minha barriga, deixando um beijinho no meu sexo sobre a calcinha, antes de puxá-la para baixo, afastando mais as minhas pernas, deixando beijos na minha intimidade, sugando o meu clitóris e a única coisa que se passava pela minha cabeça eram os malditos movimentos certos do Dante.

Eu grunhi frustrada, fazendo um carinho no cabelo dele, escorregando a mão para a sua nuca.

— Amor, assim não — eu falei e ele veio cauteloso, passeando a língua no meu sexo e eu gemi. Eu corri as unhas suavemente no seu cabelo e ele afundou a língua em mim, brincando em minha entrada e eu afastei um pouquinho mais as pernas, puxando o seu cabelo e encaixando a sua boca no meu clitóris — assim — eu gemi lamentosamente, quando ele pressionou a língua ali, do jeito que eu queria. Ele parou um segundo para me olhar e abocanhou o meu sexo de uma maneira sedenta e muito gostosa, me arrancando um gemido mais alto, mas eu o puxei, o beijando.

— Eu te amo — eu sussurrei, nos virando na cama, ficando sobre ele e puxei a sua cueca para baixo, tomando o seu membro na minha mão. Eu fechei os olhos ao colocar o seu membro na minha boca, ouvindo o seu gemido de satisfação. Por um segundo, a minha mente vagou para o Dante, mas eu me concentrei onde eu estava, porque era onde eu devia e queria estar.

Quando o João ficou ansioso e passou a investir na minha boca eu parei, montando no seu colo, segurando o seu membro e descendo nele devagar, gemendo junto com ele, que juntou as nossas bocas num beijo complementar descontraído.

Eu peguei a cerveja que estava atrás dele, bebendo um pouco e o fazendo beber junto comigo, colocando a lata de volta na cabeceira da cama e nos olhei no espelho na parede ao lado, afundando uma mão no seu cabelo enquanto eu me movia, nos vendo ali, conectados e sabendo que era isso que me faria feliz e despreocupada.

Quando eu fechei os olhos e joguei a cabeça para trás, as cenas do meu maldito erro tomaram conta da minha cabeça e eu fui mais rápido, gemendo alto enquanto os nossos corpos se chocavam.

— Você tá tão molhada, amor — o João gemeu — que saudade eu sentia disso — ele sussurrou e eu o olhei, não tendo tempo de pensar, quando ele nos virou na cama, voltando a me penetrar. Eu o olhei, levando as mãos para o seu rosto e ele olhou os nossos sexos se unindo, apertando os lábios. Eu o puxei, o fazendo cair sobre o meu corpo e ele afundou o rosto no meu pescoço, então eu o abracei, nos olhando através do espelho. Eu forcei contrações no seu membro e ele gemeu fraco contra o meu pescoço.

— João — eu o chamei e ele ergueu o rosto. Os seus movimentos pararam e eu ergui o corpo para beijá-lo — vai — eu sussurrei e ele voltou a ir e vir, mas parou, me virando de costas para ele, segurando a minha perna para me penetrar e levou a mão para o meu clitóris.

Eu precisei espantar os pensamentos que me levavam para longe daqui e levei a mão sobre a dele, guiando os seus movimentos.

— Oh, Ana — ele gemeu, quando eu mordi o seu braço ficando refém do meu orgasmo.

— Eu vou gozar — eu falei agoniada, não soltando a sua mão que me estimulava.

— Eu também — ele arfou, gemendo com força.

Eu estremeci, enquanto ele me abraçou, passeando uma mão pelo meu corpo, dando um tapa fraco na minha bunda.

— Gostosa — ele falou, voltando a passear a mão suavemente pelo meu corpo e eu me virei de frente para ele.

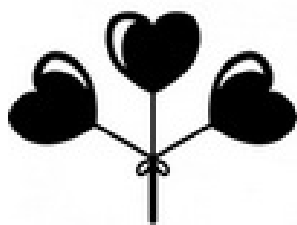
— Você que é — eu reclamei, beijando a sua boca.

— Eu estava receoso — ele falou e eu franzi o cenho, confusa — você ficou com outro cara, isso muda a sua percepção sobre nós dois.

— Mas eu te amo, isso te deixa em vantagem, sempre.

— Você estava mais independente — ele sugeriu — me guiando...
— Isso é ruim? — eu perguntei confusa e ele deu um riso.
— Não, amor. Eu to aqui pra te dar amor e prazer.
— Sorte a minha — eu suspirei — não por eu ter ficado com outro cara, mas por ter escutado conversas das minhas amigas, eu acho que a gente pode avançar em alguns pontos.
— Sempre — ele falou solenemente.
— Coisas que eu tinha vergonha, mas que a gente *devia* tentar.
— O que você quiser, como você quiser.
— Ai, João, assim eu fico intimidada — eu reclamei, mas nós rimos.
— Meu amor, eu tenho maior tesão do mundo em você. O que você me sugerir eu vou fazer.
— E se eu quiser um ménage? — eu falei e ele abriu mais os olhos, me olhando surpreso, mas eu ri.
— Você não brinca com um fetiche desses.
— Você não faria?
— Você não faria, eu acho — ele falou, rindo — faria?
— Você já?
— Não, Ana. Mas eu não conheço alguém que não fantasie isso.
— Eu não teria coragem, mas eu to falando de nós dois. A gente pode se testar mais, você não acha?
— Acho — ele franziu o cenho, sorrindo — posso te testar, então? Avançar algumas casas?
— Seria *bom* — eu falei despretentiosa, me aproximando para beijá-lo.
— Então na próxima vez, daqui uma meia hora, você vai chorar de prazer e se perguntar por que nunca fizemos isso antes.
— Olha lá... — eu falei presunçosa — pra você não me prometer o que não vai cumprir.

[...]



CAPÍTULO 15

DANTE NOVAES

Eu cheguei ao escritório na quarta-feira junto com a Ingrid. Eu sabia que o pessoal da firma estava comentando sobre nós ou apostando até onde iria, mas ela gostava do que eu fazia para ela. Do que eu dizia. E era disso que eu gostava: dominar. Me sentir amado. Não da Ana. Ela não me dava segurança, era só dor de cabeça. Isso porque o nosso caso durou uma semana, dessa vez.

Eu ignorei os olhares por nós dois chegarmos de mãos dadas. Eu cumprimentei quem falou comigo e a deixei na porta da sua sala, a beijando antes de seguir o meu caminho.

— Você é patético — o João falou ao entrar, mas ele carregava um sorriso idiota e eu lhe encarei — iludindo a menina... O pessoal está falando de vocês... — ele falou, vindo se sentar.

— Pelo menos eu não sou corno — eu falei e o seu sorriso foi embora, o fazendo me cerrar os olhos — eu to brincando, cara.

— Já disse que eu e a Ana resolvemos isso — ele falou e eu suspirei.

— Você já conseguiu o casal pra nossa campanha? — eu falei — porque eu não quero em hipótese alguma perder pro Dilsinho, aquele banana.

— Isso não é competição, Dante — o João falou enfático — e o Dilsinho não é seu concorrente, ele é da empresa.

— Mas a porcentagem fica pra nós, se a campanha for nossa.

— Você precisa mesmo de dinheiro? — ele perguntou sarcástico e eu notei uma marca de mordida no seu braço. Eu olhei com estranheza, notando que havia marca no seu pescoço e um arranhão no seu rosto.

— O que fizeram com você? — eu perguntei com um careta, temendo a resposta. Na verdade, se eu soubesse o que viria a seguir, teria ficado quieto.

— Eu e a Ana estamos... Nos conhecendo melhor — ele riu — testando alguns limites.

— O que? — eu disparei.

— Ela sempre foi meio tímida, mas agora está aberta a coisas novas. Sinceramente? Eu sempre gostei de sexo com a minha namorada, mas essa noite foi sem condições, cara — ele sorriu fraco e eu fiz uma careta.

— Ela se testa com outro cara e você acha isso bom? — eu perguntei irritado, com uma vontade de despejar que era eu, só pra acabar com essa festa da Ana, mas eu me contive.

— Ela ficou quantas vezes com esse cara? Duas, três? Eu escolhi tentar de novo ou como ela disse: fazer dar certo. Eu sei do erro dela e eu quis perdoar. Se eu fiz certo, só o tempo vai dizer.

— Pra mim isso foi burrice. A Ana é uma mimada, isso sim.

— Muito diferente de você — ele zombou — o cara que pediu demissão e fez drama pra poder transar com a colega de trabalho.

— E eu duvido que ela fique com outro enquanto estiver comigo — eu sorri falso para ele.

A semana passou corriqueira, excetuando o fato de eu estar com a Ingrid e o trabalho com ela se tornar mais interessante. E o fato de o João estar igual um idiota. Tão patético que eu poderia jurar que ele era virgem.

Isso reascendia a minha raiva pela Ana, porque além de virar a *puta* que o namorado queria ter na cama, ela estava me perseguindo nos sonhos. Eu podia fantasiar as nossas cenas e senti-la gozando no meu pau, gemendo no meu ouvido, me arranhando e querendo mais.

Enquanto isso, na realidade, depois de enganar o João ela estava fazendo isso para ele.

No domingo, eu não queria encontrar essas famílias malditas para o almoço, mas a minha mãe fez um chique feio e eu me senti obrigado a ir.

— Porque você tá com raiva dela? — a minha mãe me perguntou confusa.

— Porque ela traiu o João — eu falei alto o suficiente para a Ana ouvir, mas ela me lançou um olhar feio.

— Culpa sua que me chamou pra aquela festa — ela retrucou.

— Eu nem com você to falando, garota — eu falei desdenhoso e ela fez uma carranca, saindo da sala.

Depois do almoço, os nossos pais foram para o quintal da casa, para jogar buraco, mas como eu e a Ana não estávamos nos falando, não formamos uma dupla para competir com eles.

Eu fui obrigado a ajudar a Ana arrumar a cozinha, mas ela me empurrava a louça para secar de uma maneira estúpida, o que me fazia crer que se ela pudesse, me enfiaria cada uma goela a baixo.

Eu estava na sala vendo TV, porque não queria voltar andando para casa, quando ela passou, subindo e eu fui atrás, entrando no seu quarto antes que ela fechasse a porta.

— O que você veio fazer aqui? — ela perguntou impaciente e eu dei um sorriso presunçoso.

— Eu soube que depois de mim, você quis ensinar o seu namorado a foder — eu falei e ela parou, me olhando incrédula.

— Você tá com inveja, é isso?

— Inveja, Ana? — eu perguntei sarcástico — eu me garanto.

— Você é nojento — ela falou e eu dei um risinho, me aproximando dela — fica longe de mim!

— Tá com medo? Acha que não consegue resistir?

— Você se acha muito irresistível, não é? Você é patético!

— A sua respiração muda quando eu chego perto — eu falei, fechando o espaço entre nós e ela arfou, me olhando furiosa — eu aposto que você sente falta de tudo o que a gente vez.

— Não — ela engasgou, quando eu escorreguei a mão pelo seu cabelo — Dante, é sério...

— Você quer que eu pare?

— Quero — ela sussurrou, descendo o olhar para minha boca — por favor, é sério...

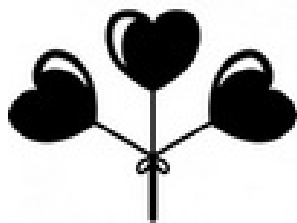
— Eu sinto tanta raiva por você ter duvidado da gente — eu falei, aproximando o meu rosto do seu e ela resfolegou, me olhando nos olhos — eu nunca encontrei alguém que se encaixava tanto como a gente.

— Para com isso, por favor — ela falou mais baixo — eu fiz uma escolha, eu to feliz assim.

— Tem certeza?

— Tenho — ela falou mais firme, respirando fundo — eu amo o João, você precisa entender isso. O que a gente viveu foi bom também, mas foi errado e eu não quero continuar.

— Você que sabe — eu resmunguei, saindo do quarto e puxei a porta, que bateu.



CAPÍTULO 16

ANA AGUIAR

— Ai, que susto — eu falei, levando a mão para o peito quando o João entrou no quarto — você chegou agora?

— Cheguei a tempo de ver o Dante indo embora furioso.

— Ele é louco — eu falei confusa, me sentando na cama.

— Não sei o que deu nele. No máximo ele queria o amigo solteiro pra galinhar com ele por aí.

— Você queria isso? — eu perguntei desconfiada.

— Não, amor — ele riu, indo fechar as cortinas — eu gosto de ser de uma mulher só.

— Fofinho — eu falei e ele veio deitar na cama comigo.

O João ainda colocou um filme, mas eu me aconcheguei ao seu corpo e acabei pegando no sono.

[...]

Na segunda-feira, eu fui até a loja da Mayra, porque desde que eu segui o seu conselho sobre o João, eu não havia a visto.

— Eu não sabia que você e o Felipe estavam se vendo com tanta frequência — eu falei, porque ela havia acabado de receber um buquê. Ela pegou o cartão, sorrindo.

— Daqueles meninos, ele é o menos pior, né?

— É, eu acho. Mas todos eles são bem bonitos.

— E você e o João? Você sumiu... — ela falou, cheirando o cartão — porque eles colocam o perfume, hein? Vou ficar cheirando isso como uma apaixonada.

— Você está — eu sugeri e ela me olhou.

— Talvez... — ela fez um beijo, como se ponderasse — mas eu não vou entregar tudo pra ele de bandeja. Quero dizer, os meus sentimentos, porque o resto já foi — ela falou e nós rimos — e como foi? Você conseguiu transar com o namorado?

— Sim — eu suspirei.

— Sim — ela suspirou, me imitando — não é bom, Ana.

— Na primeira vez, você acredita que a minha mente vagava sozinha para os meus momentos com o Dante? — eu falei mais baixo o nome dele e ela me encarou, negando com a cabeça — mas depois nós conversamos e foi muito gostoso.

— Você não está gostando dele, está?

— Do João? Mas é claro que eu to! Eu o amo — eu falei confusa.

— Não se faça de sonsa, Ana. Eu to falando do Dante — a Mayra resmungou e eu a olhei.

— Eu não consigo pensar na possibilidade de perder o João.

— Mas está apaixonada pelo Dante? — ela perguntou e eu suspirei.

— Eu me recuso.

— Ana... — ela insistiu e eu corri as mãos no rosto.

— Não acho que eu esteja apaixonada — eu resmunguei — mas ele veio e fez tudo diferente. No sexo — eu falei mais baixo — e isso me deixou curiosa... Atraída. Ontem ele entrou no meu quarto e falou umas coisas, eu juro que eu não quero acreditar, mas eu meio que gosto de ouvir isso.

— Você quer trocar o seu amor pelo seu ego? Ou você tá só se enganando sobre amar o João?

Eu tive a sorte de entrar uma mulher olhando os vestidos da vitrine e ela foi atender. Aproveitei a desculpa para fugir e não responder. Eu não estava me enganando, eu só havia ficado confusa.

Não seria ingênua para trocar tudo e ser a *diversão* que o Dante queria que eu fosse.

Voltei andando para casa, mas como passei em frente à empresa do tio Marcelo, acabei enviando uma mensagem para o João e ele pediu para que eu fosse vê-lo.

— Aqui não é lugar pra namorar — o Dante falou quando eu entrei na sala de reunião, onde estavam o seu pai, ele, o João e o ruivo, que se eu não me engano se chamava Dílson.

— Eu só vim dar um oi — eu sorri, fazendo um carinho no cabelo do João.

— Quando você vai largar aquele escritório e vir pra cá? — o tio Marcelo perguntou, porque eu estava de férias, mas ficava no escritório de uma amiga da faculdade, onde o foco era todo virtual.

— Ela tá na metade do curso, não tem nada pra fazer aqui — o Dante resmungou e eu o olhei.

— Eu gosto de onde estou, tio — eu falei.

— Ótimo — o Dante resmungou — estamos ocupados, você já pode ir — ele continuou e o João se levantou.

— Vou te levar até lá em baixo — ele falou. Eu acenei para os três que ficaram e saí com o João — me desculpa o Dante, ele está complicado esses dias. Tratando todo mundo mal.

— Ele é muito mimado — eu reclamei.

— Eu suponho que ele não conseguiu algo e tá frustrado — o João falou, parando no corredor do prédio e me puxou, me encostando à parede.

Eu grunhi quando ele começou o beijo, deixando as mãos na minha cintura e eu segurei o seu rosto. Quando nós intensificamos o nosso momento, ele juntou mais os nossos corpos, mas encerrou o beijo e deu um risinho.

— Preciso voltar — ele sussurrou, mas eu o beijei outra vez. Era nesses momentos que eu reafirmava estar no lugar e com a pessoa certa.

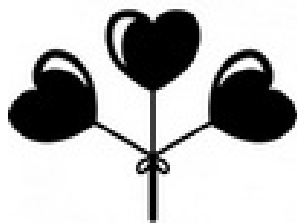
— Vai lá — eu falei, fazendo um carinho no seu rosto.

— Quer ir com o meu carro? — ele perguntou — evitar esse sol.

— Ai, quero — eu fiz uma careta — quando você sair, me avisa que eu venho te buscar.

— Tá.

O João ainda foi comigo até a rua, então eu entrei no seu carro e voltei para casa.



CAPÍTULO 17

DANTE NOVAES

— Você não precisava tratar a menina desse jeito — o meu pai falou, mas eu fingi ignorar — você vive com a Ingrid pela empresa e ninguém fica te falando algo.

— A Ana não trabalha aqui — eu resmunguei — não sei o que ela queria vindo aqui.

— Ela namora o João — o meu pai lembrou e eu o olhei — ela namora o João, se eu posso me lembrar, há vários anos e ela sempre veio aqui.

— E daí? Isso não muda o fato de que ela o traiu — eu reforcei, irritado.

— Isso é mesmo da tua conta, Dante? — o meu pai perguntou e o Dilsinho deu um riso, parando com o meu olhar furioso.

— Ele é meu amigo, então é.

— Cadê a tua conversa de querer ser perdoado pelos deslizes? — o meu pai zombou — não entendo você, sinceramente — ele falou e o João voltou, com o lábio sujo do batom rosa da Ana. Eu fiz uma carraca ao ver e o meu pai voltou a me olhar.

— Já pode continuar — eu falei, mas ele não conteve o sorrisinho e negou com a cabeça.

— Eu quero juntar as ideias de vocês — o meu pai começou a falar.

[...]

À tarde foi produtiva e eu voltei para casa com o meu pai. Eu estava distraído no meu celular, enquanto o sinal estava fechado, quando ele começou a falar:

— Eu sempre achei que fosse loucura da sua mãe, mas por um acaso você e a Ana fizeram algo? — ele perguntou e o meu celular pareceu voar da

minha mão, caindo nos meus pés.

— Pirou? — eu perguntei, puxando o aparelho com o pé para conseguir pegá-lo.

— Você estava todo a favor da Ana voltar com o João, de repente, está aí frustrado com tudo e usando o termo corno manso pra falar do João.

— Porque ele foi corno manso — eu repliquei o óbvio.

— Não foi isso, Dante — o meu pai estalou os lábios, negando com a cabeça — você sabe que não foi.

Eu não dei atenção para que essa conversa maldita não rendesse e foquei na direção.

Em casa, à noite, nós pedimos pizza para o jantar e eu saí quando os meus pais foram para o quarto. Acabei indo encontrar a menina que causou o meu término com a Madalena, porque bem, agora eu estava literalmente solteiro e desimpedido.

— Achei que não fosse cumprir a tua promessa — ela falou, ao sair da casa e vir até mim. Eu dei um sorriso, a puxando pela cintura e ela levou as mãos para os meus ombros.

— Eu vou amar você a noite toda, *hoje* — eu sussurrei a última palavra e ela sorriu, deixando que eu a beijasse.

[...]

Eu estava deitado na cama do motel, quando a Rafaela foi até o frigobar, para pegar uma água. Ela estava enrolada no lençol e voltou para a cama, se sentando ao meio dela. Quando ela bebeu um pouco da água, me entregou a garrafa e eu me sentei, bebendo um gole.

— A Mayra me contou que você e a Ana ficaram — ela disparou e eu engasguei com a água — eu não quis assustar você, eu sei que é segredo — ela falou mais baixo enquanto eu tentava parar de tossir.

— Ei, eu não fiquei com ela — eu falei confuso — Mayra tá inventando coisa.

— Bem, a May não é do tipo que inventa coisas — ela rolou os olhos — você não tem que mentir pra mim.

— Eu não to mentindo pra você — eu falei ainda meio engasgado, mas respirei fundo, conseguindo parar.

— Tá sim — ela sorriu.

— Eu e a Ana ficamos no passado — eu falei o que parecia coerente agora — antes de ela começar a namorar o João.

— O que?

— Quando a gente era mais novo, mas não teve importância.

— É sério? — ela fez uma careta e eu assenti, me aproximando para roubar um beijo — porque a May iria inventar isso?

— Pra você ficar longe de mim? — eu sugeri, porque a Mayra era, sem dúvidas, a amiga responsável que toda mulher tinha. E na teoria dela, eu era o tipo que todas deveriam ficar longe. Não é a toa que eu nunca consegui ficar com ela.

— Algo em mim me alertou pra ficar longe de você — ela riu, mas eu a puxei para mais perto, a fazendo ficar de frente no meu colo.

— Se arrependeu de ter escutado o seu lado certo? — eu perguntei, deixando um beijinho no se ombro e ela sorriu.

— O lado certo... Ah, tá! — ela riu e eu deixei um beijo no seu queixo.

— Você não está gostando disso aqui? — eu perguntei, roçando os nossos lábios e ela segurou o meu rosto, mordendo o meu lábio inferior.

— Isso aqui não vai rolar de novo — ela falou e eu franzi o cenho, confuso.

— Foi tão bom...

— Mas você tem potencial pra me deixar apaixonada, eu não posso correr esse risco — ela falou, se divertindo e eu sorri.

— Eu posso me apaixonar também — eu sugeri, porque ela mais forte do que eu.

— Sei... — ela falou receosa e eu puxei o lençol.

Quando estávamos indo embora, passando em frente a um bar, vimos a Ana e a Mayra. Eu estranhei, porque era uma segunda-feira e já passava das onze da noite. Fato é que o meu instinto pirracento gritou em mim e eu não consegui e nem quis segurá-lo.

— Quer descer pra falar com elas? — eu perguntei e a Rafa me olhou.

— Não posso demorar — ela falou e eu estacionei o meu carro.

Ela estava indo na frente, mas eu a puxei, entrelaçando as nossas mãos. A Rafaela cumprimentou a Mayra e acenou para a Ana, que retribuiu.

— Tomem uma com a gente — a Mayra falou e a Ana a encarou.

— Quer ficar, meu bem? — eu perguntei para a Rafa, que sorriu,

assentindo.

— O João chegou — a Ana falou, suspirando e eu respirei fundo, me sentando.

O João me lançou um olhar abominando eu já estar com outra, mas eu acenei para ele.

— Você está muito saidinha, mocinha — ele falou para a namorada — me induzindo a beber em plena segunda.

— Pra relaxar, amor — ela falou e o João puxou uma cadeira.

O Garçon trouxe outra bebida e mais copos. Nós ainda ficamos ali, mas eu e a Ana trocávamos farpas nítidas, então o João a levou embora.

A Rafa foi ao banheiro e eu bebia um longo gole da minha cerveja, quando notei o olhar de julgamento da Mayra.

— O que foi? — eu perguntei desentendido.

— Você não vai negar na minha cara, né?

— Do que você tá falando, May?

— Você sabe do que... — ela resmungou — e acho patética a maneira como você está frustrado com ela, pelo simples fato de ela ter sido um pouco mais esperta que todas as outras.

— Eu estava disposto a ser diferente e ela voltou com o João — eu falei — eu não teria medo de contar pra todo mundo e ela voltou com o João.

— Ela escolheu o certo, Dante — ela falou malevolente.

— Eu não vou ficar falando de como eu queria, porque você não acredita em mim.

— Olha como você prova que quer alguém — ela falou, olhando para a Rafa, que voltava do banheiro.

Quando a cerveja acabou, eu paguei a conta e nós fomos embora.

Na manhã seguinte, quando eu cheguei à agência e fui cumprimentar a Ingrid com o costumeiro beijo de todo dia, ela me rejeitou e foi furiosa para a sua sala. Eu dei um riso, porque era esse tipo de problema que eu queria ter com mulher. Não a Ana.

Eu estava passando pelo escritório com um copo de café, quando a

Karol levava um montante de papéis para a sala da Ingrid e eu peguei dela, entregando o meu copo.

— Eu levo — eu falei, chegando à sala.

— Você pode sair da minha sala? — ela perguntou e eu dei um sorriso, colocando os papéis sobre a mesa, apoiando as mãos nela — eu não sei por que, mas esse seu cinismo me irrita!

— Aconteceu algo? — eu perguntei e ela forçou um riso sarcástico.

— Você é muito cara de pau...

— Eu fiz algo errado pra você? — eu perguntei e ela se levantou, mas quando passou por mim, eu a puxei — hum?

— Você não fez nada errado, Dante! — ela falou impaciente — errado fiz eu, de cair na tua conversa!

— Me diz o que eu posso consertar — eu falei, escorregando uma mão pelo seu cabelo e ela deu um riso, tentando se afastar, mas eu a puxei de volta, a deixando ainda mais perto — que eu faço.

— Quero só que você saia daqui — ela falou irritada.

— Isso eu não posso fazer — eu lamentei e ela chegou a rir — mas um beijo eu posso — eu prometi e ela fez uma carranca, mas deixou que eu a beijasse.

A fúria da Ingrid comigo piorou quando o meu pai convenceu a Madá a voltar para uma campanha e eu fui lá falar com ela.

— A gente podia sair pra jantar qualquer dia desses — eu falei, enquanto caminhávamos para fora do prédio — não se termina um namoro do jeito que você fez.

— Não se trai alguém do jeito que você fez, também — ela apertou os lábios num sorriso.

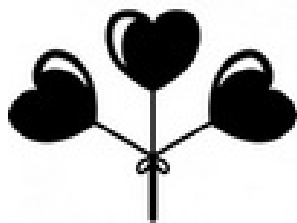
— Eu sei... Só preciso de uma chance pra me desculpar — eu falei — eu me arrependo, Madá. Estava curtindo a gente, de verdade.

— Outro dia, a gente se fala — ela falou, suspirando.

— Eu te ligo.

— Tudo bem — ela falou, parando e suspirou — até outro dia, então.

— Até — eu falei, a puxando para um abraço. Nós nos encaramos quando nos afastamos, mas eu deixei um beijo na sua testa.



CAPÍTULO 18

Me envolver com três mulheres ao mesmo tempo me tirava o foco da Ana. Isso arrancava o meu estresse.

Somava o trabalho, o tempo tomado por elas, o Bart e pronto, eu não tinha tempo para pensar em como ela não pensou em jogar o nosso lance pro alto e voltar com o João.

— Como você vai decidir quem vai levar pra festa com você? — o João perguntou ao entrar na minha sala e eu o olhei, rindo.

— A Madalena, óbvio — eu falei — porque a Rafa já disse que vai sozinha — fingi um lamento — e a Ingrid, eu acho que, se pudesse, me enterrava vivo hoje.

— Como você consegue? Me diz! — o João falou enfático, vindo se sentar e eu dei de ombros.

— Eu me divirto com elas.

— Quando você amar alguém de verdade, vai ver como é melhor.

— Não to a fim de amar ninguém de verdade por esses tempos — eu neguei com a cabeça.

— O seu pai disse que se você não fosse tão assim iria terminar a campanha comigo.

— Eu já sabia — eu reclamei.

— Se você fosse menos galinha, iria, eu aposto.

— E quem vai confiar que você não vai dar em cima das meninas? — eu perguntei sarcástico, mas o João riu.

— Eu gosto de ser fiel — ele falou.

— Não sabe o tanto de mulher que perde por isso.

— Não vim ao mundo pra colecionar mulher, Dan — ele zombou — to satisfeito com a minha Ana.

— Claro — eu resmunguei — a Ana vai com você?

— Não, ela vai pra essa festa com a Mayra.

— Vai deixar ela sair com a Mayra? — eu perguntei, mas ele deu um riso.

— Eu confio na Ana. Não a deixaria ir com você.

— Eu não tive culpa, cara — eu falei, erguendo as mãos, mesmo que o único culpado fosse eu. Quero dizer, eu e a Ana, mas eu *precisava* deixar essa história para trás.

[...]

À noite eu fui com a Madalena para a tal festa. Lá, a primeira coisa que eu notei foi a Rafaela com outro cara. Ela acenou cinicamente para mim, que cerrei os olhos e levei um beliscão de unha da Madá.

— Que isso, amor? — eu reclamei, levando a mão para o braço.

— A Ana está ali com a May, vamos lá — ela falou, me puxando para uma barraca de bebidas quentes, onde as meninas estavam.

— Me esperem! — a Madalena falou, correndo até elas, antes que elas virassem a dose da bebida.

— Cuidado, Ana — eu falei ao me aproximar e ela me olhou, semicerrando os olhos — pra não beber e trair teu namorado de novo.

— Vai à merda, Dante — ela resmungou, pegando o limão de volta.

Eu encontrei alguns amigos, mas a Madalena estava mais interessada em se divertir com as amigas.

Por um momento, no intervalo de uma banda para a outra, eu vi a Ana sozinha pegando outra bebida e quis ir até ela, mas a Madalena chegou, já querendo ir embora.

— Uma e meia da manhã, Madá — eu reclamei, porque odiava essa sua mania de querer ir embora cedo dos lugares.

— Eu to cansada — ela fez uma careta, me abraçando pela cintura.

— Eu vou te levar e volto — eu falei e ela suspirou, assentindo.

— Vou só avisar às meninas que já vou — ela falou, se afastando.

— Você vai querer ir pra minha casa ou pra sua? — eu perguntei, enquanto caminhávamos para o carro.

— A sua mãe sabe que estamos juntos? — ela perguntou confusa e eu dei de ombros.

— Ela gosta de você — eu falei, mesmo que a minha mãe gostasse de

todo mundo — isso que importa.

— Você levou alguém pra sua casa esse tempo?

— Um mês que a gente ficou separado — eu falei incrédulo — você acha que é fácil? Que eu iria levar?

— Dante, menos — ela fez um gesto com a mão, se encostando ao meu carro no estacionamento, me puxando — eu to fazendo a coisa certa? — ela perguntou e eu fiz um carinho no seu rosto, deixando um beijo suave nos seus lábios.

— Você acha que está? — eu perguntei e ela inclinou o rosto para o lado.

— Não sei... Você quer voltar a namorar?

— Com você, eu quero — eu falei e ela deu um risinho — eu gosto da gente junto.

— Ai de você, se eu descobrir algo — ela falou e eu destravei o carro.

Eu a deixei na sua casa e marcamos um almoço para o dia seguinte.

Quando eu voltei para a festa, ao chegar, avistei a Ana, se mexendo no ritmo da música enquanto mexia no celular. Eu deveria ter ido para onde os meus amigos estavam, mas uma faísca maldita me induziu a ir até ela.

— Olha, Dante, eu odeio você — ela falou a me notar tão perto e eu sorri.

— Mentira, Ana — eu reclamei e ela levou uma mão para o meu ombro, se apoiando para tirar as sandálias muito altas.

— Eu não sei por que eu nasci pequena — ela resmungou me entregando as sandálias — por favor, não perde — ela falou meio embriagada, para não dizer muito e olhou para o celular — se você perder, você vai me dar outro — ela falou minuciosa, deixado o celular comigo também e saiu andando descalça, parando numa das barracas para pegar outra bebida.

Eu suspirei, guardando o celular dela no meu bolso e voltei para deixar a sua sandália no meu carro.

Quando encontrei o pessoal, a Ana estava lá, junto com a Mayra e as duas estavam enchendo os copos com mais vodca. A Ana me analisou ao me notar, mas franziu o cenho, vindo até mim.

— O que você fez com a minha sandália? — ela perguntou incrédula.

— Guardei — eu falei para ela.
— Se sumir você vai me dar outra.
— Tá bom — eu falei e ela voltou para a amiga. Logo as duas sumiram e quando voltaram, a Ana bebia água.

Ela estava animada e eu não *conseguia* deixar de olhar, lamentando muito não poder ir até ela, para que pudéssemos curtir juntos, essa noite.

Já passava das quatro da manhã, quando a Ana e a Mayra vieram até mim.

— Você vai levar a gente embora — a May falou, fazendo um coque no cabelo — porque eu me RECUSO — ela gritou — a ir embora com o Felipe — ela continuou e eu olhei para o cara, que enchia o copo com o que restava na garrafa de vodca.

— Tá bom.

— Aí você me devolve a minha sandália — a Ana falou, olhando para os pés — nunca vi meu pé tão sujo.

— Vamos — a May falou.

No percurso da saída da festa até o estacionamento, a Mayra foi *sequestrada*. Aí alguém me diz: é ou não é destino?

Eu contive a vontade de empurrar a Ana contra o meu carro e beijá-la porque havia muitos conhecidos e eu não poderia chutar o balde dessa maneira. Não depois de ter voltado com a Madalena e a Ana sempre preferir o João.

Abri a porta do carro para a Ana, que entrou, mas quando eu ia fechando, ela me puxou, me olhando assustada.

— O que é isso? — eu perguntei, ficando nervoso e eu não gostava de sentir isso.

— Eu não sei — ela sussurrou, segurando a barra da minha blusa e me forçou a abaixar, levando uma mão para a lateral do meu rosto, me analisando e passeando o polegar pela minha boca — você é tão bonito e eu te odeio tanto.

— Então me beija — eu disparei, quase implorando e ela deu um risinho.

— Eu não posso fazer isso — ela falou, me matando aos poucos enquanto contornava os meus lábios, voltando a fazer um carinho no meu rosto

— mas eu queria tanto...

— Ana, por favor — e pronto, eu que sempre fiz todo mundo me pedir estava pedindo por ela.

— Eu fico tendo sonhos com a gente, isso é muito ruim — ela lamentou e eu arfei, beijando a palma da sua mão e ela voltou a acarinhar o meu rosto, escorregando uma mão pelo meu cabelo.

— Eu não aguento mais isso — eu disparei e ela me olhou.

— Dante? — uma voz feminina perguntou e eu me levantei para olhar.

Eu não me lembrava do nome dela, mas era amiga da Madalena.

— Oi — eu pigarreei.

— Está com a Madá?

— A deixei em casa mais cedo — eu falei, coçando a nuca.

— E você está com quem aí? — ela perguntou desconfiada.

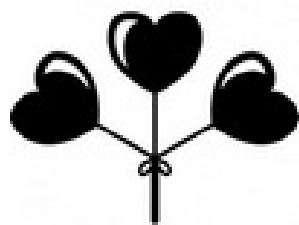
— Uma amiga — eu disparei — se puder, não comenta nada com a Madá...

— Estranho — ela franziu o cenho, mas saiu andando. Eu dei a volta no carro, vendo que a Ana havia ligado o som. Eu coloquei a chave na ignição, mas ouvi o seu riso e a olhei, que tinha o corpo encostado ao banco.

— Você me faz ter vontade de fazer tudo errado — ela suspirou piscando devagar e eu por impulso me aproximei mais dela.

— Eu sinto a mesma vontade — eu falei e ela levou uma mão para o meu rosto, como se me impedisse de aproximar — só não acho que seja errado.

— Mas é errado — ela falou mais baixo, deixando que eu beijasse a sua boca, mas eu o fiz carinhosamente, sentindo um arrepio na alma, porque poderia um beijo ser tão bom? — a gente vai se arrepender tanto disso — ela sussurrou e eu voltei a beijá-la.



CAPÍTULO 19

ANA AGUIAR

Nós não tínhamos a opção de ir para casa. Quero dizer, nós deveríamos ter ido pra casa, mas acabamos num motel.

Tocavam músicas românticas num volume ambiente e a luz era baixa. Eu me senti nervosa quando o Dante fechou a porta e veio até mim, me puxando pela cintura, porque a ideia de vir pra cá foi *minha*. Como tudo de errado que nós fizemos.

Eu passei os meus braços em volta do seu pescoço, o beijando devagar.

— Eu posso jogar a culpa na bebida? — eu perguntei o olhando e ele deu aquele sorriso sorrateiro maldito.

— Pode — ele falou mais baixo.

— Preciso de um banho, eu to imunda — eu reclamei e ele riu, nos guiando para o banheiro. Eu tirei a minha roupa, ligando o chuveiro e parei, o olhando.

— Você não vem? — eu perguntei e ele hesitou, mas tirou a roupa e os sapatos, entrando no box comigo. Ele pegou o sabonete, abrindo e tomou a liberdade de me ensaboar, sendo minimalista, me deixando arrepiada e quando ele chegou ao meu sexo, me abraçando por trás, eu apoiei a cabeça no seu corpo.

— Eu queria que a gente ficasse junto — ele sussurrou, movendo a mão cautelosamente em minha intimidade eu arfei, me virando e o empurrei contra a parede. Eu passei os braços em volta do seu pescoço, o beijando e ele grunhiu, quando eu me afastei.

Terminei o meu banho e peguei a toalha.

— Vou te esperar no quarto — eu falei, me enrolando e voltei para o quarto. Eu olhei para a cabeceira da cama, cheia de produtos eróticos e me

ajoelhei na cama, os analisando. Eu dei um sorrisinho quando o Dante parou atrás de mim, colocando o meu cabelo para o lado.

— O que você quer usar? — eu perguntei e ele inclinou os nossos corpos, pegando uma caixinha, a abrindo, me mostrando o potinho com duas bolinhas e eu sorri, me virando para ele — só isso?

— Escolhe outro — ele sussurrou e eu puxei a toalha dele, ansiando o seu corpo no meu, porque ele estava ficando excitado e eu nem tinha me encostado nele ainda.

— Você — eu dei de ombros e ele riu. Me aproximei mais dele, segurando o seu rosto para beijá-lo e ele foi nos deitando na cama devagar, tirando o cabelo do meu rosto para voltar a encontrar as nossas bocas. Eu tomei o seu membro na minha mão, o estimulando e ele me mordeu entre o beijo, apertando o meu seio e logo desceu a boca pelo meu corpo. Eu o olhei, quando ele sentou entre as minhas pernas, as afastando mais e se afastou para trás, ficando abaixado na beirada da cama e me puxou. Eu o olhei, gemendo ansiosa e apertei o lençol. Ele pegou as bolinhas, colocando uma dentro de mim e eu grunhi, mas quando ele beijou o meu sexo, afastando os meus lábios íntimos para passear a língua minuciosamente ali, eu choraminguei. Eu me apoiei nos antebraços para olhá-lo e ele envolveu o meu clitóris entre os seus lábios, os movendo ali lentamente, me maltratando. Eu puxei o seu cabelo com força e ele arfou, deixando beijinhos rápidos na minha intimidade, subindo os beijos pelo meu corpo, começando um beijo gostoso na minha boca e alinhou o seu sexo no meu.

— Pega uma camisinha — eu pedi e ele assentiu, pegando o preservativo, se vestindo e voltou, se forçando para dentro de mim, gemendo junto comigo. Os seus ombros vacilaram e eu o puxei, arranhando a sua nuca e emaranhei os meus dedos no seu cabelo.

— Isso é tão, mas tão gostoso — ele falou e nós dois gememos mais alto ao sentir a bolinha que ele colocou em mim estourando, me deixando mais ansiosa e agoniada.

— Que maldade — eu falei, investindo no seu corpo e eu choraminguei, apertando os olhos. Ele começou a se mover rapidamente, com a boca perto da minha. Os seus lábios tremeram quando os nossos olhares se encontraram e ele encostou a boca na minha, segurando as minhas pernas abertas.

— Dante — eu sussurrei surpresa com o meu corpo traidor e ele resfolegou, vindo mais forte e eu gritei, o arranhando para me segurar.

— Goza, Ana — ele falou lamentoso e eu estiquei as minhas pernas,

como se isso fosse me segurar, mas ele parou, descendo pelo meu corpo e deixou um beijo gostoso no meu sexo, me empurrando para o meu orgasmo e eu jurei ter visto estrelas, porque de repente ele havia colocado a outra bolinha dentro de mim e não bastasse as sensações intensas, eu senti aquilo estourando. Eu apertava a colcha com força, a puxando.

Quando eu fui recuperando a sensatez, eu arfava e fui tentando controlar a respiração, mas eu estava trêmula. Eu o olhei, o vendo olhar para a sua mão suja com o meu gozo.

— Você quer me matar? — eu sussurrei, ainda arfando e ele segurou a minha perna, limpando a mão em mim e voltou a me penetrar, me fazendo choramingar.

— Quer parar? — ele perguntou e eu o olhei, o puxando para um beijo.

— Não prometo gozar de novo — eu falei incoerente, o vendo sorrir contra a minha bochecha.

— Mas você vai — ele sussurrou, me segurando firme enquanto estocava em mim. O meu corpo estava tão mole e parecia tão satisfeito que eu não me esforcei em querer mais, mas o Dante começou a me beijar de um jeito tão gostoso e brincava com o bico do meu seio, que senti-lo deslizando em mim me levava para outra dimensão.

— Ah não... — eu arfei quando nos olhei através do espelho e joguei a cabeça para trás, me segurando *nele* dessa vez.

— Eu vou gozar com você, amor — ele grunhiu e eu o abracei com força, me deixando ir, o sentindo vir comigo.

Eu respirei fundo quando ele se deitou ao meu lado e me puxou para mais perto.

[...]

Pela manhã, para que eu não fosse vista sendo deixada pelo Dante em casa, eu liguei para a Mayra, que me olhava de um jeito tão reprovador, que eu podia jurar que se ela pudesse, me daria uma surra.

— Sinceramente — ela falou, fechando o portão quando eu passei. Eu fui direito para o seu quarto, me sentando à sua cama, me preparando para o seu sermão.

— Não vou dizer nada não, Ana — ela falou ao entrar no quarto —

alguém viu vocês?

— Uma amiga da Madá, mas não acho que ela tenha me visto — eu falei.

— Você vai ficar com os dois? — ela perguntou e eu a olhei — você vai conseguir ficar com os dois?

— Não, May — eu falei incrédula.

— Então você vai terminar com o João... — ela presumiu.

— Eu não quero terminar com o João.

— Então para de ficar com o Dante! — ela falou exasperada.

— Que droga!

— Você precisa aceitar que o que você sente pelo João não é amor — ela falou irritada comigo — e parar de enganá-lo, porque ele sim gosta de você.

— Eu não vou deixar o João — eu falei — isso com o Dante foi só um deslize.

[...]

As minhas aulas voltaram. Eu cursava publicidade e propaganda na mesma universidade que a Madalena cursava design gráfico. Eu caminhava para a lanchonete, porque estava com fome quando a Madalena me alcançou.

— Está tudo bem? — eu perguntei, sendo quase interrompida por ela:

— Eu sei que era você com o Dante — ela falou apressada e eu parei de andar, sentindo o meu chão sumir e ela parou também, me analisando.

— O que?

— Não precisa me negar, a Thaís tirou uma foto de vocês perto do carro dele — ela continuou e a minha respiração começou a acelerar, porque eu iria negar o que? Implorar para ela manter segredo parecia mais coerente.

— Madá, isso foi um mal entendido — eu falei nervosa — eu fui pegar a minha sandália que estava no carro dele.

— Ana, tudo bem — ela fez um gesto — só não acho que o João mereça, espero até que alguém conte pra ele. Mas essas coisas só acontecem com não merece, mesmo — ela sorriu fraco, tomando o seu caminho e eu fiquei parada ali.

A minha fome se esvaiu e eu sequer assisti às outras aulas. Eu sabia que o João não estava trabalhando esta manhã e andei até a casa dele, mesmo que fosse longe.

— O que houve? — ele perguntou quando eu entrei no seu quarto.

— Eu acho que a gente precisa dar um tempo — eu falei, com a voz chegando a falhar e ele franziu o cenho, vindo até mim.

— Você está bem? — ele perguntou e eu sentia as minhas mãos tremendo.

— Eu te amo — eu comecei, com a voz vacilando e eu respirei para não chorar — eu te amo de um jeito calmo e bom e eu não acho que eu vou ter isso com outra pessoa, mas a gente precisa terminar — eu falei e ele me segurou, porque eu estava desnorteada e comecei a chorar.

— Ana! — o João falou enfático, mas eu chorei ainda mais.

— Me desculpa, João — eu soluzei, sentindo a visão embaçada — me desculpa...

— O que aconteceu?

— Eu não sei o que aconteceu! — eu falei mal alto e ele fechou a porta do quarto — eu só acho que você não me merece! Você é bom pra todo mundo e eu fiz o que? Nada pra te merecer!

— Você pode me dizer o que houve?

— Eu queria merecer um pouquinho do teu amor, mas eu não posso continuar — eu escondi o meu rosto entre as mãos, negando com a cabeça — eu queria poder continuar ao teu lado e receber o teu melhor, mas eu não sei retribuir!

— Para com isso, Ana — o João falou, me puxando e eu caí sentada ao seu lado, mas o meu corpo caiu deitado na cama e eu escondi o meu rosto, chorando feito uma maluca — você fez algo?

— Não — eu grunhi, incapaz de dizer a verdade — mas eu ouvi hoje que se eu traí você uma vez, eu não mereço você.

— Amor, se acalma — ele falou, puxando a minha mão, mas eu não conseguia parar, porque isso parecia uma bola de neve — nós já resolvemos isso. Nos demos outra chance, recomeçamos.

— Mas não apaga o que eu fiz.

— Nós dois apagamos isso — ele falou mais calmo — quem falou algo pra você?

— Não importa quem falou, mas a verdade, João. Você não me merece. Você merece alguém que dê valor a pessoa que você é — eu falei mais baixo, mas ele sorriu fraco, inclinando para beijar a minha boca.

— Mas eu quero você — ele sussurrou — eu amo você.

— Oh, meu deus — eu grunhi, desesperada e mais lágrimas rolaram — você não sabe o que está dizendo, você deveria me odiar.

— Ana, eu não to entendendo — ele falou e eu me levantei, chorando desesperada — se você não fez nada e nós já resolvemos o que aconteceu antes, você está desse jeito por quê?

— Porque eu amo você, mas eu me sinto incapaz — eu falei mais alto, me deixando ir num choro amargo, andando desnorteada pelo quarto.

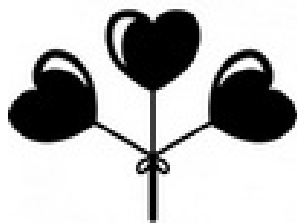
— Incapaz de que? — ele perguntou confuso.

— Eu não presto — eu falava, chorando e negando com a cabeça — eu merecia uma pessoa como o Dante, que não liga pra ninguém, não dá valor e engana...

— Ana, para com isso! — o João falou impaciente, me colocando sentada na cadeira — eu vou pegar uma água pra você.

Eu me escorei, apoiando a cabeça no encosto da cadeira e respirei, tentando me acalmar, mas eu estava desnorteada. O João voltou com a água e eu bebi, tentando ficar mais calma.

— O que te deixou desse jeito? — ele perguntou e eu o olhei.



CAPÍTULO 20

DANTE NOVAES

— Ah, porra, Madalena, você quer me fazer acreditar que eu fiquei com a Ana porque tem uma foto minha, dela e da Mayra indo embora juntos? — eu perguntei irritado, porque não bastasse as suas mensagens desaforadas, ela estava fazendo escândalo na minha sala. Essa hora a firma toda sabia das suspeitas sobre a Ana.

— A Thaís viu vocês indo embora juntos! — ela gritou furiosa e eu respirei fundo, querendo poder apertar um botão para tirá-la daqui.

— Eu não falo nem por mim — eu resmunguei impaciente — mas você acha mesmo que a Ana iria trair o João comigo? — e pronto, eu estava defendendo a Ana. A mulher que não perdia a oportunidade de me usar.

— Eu sei que você me traiu! — ela falava histérica e eu me perguntava onde estava com a cabeça quando *voltei* com ela — eu fui sozinha pra casa e você com uma amante! Meu deus, que burrice!

— Eu poderia estar com qualquer outra, Madalena — apesar dos seus gritos, eu falava baixo — mas eu não iria ficar com Ana!

— Você ficou com a namorada do Breno — ela retrucou, me forçando um sorriso falso e eu grunhi impaciente.

— Há quase cinco anos! — eu falei enfadado — eu não faria isso com o João! — eu aumentei o tom da minha voz — vai lá falar com a Mayra, pergunta ao cara que estava com ela, pra onde a Ana foi! Eu cresci com ela, eu não iria ficar com ela!

— Porque ela não me negou, então? — a Madalena perguntou e eu parei, sem saber o que dizer para contornar isso.

Eu peguei o meu celular sobre a mesa, porque ele sinalizava mensagens.

— Aposto que é ela.

— É o João — eu resmunguei, abrindo as mensagens.

“Vou me atrasar um pouco, cara”

“Tive uns problemas com a Ana”

“Parece que a Madalena foi insinuar algo e ela ficou nervosa”

— Você foi falar o que pra Ana, Madalena? — eu perguntei e ela parou, me analisando — você quer o que? Descontar a sua frustração no namoro dos outros?

— Eu duvido que eu esteja errada!

— Vai lá! — agora eu estava gritando com ela — pega essa foto e diz ao João que eu fiquei com a namorada dele! Prova isso com essa foto que você me mostrou! E me esquece! — eu abri a porta e ela ficou me encarando sem reação — a gente não dá certo, eu não vou insistir.

O dia dali em diante pareceu piorar. Isso a começar pela Ingrid ter ficado bisbilhotando a minha briga e o João chegar monossilábico.

— Eu preciso da sua opinião — eu falei e ele me olhou.

— O que?

— Aconteceu algo? — eu perguntei e ele suspirou.

— A Ana terminou comigo de novo.

— Por quê? — eu perguntei confuso.

— Disse que está engasgada com o que ela fez, que não me merece, que uma festa que ela foi sozinha foi motivo pra alguém insinuar que ela me traiu de novo...

— E você acha que ela traiu? — eu perguntei, sendo extremamente contraditório.

— Eu não sei, cara. Ela estava desnorreada, assustada, chorando muito, foi pra casa andando sozinha, não me atende mais.

— A Madalena passa dos limites — eu falei frustrado comigo, mas apesar da minha fúria pela Ana por dominar a situação entre nós dois, eu não a queria sofrendo. E o problema da Madalena era comigo, ela não tinha o direito de ir interferir na vida dos outros. Eu peguei o meu celular, mostrando a foto que ela me enviou como uma chantagem barata.

— O que tem isso?

— Ela foi dizer pra Ana que isso provava que ela te traiu comigo — eu disparei, chegando a rir, porque isso sendo dito dessa maneira soava muito

bizarro — porque a sandália dela ficou no meu carro e ela foi pegar.

— Ela foi embora com quem?

— Com a Mayra — eu falei, suspirando.

— E porque a Madalena cismou que você e a Ana ficariam? — o João perguntou confuso, para não dizer receoso e eu dei de ombros.

— Porque ela é paranoica. Ela estava comigo na festa, quis ir embora cedo e agora ficou criando versão de traição na cabeça dela.

— E você não ficou ninguém, então?

— Você tá exigindo demais de mim, cara — eu falei, zombando — eu não fiquei com a tua namorada, mas eu não dormi sozinho.

— Vou esperar a Ana se acalmar, pra ver como as coisas vão ficar.

Quando eu cheguei em casa, por volta das cinco da tarde, encontrei a tia Eliza junto com a minha mãe na sala e as duas tomavam chá. Eu as cumprimentei e ia para a cozinha, quando ouvi um pedaço da conversa.

— Ela chegou em casa surtada — a mãe da Ana falou — nunca vi a minha filha daquele jeito...

Eu dei a volta pela área de trás da casa e entrei no meu carro, indo até a Ana, mas quando eu cheguei à sua casa, a Mayra abriu a porta.

— O que você tá fazendo aqui?

— Vim ver a Ana — eu falei e ela forçou um riso sarcástico, me deixando passar — eu posso falar com ela sozinho?

— Olha, eu sinceramente não queria fazer parte dessa sujeira de vocês.

— Eu quero consertar isso — eu suspirei — não dá pra viver com esse tormento besta por uma coisa que eu quis fazer. E ela também.

— Vai lá — ela resmungou — eu já vou pra casa.

Eu subi as escadas e entrei no quarto, vendo a Ana deitada na cama, encolhida e olhando para o nada. Dei um risinho por esse drama, porque eu não iria sofrer por medo da reação de alguém.

— Ana? — eu chamei e ela me olhou, com os olhos inchados de quem havia chorado.

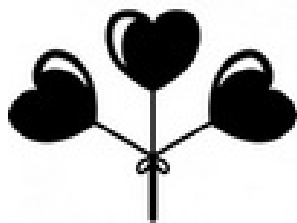
— Eu juro que gostava da Madá até hoje — ela falou e até a sua voz denunciava o seu choro.

— Ela não entendeu errado — eu falei, indo até ela, me sentando à beirada da cama.

— Isso que me deixa pior — ela sussurrou.
— Eu soube que você e o João terminaram.
— Ele merece alguém melhor — ela resmungou — eu gostei do que a gente fez, Dante, mas eu não queria abrir mão do João.
— Eu sei — eu falei mais baixo — você não precisa abrir mão disso.
— Eu não posso continuar te procurando ou te cedendo — ela falou e eu assenti, tomando a minha mão na sua.
— Eu não costumo ser sensato assim, Ana, nem pensar em outra vontade que não a minha... Mas você faz melhor em continuar com o João.
— Eu não consigo mais olhar pra ele sem me sentir culpada. Eu nunca mais vou voltar pra aquela faculdade e olhar pra cara da Madalena.
— Ele também gosta muito de você — eu falei, engolindo o nó na minha garganta, porque *eu queria ficar* com ela — eu não me lembro de ter ficado com alguém e ter tanta sintonia assim, em tudo — eu falei, fazendo um carinho na sua mão e ela me olhou cautelosa — mas eu vou acabar estragando tudo, a gente sabe.
— É — ela sussurrou e uma lágrima solitária escorreu.
— Mas se você quiser falar toda a verdade e tentar, eu quero também — eu falei e nós dois rimos.
— A gente não pode — ela falou e eu sorri, porque a gente não pode, não quer dizer um *eu não quero*.
— Eu falei pra ele que você foi embora com a Mayra, então se quiser pedir pra ela e o Felipe confirmar..
— Aí mais gente vai saber.
— Ninguém vai se importar — eu falei tranquilamente.
— E você com a Madá?
— Eu terminei com ela — eu falei — ela terminou comigo primeiro, mas foi atrás de show e eu terminei de vez. Nós terminamos juntos — eu falei confuso — eu vou ficar bem — eu falei, querendo dizer que eu queria ficar com *ela*.
— Você sempre fica bem — ela sussurrou.
— É — eu falei — já vou, se precisar de algo, me avisa — eu falei, deixando um beijo na sua testa, antes de levantar.
— Dante? — a Ana chamou, quando eu ia chegando à porta e eu a olhei — obrigada — ela falou e eu sorri fraco.

Ao contrário da outra vez, eu não estava com raiva ou frustrado. Eu

sentia algo estranho, porque eu não havia perdido. Eu abri mão.



CAPÍTULO 21

A semana passou arrastada e para mim era estranho. Eu sempre arrumava alguma distração, mas eu não queria isso.

No final da semana, uma vez que o João e a Ana não voltaram, nós fomos para um bar badalado da cidade vizinha. Pelo que eu entendi, os dois decidiram dar um tempo. Uma faísca queria crescer em mim e me fazer procurá-la, mas pela primeira vez eu comecei a entender a minha mãe. Eu não saberia fazer algo com a Ana dar certo. A nossa história viria com fardos muito grandes. A nossa vida fora de um suposto relacionamento tinha muita bagagem compartilhada. Com ela, eu na tinha outra opção senão fazer dar certo. Se não desse, eu faria o que?

Nós pegamos uma mesa e logo o Breno e o Marcos chegaram, junto com o Dilsinho. Eu e o Breno não nos falávamos, por motivos que eu preferia não mencionar, mas nos cumprimentávamos por educação.

Pedimos cerveja e parte da noite foi resumida a colocar a conversa em dia.

Passava da meia noite quando o pessoal animado começou a levantar e eu notei a Mayra chegando junto com o Felipe. Eu continuei olhando, porque atrás dela estava o Jorginho e logo depois eu vi a Ana.

Eu me senti irritado, porque dar um tempo com o João para colocar a cabeça no lugar, tudo bem. Mas terminar com o João pra ficar com o panaca do Jorginho?

— Eu nem acredito que você e a Ana terminaram, cara — o Breno falou, me lançando um olhar e eu ignorei.

— Demos um tempo.

— Um tempo pra se divertirem? — o Breno sugeriu — porque ela chegou agora pouco com o Jorginho e a Mayra.

— Um tempo, Breno — o João suspirou — ela faz o que ela quiser com ele. Se a gente vai voltar, só o tempo vai dizer — ele continuou, com essa mania irritante de jogar as decisões na mão do tempo. Tempo não resolve nada, só afasta.

Eu fiquei na minha, engolindo a minha vontade de ir lá tirar a Ana de perto do Jorginho, porque ela era a *garota do João*. Não era para eu sentir essa sensação de posse.

Eu não quis conhecer ninguém esta noite, apesar de notar as mulheres bonitas pelo bar. Ainda mais quando o João foi ao banheiro e na volta, a Ana o encontrou.

— Tempo rápido — o Marcos falou.

— Bom pra ele — o Breno falou — a Ana é muito gata.

— Mas é dele — eu retruquei, querendo dizer que era minha, mas seria loucura demais.

Eu sentia um incômodo ao vê-los juntos, mas deixei isso queimando quieto dentro de mim e peguei a minha carteira, colocando uma nota sobre a mesa.

— Mas já vai? — o Dilsinho perguntou e eu assenti.

— Vou, to com dor de cabeça — eu fiz uma careta. Acenei para os caras e esbarrei com a Mayra quando estava indo embora. Ela parou um segundo, como se quisesse dizer algo, mas passou por mim e seguiu o seu caminho.

Eu cheguei em casa pouco antes das duas da manhã e tomei um banho, me sentindo estranho como nunca me senti antes. Quando as coisas davam errado com uma mulher, eu simplesmente procurava outra. Não entendia o motivo de eu não querer isso agora.

Sem contar que eu sempre soube que eu e a Ana não tínhamos um potencial para nos tornarmos casal. O sexo era bom pra caralho, o beijo... Se eu pudesse, passaria a vida dentro dele, mas era só isso.

Ou talvez eu, que sempre estive acostumado a ter o controle da

situação, a ver as meninas se apaixonando por mim e me dando a segurança.

Eu coloquei uma pizza congelada no micro-ondas. Ouvi uma música, vindo lá de fora e abri a porta, vendo os meus pais, dançando juntos, envolvidos no ritmo e quase sorri. Eles poderiam ser a minha referência de casal, mas eu não sabia dizer onde eu dei um ponto de partida errado e não *consequia* valorizar uma vida a dois. Os pais da Ana eram assim também e ela seguiu direitinho, até nós começarmos com essa bagunça.

Não é atoa que ela estava surtando com a culpa do que nós fizemos.

Mas também, culpa não significa arrependimento.

Eu me sentei à mesa depois de pegar um refrigerante na geladeira e a pizza ficar pronta. Comi devagar, pensativo com a confusão que eu sentia. Eu só conseguia nomear dessa maneira: confusão.

Escovei os dentes e voltei para o meu quarto, zapeando a *netflix* à procura de algo para assistir até pegar no sono.

No dia seguinte, eu precisaria encontrar com a Ingrid para terminarmos um trabalho juntos, mas ela não facilitava a nossa convivência. O que me fazia dar razão ao meu pai, quando ele me exigia longe das meninas. Há uma semana isso pareceria diversão para mim. Lidar com essa fúria fingida para disfarçar o ciúme dela, seria pura diversão. Agora eu não estava com cabeça para isso.

Já estava pegando no sono quando o meu celular começou a tocar e eu estranhei ser uma ligação da Mayra.

— Oi — eu falei confuso.

— Onde você está? — não era a Mayra do outro lado, mas a Ana e eu me sentei.

— Eu to em casa...

— Você pode vir aqui? — ela perguntou, sussurrando — eu to na casa da May.

— Ana, o quanto você bebeu?

— Um pouco... Muito — ela grunhiu — que droga, Mayra, me devol...

— a ligação foi finalizada. Eu deveria ignorar, mas tentei retornar a ligação, sem sucesso.

Eu fiquei ridiculamente inquieto e saí do quarto, para pegar um copo com água. Quando cheguei à cozinha, a minha mãe estava escorada ao balcão, bebendo água e me olhou confusa.

— Quanto tempo tem que eu não encontro você sozinho em um fim de semana?

— Não exagera, mãe — eu dei um riso.

— Você anda estranho...

— Mãe — eu a chamei, curioso, depois de pegar um copo e ela me olhou, esperando. Eu fui até a geladeira, pegando uma jarra com água — e se eu por acaso me interessasse pela Ana? — isso parecia ridículo, mas estava eu precisava falar com alguém.

— Não — a minha mãe sorriu e eu dei um riso.

— Porque ela não?

— Porque não — ela falou, simplesmente.

— Mãe, eu preciso de um motivo coerente que me faça parar de querer.

— E porque diabos você começou a querer? — ela retrucou me cerrando os olhos, porque parecia meio embriagada.

— Porque agora ela e o João terminaram...

— Dante, é como sua mãe que eu te aconselho a ficar longe dela. O relacionamento dela com o João é sólido, longo... Vai ser questão de tempo pra ela perceber que ama o João e voltar de vez com ele. E eu não quero pensar na possibilidade de você ficar no meio disso, brincando com a cara da Ana.

— Eu não iria brincar com a cara dela.

— Você diz isso com toda menina que traz aqui — ela deu um risinho — você não vai ficar apaixonado, nem nada. Isso que você tem é só por vê-la solteira. E ela nem vai ficar. — ela falou, passando por mim para sair da cozinha.

Na segunda-feira quando eu cheguei à agência, ao passar pela sala do João, eu notei que ele discutia com alguém pelo celular. Eu parei na porta, confuso, porque o João era o cara calmo que nunca perdia a razão.

— Não — ele fez uma pausa, levando uma mão para a têmpora — Ana, eu não vou — ele enfatizou — ficar com você desse jeito — ele falava impaciente e eu franzi o cenho — ou você volta comigo direito e a gente esquece tudo o que passou ou você esquece que a gente teve uma história.

Eu tomei o rumo da minha sala, porque era isso que eu precisava pôr na cabeça: eles tiveram uma história. Uma história que como a minha mãe disse: era sólida. Eu e a Ana vivemos o que? Umaaventurazinha na adolescência até eu começar a namorar? Umas noites de sexo que eu nem sabia o quanto valeram para ela?

Estava arrumando uns papéis sobre a minha mesa, quando o João entrou na sala, com um copo de café.

— Tá bem? Você foi embora cedo... — ele falou.

— Tava desanimado — eu resmunguei — e você? Se acertou com a Ana?

— Você acredita que ela teve a audácia de querer só ficar? — ele perguntou, chegando a rir — não é pra isso que se pede um tempo.

— Tipo um relacionamento aberto? — eu sugeri, mas ele deu um riso sarcástico.

— Qual a vantagem em abrir mão da minha namorada pra tê-la de ficante? Não faz sentido, cara.

— É, não faz — eu falei confuso — a não ser que você fosse infiel.

— Nem se fosse, Dante. Porque então eu gostaria de ver a minha namorada ficando com outros caras? Porque liberdade no nosso namoro nós já tínhamos. A única coisa que não acontecia era a gente ficando com outras pessoas.

— Pode ser que ela esteja querendo curtir isso. Até onde eu sei, você foi o único cara dela...

— Teve aquele outro — ele resmungou — e ela quer isso por quê? Não estava satisfeita?

— João, isso parece drama teu. Não é sobre satisfação, mas vocês têm um namoro longo, desses que parece que vai durar pra sempre. Não vão resistir a um tempo de curtição?

— Não sei não... — ele falou receoso.

[...]

Quando eu cheguei em casa, um pouco antes do fim do expediente, fui direto para o meu quarto, porque tudo o que eu queria, era um banho. Eu entrei no quarto já tirando os sapatos e a camisa, mas quando me virei, parei assustado ao ver a Ana ali, sentada na minha cama.

— A minha mãe viu você aqui? — eu perguntei confuso e ela deu um risinho.

— Ela foi pra casa de praia com a minha mãe e umas amigas — ela falou — em plena segunda. O que me faz querer largar os estudos e ser sustentada pelo marido. Elas duas deram sorte.

— Como você entrou? — eu perguntei e ela sorriu.

— O seu pai me deixou entrar — ela falou, suspirando — disse que não sabe o que, mas sabe que tem algo. O que foi muito confuso, mas eu deixei pra lá.

— O que você veio fazer aqui?

— Bem, não queria essa entrevista — ela rolou os olhos — eu queria conversar com você. A gente precisa disso, na verdade.

— Eu vou tomar um banho — eu falei, voltando para ir ao banheiro.

Voltei pro quarto enrolado na toalha, porque não havia pegado uma roupa.

— Se veste, por favor — a Ana falou e eu dei um riso, pegando uma bermuda e fui para o banheiro de novo para me vestir. Voltei para o quarto e me sentei à cama com ela, esperando.

— Pode dizer.

— Com você assim eu não consigo — ela falou, descendo o olhar pelo meu corpo, mas voltou a me olhar — quer dizer, eu posso.

— Então diz — eu sorri fraco.

— Eu vou voltar com o João — ela falou, engolindo pesado — porque é a escolha certa.

— Você não quer?

— Eu quero, Dante — ela falou com uma entonação cansada — mas eu não posso simplesmente sugerir que ele me permita ficar com outros caras.

— Você sugeriu...

— Um relacionamento aberto — ela chegou a rir — eu sabia que ele não ia topa, mas joguei pra ver.

— E o que eu tenho com isso?

— Eu preciso da sua ajuda.

— Pra? — eu perguntei e ela respirou fundo, se aproximando mais de mim, levando uma mão para a lateral do meu rosto. A minha respiração deu uma falhada estranha e eu a olhei. Assim tão perto, eu só queria beijá-la, mas ela estava aqui para dizer que ia voltar com o João.

— Eu sei que é duro o que eu vou dizer, mas eu sei que você não é apaixonado por mim e isso não vai doer em você — ela falou, mas o meu peito descia e subia com a minha respiração ficando pesada — eu encontrei em você, no sexo que a gente fez, algo novo. Você ascendeu em mim uma vontade grande e você saciou isso. Foi muito bom, tanto que a gente não podia se ver com chance que fazia de novo. Mas a gente precisa voltar pra realidade. O João é a minha, eu o amo. Errei feio com ele, mas eu o amo. E você continua a sua vida de solteiro, até mesmo quanto namora alguém.

— Ana — eu sussurrei e ela me olhou, engolindo pesado mais uma vez.

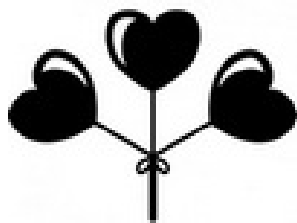
— Eu poderia querer ser mais uma na tua lista de diversão, mas eu estaria abrindo mão da minha pessoa certa pra isso. É um preço caro a se pagar.

— Tudo bem — eu falei e ela sorriu fraco, descendo o olhar para a minha boca — se você não vai continuar, por favor, não me bei... — eu parei de falar ao sentir os seus lábios tocando os meus.

— Só o último beijo — ela falou quase que contra a minha boca e eu assenti, a deixando controlar o momento.

Ela encerrou o beijo que foi lento e me olhou, antes de se levantar.

— Já vou — ela falou, mas quando ia caminhando para sair do quarto, eu a puxei, a empurrando contra a porta e a beijei direito.



CAPÍTULO 22

ANA AGUIAR

Eu fui embora com o coração angustiado, mas com a certeza de estar fazendo a escolha certa. O sexo, a atração e o beijo eram sem exageros: perfeitos. Mas apesar de serem essenciais, não sustentavam uma relação. E mais do que isso, o Dante não iria ter um relacionamento sério comigo. Nem com ninguém, pelo menos não tão cedo.

Algo em mim gritava para que eu deixasse as coisas esfriarem e acalmarem dentro de mim, mas ao passar em frente à agência, eu entrei. Quando cheguei à sala do João, a porta estava aberta e ele estava lá, com uma ruiva. Eu me senti sem reação, porque ela segurava o seu rosto e eu acreditava que aquilo viraria um beijo, mas num impulso eu bati duas vezes na porta aberta.

— Ana — ele falou sem jeito, levando uma mão pelo cabelo e a menina me olhou — eu não sabia que viria.

— Achei que pudéssemos conversar — eu falei desconsertada — quero dizer, não precisa ser agora, eu não quero atrapalhar o seu trabalho.

— Eu já estava indo embora — ele falou — bem, Martinha, eu já vou indo.

O João saiu andando na frente e eu o segui. Nós entramos no seu carro e eu o olhei, concentrado no celular. Respirei fundo, porque eu não queria sentir todo esse desejo e atração pelo Dante, não era justo, não era certo. Eu precisava descolar as peças do quebra-cabeça que eu coleí errado e voltar tudo para o lugar *certo*.

— Quem era ela? — eu perguntei, quando ele deixou o celular e ligou o carro.

— Uma amiga.

— Você não costuma ter amigas que te beijam — eu falei e ele me

olhou, sorrindo fraco.

— Ela não me beijou.

— Mas ela ia — eu retruquei.

— Mas você chegou — ele replicou, deixando escapar um risinho — quer ir pra sua casa ou pra minha?

— Onde a gente tiver mais privacidade, pode não parecer pra você, mas pra mim isso é sério.

— Ana, é uma bagunça que você criou.

— Eu posso tentar arrumar? — eu perguntei e ele respirou fundo, trazendo uma mão para entrelaçar na minha.

— Você é dor de cabeça pura, mulher — o João falou — a tua sorte é que eu te amo.

Nós fomos para a minha casa, porque a minha mãe não estava e o meu pai não nos incomodaria.

Eu fechei a porta do quarto e o João se sentou à minha poltrona bonita estampada. Eu sabia que nós tínhamos muito que conversar, muitos pingos para pôr nos *is*, mas eu fui até ele, me sentando de lado no seu colo, segurando o seu rosto entre as minhas mãos para beijá-lo. Eu encerrei o beijo mordendo o seu lábio inferior e o olhei, que tinha os olhos quase fechados e um sorriso bonito brincando nos lábios.

— Você me dobra demais — ele sussurrou e eu arfei, voltando a beijá-lo, me convencendo e querendo voltar a sentir tudo o que eu sentia por ele. Sem as inseguranças, sem a culpa e sem o peso de uma traição. A minha respiração foi ficando descompassada, porque eu havia me colocado em uma situação de escolha difícil. Eu queria ser mais forte e independente emocionalmente, para dar um tempo com o João e saber que o Dante não me soaria como uma ameaça. Porque e se de repente eu me envolvesse com ele e ficasse apaixonada? Em que lugar eu jogaria o meu sentimento quando o Dante decidisse seguir em frente? Eu o conhecia, sabia que ele logo seguiria em frente. Eu parei o beijo de repente, olhando confusa para o João, porque então eu estava o usando de válvula de escape?

— O que foi? — ele perguntou e eu me levantei.

— Você acha que a gente vai conseguir fazer isso dar certo?

— Ana, qual é a sua? — ele perguntou pausadamente — porque tanta insegurança? Você tá carregando uma culpa estranha por uma coisa que eu já perdooi — ele falou confuso e eu o olhei. A culpa que eu carregava era

justamente por ter sido perdoada por uma mentira que eu contei. Ele não me perdoou pelo que eu fiz. Ele perdoou a minha versão mentirosa.

— Você ia ficar com aquela menina?

— A Marta? Não... Quero dizer, eu não sei... Você deu pra ficar terminando comigo toda hora, a minha cabeça está cheia, eu não sei, não estava pensando direito... Eu teria a beijado se ela o fizesse, seria automático.

— Então se a gente estivesse namorando e alguém te beijasse, você beijaria de volta por ser automático? — eu perguntei receosa e o João riu, se levantando para me colocar sentada na poltrona.

— Ana, eu não sou esse cara — ele falou — quando a gente estava junto, eu não dava abertura pra ninguém desse jeito. Não me confunda com o Dante — ele riu, se divertindo — eu quero que a gente volte, que seja como antes, mas se for pra ficar desse jeito, não vai dar certo.

— Porque você consegue ser calmo? Eu to surtando com isso tudo e você continua assim... Calmo — eu resmunguei.

— Eu preciso saber pra onde as coisas estão indo. Eu amo namorar você, mas eu tenho um trabalho e uma família também, que precisa de mim.

— A gente pode tentar de novo? — eu perguntei, me levantando e o empurrei contra a poltrona. O João riu, porque de repente, ele estava namorando uma maluca.

— Ana...

— A gente tenta de novo, pela última vez. Se não der certo, a gente desiste.

— Você quer mesmo tentar?

— A gente pode mudar os pontos que estavam dando errado — eu falei confusa, montando no seu colo, deixando as pernas dobradas uma em cada lado do seu corpo.

— Quais pontos você acha que estavam dando errado?

— Eu sair pra festas sozinha, foi o que fez a gente dar errado.

— Você quer se tirar esse direito, é isso?

— Não necessariamente tirar. Eu vou evitar, porque eu quero ficar com você.

— Eu vou te perguntar uma coisa — o João falou, passeando as mãos pelas minhas panturrilhas e eu o olhei — e eu não quero que você sinta ofendida.

— Tudo bem.

— Você ficou com alguém na última festa que você foi? Que eu estava viajando? — ele franziu o cenho, me analisando e eu senti a minha boca amargar por ter que mentir — é a sua chance de ser sincera comigo.

— Não — eu falei, negando com a cabeça.
— Ok — ele suspirou — então estamos bem?
— Quero que sim — eu falei, escorregando as mãos pelo seu cabelo e juntei a minha testa na sua — eu te amo tanto...
— Eu também, amor — ele falou, antes de eu começar a beijá-lo.

Nós ficamos algum tempo ali, trocando beijos e carinhos. Eu não estava cem por cento satisfeita e nem leve com a minha decisão. Era o que eu queria fazer, mas de repente o meu relacionamento perfeito ficou envolvido por mentiras e traições.

O meu pai ligou avisando que passaria a noite na casa da minha avó, já que a minha mãe não estava em casa e eu e o João pedimos pizza.

Quando eu desci após um banho e o encontrei na cozinha, vestido só numa calça cinza de moletom, porque era o que havia seu aqui, eu parei na porta da cozinha, o analisando e sorri fraco. Eu esperava que a verdade nunca viesse à tona e nós dois pudéssemos retomar o nosso caminho, o nosso namoro sem rachaduras.

[...]

Três semanas se passaram desde que eu e o João voltamos. Excetuando uma discussão com a Madalena onde ela me acusou de ter ficado com o *seu namorado*, as coisas estavam indo bem.

Era final de fevereiro e em dois dias seria aniversário do João. Eu estava escolhendo o bolo junto com a sua mãe, para fazermos uma surpresa para ele. Era fato que eu estava sendo mais cuidadosa com ele, bajuladora ou sei lá como nomear, mas isso me fazia sentir que eu estava liquidando a minha dívida pelo que eu fiz.

O Dante havia se afastado. De mim, claro, mas pelo que o João falava, ele estava distante de tudo. No trabalho, ocupando a posição de filho do dono para ditar as suas próprias regras. Segundo o João, a sorte dele era ser muito bom no que fazia.

Nós deixamos a encomenda das comidas e fomos comprar os balões

para enfeitar.

Voltei para casa no final da tarde, encontrando os meus pais na sala, com vários papéis e uma garrafa de vinho.

— Estão comemorando o que? — eu perguntei curiosa e a minha mãe vibrou, sorrindo.

— Compramos a nossa casa dos sonhos — ela falou animada, bebendo o que ainda havia do vinho na sua taça e eu parei, confusa.

— Você não está falando da casa ao lado da tia Mari, está?

— Sim! — ela falou, vindo me abraçar e eu fiquei parada, sem reação. Eu sabia do sonho por aquela casa, que estava há anos à venda, mas ela tinha que realizá-lo agora? Quando eu mais precisava ficar longe do Dante!

— Que bom, mãe — eu falei — você queria tanto...

— Sim! — ela nos sacudiu no abraço, porque estava animada e bebendo.

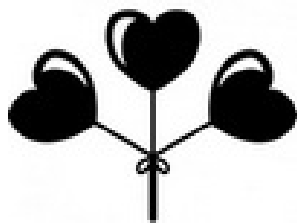
— Depois de amanhã tem a surpresa do João. Vocês vão?

— Vamos — ela falou, suspirando — vou comprar um presente pra ele.

— Afinal não é todo cara que perdoa uma traição — o meu pai zombou, mas eu fiz o favor de ignorar. Ainda ouvi a minha mãe reclamando com ele por ter lembrado isso, enquanto eu subia as escadas.

Foi o tempo de eu tomar um banho e lavar os cabelos, para o João chegar. Quando eu desci, ele estava na sala, sendo embriagado de vinho pela minha mãe.

[...]



CAPÍTULO 23

No dia do aniversário do João, nós havíamos dormido na sua casa. Eu acordei mais cedo, para ajudar a sua mãe com o café da manhã.

Quando ele chegou à cozinha, foi recebido pela sua mãe e irmão com abraços e presentes. Quando ele veio até mim, eu o abracei, o puxando para pressionar os lábios nos seus e ele sorriu, o fazendo outra vez.

— Que a gente comemore junto sempre — eu falei e ele assentiu.

Depois do café, o João me deixou na aula e foi trabalhar. Marcamos um almoço fora, só nós dois. Isso daria mais tempo para a sua mãe arrumar tudo.

Nós fomos para um restaurante que ele gostava e depois passamos um tempo juntos, mas ele me deixou no escritório em que eu trabalhava quando precisou voltar para a agência.

Ao final do dia, os meus pais foram primeiro para a casa do João e ele queria sair para beber com o pessoal da agência, mas isso ia estragar os nossos planos.

— Aconteceu uma coisa — eu falei mais baixo — eu preciso ver você agora!

— O que, Ana?

— Eu nem sei como te falar isso — eu falei, pensando em algo que o convencesse.

— Você não fez nada, né? — ele perguntou enfático.

— Não — eu reclamei — nós fizemos — eu falei, quase rindo desse absurdo, mas ele ficou em silêncio — você pode vir? Eu não sei como falar isso pra você.

— Eu estou indo — ele falou mais baixo.

Eu o esperei em frente a minha casa e entrei no seu carro quando ele parou o carro.

— A gente pode conversar na sua casa? — eu perguntei — eu não quero que os meus pais vejam a nossa conversa.

— Ana... — ele falou, correndo as mãos no rosto — você não está grávida, está?

— Podemos conversar na sua casa? — eu perguntei e ele respirou fundo, mas quando eu tomei a minha mão na sua, ela estava gelada — talvez a gente possa ver isso como o seu presente — eu sugeri e a sua respiração falhou. Ele encostou a cabeça no banco e me olhou, evidentemente nervoso.

— Meu deus — ele falou um tempo depois — o seu pai vai querer me matar — ele disparou — a gente vai ter que se casar — ele continuou e eu dei um risinho — como você está tranquila? Me diz!

— Eu planejei — eu falei, me divertindo com o seu nervosismo e ele ficou me encarando — podemos ir?

O João ligou o carro, mas volta e meia resmungava algo, inconformado e com medo. Eu o olhava, preocupado com a reação dos nossos pais, resmungando que não queria ser esse cara inconsequente e irresponsável.

— A gente pode dizer que vai se casar, quando for contar — ele falou e eu desci do carro. Enviei uma mensagem para a sua mãe avisando que havíamos chegado e entrelacei as nossas mãos, para entrarmos na casa. O João estava tão nervoso que sequer notou a presença dos outros carros conhecidos na rua. O Dante estava ali, porque o seu carro também estava.

Quando entramos e todo mundo gritou “*surpresa!*” o João me olhou, finalmente respirando direito e riu, porque eu ria da sua cara, por ter deduzido algo tão sem lógica.

Ele me puxou para um abraço, deixando um beijo na minha boca.

— Você quase me matou do coração — ele falou e eu assenti, o deixando ir receber as felicitações do pessoal. Eu passei o meu olhar pelo lugar, logo vendo o Dante ali, mas desviei dele, porque foi bom o que nós fizemos. Errado, também. Mas nós fizemos a coisa certa em parar.

Com o tempo esse clima estranho entre nós passaria e tudo voltaria a ser realmente como era antes.

O João foi tomar banho e se trocar. Os balões que indicavam a sua idade estavam colados ao contrário e eu fui muda-los. Colocando o dois à frente do quatro. A noite estava agradável e logo todos foram para a área de trás da casa, onde estava o freezer com as bebidas e os amigos dele do trabalho também chegaram.

— Ele está estranho demais — o João resmungou, quando o Dante se despediu da gente, sendo educado e foi embora — os pais dele estão aqui e ele foi embora.

— Às vezes ele foi encontrar alguém — eu falei confusa.

— Ele está tão estranho, que nem com a Ingrid está. Tem tempo que eu não o vejo com alguém.

— Deixa ele, talvez ele queira ficar quieto um tempo — eu falei, mesmo que eu não acreditasse nisso.

A festa foi até pouco depois da meia noite, porque todo mundo iria trabalhar no dia seguinte e eu teria aula, também. Eu ainda fiquei com o João, ouvindo música boa e bebendo da cerveja.

[...]

As semanas foram passando rapidamente, apesar do incômodo das visitas constantes para os supostos compradores para a casa. A vida estava de volta no lugar e eu conseguia sentir paz, mesmo que a culpa batesse à minha porta vez ou outra.

— Pelo menos você vai poder comprar tudo novo pro seu quarto novo — o João falou zombeteiro, porque eu não queria ter que mudar de casa. A insegurança sobre morar ao lado da casa do Dante foi adormecendo, porque foi a minha escolha sensata e ele já estava seguindo a sua vida. Como se tivesse parado em algum momento...

— Eu nem fazia questão, mas só por esse estresse, eu vou, mesmo.

— Você é muito mimada, amor — ele falou, indo se sentar à minha poltrona — essa aqui, você vai levar? — ele perguntou enquanto eu ia para o seu colo, me sentando de frente para ele.

— Claro que eu vou — eu falei como se fosse algo óbvio — ela foi cara, não vou deixar pra próxima pessoa que morar aqui.

— Nunca vi a sua mãe tão empolgada — ele riu.

— Ela queria aquela casa há anos — eu repliquei.

— É bom realizar um sonho assim — ele falou carinhosamente — mas

nós não vamos morar com eles.

— Hum?

— Quando a gente se casar — ele franziu o cenho, sorrindo e eu o encarei. Era possível amar tanto alguém e ainda assim não imaginar o futuro ou o pra sempre ao lado da pessoa?

— Mas a gente está muito novo, ainda — eu falei, começando um beijo para nos tirar dessa conversa. O João se encostou à poltrona e eu me aproximei, me consertando no seu corpo. Ele segurou o meu cabelo, tombando a minha cabeça para trás e desceu os beijos pelo meu pescoço, me fazendo arfar ao descer a boca pelo meu colo, logo afastando a alça da minha blusa, a descendo para beijar o meu seio. Eu grunhi, afundando uma mão no seu cabelo e me afastei um pouco, para tirar a minha blusa.

— A porta está trancada? — ele perguntou e eu assenti, voltando a beijá-lo, mas precisei quebrar o beijo quando subi a sua camisa, para poder tirá-la. Precisei levantar e tirei o resto da minha roupa, enquanto ele descia a sua, a chutando para fora. Eu o olhei, voltando para o seu colo e tomei o seu sexo na minha mão, o masturbando enquanto encontrava as nossas bocas, num beijo que mais parecia um carinho. Nós dois gememos quando eu juntei o seu sexo no meu e descí nele devagar. Eu o abracei, quando ele afundou o rosto no meu pescoço e aumentei o meu ritmo. O João abafou os meus gemidos com um beijo e me segurou com mais firmeza para nos levantar. Eu me segurei nele, que ao invés de nos levar para a cama me apoiou na parede, vindo mais rápido e forte.

— Amor — eu arfei ao chama-lo e ele resfolegou, olhando para os nossos sexos conectados. O João beijou o meu seio e eu levei uma mão para o meu clitóris, me estimulando e fechei os olhos, jogando a cabeça para trás. Ainda ouvi o seu gemido quando eu finalmente tive o meu orgasmo e ele veio, quase que junto comigo. O ritmo foi se perdendo e as nossas respirações foram acalmando. Eu fiz um carinho no seu rosto, afundando o rosto no seu pescoço e ele nos levou para a cama.

Eu me aconcheguei ao seu corpo, respirando fundo quando ele me abraçou de volta e deixou um beijo na minha testa. Levei a minha mão para o seu cabelo, o acarinhando, mas logo eu peguei o sono.

[...]

Quando eu acordei, o João andava pelo quarto falando no celular e enrolado na toalha. Eu me espreguiceei, puxando o travesseiro para abraçá-lo.

— Mais tarde eu encontro vocês, então — ele falou, antes de desligar e me notar acordada — eu preciso sair, mas você assim toda gostosa me faz querer ficar aqui a noite toda.

— Vai pra onde?

— Você acredita que o Breno vai sair com a Giulia hoje? — ele perguntou, sorrindo e eu franzi o cenho — depois de tanto tempo, não imaginava, sabe?

— Você acha que ela se arrependeu de ter trocado? — eu perguntei, como se eu também quisesse ouvir a resposta e o João riu.

— Amor, ela perdeu o cara que a amava e três semanas depois o Dante fez merda. Ela só não ficou arrependida se não o amava...

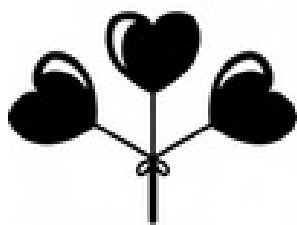
— E amava? — eu perguntei num impulso e o João me olhou, dando de ombros.

— Não acho que uma pessoa apaixonada abra espaço pra outra assim, a troco de nada — ele falou despretensioso e eu engoli amargo, essa afirmação — eu vou em casa tomar um banho. Você vem com a gente?

— Pra onde?

— Vamos decidir, ainda. Se arruma, então, que umas nove horas eu passo aqui.

— Tá — eu falei, ganhando um beijinho dele antes de ele ir embora.



CAPÍTULO 24

DANTE NOVAES

— Está acontecendo algo? — a minha mãe perguntou parando na porta do meu quarto e eu a olhei — semanas que eu não vejo você saindo, ou saindo com alguém...

— Eu to focado no trabalho...

— É só isso mesmo?

— Mãe — eu forcei um riso — o que mais seria?

— Dante, eu não sou boba — ela falou, vindo se sentar à minha cama — rolou algo com você e a Ana?

— Não.

— Vocês queriam? — ela sugeriu e eu dei um riso.

— Eu quis, mas não teve nada...

— Você não está assim por isso, né? — ela perguntou receosa e eu dei um riso pela preocupação.

— Não, mãe. Eu to cheio de trabalho, não posso deixar os clientes na mão pra curtir com alguma menina ou em algum bar — eu falei como se fosse o óbvio.

— Você não precisa acumular tanto trabalho, sabe disso.

— Eu gosto — eu falei, porque isso me mantinha ocupado. Aí não restava tempo pra ficar com raiva ou chateado.

— Não está acontecendo nada, mesmo? — a minha mãe perguntou — sabe que pode falar comigo, não é?

— Não está acontecendo nada, mãe — eu falei tranquilamente — está tudo bem. Quando eu terminar essas campanhas, vou respirar um pouco.

— Não vira um desses viciados em trabalho — ela falou, sorrindo fraco — eles morrem com quarenta anos de problemas cardíacos.

— Eu não vou virar — eu ri, negando com a cabeça.

— E vê se para de pegar tanto peso — ela falou ao se levantar — tá

muito musculoso pro meu gosto.

— Tudo bem — eu falei desinteressado. A minha mãe ia andando até a porta, mas parou, se virando antes de voltar a falar:

— Eu estava conversando com o seu pai... O que você acha sobre ter um irmão?

— O que?

— Bem, logo eu faço quarenta e três, mas a minha médica disse que está tudo bem para engravidar. Que poderia tentar, se eu quisesse. Você acha uma boa?

— É o que você quer? — eu perguntei, porque nunca fui desses filhos únicos que sentem falta de um irmão. Mas agora eu já era adulto. Morava com eles, mas não dependia deles. Não era minha, essa decisão.

— Estava com medo de você não gostar da ideia.

— Por mim, tudo bem — eu falei, apertando os lábios num sorriso.

Vi pelo *instagram* a Mayra postando fotos de casais. Para ser mais exato, ela, o namorado, a Ana, o João, o Breno e a Giulia. Eu ainda voltei à foto, porque era a lei do retorno, né?

Em outros tempos eu teria ido lá afrontá-los, mas eu realmente me sentia estranho por ter deixado a Ana voltar com o João. Digo deixado porque se eu continuasse investindo, ela ficaria confusa e logo acabaria me cedendo. Mas eu não poderia correr o risco de me apaixonar ou conquistá-la.

Mais uma vez eu pensei em ligar pra qualquer outra, à procura de diversão, mas nem isso parecia tentador agora.

[...]

A conversa sobre gravidez surgiu em casa de uma maneira confusa, como se eu fosse mesmo sentir ciúme ou abandono. Eu chegava a me divertir com essa preocupação dos meus pais. Da minha mãe, para ser mais exato.

O tempo foi passando rápido, como se estivesse no automático. E eu sabia que se tudo estava diferente para mim, foi por eu ter me achado esperto o suficiente para lidar com a Ana. Se eu não tivesse apoiado a sua ideia maldita daquele beijo, nada teria começado. Então não teríamos nada para ter que acabar, para evitar estragos.

A casa nova dos *sonhos* da tia Eliza estava ficando pronta e eu não queria ficar lá para ajudar a arrumar tudo, mas fui obrigado. Não sei o quanto eu já havia mencionado, mas a minha mãe estava histérica e paranoica, então era mais fácil cedê-la a contrariá-la.

Apesar de ter gente contratada para arrumar a casa, todos estavam ajudando.

— Vocês podem ficar lá em casa essa semana — eu estava carregando uma das caixas para a cozinha e parei, porque a minha mãe não poderia sugerir isso.

— Dois dias até montarem os quartos — a mãe da Ana falou e ela e o João desceram — separa as suas roupas, Ana — ela falou — precisamos desocupar a casa hoje e só podemos dormir aqui quando os quartos ficarem prontos.

— Eu vou pra casa do João então — ela falou desinteressada, indo para fora da casa e eu voltei ao que eu fazia. Era óbvio que ela ficaria na casa do namorado.

Nessas horas, eu via que a minha teoria de não depender ou precisar de alguém era frustrada. Eu não tinha uma pessoa confiável para jogar pra fora o meu erro e a minha frustração.

O dia foi resumido a ajudar na mudança e à noite eu liguei para a Rafaela, uma vez que ela havia respondido um dos meus *stories*, no instagram.

Nós fomos para a cidade vizinha, para um restaurante japonês que havia inaugurado por ali.

— Você tá sumido — ela falou, sorrindo fraco — não pra mim, mas pra todo mundo.

— Eu me formei no meio do ano passado, agora eu to passando confiança e tendo mais trabalho — eu expliquei, como se isso fosse convincente — não estava sobrando tempo pra nada.

— E agora está? — ela arqueou as sobrancelhas e eu levei a minha mão para a sua.

— Lembrei da gente e deu saudade, precisei arrumar tempo.

— Sei — ela semicerrou os olhos, mas sorria.

Depois do jantar e do vinho bom, nós fomos para um motel. Lá nós bebemos mais, o que não devia já que eu estava dirigindo e nós pegaríamos estrada.

A noite foi boa, eu sentia falta disso. De sentir segurança ao lidar com alguém.

Sei que bebemos tanto, que ao invés de levá-la para a sua casa, eu a levei para a minha.

[...]

Fato é que me esqueci completamente que os pais da Ana estavam aqui. Quando acordamos, depois de um banho, ela se vestiu e nós descemos.

A minha mãe me lançou o mesmo olhar de sempre, mas foi educada com a menina.

— Não vão ficar pro café? — ela ainda perguntou.

— Eu preciso ir pra casa — a Rafa falou, cheia de vergonha — mas obrigada.

— Que pena — a minha mãe fingiu um lamento — bom dia pra vocês.

— Obrigado, mãe — eu falei, puxando a Rafa.

Quando abri a porta, demos de cara com a Ana e eu me assustei, mas ela ficaria alguns dias indo e vindo por aqui, eu teria que me acostumar.

— Bom dia — ela falou e eu a olhei, incapaz de dizer algo.

— Bom dia, Ana — a Rafa falou e nós saímos.

Cheguei à agência e encontrei o João perto da recepção, junto com a Marta. Eu sabia do interesse dela por ele, porque todo mundo sabia, mas ele era o cara *fiel*.

Uma parte bem insana em mim queria que ele fizesse algo errado e terminasse com a Ana, mas ele não iria fazer.

— Dante! — eu tomava o rumo da minha sala quando ele chamou e eu parei — vem cá — o João viu, fazendo um gesto e eu caminhei até lá, o olhando e contive o sorriso, quando ele passou um braço sobre os meus ombros.

— Oi, Martinha — eu falei para ela, que acenou um sorriso.

— Eu e a Ana vamos pra aquele japonês novo, pensei em chamar vocês dois — ele falou e eu deixei escapar um risinho.

— Tá a fim de ir? — eu perguntei para ela, que sorriu fraco, dando de ombros.

— Às sete, tá bom pra vocês? — o João perguntou, antes de sair, nos deixando.

— Belo jeito de dispensar alguém — ela falou, suspirando entediada — essa Ana deu sorte...

— Você deu sorte — eu retruquei e ela deu um riso — sou bem mais eu do que ele.

— Ah, Dante, para né — ela riu.

Eu fui até a sala do João, fechando a porta e ri ao vê-lo, porque era ser muito sem noção.

— O que foi? — ele perguntou confuso.

— Porque você dispensou a menina? — eu perguntei, indo me sentar — ela é bonita...

— Você está mesmo me perguntando o motivo? — o João franziu o cenho, sendo sarcástico.

— Você é muito certinho — eu reclamei — devia se arriscar mais, sentir mais adrenalina.

— Dante, se eu trair a minha namorada a única coisa que eu vou sentir é culpa.

— Meu deus, você é muito raro — eu gargalhei — como a Martinha disse, a Ana deu sorte.

— Você vai?

— Vou, ué — eu falei confuso — se ela quiser ir...

— Você não deixa passar ninguém — o João falou, balançando a cabeça negativamente.

— Você sugeriu — eu falei incrédulo.

[...]

À noite, apesar de o meu pai estar terminantemente contra eu sair com a Marta, porque ela era uma das melhores funcionárias, eu marquei o horário com ela.

— Se essa menina ficar apaixonada você vai casar com ela — o meu pai falou, quando eu ia saindo e eu acenei com a mão para ele.

Eu imaginava que seria estranho sair com a Ana e o João juntos, mas não esperava que fosse tanto.

Eu tentava interagir com eles, mas era tão estranha a sensação de olhá-la e saber que nós nunca poderíamos ficar juntos, que às vezes a conversa se limitava entre o João e a Marta.

Por ser uma sexta-feira, estava tendo som ao vivo e nós ficamos por mais tempo, pedindo mais algumas bebidas.

Quando fomos embora, já passava da meia noite. Foi quando a conversa entre mim e a Marta pôde fluir. Apesar de achá-la bonita e querer avançar as coisas, eu fiquei quieto, porque tudo precisava ter limite. Era capaz de o meu pai me pôr pra fora, se eu fizesse a empresa perdê-la.

— Então — eu falei, ao estacionar em frente ao seu prédio — nos vemos depois?

— Trabalhamos juntos — ela falou e eu sorri fraco.

— Não foi isso que eu quis dizer — eu falei — pensei que pudéssemos sair de novo, só nós dois.

— Vou pensar no seu caso — ela falou presunçosa e eu dei um risinho.

— Pensa com carinho.

— Vou pensar — ela falou — preciso ir — ela se aproximou, levando uma mão para a lateral do meu rosto e deixou um beijo na minha bochecha, mas eu a segurei, a olhando — Dante...

— Você não quer? — eu perguntei e ela olhou para a minha boca, voltando a me olhar, então eu aproximei mais os nossos rostos, inclinando o rosto para encaixar as nossas bocas. O beijo começou lento e ela mordeu o meu lábio suavemente, voltando a corresponder ao meu beijo. Eu escorreguei a mão pelo seu cabelo, a segurando com mais firmeza e o nosso ritmo foi ficando mais intenso, mas ela quebrou o beijo de repente.

— Eu preciso ir — a Marta arfou, mas eu voltei a beijá-la, descendo os lábios, indo em direção ao seu pescoço, ouvindo a sua respiração falhar — mais uma taça de vinho e eu te convidava pra entrar — ela sussurrou e eu deixei um beijo molhado no seu pescoço, ficando excitado com o seu gemido, então voltei a beijá-la na boca.

— Deveríamos ter tomado, então — eu falei, mas ela riu contra os meus lábios.

— Eu juro que nunca pensei que a gente fosse se beijar — ela falou e eu lhe olhei confuso — você é mais novo, o oposto do que eu costumo querer.

— É bom sair da zona de conforto — eu falei, estalando um beijo rápido na sua boca — eu vou te ligar pra gente marcar algo — eu falei — espero que você me atenda.

— Vou pensar...

— E ver que a gente vai se dar muito bem — eu falei e ela sorriu, pressionando os lábios nos meus antes de descer.

Eu dei um riso ao vê-la dar a volta pela frente do carro e desci, a puxando quando ela ia entrar no prédio.

— As pessoas vão nos ver aqui — ela falou, mas eu ignorei, começando mais um beijo.

Quando eu cheguei em casa, não imaginei que encontraria a Ana ali e parei assustado ao vê-la no sofá.

— Porque não está com o João? — eu perguntei confuso.

— O Lucas passou mal, ele foi pro hospital e eu não queria ficar sozinha na casa dele.

— E vir pra cá era a sua melhor opção? — eu perguntei na defensiva e ela me olhou confusa.

— Você tá sujo de batom, eca — ela falou — e eu vou dormir no seu quarto, então você pode achar outro lugar — ela me contou, sorrindo falso e se levantou.

Fui até a cozinha para pegar um copo com água e subi para o meu quarto. Havia um colchão arrumado no chão e a Ana estava sentada no meio da minha cama, mexendo no celular.

— O João Lucas tinha o que? — eu perguntei, tirando os meus sapatos e ela me olhou.

— Estão esperando os exames chegarem, mas parece que é uma inflamação nos rins — ela falou — você pode não tirar a roupa na minha frente? — ela perguntou quando eu tirei a camisa e eu peguei um pijama, indo para o banheiro. Tomei um banho rápido e me vesti. Quando voltei para o quarto, a Ana tirava a maquiagem com um lenço e se levantou, entrando no meu banheiro.

Eu peguei um edredom no guarda-roupa e travesseiros, os jogando no colchão. A Ana foi para a minha cama.

— Posso apagar a luz? — eu perguntei e quando vi, ela estava de bruços na cama, me olhando.

— Você ficou com a ruiva? — ela perguntou e eu sorri fraco — o João já?

— O João não — eu resmunguei.

— Porque você fica com todo mundo?

— Porque eu sou solteiro — eu retruquei e ela deu um risinho.

— Quando você namora você fica também.

— Aí é porque eu não presto — eu resmunguei.

— Você se arrepende de algo?

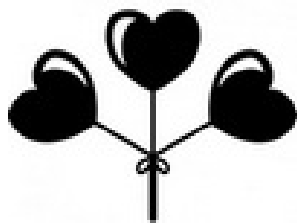
— De nós dois? — eu perguntei confuso, mas ela ficou quieta — não, Ana. Mas eu vi que esse meu comportamento me faz ser sozinho. E tem hora que isso não é bom.

— Você nunca está sozinho.

— To falando de amizade — eu repliquei e ela assentiu.

— Pode apagar a luz — ela falou, indo se deitar direito e eu apaguei a luz, indo me deitar.

À minha noite foi quase toda passada em claro, porque era torturante saber que ela estava ali tão perto e eu não podia fazer nada.



CAPÍTULO 25

ANA AGUIAR

Eu acordei com a minha mãe me chamando e o Dante não estava mais no quarto.

Levantei e tomei um banho. Quando desci, o Dante estava jogado ao sofá, rindo ao falar com alguém no telefone e eu parei, o olhando. Ele vestia só uma bermuda com o cós de elástico e puxava o nó. Ele estava estranhamente mais malhado, isso ficava ainda mais perceptível quando ele ficava sem a blusa.

— Bom dia, lindinha — a tia Mari falou e eu a olhei no susto, me sentindo pega pelo seu olhar. De todo modo, segundo o Dante, eu sempre fiz isso. O que era péssimo.

— Bom dia — eu falei e ela passou por mim, subindo as escadas.

O Dante se levantou, subindo também e eu fui para a cozinha. Tomei um suco, porque não estava com fome. Quando eu fui chamada para ir ajudar na casa nova, o Dante desceu, já arrumado.

— Você vai pra onde? — eu perguntei curiosa.

— Almoçar com a Marta — ele falou, sequer se dando o trabalho de me olhar.

— Mas você tinha que ajudar — eu reclamei, porque algo em mim queria impedi-lo.

— Não vou passar o dia fora.

— Você já passou a noite com ela. Tem mesmo que ir almoçar? — eu perguntei, mas ele veio até mim, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

— Tá com ciúme? — ele perguntou mais baixinho, contendo um sorriso e eu resfoleguei.

— Claro que não. Mas você tem que parar de querer usar as pessoas.

— Não to iludindo ninguém — ele falou, mas era óbvio que era mentira.

O meu humor piorou tanto naquela tarde, que eu deixei a casa e fui até a loja da Mayra.

— Ana, o Dante é solteiro — ela falou, parecendo confusa com a minha reclamação — e mesmo que não fosse, você acha mesmo que ele ia ficar só com a namorada da vez?

— Isso é patético — eu resmunguei — ele não pode simplesmente sair com todo mundo. Isso é ridículo.

— Ana — a Mayra riu — você conhece o Dante desde que sua mãe conversava com a barriga dela, com você lá dentro. Eu sinceramente não sei por que você está tão surpresa e indignada.

— Só acho injusto com as meninas que ele fica enganando — eu falei inconformada.

— Ele por acaso enganou você?

— Não — eu resmunguei.

— E está tudo bem com você e o João?

— Sim... Como sempre, tudo bem.

— Senti mais emoção quando você falou do Dante — ela falou zombeteira e eu lhe lancei o meu pior olhar.

— Eu não to apaixonada pelo Dante!

— Eu não disse isso — ela falou, se divertindo com a minha irritação.

[...]

Ao final do dia, eu estava na casa da tia Mari, na sala brincando com o cachorro, quando o Dante chegou. E ele não estava sozinho.

Eu fiquei surpresa, porque um dia essa menina estava quase beijando o meu namorado e agora estava aqui com o Dante? Eu ignorei quando eles falaram comigo, fingindo estar entretida com o cachorro, porque um nó estava na minha garganta. E não era tristeza, era raiva.

O tio Marcelo logo veio lá de fora, para onde o casal foi, e subiu. Mas quando voltou trazia papeis e um notebook.

— Sabe o que eu odeio? — a tia Mari vinha lá de cima falando — não

bastasse um, agora eu tenho dois viciados em trabalho dentro de casa.

— São esses dois viciados em trabalho que te dão essa boa vida — o tio Marcelo falou, rindo e ela fez uma carranca.

Quando a Marta foi convidada para o jantar, eu liguei para o João.

— Vim buscar o Lucas no hospital, amor — ele falou — em meia hora eu passo aí, então.

— Eu não quero ficar aqui — eu reclamei — vou te esperar lá na frente.

— Meia hora dá tempo você jantar, não dá? Eu te ligo quando estiver indo — ele avisou — beijo.

Eu suspirei, voltando para dentro da casa, mas subi para o quarto do Dante, para pegar a minha bolsa.

Eu me sentei à cama, mexendo no celular para passar o tempo. Incomodada com algo que eu não podia definir.

— Não vai jantar? — o Dante perguntou, parando no arco da porta e eu o olhei. Eu deveria começar a me arrepender de ter ficado com ele, porque talvez isso estivesse me deixando desse jeito. Mas por outro lado, foram turbilhões de sensações que eu nunca teria experimentado — Ana?

— Ah — eu falei — to esperando o João — eu falei e ele saiu.

O João demorou o que pareceu uma eternidade para chegar e eu sequer o deixei entrar.

— O que te deu hein? — ele perguntou confuso.

— Você não sabe como é não ter casa — eu falei.

— Ana, a sua casa está bem ali — ele falou, apontando a casa e eu o olhei, irritada — dois dias não vão te matar.

— Eu odeio ficar aqui — eu falei e ele riu, me puxando para abrir a porta do carro. Eu o olhei quando ele entrou no carro e foquei na sua maneira de lidar com tudo. Para o João estava sempre tudo bem. E quando não estava tudo bem, ele simplesmente esperava passar. E eu precisava focar no meu amor por ele, na nossa história.

[...]

Os dias foram passando e a casa nova estava pronta. Faltava a decoração, mas era o mínimo. O meu quarto estava pronto, excetuando o fato de a minha janela dar para a sacada do quarto do Dante, tudo estava do jeito que eu queria. Não bastasse tudo o que estava acontecendo, eu podia ver tudo o que ele fazia no seu quarto, quando a porta estava aberta ou as cortinas afastadas. Não que eu precisasse, mas era mais forte do que eu.

“Vamos sair hoje?”

“Vai ter show naquele bar, o pessoal tá querendo ir”

Era o João e eu respondi que tanto faz. O pessoal incluiria o Dante e a garota da vez. E a garota de vários dias tinha sido a ruiva que queria beijar o João.

Confirmei com a Mayra se ela iria, para que nos encontrássemos lá.

Quando eu me arrumei, vestindo um short branco e uma blusa de ombro a ombro rosa clara, calcei uma sandália alta e coloquei uns brincos, só.

A maquiagem era clara e eu passei só um gloss nos lábios. Passei perfume e já estava pronta, esperando pelo João.

Ele chegou muito bonito, mas a minha mãe tirou o seu boné, porque ela odiava bonés. Eu o abracei quando ficamos sozinhos, começando um beijo. Quanto mais eu ficava perto e o beijava, mais eu tinha certeza de estar fazendo a coisa certa ao ficar com ele.

— Vamos?

— Vamos — eu respondi, pegando o gloss para passar de novo.

Quando saímos, eu fechei o portão e entreguei a chave para o João, mas o Dante estava em frente a sua casa, na calçada e mexia no celular, balançando o corpo no ritmo de alguma música que tocava no seu fone. Eu o analisei, porque ele vestia uma blusa de malha na cor preta e isso marcava os seus músculos. Não que eu realmente gostasse disso, na verdade eu não gostava em nada dele.

Eu e o João encontramos a Mayra e o Felipe. Normalmente o Felipe e os seus amigos não eram as figuras preferidas do João e do Dante, mas o João

não iria virar a cara para ninguém.

Os meninos compravam vodca e energético. Havia água de coco, mas eu não gostava. Eu estava animada e até me divertindo, mas ver o Dante enganando outra menina por aí me tirava do sério.

Quando eu os avistei, voltei para perto do João, ganhando um beijo, mas ele nos envolveu no ritmo gostoso da música que tocava.

O João engatou numa conversa sobre trabalho com o Felipe e eu não prestava atenção. Pouco mais à nossa frente estava o Dante e a ruiva. Ele a abraçava por trás e tinha o rosto entre o pescoço dela. Os dois estavam no ritmo da música e eu queria poder ir lá, tirar ele de perto dela. O meu coração ficava apertado de raiva, porque ele só iria enganá-la.

— Você está ficando patética — a Mayra falou parando ao meu lado, colocando o que havia na lata do energético no seu copo.

— O que?

— Ana, ou o João é muito lerdo, ou eu nem sei... Mas você fica caçando outra pessoa com o olhar o tempo inteiro — ela falou, negando com a cabeça — e eu sei quem é.

— Vocês não veem que ele só está usando ela? — eu perguntei incrédula.

— E isso não é da nossa conta — ela falou enfática e eu engoli a minha fúria, assentindo.

Bebi para esquecer isso e fiquei com o meu namorado. O cara certo. O que eu amava.

[...]

Fomos embora quase três da manhã. Ainda chegamos à minha casa e estávamos num beijo carinhoso, na minha cama, mas a mãe do João ligou. Ele ainda relutou em atender, mas me deixou e foi.

— Eu estou indo, mãe — ele falou, pegando a sua camisa. Ele veio até mim, abaixando para beijar a minha boca outra vez.

— O Lucas está passando mal de novo — ele explicou — vou ter que ir.

— Tudo bem — eu falei — me dá notícias dele.
— Vou levar a chave, tudo bem?
— Tudo bem — eu suspirei, ganhando mais um beijo antes de ele ir.

Eu me sentei na cama, respirando fundo e preendi o cabelo num coque. Uma coisa que eu poderia gostar mais nessa casa era o banheiro no meu quarto, mas em contra ponto, o quarto do Dante como vista para o meu.

Tomei um banho e vesti um pijama, mas parei quando fui fechar as janelas, porque o Dante estava na sua sacada. Ele vestia só uma samba-canção e segurava um copo. Eu parei, sem querer me mover, ou conseguir, quando ele me notou. Eu engoli amargo, porque eu ainda *queria*, eu não devia e nem queria querer.

Quem em sã consciência troca um amor por sexo?

Eu fechei a janela quando a ruiva apareceu, vestida numa camisa dele e o abraçou. Puxei as cortinas e fui deitar. Eu precisava ignorar esse incômodo que me arranhava por dentro, porque eu tinha que lidar com a realidade. Se eu tivesse largado o João para enfrentar algo e ficar com o Dante, ele hoje estaria no seu quarto com essa ou outra menina. Porque nós dois fomos só diversão para ele.

[...]

O Dante fazia aniversário, duas semanas antes de mim. O que diferenciava os nossos signos.

Era meio de abril e morar ao lado da casa dele, me fazia ver de perto a sua vida. Quero dizer, eu não devia, mas eu não conseguia evitar. Estava bem ali, ao lado. Como não olhar?

As coisas com o João começaram a ficar estranhas, mas eu tentava sempre para que tudo ficasse bem.

— Então essa menina quer fazer uma surpresa pra ele — eu falei enojada, quando o João me ligou avisando para eu me arrumar — eu não vou.

— Porque você não vai? — ele perguntou confuso e eu suspirei.

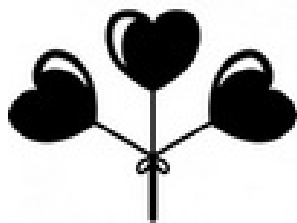
— Porque essa menina tentou te beijar e agora de repente quer namorar o Dante? — eu perguntei, ignorando o quanto isso era incoerente.

— Você queria que ela ficasse comigo? — o João riu, sendo sarcástico — o pessoal vai sair pra beber depois, você não quer mesmo ir?

— Vai você, João! — eu falei irritada — eu não vou! — desliguei, ignorando as suas mensagens.

Mais tarde, eu enviei uma mensagem para o João, me desculpando. Não era culpa dele a minha confusão.

Eu remoí a minha irritação, porque não era possível a vida do Dante estar me incomodando tanto.



CAPÍTULO 26

DANTE NOVAES

— O que essa menina tem de diferente? — o meu pai perguntou ao entrar na minha sala e eu, que lia um contrato o olhei confuso — a Marta...

— Nada — eu dei de ombros, não entendendo a pergunta.

— Nada? Porque você tá tão quieto?

— Porque eu to trabalhando — eu falei como se fosse algo óbvio.

— Com a Martinha.

— Pai — eu dei um riso — eu não sei, mas eu curto ficar com ela.

— Algo a ver com ela ser mais velha?

— Três anos — eu resmunguei — não é um caso de eu poderia ser filho dela.

— Vai namorar com ela? — ele perguntou querendo parecer despretensioso, mas não era.

— Porque o interesse?

— Porque se ela se magoar com a sua canalhice — o meu pai riu — eu vou ser obrigado a demitir você.

— Que absurdo — eu falei, chegando a sorrir para essa preferência — mas nós bem que fazemos um casal legal...

— Você se acha, meu filho — o meu pai zombou — e o presente de aniversário, já escolheu? — ele perguntou e eu sorri presunçoso, mas ele me interrompeu antes que eu começasse a falar: — sem ser trabalho, não vou te dar propagandas.

— Você sabe que eu sou o melhor, né?

— É por isso que você tá insistindo na Marta? — ele perguntou zombeteiro.

— Claro que não, pai — eu falei me sentindo ofendido — eu não sou interesseiro, apesar de ela ter ótimas ideias.

— Olha lá o que cê tá fazendo — ele falou, se levantando — pra não

perder o emprego...

— Eu caso com ela, se for o caso — eu zombei e o meu pai deu um riso, saindo da sala.

Todo ano eu recebia felicitações da Ana, no aniversário. Ainda esperava por algo, mas ela nem falava comigo direito. Quando eu cheguei em casa, distraído com o meu celular, abri a porta e parei assustado ao ver o pessoal da agência ali.

Havia bolo, docinhos e salgados pela mesa arrumada na sala de jantar. Eu parei sem reação, enquanto eles cantavam os parabéns, porque apesar de não parecer, eu era tímido.

As pessoas vieram me cumprimentar e eu ainda ganhei alguns presentes.

— Eu podia jurar que você tinha desconfiado — a Marta falou ao vir até mim e eu escorreguei uma mão pelo seu cabelo, beijando a sua boca.

— Não tinha — eu falei, sorrindo fraco — mas eu gostei, obrigado.

— Já podem oficializar a relação, não é? — o Dilsinho perguntou ao se aproximar e eu fiz uma careta debochada para ele.

— Vai com calma, Dílson — a Matinha falou.

Era engraçada a maneira como ela lidava com a gente sem cobrança ou insegurança. Ela não estava nem aí se eu fosse sair com outra e nem dava chilikies de insegurança, como a Ana fazia. Se nós saíssemos separados e marcássemos de voltar mais cedo para passar a noite juntos, ela não iria de repente voltar com algum ex, por insegurança do meu passado.

— Porque a Ana não veio? — eu ouvi a minha mãe perguntar ao João.

— Tá estressada — ele resmungou — logo passa, você sabe como ela é.

— Não sei como você aguenta — eu falei, porque o meu eu magoado às vezes ainda falava mais alto. O João deu um sorrisinho fraco.

Nós pensamos em sair, mas acabamos comprando bebidas e ficamos na minha casa.

A noite foi divertida, tirando a Ana ter ligado lá pelas onze horas,

fazendo um drama bobo para ele ir embora.

— Ela não é assim — a minha mãe falou confusa, mas o João se despediu da gente e foi embora.

O assunto começou a girar em torno dos dois e eu saí de perto, indo pegar mais cerveja para servir o pessoal.

Nosso *Happy hour* foi até quase duas da manhã, já que no sábado não iríamos trabalhar. A Marta fez o favor de não deixar minha mãe arrumar as coisas, prometendo que nós dois o faríamos. Eu a olhava com um sorrisinho debochado, quando a minha mãe entrou na casa e ela veio até mim.

— Querendo fazer média com a sogra? — eu perguntei sarcástico, cruzando os braços e ela me cerrou os olhos.

— Ela não é minha sogra — ela falou, vindo se sentar de lado no meu colo e me abraçou pelo pescoço — nós não vamos namorar.

— Íamos fazer um casal bonito pra porra — eu falei e ela deu um risinho, pressionando os lábios nos meus.

— Não quero falar sobre isso bêbada — a Martinha falou e eu levei uma mão para a lateral do seu rosto, acariciando o seu lábio inferior com o polegar, antes de começar um beijo.

Eu tentei entretê-la para que não arrumássemos a área, mas ela, mesmo excitada se levantou e começou a catar as garrafas de cerveja.

[...]

No domingo, eu fui com os meus pais para a casa ao lado, para os eventuais almoços. Eu fiquei ajudando o meu pai e o tio Isaque com as carnes, bebendo da cerveja junto com eles.

Logo a Ana desceu e foi para a piscina com a Mayra. Ela usava um maiô preto que modelava o seu corpo e eu a segui minuciosamente com o olhar, grunhindo de dor ao sentir um daqueles beliscões de unha no meu braço.

— Que isso, mãe? — eu falei indignado, levando uma mão para onde estava a dor.

— Cadê a Marta?

— Eu a deixei em casa ontem à noite.

— Porque ela não está aqui? — ela perguntou e eu suspirei.

— Porque ela não tem que ficar grudada em mim o tempo todo — eu resmunguei.

Os nossos pais começaram a jogar baralho e logo ela e a Mayra formaram uma dupla. Então eu entrei, porque a Mayra era péssima no buraco e eu iria ganhar da Ana. Eu nunca ganhava dela.

A manhã foi divertida, mas o João chegou na hora do almoço e a Ana foi ficar grudada nele. Não que fosse uma verdade incontestável, mas a impressão que eu tinha agora era que ela queria provar pra todo mundo que o seu namoro era perfeito.

E era nítido que não estava.

— Você é tão patético quanto ela — a Mayra falou, parando ao meu lado no balcão da churrasqueira, colocando a sua garrafinha de cerveja no balcão e eu a olhei.

— O que?

— Se vocês não fossem tão mimados e irritantes e vingativos, seria uma história bonita.

— Do que você está falando? — eu perguntei pausadamente e ela deu um sorrisinho.

— Dante, é nítido que vocês ficam fugindo um do outro.

— Eu não estou fugindo de nada.

— Nada entre você e a Ana daria certo, porque ela ia dar um chilique a cada vez que desconfiasse de você. E você, sabe deus se ia ficar quieto.

— Eu e a Ana nunca pensamos em ter algo.

— Dante... — ela deu um riso presunçoso — você engana a si, não a mim.

— Ela é a namorada do João. Eu não quero mais entrar nessa confusão.

— Mas compraria a briga, se fosse o caso? — ela sugeriu e eu dei de ombros.

— Eu não costumo fugir e nem negar o que eu faço, ou o que eu quero. Mas ela fugiu primeiro, dessa vez. Eu não posso arriscar tudo e ficar sem nada.

— Ela pensa a mesma coisa — a Mayra falou, bebendo um pouco da

cerveja.

— Você defende muito a Ana.

— Não defendo, eu procuro entender porque ela é minha amiga.

— Claro — eu zombei — então acha certo o que ela fez com o João?

— Dante, eu não acho certo. Mas pra mim, é muito pior trair uma amizade do que um namorado. Ela estava há anos com ele, nunca tinha experimentado outros caras. De repente aparece um cara que todo mundo diz ser bom de cama e muda todo o cenário dela. Sem contar que vocês já ficaram no passado, vai saber se não tinha algum sentimento escondido que veio à tona?

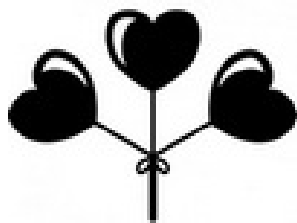
— Eu não sou apaixonado por ela — eu disparei para contestar e a Mayra deu um riso, negando com a cabeça.

— Ela não está e você não é — ela falou, suspirando — pra mim ela descobriu e você sempre esteve.

— Eu to com outra, não viaja — eu resmunguei, negando com a cabeça — e ela nunca vai largar o João.

— É difícil deixar quem a gente consegue dominar pra ser dominada por alguém.

Eu não me deixei levar pela Mayra e nem pensar sobre a possibilidade de a Ana sentir algo. A minha vida estava toda no lugar e eu estava conhecendo uma menina legal, boa de cama e nada pegajosa. O trabalho ia mais do que bem, tudo estava nos eixos. Cogitar aventurar com a Ana de novo seria arriscar a minha amizade com o João, estresses com a Ana e o risco de ela largar tudo para ficar com o João. Eu não queria lidar com toda a raiva que senti de novo.



CAPÍTULO 27

ANA AGUIAR

Na semana do meu aniversário eu deixei claro para todo mundo que não queria surpresa. Estava todo mundo fazendo isso neste ano.

Então, apesar de ser uma terça-feira, eu acordei com o João me trazendo um bolinho. Não fui à aula e havia ganhado à tarde de folga no trabalho.

Ele se sentou à cama e eu me sentei, o puxando para um abraço.

— Faz um pedido — ele falou e eu dei um risinho, soprando a vela. O que eu queria pedir, eu não podia pedir.

— Eu amo você — eu falei, fazendo um carinho no seu rosto.

— Com muito chocolate, porque sei que você gosta — ele falou e eu peguei o bolinho, tirando a vela para comê-lo.

Nós dois ainda tomamos um banho juntos, mas foi só o banho.

Descemos para o café, mas eu havia comido um bolinho e não estava com fome. Tomei um café pra despertar e o João foi trabalhar.

— Preparada pros presentes? — o meu pai perguntou animado e eu sorri, assentindo.

— Não quer nem um bolinho pra gente cantar os parabéns? — a minha mãe perguntou e eu a olhei — não é todo dia que a minha filha completa vinte e dois. Em noventa e seis eu estava com as dores do parto sem querer uma cesariana. Isso foi muito marcante.

— Eu sei — eu falei, sorrindo para essa história de dor e amor, como ela vivia dizendo.

— Na sua idade, eu estava ganhando você.

— Mãe — eu dei um riso.

— O presente mais planejado que a mamãe quis ganhar.

— Mãe, já tá bom — eu falei, tomando a sua mão na minha sobre a mesa.

— Quer uma tarde de menina no shopping?

— Claro — eu falei o óbvio, rindo disso.

Eu e a minha mãe fizemos almoço e o João veio almoçar com a gente. À tarde, nós fomos bater perna na rua. Fomos ao salão, compramos roupas novas, várias até e fomos lanchar.

— Vamos passar na sua tia Mari — ela falou, quando descemos do carro e eu ia seguindo para casa. Eu a olhei entediada, porque eles iriam fazer essa maldita surpresa.

— Que saco — eu falei, enquanto ela me puxava, animada para me levar até a casa.

Quando a tia Mari abriu a porta, estavam apenas ela, o meu pai, o tio Marcelo, o João e o Dante ali.

Eu não sabia nem como agir enquanto eles cantavam para mim, porque era legal ver isso sendo com os outros.

A tia Mari me levou para perto do bolo, e eu soprei a vela.

— Pra quem será que vai o primeiro pedaço — a minha mãe falou presunçosa e eu a olhei entediada — quero discurso.

— Mãe, menos — eu pedi, indo cortar o bolo — o primeiro pedaço vai pra mim, porque é o meu aniversário.

— Que romântica — o Dante zombou, mas eu o ignorei.

A minha mãe foi cortar o bolo para as outras pessoas e o João veio se sentar comigo.

— Está tudo bem? — ele perguntou e eu o olhei, assentindo.

— Você queria o primeiro pedaço do bolo? Um discurso de amor bem bonito?

— Não é isso — ele riu.

— Eu falei que não queria surpresa — eu falei mais baixo — eu nem sei como reagir.

— Você quase me matou do coração no dia do meu. Eu achei que você estava grávida.

— Qual seria a sua reação? — eu perguntei curiosa e ele me encarou por um tempo.

— A gente ia ter que se casar.

— João — eu dei um riso — não se resolve uma gravidez com casamento.

— Mas é o certo, não é?

— O certo é dar amor à criança, não é? — eu retruquei.

— Mas é mais gostoso quando se planeja e se dá um lar estruturado.

— Você é muito certinho — eu reclamei.

— Não vou ser tão certinho hoje, quando for te dar o seu presente — ele falou e eu sorri, ganhando um beijinho dele.

Nós ficamos um pouco ali e eu fui para casa. Marquei com o João às nove e ele foi para a sua casa.

Eu estava olhando o meu guarda-roupa à procura do que vestir, quando duas batidas na porta tomaram a minha atenção. Eu parei quieta, ao ver o Dante e ele apertou os lábios num sorriso.

— Sei que não é um bom momento, mas eu te trouxe um presente — ele falou de um jeito doce e eu continuei o olhando, incapaz de esboçar reação — eu queria propor uma trégua, levantar a bandeira de paz — ele falava, vindo até mim e eu o olhei, me sentindo muda — posso te dar um abraço?

— Pode — eu falei incoerentemente, o abraçando de volta. Eu passei os meus braços em volta do seu pescoço e respirei fundo, me sentindo tão pequena dentro desse abraço. Ele afundou uma mão no meu cabelo, nos apertando mais no abraço, mas deixou um beijo na minha cabeça e se afastou, me entregando o presente.

Eu o olhei, abrindo e peguei a caixa com os bombons caros que eu gostava e sorri para ele, negando com a cabeça. Mas havia outro dentro. Eu peguei, estranhando a caixinha e a abri, tirando as várias fotos de dentro dela, no formato das fotos de uma polaroid. Eram fotos nossas, desde que éramos bebês. Eu o olhei, passando as fotos, indo até quando tínhamos quatorze ou quinze anos.

— A gente passou a vida inteira, juntos, não dá pra deixar um momento desses nos separar.

— Você tem razão — eu falei confusa, porque eu não queria um tratado de paz se fosse para termos o contato escasso de antes, apenas para boa convivência. Era como o jogo de tudo ou nada. O meio termo seria uma tortura.

— Eu já vou indo — ele suspirou — tudo bem, então?

— Está — eu falei, me sentindo contrariada. O Dante me puxou para outro abraço e se virou para sair.

— Dante — eu o chamei e ele parou, se virando para me olhar — obrigada — eu suspirei e ele me acenou um sorriso.

Eu me sentei na cama, passando as fotos mais uma vez, porque nós tínhamos tudo para ter crescido como dois irmãos. Eu não saberia explicar o que foi que deu errado nisso.

“Amor, podemos comemorar no final da semana?”

“Não estou me sentindo muito bem...”

“Ainda tenho aula amanhã e trabalho o dia todo”

Eu enviei para o João, porque essa visita do Dante para voltarmos a testar a boa convivência me deixou agoniada.

[...]

Eu foquei na faculdade e no meu trabalho o resto da semana, sentindo falta de algo que eu nem sabia o que era.

Podia ver o Dante e a ruiva juntos várias vezes durante toda a semana e pelas conversas da sua mãe, eles estavam mesmo namorando. Por isso o seu tratado de paz, ele não queria que algum mal estar entre nós dois afetasse o seu namoro.

Não sabia se era pior ou bom ouvir o João e a tia Mari comentando sobre ele estar sendo quieto com essa Marta, porque o Dante sempre foi do tipo que aprontava e iludia as meninas.

— Então ele está mesmo gostando dela? — eu perguntei para o João, quando ele chegou ao meu quarto e ele deu de ombros, indo se sentar à minha poltrona.

— Pode ser que seja por ser começo — ele falou confuso — mas ele

nunca teve disso, de esperar tempos pra aprontar...

— Então ele gosta dela — eu falei indignada.

— Isso é bom, não é?

— Claro — eu falei como se fosse o óbvio — pra onde nós vamos?

— Você pode crer ou não, mas pra casa do Felipe — ele falou, rindo — May já ligou pra eu não deixar você ficar em casa.

— O Dante e a namorada vão?

— Devem... Ela é prima do Jorginho, então...

— Afe — eu reclamei, suspirando — vamos?

— Você tá contra o novo namoro dele? — o João perguntou confuso e eu o olhei.

— Receosa — eu suspirei, cansada por me incomodar com isso — você viu o que ele fez com a Madá.

— Mas isso não é da nossa conta.

— Não me impede de não aprovar — eu reclamei.

Quando chegamos, cumprimentamos quem já estava ali e fomos nos sentar junto com a Mayra e o Felipe.

— Você está bem? — ela perguntou para mim, que assenti, pegando o meu copo de caipirinha.

— E você? Muito feliz e apaixonada pelo Felipe?

— Muito — ela rolou os olhos — não sei quando foi que eu caí nessa conversa, mas eu to gostando muito.

— Ele pelo menos parece diferente.

— Ele que continue diferente, porque assim como eu apareci, eu sumo da vida dele — ela falou e o Felipe ouviu, porque deu um riso, roubando um beijo dela.

— Eu te amo, amor — ele falou e ela parou, o analisando, me fazendo acreditar que nunca havia dito. Ela voltou a beijá-lo e eu olhei o João, porque fazia tempo que eu não sentia prazer ao dizer ou ouvir um *eu te amo* dele. Era como se estivéssemos no automático. Antes eu sentia borboletas no estômago ao ouvir ou a me declarar para ele.

Eu deixei essas minhas dúvidas para lá, pisei nelas para aproveitar a minha noite. O João estava mais entretido com os caras nas conversas da mesa e eu fui com a Mayra para perto de onde havia a música. Nós bebemos, dançamos e bebemos mais. Voltamos para a mesa e eu me assustei ao ver o Dante com a

Marta ali. A Mayra a chamou e eu tive que engolir a minha aversão com ela, quando ela se juntou à nós.

Em algum momento, todos já estavam mais animados, de pé e eu me deixava ser guiada pelo ritmo do João. Porque quando foi que o meu amor por ele ficou tão morno? Deveria haver uma maneira de fazer isso esquentar e ser bom como antes, eu só precisava descobrir.

Eu parei o beijo, avisando que ia ao banheiro, mas quando ia dando a volta pelo gramado, parei no susto ao ver o casal ao lado da casa, amassados na parede. Eu deveria ter saído dali, mas fiquei para me provar que eu não queria o Dante.

Nem estar no lugar da Marta, que logo viraria página virada para ele.

Mas não conseguia controlar a sensação ruim que ardia em mim ao vê-los nesse amasso feio e quando ele ergueu a perna dela, a colocando em volta do seu corpo, descendo a boca pelo pescoço dela, a fazendo gemer, eu saí meio desnorteada.

Eu me sentei no primeiro lugar que vi sendo possível e que não havia ninguém, porque o que estava acontecendo comigo?

Apoiei os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos, querendo puxar o meu cabelo e voltar a minha sensatez para o lugar.

— Ana — a Mayra chamou e eu a olhei, sentindo um aperto no peito. A sensação era de que se eu falasse algo, começaria a chorar — está tudo bem? — ela perguntou, se sentando ao meu lado e eu engoli, assentindo — porque você está aqui sozinha?

— Eu... — ainda tentei falar, mas a minha voz estava embargada.

— Aconteceu algo? — ela perguntou e eu escondi o meu rosto, porque os meus olhos arderam, enchendo de lágrimas e eu não queria passar por essa humilhação de ser vista chorando. Por algo que eu sequer conseguia assimilar o que era — você tá me deixando preocupada — ela falou confusa, mas o meu choro pareceu vir mais intenso quando ela afagou o meu cabelo — você sabe que pode falar sobre qualquer coisa comigo, não é?

— May... — eu grunhi, negando com a cabeça, afogada nesse choro maldito. Não sei se fiquei muito tempo tentando engolir o meu choro, que era

pesado e amargo.

— O que houve? — eu ouvi a voz do Dante mais próxima e o meu choro pareceu ficar mais intenso, me fazendo soluçar — Ana? — ele tentou puxar as minhas mãos, mas eu não deixei — você não sabe o que houve? — ele perguntou para a Mayra, eu supus.

— Não — ela falou — vai lá, a Martinha tá te esperando.

— Se precisar de algo, me fala — ele falou e a Mayra me puxou, me abraçando e acarinhou o meu cabelo.

— Eu acho que você devia terminar com o João — ela falou, suspirando forte, mas eu chorava e neguei com a cabeça — Ana, não dá pra você querer se proteger do que sente por outro cara em um namoro.

— Mas eu gosto do João, a gente só precisa encontrar o caminho certo de novo — eu falei, não conseguindo parar de chorar e ela estalou os lábios.

— Ana, você não pode se forçar amar alguém — ela reclamou — não é culpa sua. A sua culpa é se enganar e enganar o João.

— Eu não quero perdê-lo...

— Ana, por favor. Você perde mais do que ele, porque você está forçando algo. Para o João está tudo bem. Ele não está sofrendo, não está se sentindo enganado ainda... Você está.

— Olha — eu funguei, limpando o meu rosto — vamos voltar pra lá?

— Você deveria ser mais sensata.

— Eu estou sendo sensata.

— Você não precisa achar que terminar com o João quer dizer cair nos braços do Dante — ela resmungou, e eu funguei outra vez, correndo as mãos sob os olhos, para limpar a maquiagem que poderia ter escorrido.

— Eu não to apaixonada por ele.

— Eu nunca disse isso — ela falou e eu a olhei — embora eu ache que esteja.

— Mas eu não estou — eu forcei um sorriso para ela — vamos?

Naquela noite eu e o João brigamos. Como a Marta dividia apartamento com uma amiga que estava fora da cidade, havia nos chamado para esticar a noite por lá. E eu não queria ir. E eu não conseguia encontrar um motivo coerente para o João me entender.

— Sinceramente, você tá ficando impossível — ele falou, indo para o carro primeiro. Eu fiquei quieta até chegar em casa.

— Você não vai ficar? — eu perguntei confusa, uma vez que ele não entrou com o carro na garagem.

— Você quer que eu fique? — ele perguntou sarcástico — ultimamente anda tão estranha, me evitando o quanto pode.

— Me desculpa — eu falei um tempo depois — eu não sei o que está acontecendo comigo — eu corri as mãos no rosto, respirando fundo.

— Eu vou pra casa, Ana. Amanhã a gente se vê e conversa com calma — ele falou e eu o olhei, me aproximando para beijá-lo, mas ele não me correspondeu. Eu engoli pesado, não conseguindo olhá-lo e desci do carro. Ele ainda me esperou entrar e fechar o portão, para ir embora.

Eu me sentei no gramado em frente à casa, me sentindo fraca emocionalmente. Essa confusão estava me esgotando e eu não sabia como parar isso. O meu celular vibrou em várias mensagens, mas não eram do João.

“Você devia terminar com ele, antes de estragar tudo o que viveram”

“O pessoal ficou comentando o seu chique”

“Insinuando que o que a Madalena saiu falando era verdade”

As mensagens eram da Mayra.

“A Madalena saiu falando algo?”

Eu enviei de volta.

“Pelo visto, sim. Não sei como o João não pilhou com vocês dois até hoje...”

Eu abracei os meus joelhos e escondi o meu rosto, voltando a chorar, de tristeza, porque se tudo isso viesse à tona eu perderia o João e ainda sairia de vagabunda para todo mundo.

O Dante sempre teria vantagem, por causa do pensamento machista que sobrecarregava todo mundo. Eu sempre seria a culpada. Ele seria só cara que nunca deixaria ninguém passar.

Ao invés de seguir o conselho da Mayra e pedir pelo menos um tempo para o João, para colocar os pensamentos no lugar, pela manhã eu enviei uma música para ele e pedi desculpas pelo meu comportamento esdruxulo na noite

passada.

A minha certeza veio depois de ver uma foto que a Marta havia postado junto com o Dante. Tudo bem que eu e o João vivíamos postando fotos juntos, mas nós estávamos juntos desde sempre. O Dante não era o cara que assumia os namoros com fotos. E a Marta conquistou esse direito, não era só um namoro de passatempo para ele. Eu parei de segui-la, para não ver essas coisas, porque estava começando a me machucar ter que ver.

Eu e o João passamos a tarde vendo filmes no meu quarto. À noite, ele foi para a sua casa e eu saí com a Mayra e algumas amigas. Eu logo fiquei irritada quando a conversa se voltou para o Dante e o seu novo namoro sério.

Deixei a mesa, indo para fora do bar e a Mayra veio atrás.

— Você tá impossível, viu — ela deu um risinho — não consegue mais ouvir falarem dele.

— O mundo não gira em torno do Dante e da namorada dele — eu falei, grunhindo de ódio ao ver o carro dele estacionando do outro lado da rua — isso é castigo, não é? — eu perguntei.

— Quer ir embora?

— Quero — eu fiz uma careta — vamos pagar a conta?

— Vamos — ela falou e eu abri a minha bolsa, entregando o dinheiro para ela.

— Paga a minha parte, por favor — eu falei — eu não quero entrar lá.

— Tá — a May suspirou, voltando para dentro.

Eu vi o casal entrar no bar e pegar uma mesa. Eu evitei ficar olhando, para não bancar a ridícula e começar a chorar.

— Não adiantou nada o seu caso, não é? — a Madalena perguntou parando ao meu lado e eu sequer a olhei — ele já está com outra e dessa vez, mais firme do que nunca.

— Do que você está falando, Madalena? — eu perguntei pausadamente.

— Do seu caso com o Dante — ela me sorriu — você não vai me negar de novo, não é?

— Meu Deus, você é louca — eu falei impaciente, começando a andar quando a Mayra apareceu.

[...]

Eu já nem sabia dizer os motivos das minhas brigas com o João. As nossas discussões saíam tanto do controle, que eu conseguia fazer o cara calmo que ele sempre foi ficar alterado. E isso nunca havia acontecido antes.

Nós chegávamos a ficar dias sem sequer nos beijar, porque tudo estava virando motivo pra briga. E no sexo, mais parecíamos dois estranhos.

Eu chorava em toda briga, porque eu já não sentia o que eu queria e devia sentir. Eu não queria perdê-lo, mas eu já não era mais dele.

— Vocês estão assim faz um tempo — a minha mãe falou ao entrar no meu quarto e eu solucei, assentindo — se for pra ficar só brigando, não é melhor terminar?

— Eu não queria terminar — eu falei, inconformada — a gente funcionava tão bem juntos... Eu nunca vou encontrar alguém como ele.

— Mas isso não está dando certo — ela falou carinhosamente — eu gosto do João, eu o acho um cara de bem, responsável, amoroso, mas se não está dando certo, vocês não têm que insistir.

— Ele não merece isso, mãe — eu falei, com a voz embargada pelo choro — esse ano foi todo errado.

— Ana, você não pode ter medo de perder alguém. Tá parecendo a sua tia Mari.

— Mas eu o amava tanto.

— Às vezes a gente ama tanto e depois não ama mais — ela falou docemente e eu chorei ainda mais — a vida passa tão rápido, meu amor, pra você ficar sofrendo por medo de terminar um namoro. É um tempo que você está perdendo de viver a sua vida. E ele a dele.

— Ele não merecia isso... — eu solucei, negando com a cabeça — dói tanto lembrar tudo que a gente viveu e que agora não parece mais fazer sentido. Foi uma história tão boa, eu queria tanto querer continuar com ele.

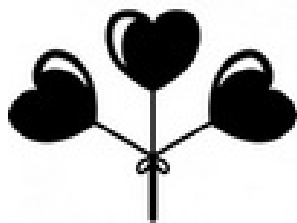
— Ana, você é nova, tem tanto pra descobrir. Eu no seu lugar não teria medo de arriscar. Se vocês se gostarem mesmo, na hora certa vão acabar voltando. E aí vai ser tão melhor...

— E se não voltar?

— Aí na hora certa, a pessoa certa te aparece. Você tá com medo de ficar sozinha? É isso?

— Eu tô com medo de perdê-lo e me arrepender — eu falei mais baixo.

— Pensa no que é melhor pra você, tá? — ela falou, se levantando, mas se abaixou para deixar um beijo no meu cabelo.



CAPÍTULO 28

DANTE NOVAES

— Você tá bem? — eu perguntei para o João, que surpreendentemente estava de mau humor.

— To — ele resmungou, mas correu as mãos no rosto, respirando fundo.

— Certeza? — eu insisti, me sentando à cadeira em frente a sua mesa.

— Sabe quando a coisa chega ao limite? — ele perguntou enfático e eu o olhei confuso — eu to por aqui — ele fez um gesto sobre a sua cabeça — pra terminar com a Ana.

— Por quê?

— Eu não sei. Eu não quero ficar num namoro que só dá briga. Não faz sentido. Faz tempo que não é a mesma coisa e eu fui deixando, achando que iria passar. Mas agora tudo, exatamente tudo vira briga.

— Se está assim, é melhor terminar — eu falei confuso.

— Eu vou dar uma volta — ele falou — se precisarem de mim, me liga.

— Tá — eu falei e ele foi embora.

Eu não mergulhei nos pensamentos de como a vida me testava, porque logo agora que eles estavam prestes a terminar, eu estava com alguém. E agora era eu quem não iria abrir mão da minha pessoa.

[...]

Naquela tarde, quando eu me despedi de um cliente após uma reunião, fechei a porta da minha sala e ia para a minha mesa, mas o João abriu a porta de uma maneira estúpida e me puxou. Eu não tive tempo de me esquivar ou reagir ao ser acertado com um soco no rosto. Cambaleei para trás, sendo pego por outro

soco, mas o Dilsinho e o meu pai o seguraram. Eu levei a mão para o rosto, sentindo o canto da minha boca cortado e o gosto de sangue. Ao assimilar a sua fúria ao único motivo para ele sentir isso e vir aqui me bater, a minha respiração acelerou.

Parecia bizarro, mas a primeira coisa que eu pensei foi em como a minha mãe iria terminar de arrebentar a minha cara.

— O que está acontecendo aqui? — o meu pai perguntou e o João, que arfava de raiva começou a dizer:

— Ele sabe o que aconteceu! — ele falava alto, com a voz acelerada de adrenalina — ele sabe o que ele fez! — ele continuou e o meu pai o colocou sentado, mas num vacilo ele avançou em mim de novo.

Por um momento, por causa da dor dos seus socos no meu rosto, eu queria revidar, mas eu sabia que o meu pai o liberou por me achar merecedor disso.

— João, chega! — o Dilsinho falou e o meu pai saiu da sala. O João correu as mãos no rosto, as levando para a cabeça, me olhando e rindo incrédulo.

— Meu deus, por isso tanta ofensa — ele falava incrédulo — por isso você jogava tanto na minha cara que eu era corno manso! Caralho, Dante, eu sabia que você não prestava, mas a esse ponto?

— Cara, eu posso explicar — eu falei, mas ele negou com a cabeça — quem te falou e o que?

— Depois daquela festa, teve alguma outra vez? — ele perguntou e eu o encarei, negando com a cabeça — os pais de vocês sabiam? Alguém acobertou isso?

— Não, João, pelo amor de Deus — eu resmunguei — foi um deslize só, nada demais.

— Você transa com a minha namorada e diz que não é nada demais? — ele perguntou mais alto e o Dilsinho saiu da sala.

— Me desculpa, cara — eu falei, porque o que mais eu poderia fazer?

— Mas é muita cara de pau sua, pedir desculpas — ele resmungou, meio desnorteado e saiu da minha sala, puxando a porta com força.

Eu corri a mão no canto da minha boca, vendo que o sangue chegou a escorrer e pela sensação do meu olho, eu sabia que estaria inchando.

A notícia correu a empresa, porque a Marta entrou na minha sala com

gelo e um kit primeiros socorros. Ela me lançou um olhar feio, dando um tapa na minha cara e eu grunhi de dor.

— Você apanhou pouco pelo que você fez — ela falou furiosa, me empurrando na cadeira.

— Eu não fiz sozinho — eu falei, como se isso fosse mesmo uma defesa.

— Coitado do João — ela resmungou — o único cara que eu via sendo fiel foi duplamente traído.

— Por isso que eu prefiro não prestar — eu falei, sendo quase interrompido por outro tapa. Eu grunhi de dor, levando a mão para a minha bochecha e ela pegou a gaze, molhando com a água oxigenada para limpar o corte — você pode ser um pouco mais carinhosa? — eu perguntei e ela apertou a gaze molhada com força no canto da minha boca.

— Se fosse comigo você estaria castrado — ela falava, enquanto limpava os meus machucados de uma maneira estúpida.

— Você não ia querer ficar sem — eu falei, mas a cada asneira que eu falava, ela me dava um tapa — eu vou descontar, amor, você sabe.

— Você acha mesmo que vai ter o meu corpo outra vez? — ela perguntou desdenhosa.

— Eu traí o João, não você — eu falei inconformado — aliás, depois de você, eu nem fiquei com outra pessoa.

— Você não ficou com a Ana?

— No começo do ano, só — eu reclamei — e ela se arrependeu, era uma história morta, não sei quem foi contar ao João.

— Vocês fazem uma canalhice dessas e você ainda lamenta que ele tenha descoberto?

— Lamento, porque era passado — eu falei, choramingando quando ela pegou um gelo e enrolou na gaze, pressionando no meu olho inchado — porra, amor, assim dói!

— Eu to tão chateada com você — ela falava possessa — meu Deus, ele era o seu amigo!

— Isso dói — eu grunhi e ela apertou mais o gelo em mim — eu já fui castigado, já tá bom!

— Agora você não vai mais querer ficar com ela? — a Martinha perguntou e eu a olhei.

— A gente não está junto? Porque eu iria ficar com outra?

— Se você ficou com ela, ela namorando o seu amigo, o que eu posso esperar agora que ela está solteira?

— Nós estávamos bêbados! — eu falei enfático, tomando o gelo dela — foi um desliz, não o fim do mundo.

— Dante...

— Você quer terminar comigo porque o Joao tá solteiro, é isso? — eu perguntei impaciente e ela me encarou, rindo incrédula.

— Eu não quero terminar, eu só quero saber se você quer continuar. Não vou esperar ser enganada pra isso.

— Eu quero continuar com você — eu resmunguei, levando o gelo para a minha boca, que agora estava ardendo — eu gosto de namorar com você!

— Você deveria ter apanhado mais — ela falou entediada, vindo até mim, deixando um beijinho no canto não cortado da minha boca — não se faz o que você e ela fizeram. Se isso fosse por agora, você seria um cara morto e castrado.

— Não precisaria me castrar se eu fosse morrer.

— Você é patético — ela suspirou — deveria no mínimo pedir desculpas pra ele. O João era o único cara que não merecia isso.

— Ele me bateu — eu falei incrédulo — como eu ia ter tempo de me desculpar direito?

— Ele te bateu pouco, pelo que você fez.

— A Ana é a santa, então — eu falei sarcástico.

— Menos pior que você, em minha opinião — ela falou e eu a olhei — é o que eu acho. Se você não tivesse cedido, ela não teria ficado. Aposto que você ficava a provocando, eu conheço você.

— Eu sou irresistível, é diferente — eu falei, mas ela deu um riso cansado, negando com a cabeça.

— Você se arrepende? Porque você precisa se desculpar com o João.

— Eu nunca me arrependo de algo que eu quis fazer. Mas quando ele se acalmar eu vou me desculpar, eu devo isso pra ele.

— Tomara que ele acerte o outro lado do seu rosto — ela falou carrancuda.

— Vamos pra casa?

— Você vai mesmo pra sua casa agora? — ela perguntou zombeteira.

— Vamos pra sua. Porque se o João foi lá brigar com a Ana, a minha mãe já sabe e já deve estar querendo me matar — foi o tempo de eu acabar de dizer para o meu celular começar a tocar.

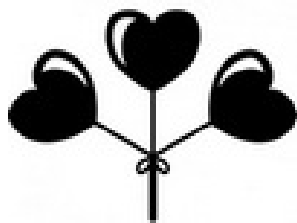
Eu ignorei a ligação, porque a minha mãe surtava com a possibilidade

de eu e a Ana nos beijarmos. Sabendo que nós fizemos essa sujeira toda, ela iria querer nos matar.

Como eu ignorei as ligações, ela mandou um áudio no whatsapp:

“não adianta você fugir, porque quando você aparecer aqui eu e vou esperar você com um cinto na mão!”

A Martinha riu ao ouvir, mas nós fomos para o meu carro.



CAPÍTULO 29

ANA AGUIAR

Eu tentava ligar para o João, por várias vezes seguidas, mas ele rejeitava as minhas ligações. Também não respondia as minhas mensagens, me deixando nervosa e irritada.

Eu queria poder conversar com ele, para que pudéssemos decidir o que fazer com essa nuvem errada sobre nós dois. Mesmo que eu não quisesse terminar, talvez com uma conversa mais madura e um tempo, tudo se resolvesse. Talvez, se tivéssemos tempo de sentir saudade um do outro, as coisas ficassem bem.

— Finalmente — eu suspirei aliviada, quando ele me atendeu — a gente pode conversar?

— O que você vai querer dizer, Ana? — ele perguntou com a voz acelerada e nervosa e eu franzi o cenho — quer me dizer como foi bom se testar com o Dante? Como eu fui um corno manso por acreditar no teu amor e te perdoar? — ele arfou e eu senti o meu chão sumindo. Caí sentada na cama, incapaz de dizer algo e deixei o celular cair na cama.

Não sei como a Mayra soube, mas pela maneira que ela chegou ao meu quarto, ela estava assustada.

— Meu deus, eu vim com medo de você e o João terem brigado de novo — ela falou depois de fechar a porta e eu a olhei, tão sem reação que não conseguia colocar o que sentia para fora — ele arrebitou a cara do Dante.

— Deveria arrebitar a minha também — eu falei, não conseguindo aliviar a minha angústia respirando fundo. A Mayra veio até mim, se sentando ao meu lado e eu me encolhi na cama, não querendo dar o braço a torcer e chorar.

A Mayra ficou no quarto comigo por horas, entendendo o meu

silêncio. As coisas ficaram meio turvas quando gritos da casa ao lado chegavam até aqui. A tia Mari sempre foi nervosa, meio histérica, principalmente com a possibilidade de eu e o Dante termos algo, então a sua fúria era explicada.

— Você vai falar com ele? — a Mayra perguntou e eu a olhei — você tá aí com esse olhar abatido, sem vida, eu não sei se posso te deixar sozinha.

— Eu não amo o Dante — eu falei e ela me olhou confusa — não pode ser amor...

— Ana, você não pode se cobrar não amar alguém, se você estiver amando.

— Mas não é bom, sentir isso, você me entende? Não me tranquiliza saber que eu posso gostar ou querê-lo.

— Se dá um tempo pra colocar a cabeça no lugar, tá? — ela falou, se levantando — eu tenho que ir trabalhar, mas qualquer coisa me liga.

— Obrigada — eu sorri fraco.

Enviei uma mensagem para o João, pedindo para conversarmos, mas ele não me respondeu.

O meu dia pareceu não passar e eu comecei a ficar preocupada quando a dona Lídia ligou perguntando se o João estava comigo.

Insisti em várias ligações, mas ele não me atendia e depois de um tempo, foi para a caixa postal.

Não consegui dormir e fiquei ainda pior ao ver o Dante no seu quarto com a sua namorada. Eu fiz tudo tão errado, que agora ele estava com outra. Pelo que todos viam desse relacionamento, ele não iria de repente acabar.

Ouvi uma discussão dos meus pais no corredor, por minha causa. Porque segundo o meu pai, não era hora de a minha mãe passar a mão na minha cabeça.

O meu choro era silencioso e ainda maior era a minha dor. Um filme bonito da minha história com o João se repetia na minha cabeça, porque nós dois fomos um casal feliz. Um casal feliz até deixar de ser.

Talvez o meu maior erro depois de ficar com o Dante, foi não ter

aberto mão do João. Foi querer fugir de um suposto sentimento me agarrando a outro que já não existia mais. Sobrava o apego, a vontade de ser. Mas ser, não era mais.

“O João estava no bar com o Breno, mas já foi pra casa”

A mensagem era da Mayra e eu agradeci.

Não consegui dormir, mas no dia seguinte, por eu estar nervosa e cansada, a minha mãe me fez um chá.

— Eu não vou ficar aqui te culpando ou te punindo pelo seus erros, porque acontece — ela sorriu fraco, se sentando comigo na cama — o pior que poderia te acontecer, já aconteceu. Mas você ficar aí sofrendo, chorando, perdendo os dias nesse quarto não vai resolver. Eu ficaria feliz se o João te perdoasse, mas vocês dois precisam aceitar que acabou.

— Eu sei — eu sussurrei, bebendo um pouco do chá de camomila que estava morno — é que eu tenho uma sensação ruim de ter trocado tudo por nada.

— Ana, você não trocou tudo por nada. Você não queria mais aquele namoro e se jogou na primeira válvula de escape. Te faltou maturidade pra acreditar mais em si, ter mais vontade própria e terminar. Se você amasse o João e estivesse realmente satisfeita em estar com ele, o Dante ou qualquer outro que fosse, te deixariam instigada a ficar. Nenhum outro te pareceria interessante se você amasse o teu namorado.

— Mas eu queria amá-lo — eu falei baixo.

— Quando as coisas acalmarem, você vai poder conversar com o João. Ser sincera com ele. Você não precisa ter medo de falar a verdade, na verdade, você precisa falar. Vai te tirar o peso das costas, vai fazê-lo te entender, talvez — ela sorriu fraco — e vocês dois vão poder seguir sem uma linha que se quebrou. Seguir em frente sem mágoas.

— Ele nunca vai perdoar o que eu fiz.

— Mas você precisa se perdoar e virar essa página.

— O meu pai deve estar me achando uma vagabunda — eu suspirei e a minha mãe deu um risinho.

— Se você tivesse doze anos, a gravidade disso para ele, resultaria em um belo castigo.

— Eu merecia, mesmo.

— Não se castigue demais, meu amor — ela falou, se levantando — você não é a primeira e nem a última pessoa a cometer um erro.

— Eu deveria me arrepender — eu falei e ela, que se preparava para sair do quarto parou, me olhando confusa.

— Não se arrepende? — ela franziu o cenho e eu bebi mais um pouco do chá. A minha mãe saiu do quarto para não prolongar essa conversa sobre falta de arrependimento e puxou a porta. Eu terminei o chá, fechando as cortinas e a janela.

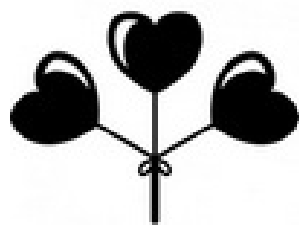
Liguei o ar e apaguei a luz, mas não conseguia cair em um sono tranquilo.

Eu não conseguia ainda esclarecer os meus pensamentos. Pedir desculpas e me explicar para o João eram coisas a se fazer, mas ele iria me ouvir?

E quando eu fui ficando mais calma quanto ao fim e a maneira como ele aconteceu, os pensamentos de quem o fez começaram a me perseguir.

Quem teria motivos para contar tudo ao João? Porque o Dante, eu não acreditava que faria. Nem a Mayra.

De todo modo, eu precisava pôr a cabeça no lugar e aceitar que eu errei. Esse foi o ponto de partida crucial para o fim.



CAPÍTULO 30

Soube por bisbilhotar sem querer uma conversa da minha mãe com a tia Mari, que o tio Marcelo deu duas semanas de licença para o João. Para ele esfriar a cabeça e repensar a demissão.

Eu conhecia o lado provocativo do Dante. Para ser sincera, depois de respirar um pouco, eu vi que eu e o João não tínhamos futuro a partir do momento em que eu olhava o Dante com maldade. Eu sempre o fiz. E não por ser ele, mas por ser outro cara que não o meu namorado.

Eu e o João, por mais que ele fosse o cara certo pra qualquer mulher que sonha com amor calmo e príncipe encantado, não tínhamos futuro desde que eu sugeri o beijo no Dante. Não poderia me enganar ou enganar alguém. Eu e o João estávamos fadados a dar errado e era só questão de tempo até acontecer.

Tanto que, se ele não tivesse descoberto toda essa cachorrada, nós provavelmente teríamos terminado de todo jeito.

Eu estava o esperando no seu quarto. O João. O seu irmão havia me deixado entrar. Aproveitei a viagem da sua mãe, porque não tinha cara para encará-la. Dona Lúcia sempre me tratou como da família. Eu e o João praticamente formávamos uma e eu joguei isso fora. Precisava lidar com as consequências.

Quando o João entrou e fechou a porta, parou a me notar e ficou me encarando, como se não tivesse reação. Eu sentia tanto por nós dois, porque se tivéssemos dado certo, digo, se eu tivesse dado certo para ele, nós seríamos tão felizes. E fomos, até eu deixar de ser. Não era culpa dele, no entanto. Era culpa minha, que queria mais. Hoje digo que, queria algo que não sabia o que era.

— Eu esperei um tempo, mas não dá pra seguir sem uma conversa —

eu falei um tempo que pareceu uma eternidade depois.

— Acho que eu já entendi o que aconteceu, você não tem que se explicar — ele falou e eu respirei fundo, correndo as mãos nas minhas coxas, pensando em como começar a falar.

— Eu não vou me explicar, seria muito sarcasmo ou afronte meu, fazer isso. Não tem explicação, não tem perdão, você não precisa entender, João, mas a nossa história não se resume a isso. Nós dois fomos felizes juntos, nós dois vivemos coisas boas e dividimos mais de quatro anos das nossas vidas. Eu não posso sair assim, sem olhar pra você e dizer que eu sinto muito. Eu sinto muito por não saber corresponder ao teu amor e ao teu melhor, por querer algo diferente do que nós dois nos oferecíamos — eu falei e ele continuou me olhando sem dizer nada — eu sinto muito não ser a pessoa que vai ter você, merecer você... Eu vou guardar a nossa história com muito carinho, porque pra mim, valeu a pena.

— Valeu até deixar de valer — ele falou mais baixo essas coisas que a minha mãe dizia.

— Me perdoa — eu sussurrei, sentindo os meus olhos arderem — eu não devia ter sido tão... Eu deveria ter sido mais sincera com você, desde o começo.

— Você me ajuda a entender, se me contar onde tudo isso começou — ele falou e eu parei, o olhando — quando, por quê? O cara da festa era ele?

— A gente não tem que falar sobre isso — eu falei, com a voz ficando embargada pela vontade de chorar.

— Como você conseguia dormir comigo, sair comigo, me beijar, conviver, transando com o cara que se dizia meu amigo?

— Por favor, João — eu pedi, respirando devagar para não ceder ao choro — eu não sei por quê. Porque nós dois sempre estivemos juntos, eu queria algo novo e de repente o Dante estava ali... Eu realmente não sei. Eu não devia.

— Ana, o que mais me dói, é ver o quanto você mentiu pra mim — ele negou com a cabeça — a nossa relação foi construída em confiança, nós sempre prezamos isso, Ana. Confiar, ser leal. Nós nunca vivemos nos cobrando, nós nunca ficamos nos prendendo, nos privando. Mas porque confiávamos um no outro. De repente você ficou paranoica, de repente você chorava a toa, surtava do nada por uma culpa de algo de eu já tinha perdoado. E agora então, tudo fez sentido. Você não se sentia perdoada, porque na verdade você nunca foi — ele falou e eu fiquei quieta — está tudo bem, Ana. Você não precisa carregar culpa. Eu não vou te culpar por ter querido outro cara, seja ele quem for. Mas não me peça pra entender ou te perdoar por ter mentido pra mim, me enganado a toa.

O João abriu a porta e saiu do quarto. Eu respirei fundo para controlar a vontade de chorar e saí. Me despedi do seu irmão que estava na sala e voltei para casa.

Coloquei os fones e me deitei em uma das espreguiçadeiras, ouvindo músicas aleatórias, tentando me impedir de pensar, mas isso parecia impossível.

Mesmo que eu soubesse que era hora de aprender a ficar sozinha, eu não estava com medo disso, o que mais me aporrinhava a mente era a sensação de ter trocado tudo por nada. Era pior que o meu medo inicial de trocar tudo por sexo ou diversão.

Foram mais três semanas que eu passei focada no trabalho e no final do semestre.

Já era final de julho, eu estava de férias e agradeci a minha mãe não ter me feito seguir para a casa de praia junto com eles. Seria como uma sangria me fazer enfrentar todos os outros depois de tudo. Eu iria com a Mayra no sábado à noite, para o aniversário do meu pai, que seria no domingo.

Era a primeira vez que eu saía, desde o rompimento com o João. Desde que todos deixaram de supor e realmente ficaram sabendo que eu era uma traidora.

Nós duas chegamos à boate e ela encontrou o Felipe na entrada. Quando entramos, ele foi pegar bebidas para nós. Eu olhei em volta, mas foquei em tentar me divertir.

Não bebi muito, porque estava sentida e não queria dar trabalho para ninguém.

Vi de longe o João junto com o Breno e mais duas garotas. Uma pontada de ciúme incomodava o meu peito, mas eu me sentia aliviada por ele não estar sofrendo.

— Você está bem? — a Mayra perguntou e eu a olhei, sorrindo fraco, mas assenti.

Eu não fiquei ali até tarde e voltei para a casa com o carro da Mayra, uma vez que ela estava com o Felipe.

Eu entrei em casa, respirando fundo e coloquei uma música. Me sentei ao sofá, me deixando sentir o fim do que eu vivi, o peso da minha escolha.

Depois de um banho demorado e quente, eu tomei um chá desses que prometem ser calmantes e fui deitar.

Eu não havia passado por isso, ainda. Mas sabia que era questão de tempo até tudo ficar bem.

Na manhã seguinte eu saí para comprar o presente para o meu pai e fui para o escritório. Não costumava trabalhar aos sábados, mas tínhamos algo pendente ali.

À tarde arrumei uma bolsa com roupas para dois dias e o que mais eu fosse precisar. Me deparei com as fotos que o Dante me deu de aniversário. Não queria me apegar ao sentimento de raiva por ele, porque mesmo que fossem remotas as chances de ele sentir algo por mim, ele jamais compraria a nossa história.

[...]

Eu e a Mayra chegamos depois das oito da noite e pegamos o pessoal tomando cerveja e ouvindo música alta na área da piscina. Cumprimentei a todos, sem exceção e fui guardar as coisas com a Mayra no quarto.

— Você está bem em ficar aqui com eles dois? — a minha amiga perguntou e eu assenti — não sente falta dele?

— Sinto — eu suspirei — mas eu sinto mais falta de quando eu amava estar com o João. Eu me sentia em paz.

— Você acha que vocês dois acabam voltando?

— Seria egoísmo meu querer isso. Eu to tão confusa com tudo, que voltar com o João agora seria só pra me enganar e fazê-lo de estepe. E eu não vou desmerecer o João, ele merece alguém que queira a calma do amor que ele oferece.

— Mas ele ama você — a Mayra sorriu fraco.

— Ele te falou algo?

— Falou com o Felipe, que a vontade que tinha depois que a Madalena foi lá contar pra ele, era de fingir que nada aconteceu e ignorar, era de não acreditar nela. Mas ela insistiu que você e o Dante continuavam se encontrando... Daí você já sabe, ele e o Dante brigaram, o Dante sequer negou... Não dava pra ele te forçar a amá-lo.

— Mas eu amei.

— Eu sei — ela falou solenemente — mas você acha que tem chances de voltar?

— Não — eu suspirei — não sei se eu quero ou se ele ia querer. Quero dizer, agora eu preciso colocar a cabeça no lugar e saber o que eu quero de verdade.

— O Dante? — ela sugeriu e eu deixei escapar um riso.

— May, desde que o João soube, eu não consegui pensar no Dante. Eu não consegui pensar em nada. No máximo fiquei remoendo a minha troca. Eu tive tanto medo de trocar o João pra ter sexo e me divertir com o Dante, que eu perdi o João e fiquei sem nada. O Dante, se quisesse, tinha a oportunidade perfeita pra me procurar e acreditar em nós dois, porque todos já sabiam. Ele o fez?

— Quando você superar, vai poder sair ficando com todo mundo.

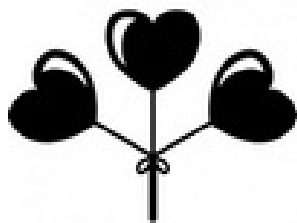
— Eu vou fazer — eu zombei — vou incorporar a sua antiga versão de perigete.

— Ei! — ela reclamou, mas nós rimos.

Nós ainda tomamos um banho e descemos para acompanhar a diversão do pessoal. A tia Mari não era mais um doce comigo e nem me chamava de Lindinha, mas o tio Marcelo disse que com o tempo ela nos perdoaria. Ela também não estava facilitando para o Dante. Vendo assim, a minha mãe sempre foi mais liberal. Para ela não foi o fim do mundo eu ter traído o meu namorado ou imperdoável ter ficado com o Dante. Aconteceu, vida que segue.

Eu evitava olhar o Dante com a ruiva, porque ele parecia estar firme nisso. Digo, eles dois se davam bem. Ela não era fresca ou encenqueira como a Madalena, nem se deixava levar na maciota como todas as outras ex-namoradas.

A Mayra acreditava que era questão de tempo até ele se sufocar disso, mas eu não esperaria por isso.



CAPÍTULO 31

DANTE NOVAES

Eu fui para perto da churrasqueira, quando a Ana e a Mayra voltaram, porque se a minha mãe esteve neurótica dessa maneira alguma vez na vida, eu não me lembrava.

Juntava a ansiedade de não estar grávida no tempo rápido que planejava, talvez e a sua neurose sobre eu supostamente querer brincar com a cara da Ana e pronto, resultava em uma mulher me monitorando o tempo inteiro.

E não que eu não quisesse, eu queria, mas ela e o João terminaram por minha causa há pouco tempo, ela deveria estar confusa, sofrendo o fim e eu não queria ser o cara para tampar o buraco. Eu queria o meu espaço, mas eu saberia ocupar?

A Ana não seria como dessas meninas que depois de dar errado sumiria da minha vida. Nós teríamos que nos engolir, era como se fosse família. Já era estranho lidar com essa situação, não queria imaginar como seria lidar com um amor que deu errado.

Não que fosse amor, mas se fosse.

Ela havia acabado de perder um relacionamento longo por causa de um erro. Não estava de coração limpo pra receber outra história.

Sem contar que agora eu não estava disponível. Eu não poderia de repente mandar embora uma pessoa legal. A Martinha não merecia isso.

Fiquei meio atônito quando as meninas nos deixaram para sair, mas

respirei e fui até a Marta.

— Eu sinto tanto sono — ela falou quando eu parei entre as suas pernas, porque ela estava sentada em um dos bancos altos do balcão — que só quero um banho e dormir.

Nós ficamos ali em baixo com os meus pais e os da Ana até quase meia noite. As meninas não haviam voltado e eu fui para o quarto com a Marta, mas ela pegou no sono rápido depois do banho.

Eu não conseguia dormir, porque eu nunca lidei com a Ana solteira e não sabia o que esperar dela.

Levantei devagar e desci, pegando uma garrafinha de água e fui para a área da piscina, me sentando em uma das espreguiçadeiras.

O menino em mim queria largar tudo e correr atrás da Ana, mas era muito equivocado machucar alguém que não merecia pra isso. A Marta caiu de paraquedas na minha vida e em toda vez que quis sair eu não deixei. Eu tinha um carinho por ela, que não me deixava machucá-la.

Nós dois tínhamos uma relação diferente de todas as outras que eu já vivi. Não havia tanta emoção ou sentimento, não posso culpá-la por isso, mas nós nos dávamos bem, nos divertíamos juntos.

Eu olhei o carro sendo guardado na ultima vaga na garagem e a Ana desceu primeiro, mas parou a me notar. Ela guardou o celular no bolso do short e entrou na casa. A Mayra travou o carro e parou, quando a Ana entrou em casa e veio até mim.

— Não consegui dormir? — ela perguntou, se sentando na espreguiçadeira ao lado, mas ficando e de frente para mim.

— Como ela está?

— É meio tarde pra você querer saber — ela franziu o nariz.

— E eu devia fazer o que? — eu perguntei inconformado — ela escolheu o João em todas as vezes que poderia ter escolhido a gente.

— Dante, você não é a vítima — a Mayra falou, sorrindo fraco — não dá pra você achar que qualquer mulher que te conhece de verdade confiaria em jogar tudo pro alto e viver com você.

— Querer ficar com a Ana me deixa assustado, porque com ela eu não

tenho controle de nada.

— Então pra você, dominar uma situação é mais importante que amar alguém — a Mayra sugeriu, suspirando.

— Ela e o João vão acabar voltando... — eu falei, porque isso me consolava.

— Eu acho que não. E você, se gosta dela, está perdendo a única chance que a vida está dando de verdade pra vocês.

— Não é fácil, May — eu reclamei — eu não posso decidir e achar que vai ser fofo. A minha mãe seria completamente contra.

— Você bate o pé e consegue tudo o que quer dos seus pais, mas sobre a Ana, você é obediente.

— Mayra...

— Vendo assim, eu vejo porque é melhor você não tentar. Você é covarde — ela falou a se levantar e eu a olhei, mas não disse nada.

Eu demorei a subir e fui pegar no sono quando o dia já estava claro.

[...]

Foi um momento estranho quando eu saí do banheiro e a Ana estava na porta, esperando mal humorada. Eu parei, porque desde que toda a confusão veio à tona, nós sequer nos falamos.

Nos encaramos por um momento, mas ela entrou no banheiro e fechou a porta.

A Marta estava sentada na cama, distraída no celular.

— Você tá bem? — ela perguntou — demorou a voltar pra cama.

— Insônia — eu falei, pendurando a toalha atrás da porta. Peguei uma camiseta e a vesti, me jogando na cama.

— A sua mãe anda ansiosa com isso do bebê...

— Ela não deveria colocar tantas fichas nisso — eu falei — e esperar com mais calma. Ela vai enlouquecer todo mundo.

— É engraçado vê-la tentando engravidar e cuidando pra que você não faça isso — ela zombou, se deitando comigo e eu a abracei.

— Ela sempre foi paranoica com isso — eu reclamei.

— E você com a Ana? Tudo bem?

— O que? — eu perguntei confuso.

— Vocês dois aqui, não é estranho?

— Estranho foi o João não ter voltado pra ela — eu falei presunçosamente.

— Você estava esperando por isso? — ela perguntou, me analisando e eu suspirei, não respondendo — por isso não foi atrás dela?

— Você quer mesmo falar sobre isso? — eu me sentei, como se eu pudesse fugir dessa conversa, saindo — eu vou ajudar o pessoal lá baixo, vem tomar café.

Foi uma surpresa quando o Felipe chegou ali com o Jorginho e era notável o interesse desse panaca pela Ana. Mas o pai dela estava marcando em cima deles dois. Ainda mais depois do episódio da Ana ter sido uma traidora. Segundo o tio Isaque a Ana não iria mais namorar nessa existência. Ele e a minha mãe achavam o que nós fizemos a coisa mais inescrupulosa que alguém poderia fazer.

A mãe dela e o meu pai estavam nem aí para isso.

— Eu quero ver quanto tempo você vai ficar impedindo a vida dela — a tia Eliza falou com o marido, zombando dessa situação.

Para comemorar o aniversário do pai da Ana, churrasco, bebidas e música acompanharam o nosso dia.

— Eu sinceramente sinto uma pontada de ciúme — a Marta falou parando ao meu lado e eu a olhei — você segue a menina ou o Jorge por todo lugar, não é agradável perceber.

— Impressão sua — eu falei, a puxando pela cintura para perto de mim.

— Eu não sou boba, Dante — ela suspirou, mas eu segurei o seu queixo, beijando a sua boca, mais uma vez fugindo dessa conversa.

[...]

Se tiver uma coisa em mulher que sufoca um relacionamento é insegurança. Em qualquer pessoa, aliás. Não é gostoso estar envolvido com alguém que desconfia e que tem medo do que você pode fazer.

Não esperava isso da Marta, para ser sincero.

O tempo foi passando e cada vez que nós saíamos, eu via a Ana curtindo uma vida de solteira que ela nunca teve. Com caras aleatórios, bebedeiras e a amiga para freá-la e levá-la embora. Eu sabia que a Marta estava chegando ao seu limite, mas eu não queria terminar o nosso namoro. As coisas já estavam estranhas na firma por causa do João, eu desestruturaria tudo terminando com a Marta agora.

Nós estávamos em pé ao redor de uma mesa redonda e alta com alguns amigos, quando eu vi a Ana se aproximando do João. O meu coração gelou com o susto, porque ele estava de volta na agência, mas eu não ouvia nada sobre eles dois. Nós dois também não nos falávamos. Eu tentei me desculpar, mas me desculpar pelo que? Eu quis fazer o que eu fiz. E ele não quis ouvir, estava no seu direito.

Foi no impulso que eu passei por eles dois, tombando o casal e passando entre eles para afastá-los. Eu ainda olhei para trás, a tempo de ver o João sair andando e entrei no banheiro.

Quando eu voltei, a Marta pegou a sua bebida e saiu andando. Eu suspirei, bebendo o resto da bebida do meu copo e fui atrás dela.

— Amor — eu falei ao alcançá-la e ela parou de andar, me encarando — o que foi?

— O que foi? — ela arqueou as sobrancelhas — sinceramente... Você é muito sonso, Dante!

— Eu fiz o que dessa vez? — eu perguntei e ela bufou um suspiro, mas o João passou por perto de nós dois e eu o segui com o olhar.

— Me leva embora — ela falou, andando na frente e eu a segui.

Eu ia para a minha casa, mas ela quis ir para o seu apartamento. Eu a olhei confuso, porque sempre íamos para a minha casa.

— Está tudo bem? — eu perguntei ao estacionar em frente ao seu prédio e ela me olhou.

— Não está tudo bem. Você não está bem.

— Martinha, eu não to entendendo você...

— Dante, você tira essa noite e vê se o que você quer é continuar comigo. Porque eu não tenho tempo e nem saco pra aguentar namoradinho

apaixonado por outra — ela falou impaciente, abrindo a porta para descer do carro. Eu a esperei entrar no prédio e segui para casa.

Ironia da vida ou não, a Ana estava em frente à sua casa com o Jorginho. Ela estava encostada no muro e o panaca à sua frente. Não baixei o farol do carro e ela olhou para o meu carro, fazendo uma viseira com a mão por causa da luz.

Eu abri o portão e entrei com o meu carro na garagem. O tempo que eu levei para chegar ao meu quarto foi o de ver a luz do quarto da Ana sendo acesa.

Eu saí na sacada, como se isso pudesse me dar a certeza de que ela estava sozinha e me assustei quando ela abriu a janela de uma maneira brusca.

— Cadê a sua namorada? — ela perguntou e eu a olhei, sorrindo fraco, mas neguei com a cabeça.

— Não sei se ainda tenho.

— Que pena — ela falou, entrando e fechou as janelas. Eu suspirei, pegando dessas pedrinhas num vaso de planta que tinha na minha sacada e joguei na janela dela, mas fui ignorado.

Entre no meu quarto e peguei o meu celular, ligando para ela.

— O que você quer, Dante? — ela perguntou com essa voz doce e embriagada.

— Falar com você — eu falei, ouvindo um risinho.

— Sobre o que?

— Sobre como a gente está bem perto e eu queria te ver.

— Eu não quero te ver — ela falou, grunhindo.

— Você tá sozinha?

— Tropecei nesse tapete — ela falou mais baixo — vai lá ver a tua namoradinha, eu vou... Dormir.

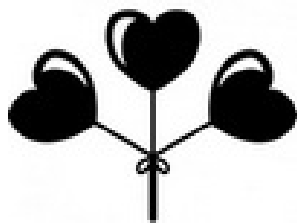
— Tá com alguém aí?

— Não estou com ninguém — ela reclamou.

— Se eu for aí, você abre a porta? — eu perguntei baixo, mas ela ficou quieta — Ana?

— Eu não sei...

— To chegando — eu sussurrei ao sair do quarto e fechar a porta devagar.



CAPÍTULO 32

ANA AGUIAR

Eu abri a porta da casa e o encarei, porque o que ele estava fazendo aqui?

Eu fiz um gesto para que ele ficasse em silêncio e subi para o meu quarto. Fechei a porta depois que o Dante entrou e eu parei, o olhando. Há um tempo eu saberia que era sexo e só isso, mas e agora? Eu o queria dessa maneira?

— Eu vi você com o João... — ele falou e eu dei um risinho, indo me sentar ao seu lado na cama.

— Quais as chances de o João confiar em mim de novo?

— Ana...

— Eu não devia ter aberto a porta pra você — eu falei, deixando o corpo cair deitado na cama e ele deitou também.

— Eu tenho ouvido da minha namorada que eu to apaixonado — ele falou e eu o olhei confusa — por você — ele falou mais baixo e eu fiquei quieta, porque não poderia ser verdade. O Dante suspirou, se virando de lado e apoiou a cabeça na mão, antes de voltar a falar:

— Então eu andei percebendo que eu sinto algo que eu nunca senti por ninguém, me custa perceber e entender. Na verdade, me deixa assustado.

— Eu to meio bêbada — eu falei, por não saber o que dizer e ele deu um risinho.

— O que eu queria era atropelar esses sentimentos que eu não posso controlar, mas ao mesmo tempo eu não quero me desfazer deles.

— Você vê que eu to bêbada e quer me levar — eu falei e ele engoliu pesado, se aproximando mais de mim — você não pode trair a tua namorada...

— Nós meio que terminamos essa noite — ele falou baixinho, fazendo um carinho no meu rosto ao se aproximar e eu o olhei, mas quando a sua boca ia

chegando à minha, eu levantei.

— A gente não pode fazer isso — eu falei nervosa — porque vai dar tudo errado. A sua mãe já está pirada, você não vê? Ela vai nos perseguir até a gente se afastar! Por favor, eu ainda não sei o que eu sinto com tudo isso, eu preciso pensar, mas eu só faço beber! — eu levei as mãos para a cabeça, falando feito uma maluca e o Dante riu, se sentando e me puxou pela mão.

— Nós podemos tentar sem ninguém saber — ele falou e eu o olhei — um segredo só nosso. O que nós dois deveríamos ter tentado desde o começo.

— Mas eu vou querer matar você se eu te vir com outra — eu falei incrédula e ele deu um sorrisinho.

— Eu não vou ficar com ninguém — ele falou, acariciando o meu rosto e escorregou a mão pelo meu cabelo — eu tenho medo da minha vontade de você, mas eu não aguento mais pisotear isso.

— Eu tenho medo — eu falei devagar e ele assentiu — como por acaso vamos esconder isso?

— Escondendo — ele sussurrou, acariciando o meu lábio inferior com o polegar e roçou os lábios nos meus — eu dou um jeito.

— Eu tenho medo — eu falei de novo — ninguém vai aprovar nós dois.

— E daí? — ele perguntou confuso — ninguém nunca aprova nada que eu faça, mesmo.

— Ninguém vai poder saber — eu falei, estremecendo com o seu beijo na minha boca — nem a Mayra, nem ninguém.

— Tá bom — ele falou, entre esses beijos gostosos e eu olhei.

— Mas isso não quer dizer que você vai poder aprontar como se fosse solteiro — eu falei e ele deu um risinho.

— Não vou, eu prometo.

— Mas não vamos poder sair juntos.

— Meu deus, Ana! — ele riu — tá bom, nós estamos juntos, só não vamos deixar ninguém saber.

— Tá bom — eu sussurrei, sendo quase interrompida pelo seu beijo.

A nossa madrugada foi resumida a beijo bom e conversa. Eu o olhava, me sentindo amedrontada por tentar isso, seja lá como fosse. Agora não era eu e o Dante nos encontrando escondidos para transar.

Estávamos aqui para dar um passo à frente.

E eu definitivamente não sabia se essa era a nossa escolha certa.

[...]

Eu fiquei em casa no sábado, porque estava chovendo e fazendo frio. Uma parte em mim sentia falta de quando eu e o João ficávamos agarrados num sábado chuvoso, vendo filme e simplesmente aproveitando a companhia um do outro.

Eu queria poder fazer isso com o Dante, nos testar, ver se nós dois seríamos compatíveis como um casal. Até então, a nossa conexão era só no sexo.

Eu queria explicar para o João o meu sentimento, me desculpar de novo pela minha confusão, imaturidade e o meu erro. Foi puro egocentrismo e medo que me levou a agir da maneira como eu agi. Eu quis fugir de um suposto sentimento e não pensei em como estava machucando e magoando alguém. Um alguém que não merecia.

O filme que eu havia escolhido havia acabado de começar e eu voltava para a cama quando a porta foi aberta e eu me assustei. Vi o Dante rir baixinho, entrando no quarto e fechando a porta.

— Como você entrou aqui? — eu perguntei enquanto ele vinha até mim, me puxando pela cintura e selando os lábios nos meus.

— De algum jeito a sua mãe me viu saindo esta manhã e me deu a chave quando entrou lá em casa — ele falou se divertindo e eu continuei o olhando — ela saiu com a minha mãe e o seu pai não está em casa.

— A minha mãe viu você?

— Acho que temos uma aliada — ele deu de ombros.

— Aliada? — eu franzi o cenho, sarcástica.

— Ela não tá nem aí se a gente tá ou não junto.

— Eu nunca tive uma coisa escondida — eu falei, suspirando e puxei o edredom, me deitando e ele veio também.

— É muito gostoso — ele falou, passando um braço sob o meu pescoço e eu me aconcheguei no seu corpo.

— Você conversou com a Marta? Terminaram mesmo ou eu to aqui sendo a sua amante?

— Ana — o Dante riu — nós não estamos mais juntos. Conversamos essa manhã.

— Sinto muito — eu falei — quero dizer, não sinto, não, mas sinto por ela.

— Você é muito doida — ele falou, deixando um beijo na minha cabeça. Eu ainda fui trancar a porta, para não sermos pegos.

Ainda mais por ele atrapalhar o filme começando um beijo que no começo foi carinhoso. Mas eu acordava no final do dia emaranhada nos braços do Dante, sem roupa e ele ainda dormia. Eu me levantei devagar para não acordá-lo e peguei a camisinha do chão, indo até o banheiro. Tomei um banho rápido e voltei para o quarto, vestindo a roupa que estava antes, trocando a calcinha.

O Dante acordou quando eu acendi a luz, mas se virou de bruços na cama e continuou deitado. Eu fui até ele, me abaixando e fiz um carinho no seu cabelo, beijando a sua boca.

— Você precisa ir embora — eu falei baixinho e ele grunhiu, escondendo o rosto.

— Eu quero ficar aqui com você — ele falou cheio de manha e eu dei um risinho.

— Você não pode — eu falei e ele se virou, se sentando.

— Vai sair?

— Eu não — eu falei confusa — você vai?

— Então porque a gente não pode ficar junto?

— Dante — eu reclamei, rindo — o que você vai dizer pra sua mãe?

— Que eu to na casa de alguém, isso é o de menos.

— E o que eu vou dizer ao meu pai? — eu perguntei e ele me olhou, deixando escapar um risinho.

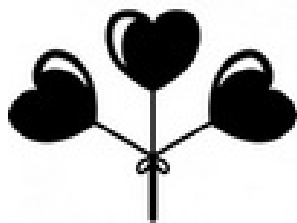
— O seu pai ia me bater se me visse aqui.

— Então, você tem que ir.

— Eu posso ficar escondido aqui. Prometo que vou embora pela madrugada — ele falou — e eu tenho mais umas três camisinhas na carteira.

— Meu deus, pra que tantas?

— Você conhece a minha mãe? — ele perguntou, voltando a se deitar.



CAPÍTULO 33

Eu estava na cozinha da casa da tia Mari com o Dante depois de um dos eventuais almoços de domingo em que éramos obrigados a arrumar a cozinha. Eu aproveitei que ele estava fazendo as minhas vontades e o fiz lavar a louça, para que eu só secasse e guardasse.

Era o que deveríamos estar fazendo, mas ele empurrou a porta da cozinha e me puxou de uma maneira rápida, me encostando à bancada da pia, segurando o meu rosto entre as mãos para beijar a minha boca. Eu sorri entre o beijo, o abraçando pela cintura e o correspondei, mas quando a porta foi aberta ele se afastou num impulso, indo para o outro lado da cozinha.

— Tudo bem? — a tia Mari perguntou e eu a olhei, assentindo.

— Vou lavar essa louça — o Dante falou e eu contive a vontade de rir, pegando o pano de prato para esperá-lo.

Eu avisei que estava indo para casa no momento em que o Dante disse estar indo encontrar a Marta. O que me fez descobrir que ele não havia contado à sua mãe sobre o término. E o seu pai o acobertava.

— Você vai andando? — a tia Mari perguntou quando o Dante ia saindo e ele parou — o apartamento dela fica longe.

— Vou andando, por quê?

— Porque é longe — ela replicou insistente e ele suspirou, voltando para pegar a chave e entrar no seu carro.

Foi engraçada a situação, mas por quanto tempo teríamos que fazer isso? Eu não tinha mais quinze anos para achar divertido. A minha semana era corrida, somando o trabalho e a faculdade. A dele era ainda mais, porque como a tia Mari vivia reclamando, o Dante e o tio Marcelo eram viciados em trabalhar. No tempo que tínhamos para nos encontrar, teríamos que ficar bolando planos para nos encontrar?

Eu fui para casa, esperando vinte minutos até o Dante aparecer. Dessa vez de boné, óculos escuros e um moletom velho.

— Você tem que se disfarçar? — eu perguntei ao abrir a porta e ele riu, envolvendo o meu corpo para beijar a minha boca.

— Não acha divertido?

— Acho que a gente perde tempo — eu falei, tirando o boné para passear as mãos pelo seu cabelo — mas é o que dá, né?

— É — ele deu de ombros — mas a gente pode falar que tá junto e pirar todo mundo.

— O meu pai ia te matar e a sua mãe iria ter um ataque do coração.

— É — ele falou enfático e eu sorri, cedendo a mais um beijo — faz eu me sentir com quinze anos — ele falou contra a minha boca e eu o abracei pelo pescoço.

Nós fomos para o meu quarto, porque eu era inexplicavelmente viciada no sexo gostoso que a gente fazia.

Mas quando acabou, eu fiquei o olhando. Seríamos só isso? Pessoas que se privam dos outros, mas que não podem assumir o que sentem ou viver livres por aí?

Se eu quisesse ir com ele ao cinema, por exemplo, eu não poderia? E se eu quisesse encontrar os meus amigos com ele? Teríamos que agirmos feito amigos?

Eu sabia que poderíamos enfrentar tudo para tentar, mas parecia tão cansativo quanto esconder.

Virei-me de lado, o observando distraído no celular e suspirei, eu gostava disso, seja lá o nome que pudesse ser dado ao sentimento.

Poderia explicá-lo dizendo que teríamos sido uma paixão da adolescência, mas fomos impedidos.

O que parecia mais assustador. E se fôssemos só uma paixão adolescente reprimida que não teria futuro?

Eu encontrei o seu olhar, quando o peguei me observando de volta e ele colocou o celular no criado ao lado da minha cama, me puxando para um beijo carinhoso, vindo parcialmente para cima de mim.

Uma das suas mãos passeava suavemente pela lateral do meu corpo, me deixando arrepiada e ele gemeu contra a minha boca, quando eu dobrei uma perna e ele ficou entre as minhas pernas. O Dante parou o beijo para fazer um carinho no meu rosto, me olhando rapidamente antes de pressionar a boca na minha.

— Eu não posso dizer onde isso aqui vai dar, porque foge completamente do meu controle, mas eu não quero que a gente desista — ele falou baixinho e eu assenti, fechando os olhos quando ele roçou os lábios nos meus, logo começando mais um beijo.

[...]

Eu soube que a tia Mari desconfiava de algo, quando num dos eventuais almoços que davam em nossas casas, ela convidou um casal de amigos e os fizeram trazer o filho.

Renato era um moreno muito bonito, uns quatro anos mais velho que eu, se eu pudesse me lembrar. Ele tinha um sorriso muito meigo, mas um cara de vinte e seis (?) não quer acompanhar os pais nos almoços.

— A Ana está solteira, Renatinho — a tia Mari falou, quando o Renato chegou à cozinha.

— Eu não to procurando alguém, tia — eu falei.

— Quem diria que ela e o João iriam terminar — ele comentou presunçosamente.

— Uma pena, mas vida que segue, não é? — a tia Mari sorriu fraco — vou deixar vocês sozinhos — ela falou, pegando um dos copos e saiu para a área externa da casa.

— Marília tem um problema em te ver solteira, não é? — o Renato brincou e eu dei um sorrisinho para ele — desde que ela cismou que você precisava namorar.

— Bem, não foi de todo mal ela incentivar o João.

— Teria sido eu — ele riu, negando com a cabeça.

— Ela convocou caras para me namorar?

— Na verdade ela convidou os amigos do Dante — o Renato falou desinteressado — de quebra falou que você ia, e que estava muito bonita. Era sugestivo.

— Nossa — eu falei surpresa, para não dizer incrédula.

Eu entendia – talvez – a proteção da tia Mari comigo e o Dante, toda aquela história de ele não prestar e isso abalar as nossas famílias. Mas por outro lado, isso sequer fazia sentido.

Eu e o Dante estragamos tudo agora e nada abalou as nossas famílias. Ignoraram essa fase ruim e sequer nos pouparam dos encontros deles.

Eu não saiba o real motivo para a tia Mari querer me manter longe do Dante. E para ser sincera não estava preocupada em descobrir. Isso não fazia sentido.

O Dante ia passando, mas parou a me ver na cozinha com o Renato e parou, o cumprimentando. Ele veio até mim, mas o beijo corriqueiro que seria na boca veio na testa e eu dei um risinho, encontrando o seu sorriso sorrateiro quando ele tomou o seu caminho.

— Vocês estão juntos — o Renato falou e eu o olhei, não segurando o riso, porque era bizarro alguém afirmar isso.

— Não.

— Que cinismo — ele negou com a cabeça — alguém explica a paranoia da mãe dele sobre não deixá-lo ficar com você?

— O que?

— Ana, a Mari está paranoica me empurrando para você, porque você está solteira. Até onde eu sei, você e o João terminaram porque você ficou com o Dante — ele ia enumerando e eu o observei — ele chega aqui na intenção de te beijar e vocês se entreolham como dois culpados. É nítido.

— Você é muito esperto pro meu gosto — eu neguei com a cabeça.

— Observador. Não vão assumir isso?

— Eu não sei do que você está falando — eu falei, mas o meu sorriso idiota me entregava.

— Vocês não são parentes, não tem nenhum impedimento.

— É, não tem.

— Porque não assumem? — ele insistiu.

— Você conhece o Dante? — eu perguntei — não posso assumir algo com ele pra depois dar tudo errado e eu ouvir eu te avisei.

— Complicado.

— Imagina então se ele apronta?

— Você não confia nele? — o Renato sugeriu e eu sorri fraco.

— Confio nele quando ele está dormindo ao meu lado. Não sei como ele age longe de mim ou o que ele sente.

— Então não vai dar certo — ele sorriu fraco, indo para fora da casa.

O almoço seguiu de uma maneira estranha, porque o Renato percebia o ciúme do Dante e dava em cima de mim para provocar. Porque ele *sabia*.

Aproveitei que depois de comer e dar um tempo curto, o Renato avisou que estava indo embora e eu me ofereci para ir junto, para darmos uma volta. Isso deixaria a tia Mari calma. Eu poderia ver as faíscas saindo do Dante, mas acenei para todos e o Renato, sem perder a chance entrelaçou a mão na minha.

Fui para casa e enviei uma mensagem para o Dante me encontrar.

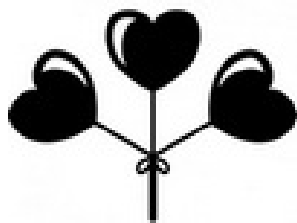
Ele passou furioso para o meu quarto quando eu abri a porta e eu o segui, me divertindo com a sua fúria.

— Eu odeio esses joguinhos de fazer ciúme — ele falou pausadamente enquanto eu trancava a porta e eu fui até ele, o empurrando para a minha poltrona e ele caiu sentado — eu queria arrebentar a cara do Renato e você ainda deu corda! — ele continuou a falar incrédulo, mas parou quando eu tirei a minha blusa, juntando as nossas bocas de uma maneira brusca.

— Que saudade eu estava disso — eu sussurrei, subindo a sua camisa e ele terminou de tirá-la.

— Eu não to com nenhuma camisinha aqui — ele arfou quando eu desci os beijos pelo seu pescoço e eu me levantei para pegar uma no meu criado mudo — meu deus, como somos prevenidos — ele falou, tirando a sua bermuda e eu me abaixei entre as suas pernas.

[...]



CAPÍTULO 34

Uma peça fundamental para um relacionamento é a confiança. Sobressalto isso quando o relacionamento é escondido.

Aprender a confiar em alguém é difícil, você tem que querer e desconstruir uma imagem. Para mim o Dante sempre foi o cara infiel e mulherengo. Eu não tinha garantias de que comigo ele faria diferente, mas nós entramos nisso, então ele precisava do meu voto de confiança.

Pessoas poderiam mudar, certo?

Não bastasse o peso que era esconder um relacionamento aos vinte e dois anos, com uma vida adulta batendo forte na minha porta, eu não poderia carregar o peso da desconfiança e do medo.

Se ele quisesse fazer dar errado, ele o faria. E ponto. Eu não iria morrer por isso. Acabaríamos o nosso romance e seguiríamos a vida.

Eu sobrevivi ao fim com o João, eu nunca imaginei que fôssemos terminar, apesar da falta de planos para um futuro distante. O que eu queria dizer é que fins de relacionamentos não são finais de vida.

— Esses dias eu tive uma folga e me perguntei: cadê a minha melhor amiga? — a Mayra perguntou ao entrar no meu quarto e eu a olhei, indo abraçá-la.

— A minha vida está tão bagunçada, que nem eu sei onde estou — eu lamentei e ela foi se sentar na minha cama.

— Está tudo bem?

— Está.

— Você está com o Dante — ela sugeriu e eu a olhei. Não havia contado nada, mas não tinha motivo para continuar negando — tá sendo bom?

— Fiquei receosa de falar. Você o conhece. Não queria ouvir sermões se desse errado.

— Bem, a língua iria coçar para dizer, mas eu não estou aqui pra torcer contra vocês.

— Eu sinto falta de liberdade, entende? — eu perguntei, suspirando — porque com o João, eu tinha um parceiro pra tudo.

— Você sente falta do João?

— Foram anos muito bons ao lado dele, eu sinto falta, mas eu gosto do Dante. Eu gosto muito dele, mais do que deveria.

— Você queria que o Dante fosse o João?

— May, às vezes eu fico me perguntando se isso com o Dante não é só desejo reprimido, sabe? A gente tem que esconder, mas quando eu penso nos motivos pra gente fazer isso, não faz sentido.

— Ele não quer que ninguém saiba?

— Ele não se importa com quem sabe ou não. Você o conhece, ele é desencanado com essas coisas.

— E porque vocês dois não agem como o casal livre que são?

— Porque não é fácil.

— Porque que não é fácil? — ela apertou os lábios num sorriso.

— Eu não sei — eu falei confusa — eu me esforço pra confiar nele, nós dois nos damos muito bem, em tudo. Mas falta algo.

— Falta o que?

— Segurança.

A Mayra sorriu fraco, lamentosamente, eu diria. Mas não disse nada.

À noite, eu aproveitei que a Mayra precisava ir para casa para sair e encontrar o Dante. E isso era maçante. Eu estava velha pra me esconder de alguém para encontrar alguém.

Entrei no carro do Dante que estava na esquina e ganhei o seu beijo.

Fomos para um motel bonito na saída da cidade e eu me deitei na cama, o vendo abrir o frigobar e pegar uma água.

— Tudo bem? — ele perguntou e eu arrumei o travesseiro atrás de mim, o olhando.

— Você não fica cansado?

— De? — ele perguntou, vindo até mim.

— Quando eu chego do trabalho, tudo o que eu quero é tomar um bom banho e fazer algo que eu goste. Não pensar em maneiras de sair escondida pra ver o meu... Namorado?

— Namorado — ele afirmou, deixando escapar um risinho — você quer mostrar pro mundo? Porque por mim, tudo bem.

— Eu não sei — eu dei um suspiro forte.

— E o que você quer? — ele colocou a água na cabeceira e eu me sentei.

— Beijar você sem medo de a sua mãe ou o meu pai aparecer e fazer um show. Segurar a tua mão sem pensar que vão insinuar que estamos juntos, porque nós estamos. Mas a gente pode mesmo fazer isso? A energia ruim dos nossos pais iria pesar tanto, que eu não sei se eu aguentaria.

— A gente chama uma rezadeira — ele se divertiu a dizer e eu sorri fraco — eu quis você por tanto tempo, que se você quiser mostrar pra todo mundo, eu vou mostrar. Quer postar foto todo dia? Eu posto também.

— Não quero expor, só não quero esconder.

— Eu posso conversar com a minha mãe e com o seu pai.

— Ele ia te proibir de frequentar a minha casa — eu presumi — e a sua mãe iria logo dar um chilique. A minha mãe e o seu pai iriam brigar com eles e tudo o que a sua mãe não queria iria acontecer.

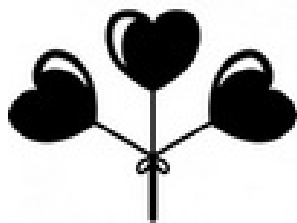
— Você quer tentar pra ver? — ele perguntou e eu o olhei, fazendo um carinho no seu rosto, antes de beijar a sua boca.

— Eu não achei que fosse tão cansativo gostar de alguém.

— Ei — ele reclamou — é cansativo ter que esconder amor, gostar é bom pra porra.

— É — eu arfei, o beijando outra vez.

O que eu queria era poder dormir abraçada nele, mas éramos cheios de limitações. Era como se estivéssemos vivendo o nosso amor pela metade.



CAPÍTULO 35

DANTE NOVAES

Eu deixei a Ana em casa e guardei o meu carro na garagem. Entrei no meu quarto e vi a luz do seu, acesa, então liguei para ela.

— Me contrabandeia — eu falei, ouvindo o seu risinho — é sério.

— Como eu iria te soltar amanhã?

— A gente dá um jeito — eu falei, a vendo sair na janela — eu espero o seu pai sair pra trabalhar.

— Como você vai entrar?

— Pela porta — eu falei, rindo — vê se não tem ninguém acordado aí e me fala.

Com uma mensagem de caminho livre, da Ana, eu saí do meu quarto, mas a minha mãe estava na sala. E ela tinha razão, a minha namorada, quero dizer. Era maçante ter que esconder algo que não tínhamos motivo para esconder.

Esperei a minha mãe subir para sair de casa e respirei aliviado quando entrei no quarto da Ana. São e salvo.

Ela arrumou a cama enquanto eu procurava por um filme e nós nos deitamos, depois de eu apagar a luz. O filme ficou rodando, mas nós dois ficamos abraçados trocando carinhos e beijos, até o sono abrir a porta.

Eu a observava dormir, sob a pouca iluminação que vinha da TV e o coração parecia sentir cócegas, porque quem iria dizer que nós dois estaríamos assim, hoje?

Quando acordei, a minha intenção era fazer sexo. Sexo com a minha

namorada. E ela era a Ana. Eu chegava a rir da ironia disso, porque eu cresci a vendo como o brinquedo que eu queria e nunca teria. Mas eu tenho. Isso era bizarro. Mas muito bom.

Nós fomos interrompidos pelo pai dela batendo na porta e ela, que estava já pronta em cima de mim, quebrou o beijo, rindo contra a minha boca.

— Se fosse a minha mãe eu iria dizer que ela sabe que estamos aqui — eu falei e ela assentiu, se levantando porque o clima foi para baixo de zero.

— Vem tomar banho, eu vou descer pro café e venho te buscar — ela falou, indo para o banheiro e eu a segui.

A Ana se vestiu e saiu do quarto, mas o movimento no andar de baixo foi tão agitado por causa do meu *sumiço*. A minha mãe conseguia exagerar, às vezes.

Eu não estava com o meu celular, então não recebia alguma ligação. Conhecendo a paranoia da minha mãe, eu sabia que ela insinuaria que eu estava aqui, mas a Ana voltou para o quarto dizendo que estava saindo com o Renato.

Eu a olhava incrédulo, porque a minha mãe estava a empurrando descaradamente para o cara e ela diz que estava com ele?

— Porque você não disse que eu estava aqui? — eu perguntei impaciente — ela iria ficar tão sem palavras que só iria brigar. Mas aí a gente estava livre!

— Você conhece a sua mãe? — ela perguntava incrédula — o meu pai já estava ameaçando subir aqui!

— Que patético — eu resmunguei, correndo as mãos no rosto, me sentando na cama.

— Agora ela acha que eu estou com o Renato e que você sumiu pra ver alguma garota. A Marta, talvez — ela deu de ombros e eu a olhei.

— Ela vai ficar convidando ele — eu falei inconformado, porque aquele idiota dava em cima da Ana para me provocar.

— Ele pode nos esconder — ela vindo, vindo até mim, se abaixando para me beijar.

— Quando a gente for se casar, como eu vou entrar na igreja com a minha mãe, se ela nem pode saber de nós dois? — eu perguntei e ela parou um segundo, mas não me levou à sério, porque riu, voltando a me beijar.

A tia Eliza distraiu a minha mãe no seu quarto, para que eu pudesse sair e eu fui para casa.

Ao pegar o meu celular, notei quase oitenta chamadas da minha mãe e uma mensagem do meu pai:

“eu vou quebrar a sua cara por sumir e me fazer ouvir tantos gritos da sua mãe, seu babaca”.

Ignorei e fui me trocar para ir trabalhar.

Quando cheguei à agência, todos estavam na sala de reunião. Eu cheguei atrasado, mas tratei de interrompê-los para me inteirar de tudo.

Me arrependi ao me impor para fazer parte da conta, porque ela era do João. O meu pai deu um sorriso presunçoso e sequer se opôs.

O olhar do João ficou firme no meu um tempo curto, mas ele não se negou a trabalhar comigo.

Quando a reunião acabou, todos saíram da sala, mas eu fiquei, porque o meu pai havia pedido. Ele foi fechar a porta, mas eu fingia desinteresse, porque sabia que era sobre o meu *sumiço*.

— Eu não sei nem o que te falar — ele falou e eu o olhei — porque se a Ana está com o Renato, você está com quem?

— Com a Marta, com alguma ex, com uma garota nova — eu fui falando, mas o meu pai riu.

— A Marta não é.

— Porque não seria? — eu retruquei.

— Porque ela está com outro.

— Outro quem? — eu disparei, com o maldito eu possessivo gritando em mim, mas me parei.

— Eu não sou idiota e nem nasci ontem. Só some direito da próxima vez, a tua mãe fica doida.

— Porque ela é tão contra eu ficar com a Ana? — eu perguntei.

— Eu não sei — o meu pai resmungou — ela é doida — ele falou enfático, se divertindo.

— Não faz sentido nenhum — eu reclamei.

— Vai mesmo trabalhar junto com o João? Ou vai competir com ele?
— Vou trabalhar. Nem sei como a gente vai fazer isso.
— Se abre com ele — o meu pai sugeriu, mas eu bufei um riso.
— Vou... — eu disse sarcástico — vou dizer que eu amava a namorada dele e por isso a levei pra cama — resmunguei e o meu pai riu.
— Então você a ama? — ele perguntou e eu o encarei, não dizendo nada.

Quando eu cheguei em casa no fim do dia, encontrei a minha mãe, a mãe da Ana, ela, o Renato e a mãe dele na sala. Tomando chá. A Ana me lançou um olhar cúmplice e eu lhe cerrei os olhos. Cumprimentei o pessoal e fui para o meu quarto.

Tomei um banho e me troquei, deitando na cama e peguei o celular, *zapeando* no instagram. A Ana havia postado foto do chá nos *stories* e eu fui ao seu perfil, vendo que ainda havia fotos dela com o João. Eu fiz uma carranca, me sentindo enciumado e enviei as fotos para ela.

“como você é paranoico”
“vou apagar, eu me esqueci”

Ela enviou a mensagem e eu voltei a passear pelo instagram. Vendo a vida *perfeita* das pessoas.

Quando vi a Marta comentando uma foto do João, estranhei e liguei o fato de o meu pai ter dito ela estar com outro, com estar com ele.

Ela estava interessada nele quando a gente se envolveu.

Eu me assustei quando a Ana abriu a porta do meu quarto e entrou, vindo se deitar na cama ao meu lado.

— Como você conseguiu entrar aqui sem ser seguida?
— Namorar o Renato tem sido ótimo — ela falou sarcástica.
— Vocês formam mesmo um casal bonito — eu resmunguei — o que ele acha disso? Pra tá aqui fingindo?
— É uma longa história. A gente deu sorte — ela sorriu fraco.
— Se eu faço parte dessa farsa, eu preciso saber.
— Olha, eu vou voltar pra lá. Vou jantar na casa do meu namorado

hoje, você pode ir lá me buscar.

— Ana — eu a chamei, quando ela se levantou para sair e ela parou — meu beijo — eu pedi e ela deu um risinho, vindo até mim.

À noite, o meu pai saiu e voltou com caixas de exames de gravidez nas mãos. Eu estava na sala e ele subiu atônito, as escadas. Eu o olhei desaparecer no primeiro andar e suspirei pesado, porque essa história de gravidez nunca me incomodou ou me deixou enciumado, até agora.

Eu sempre fui o foco da vida dos meus pais. Da minha mãe principalmente. Se um desses exames desse positivo, a sua prioridade mudaria e o foco iria para o bebê. Era o justo, uma vez que eles me deram o melhor que podiam e hoje eu era independente.

Passava das oito da noite, quando a Ana me enviou o endereço do seu *namorado farsante* e eu fui encontrá-la.

Na minha cabeça não haveria um motivo para o Renato nos ajudar a esconder isso para a minha mãe. Até porque, não havia um motivo para nós escondermos isso e termos tanto medo da pressão que cairia sobre nós dois. Mas nós tínhamos.

Conquistar a confiança de alguém que conhecia a sua pior versão não era fácil. Era como subir um degrau de cada vez. Para que desse certo, nós precisaríamos estar certos sobre o nosso relacionamento. Ela precisaria confiar que eu estava aqui disposto a ficar mesmo com ela.

Eu estranhei quando o Dilsinho abriu a porta, porque ele conhecia o Renato?

Quando eu entrei, a *minha* namorada – minha, não do Renato – estava no sofá, com uma taça grande de vinho e ria de algo. Ela parou a me ver e eu acenei para o Renato, me sentando ao lado da Ana.

A minha surpresa ficou extremamente estampada no meu rosto ao saber sobre o relacionamento do Dilsinho com o Renato, porque eu não sabia nem que o Dilsinho era gay.

O cara era reservado a ponto de sequer mencionar a sua orientação sexual. Mas isso não era problema.

Era sorte a minha. Porque nunca que um cara com o Renato deixaria passar uma garota como a Ana. Se ele fosse heterossexual.

A Ana se divertia com a minha surpresa, mas eu não conseguia escondê-la.

— Os pais dele não aceitam, por isso eles não saem comentando ou se expondo.

— Nossa — eu falei — parece até a minha mãe com a gente.

— É! — a Ana falou enfática, já cedendo ao efeito do álcool.

A noite com eles foi agradável, porque éramos dois casais em contrabando. Aqui, com eles, nós poderíamos ser livres. Até que tivéssemos a coragem de assumir o que queríamos para todo mundo, essa era uma boa opção.

Depois do jantar, o casal anfitrião foi para a cozinha e a Ana bebia o último gole do vinho branco que estava na sua taça. Ela colocou a taça na mesa de centro, vindo me beijar e eu tentei para deixar isso calmo, mas ela estava sob efeito do vinho e me provocava.

Eu ainda cogitei freá-la, mas quando ela puxou a minha calça de moletom para liberar o meu membro, o colocando na boca eu arfei, afundando uma mão no seu cabelo. Eu arfei ao encontrar o seu olhar e ela me empurrou mais fundo na sua boca, me deixando mais duro e excitado. Fiz um carinho no seu cabelo e quis morder a língua quando ela pressionou a língua em mim, massageando o meu sexo de uma maneira tão gostosa que eu poderia gozar em dez segundos. Eu a deixei se guiar, mas quando ela pressionou os lábios na cabeça do meu membro, antes de envolvê-la na sua língua achatada, eu puxei o seu cabelo, para segurá-la. O meu sexo já latejava na sua boca e eu não sabia se conseguiria mandar o meu orgasmo de volta, quando ela puxou a minha mão do seu cabelo, me engolindo de novo, pressionando a língua de um jeito tão gostoso que a minha respiração acelerada começou a falhar e eu cedi à explosão de prazer que veio de uma vez.

Eu deixei a minha cabeça tombar para trás, pedindo para que ninguém tivesse nos visto e a minha respiração foi se acalmando. A Ana consertou a

minha roupa e pegou a minha taça, bebendo a minha bebida e eu a olhei, incapaz de dizer algo. Ela deu um risinho, vindo beijar a minha boca, mas se levantou, indo até a cozinha.

A Ana voltou, conversando animada com o Renato e eu a olhei, mole e cansado, porque imagina que essa mulher começa a me chupar desse jeito em lugares inapropriados?

Nós ainda ficamos ali com eles jogando conversa fora um tempo, mas logo fomos embora. Quando eu cheguei em casa, os meus pais estavam na sala. O meu pai com uísque no copo e a minha mãe com suco.

Eu sabia que era positivo, eles tentaram por alguns meses, eles queriam isso.

Eu conseguia ficar feliz e enciumado. A minha mãe veio até mim, me abraçando com força.

— Onde você estava? — ela perguntou e eu dei um risinho. Ela não iria mudar.

— Com uma menina, mãe.

— Quem?

— Você não conhece — eu falei.

— Cuidado pra não engravidar ninguém — ela falou e eu fiz um gesto com a mão, assentindo.

[...]

Eu sentia falta da amizade do João. Trabalhar com ele e a conversa se limitar somente a trabalho era estranho, mas sobre o que falaríamos? As pessoas da firma comentavam sobre ele e a Marta, o que não era uma surpresa. Ele nunca foi de ficar com várias mulheres ao mesmo tempo.

Não sabia se ele havia esquecido a Ana, ou superado o que aconteceu, mas agora eu usava a sua desculpa de tempo. O tempo curaria isso.

Foi errado o jeito que eu e a Ana fizemos tudo, mas nós finalmente conseguimos encontrar um caminho para seguir. Um caminho torto, claro,

porque ela fingia namorar o Renato e os dois formaram um trio com a Mayra. Às vezes eu era trocado.

O Dilsinho foi se aproximando de mim, de todo modo, porque éramos obrigados a conviver fora do ambiente do trabalho. E ele era um cara legal.

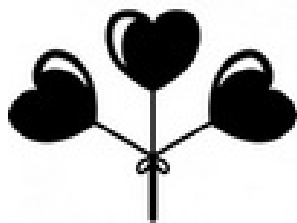
— Como você vai sair comigo sem a sua mãe perceber? — a Ana perguntou, quando eu entrei no seu escritório. Quero dizer, era uma sala pequena que ela dividia com outra mulher. A empresa era pequena, mas elas lidavam bem com o que propunham.

— Ela está tão entretida com a gravidez que nem vai dar falta — eu falei e ela riu.

— A minha mãe começou a falar sobre isso de engravidar — a Ana resmungou — ideia do meu pai.

— Elas não podem — eu enfatizei — fazer isso de novo.

— Não, elas não podem — ela deu um risinho.



CAPÍTULO 36

ANA AGUIAR

Eu estava andando distraída de volta para casa quando trombei com alguém e parei surpresa ao ver o João. Ele guardou o celular no bolso e nós nos encaramos por um tempo que pareceu arrastado.

— Tudo bem? — ele perguntou e eu assenti, porque o coração sentia o peso da culpa e eu não sabia quando isso iria embora.

— Sim e você?

— Sim — ele falou, me analisando — vou indo — ele falou, coçando a nuca — tá indo pra casa? Quer uma carona?

— Não precisa — eu falei sem graça.

— Sua casa é longe daqui...

— Tudo bem — eu falei, suspirando.

O silêncio parecia esmagador com nós dois dentro do carro. Respirar parecia difícil, porque soava alto demais. Era muito estranho olhar para uma pessoa que fez parte da sua vida por tanto tempo e ela se tornar alguém distante.

O João estacionou em frente à minha casa, mas nem desligou o carro e eu o olhei.

— Bem, já vou indo — eu falei, sem saber o que dizer ou como agir — a gente se vê.

— A gente se vê — ele apertou os lábios e eu desci do carro.

Entrei em casa e fui para o meu quarto, onde tomei um bom banho.

A minha mãe ainda questionou a carona do João, mas foi só isso. Acho que nem se eu quisesse, nós teríamos volta.

E eu estava apostando nessa coisa com o Dante.

No final da semana, saímos. Eu, a Mayra e o Renato. Ele era tão descontraído com a vida, que eu não sabia por que nós não nos aproximamos antes.

Nós estávamos numa mesa, bebendo cerveja e falando bobagens. Não tinha como eu negar que era estranho ver o João. Eu o segui com o olhar, quando ele chegou junto com a ruiva e os dois foram até a mesa com o pessoal da agência.

O último a chegar foi o Dante e ele estava mais distraído em me mandar mensagens safadas do que interagir com o pessoal da sua mesa.

O Renato percebeu a minha curiosidade sobre a outra mesa, então não demorou a mencionar o João e a ruiva. Ex-namorada do Dante.

— O único relacionamento que ele levou a sério antes de você — o Renato falou e eu o olhei — sorte que ela e o João não precisam ficar se escondendo.

— Os pais deles não ficam pirados — eu falei para me defender — você sabe disso.

— Já tentou descobrir o motivo dos seus pais não deixarem vocês namorarem? — o Renato perguntou curioso.

— O Dante ia estragar tudo.

— É pouco. Precisaria de algo mais forte pra isso — o Renato falou, negando com a cabeça — do jeito que eu sou paranoico, iria pensar em milhões de coisas sérias.

Eu não sei se alguém percebeu quando trocamos os casais na hora de ir embora, mas não estava preocupada.

Eu e o Dante estávamos uma rua antes da que morávamos, o carro desligado em baixo de uma árvore e eu estava no seu colo, com metade da minha roupa jogada no banco de trás.

— Eu preciso morar sozinho — ele arfou, quando eu puxei a sua camisa para cima e ele terminou de tirá-la — pra gente não ter que ficar fugindo.

— Tá bom — eu falei ansiosa, tendo dificuldade para desabotoar a sua calça. Ele a puxou para baixo e eu tomei o seu membro na minha mão, gemendo

junto com ele, mas voltei a beijá-lo. Ele afastou a minha calcinha para o lado e eu desci no seu membro devagar, gemendo junto com ele.

[...]

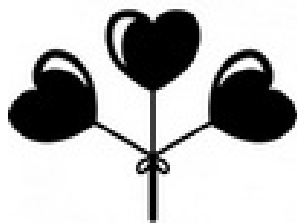
Quando eu precisava entrar em casa e fingir que não gostava e não estava com ele, a dúvida de se isso valia mesmo à pena me assombrava. Mas eu tratava de afastá-la.

Eu era acostumada a namorar o João e mostrar para todo mundo o nosso amor e a nossa vida. O Dante era um cara diferente e a nossa situação era diferente.

O meu *namorado* fake me enviou uma mensagem avisando do almoço no sábado, na casa do meu namorado de verdade. Convite da tia Marília.

Eu avisei ao Dante, que enviou mil mensagens, contrariado. Mas mesmo que ele tivesse coragem de contar para a nossa família, na hora de fazer isso, eu sabia que ele sentia o mesmo medo que eu.

[...]



CAPÍTULO 37

Eu andava em direção à lanchonete, na faculdade, quando a Madalena me encontrou.

— Tudo bem? — eu perguntei sarcástica.

— Quando eu acho que você não pode piorar, você vai e começa a namorar um cara que todo mundo sabe que é gay.

— O que? — eu perguntei confusa e ela deu um risinho — Por favor, Madalena, eu tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo as suas loucuras.

— Não era loucura quando eu soube de você com o Dante — ela falou e eu suspirei impaciente — vocês estão juntos, não é?

— O que?

— Vai ficar mentindo pra mim?

— Eu não preciso mentir pra você porque eu não te devo satisfação — eu retruquei irritada — você já fodeu o meu namoro, você queria o que?

— Você nem gostava do João! — ela falou, mas eu saí andando.

Eu ainda pedi o meu lanche e me sentei com algumas meninas que estudavam comigo, mas a Madalena logo veio, procurando conversas erradas e eu joguei o meu suco nela.

Eu não me deixei levar e *parei na cama* do Dante por capricho. Queria que fosse. A vida seria mais fácil se fosse, mas não foi por capricho.

Ninguém iria querer abrir mão da pessoa que o João era à troco de nada.

As amigas da Madalena avisaram ao Dante sobre o que eu fiz com ela e eu estava no seu carro, refém do seu olhar curioso.

— Você não vai dizer nada? — ele perguntou e eu ainda abri a boca, mas desisti — Ana, você não pode ceder à provocação da Madá.

— Você vai defendê-la? — eu perguntei incrédula — ela foi lá contar tudo ao João!

— E daí que ela foi contar ao João?

— Não era problema dela pra ela se envolver — eu resmunguei — ela não foi lá contar pra ele, pra nos ajudar.

— Você nunca teria terminado com ele — ele falou e eu o olhei.

— Vai lá, agradecer à Madalena então! — eu falei impaciente, correndo as mãos no rosto.

— Você não tem que ficar brigando com ela, Ana.

— Eu não fico brigando com ela — eu falei, querendo começar a gritar com ele — eu não vou ficar quieta enquanto ela me insulta! Essa mimada sem noção.

— Ok — ele suspirou, para encerrar essa discussão antes que virasse briga — vai embora agora?

— Não posso, tenho que voltar pra aula.

— Quer ir almoçar comigo?

— Algum lugar que não seja um motel — eu falei e ele riu, aproximando para beijar a minha boca — e que ninguém nos veja.

— Tá bom — ele falou, me beijando mais uma vez — quando sair daqui, me liga que eu venho.

Quando eu desci do carro, a Madalena estava com duas amigas me olhando, mas eu ignorei e fui para a aula. Eu não tinha mais idade e nem paciência pra esse tipo de briga.

Eu estava prestando atenção na aula, quando o meu celular começou a vibrar insistentemente. Eu o peguei, para silenciar, mas quando vi que eram mensagens da tia Mari, eu abri.

“Você está com o Dante?”

“Você está traindo outra pessoa”

“De novo?”

Eu fiz uma carranca, respondendo que não e deixei o celular de lado.

Antes de sair da faculdade e entrar no carro do Dante, eu recebi uma mensagem da Mayra, perguntando se eu poderia encontrá-la.

O Dante pareceu contrariado, porque era difícil a gente encontrar um tempo para nós e eu estava trocando isso pela Mayra. Mas me levou à loja dela.

— Está tudo bem? — eu perguntei e ela forçou um sorriso amarelo.

— Terminei com o Felipe — ela falou e eu a olhei.

— Por quê? — eu perguntei confusa.

— Ele estava com aquela loira que o Dante ficava — ela falou, suspirando — você sabe o nome?

— Qual das loiras, Mayra? — eu perguntei sarcástica e ela deu um risinho.

— A que trabalha com ele.

— Ele ficava com uma loira que trabalha com ele — eu me lembrei, mas foquei no problema da Mayra — ele te disse o que?

— Que eu entendi errado, mas eu vi os dois saindo do motel. Eu não entendi errado.

— Nossa — eu falei surpresa — isso é tão coisa que o Dante faria.

— O Felipe não era tão diferente — ela reclamou — eu só acreditei na gente, sabe?

— Você não pensa em perdoar? — eu perguntei confusa.

— Sei lá... Não! — ela falou malevolente — eu não quero construir algo com alguém pisando numa traição.

— Você quer sair pra fazer algo? Se distrair?

— Quero — ela fez uma careta — vou trabalhar agora à tarde, mas a noite a gente faz algo?

— Sim, você me avisa. Vou falar com o meu namorado pra distrair a gente — eu falei.

— Qual dos?

— O legal — eu brinquei e ela riu, assentindo.

Enviei uma mensagem para o Renato e nós marcamos de ir para a sua casa à noite.

Almocei quando cheguei em casa e tomei um banho. Fui para o trabalho e num tempo livre em que a Madalena começou a postar indiretas no instagram e eu sabia que eram para mim, eu comecei a ficar insegura com o Dante.

Agora estava tudo bem. Agora.

A Mayra esteve bem com o Felipe por vários meses, até ele deixar de ser o príncipe. E se essa coisa de trair fosse do DNA? Agora nós estávamos escondidos, ficar junto era uma aventura arriscada. Mas até quando seria? Quanto tempo demoraria em eu encontrá-lo saindo de um motel com outra?

Não respondi as mensagens do Dante para sairmos à noite e comecei a responder aos *stories* da Madalena. Essa menina patética.

Eu assumi a culpa do meu erro. O meu arrependimento não era do ato. Não foi de ter ficado com o Dante. O meu arrependimento foi de ter sido medrosa, foi de querer prender o João a mim enquanto eu estava amarrada em outra história.

Quando eu saí, o Dante estava na esquina da rua onde ficava o prédio do escritório e eu suspirei, entrando no carro.

— Me perseguindo? — eu falei e ele deu um riso, beijando a minha boca.

— Vim trazer um documento aqui perto e te vi saindo.

— Sei — eu cerrei os olhos.

— Se você quiser, eu posso fingir que não te vi e te deixar ir embora andando — ele falou se divertindo, mas eu cerrei os olhos — não me respondeu, não quer sair?

— A Mayra terminou o namoro — eu fiz uma careta — vou sair com ela e o meu outro namorado.

— Ah que droga — ele reclamou, cheio de manha — to com saudade da minha namorada — ele falou, nos tirando dali — mesmo que ela tenha dois namorados.

— A sua mãe acredita mesmo nisso? — eu perguntei e ele riu, dando de ombros — porque ninguém compra essa história.

— Só ela e o seu pai — ele falou.

O Dante me deixou na casa do Renato e prometeu vir me buscar pra gente *namorar* mais tarde.

A Mayra não estava tão mal. Quero dizer, ela não demonstrava isso. E

de todo modo, ela sempre foi de seguir em frente.

Nós pedimos pizza, o Renato fez brigadeiro e nós ficamos ali, consolando a Mayra até quase nove da noite, quando o Dante chegou.

— Avisa que se ele fizer isso com você, eu vou castrá-lo — a Mayra falou e eu dei um risinho, me levantando.

— To de olho em vocês dois — eu falei, brincando — não vão me trair, hein.

Eles riram da minha babaquice e o Renato foi me levar até a porta.

Eu entrei no carro e o Dante estava cheiroso e arrumado. Ele correu a mão no cabelo e eu o beijei, sentindo o gosto do chiclete de menta que ele mascava.

— Onde você estava?

— Reunião com um cliente — ele falou, apertando os lábios num sorriso.

— Cliente homem ou mulher? — eu perguntei e ele riu, voltando a me beijar.

— Duas mulheres e um homem.

— E você foi assim todo bonito? — eu disparei, mas ele parou, me olhando — você não gosta disso e eu avisei que eu era assim — eu sorri falso para ele, que deixou escapar um riso.

— Um casal e a sócia deles, que também é casada.

— O Felipe traiu a Mayra — eu falei — o que não era lá uma surpresa, mas ele prometia amá-la.

— Uma pena — ele falou, mexendo no som do carro.

— Você acha que vai me trair?

— Ana — o Dante falou entediado — o Felipe trair a Mayra não quer dizer que eu vou fazer isso com você.

— Você traía todo mundo.

— Ei — ele reclamou — era diferente.

— Diferente? — eu insisti e ele seguiu o caminho em silêncio.

Estranhei ele nos levar para a sua casa e guardar o carro na garagem. Eu me recusei a descer, porque se a sua intenção era me fazer acreditar na sua fidelidade enfrentando a sua mãe, ele poderia arrumar outro jeito.

— Eles estão fora da cidade. Foram ver a minha avó — ele falou, se divertindo pela minha relutância — você é fofa. Fica com medo de coisas que você quer que eu faça.

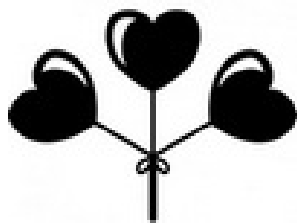
— Ninguém tem coragem de enfrentar a sua mãe, Dante. Ninguém.

— Você tem razão — ele falou — vamos.

Eu fui para o seu quarto e tomei um banho, me enrolando na toalha que havia no seu banheiro. Ele estava deitado na cama, vestido só na calça e mexia no celular.

— Nem se veste, lindinha — ele falou e eu vesti uma camisa sua.

Fui até ele, subindo no seu colo e tomei o seu celular, o beijando eloquentemente.



CAPÍTULO 38

Com o final do ano se aproximando, as coisas na faculdade iam ficando mais intensas. Então o meu tempo ficava mais corrido.

Só percebi que havia algo errado com a Mayra, quando a vi na boate que fui com o Renato e o Dilsinho. E ela não havia nem me respondido se iria.

Os pontos que eu liguei foram quando o João foi até ela. O meu coração apertou quando ele entregou a bebida para ela, porque eles estavam juntos? Eles ficaram? Se tornaram amigos?

O filme da minha história rodou a minha cabeça, porque ele era seguro e eu o amei. Mesmo que eu estivesse me apaixonando por outro, eu não iria querer vê-lo com a minha melhor amiga.

Para ser sincera, eu sequer tinha muitas amizades assim, próximas. As meninas da faculdade eu só tinha contato na faculdade.

Era da minha personalidade ter poucos amigos, eu me sentia bem assim.

— Tudo bem? — o Renato perguntou e eu o olhei.

— Você sabia? — eu perguntei e ele apertou os lábios num sorrisinho — desde quando?

— Eu prefiro deixar ela falar com você — ele falou, mas eu neguei com a cabeça.

— Me falar o que? Isso tem explicação?

— Ana...

— O meu erro não pode justificar o dela.

— Eu sei, mas...

— Eu vou embora — eu falei incomodada, negando com a cabeça e

coloquei o meu copo na mesa que pegamos, começando a andar para fora dali.

O Renato me alcançou e me levou para casa. Eu cheguei a tempo de ver o carro do Dante saindo da garagem, mas entrei em casa e subi correndo para o meu quarto.

Eu me sentei na cama, meio atordoada, porque nunca estaria preparada para ver o João com a minha melhor amiga. Mesmo que nós tivéssemos terminado, mesmo que eu estivesse com outro. Mesmo que o outro fosse o melhor amigo dele.

Foi o que eu plantei, não é? Eu fiz isso com ele. Eu fiz pior, porque eu o traí, eu menti, eu enganei.

Eu chorei, porque quando eu dizia que o João merecia alguém que quisesse receber a calma do seu amor, eu não queria que essa pessoa fosse a Mayra.

O Dante ainda ligou e enviou mensagens, mas eu só precisava ficar sozinha. Mesmo que isso significasse ele saindo sozinho – literalmente – e encontrando outra pessoa.

Tirei toda a maquiagem e coloquei um pijama. Me deitei e fiquei olhando para o teto, inconformada com o rumo que as coisas seguiram.

Na manhã seguinte, notei as mensagens da Mayra sobre poder me explicar, mas eu não respondi.

Ela me evitou, ela se afastou de mim por se envolver com o meu ex-namorado. Ela não teve a decência de me avisar antes ou depois que aconteceu.

Eu ter feito tudo errado não ameniza o erro dela. Eu errar não deu para ela a chance de fazer parecido. Porque eu agi errado com o João, não com ela.

Estava sobre a cama, desembaraçando o cabelo quando o Dante entrou no quarto, fechando a porta e a trancou.

— Porque não me respondeu?

— Eu queria ficar sozinha — eu falei mais baixo.
— Está tudo bem? — ele perguntou e eu o olhei, suspirando.
— Está.
— Ana... — ele insistiu, vindo se sentar na beirada da cama.
— Eu só quero ficar sozinha, Dante — eu reclamei — a noite foi boa?
— Eu não demorei — ele falou, se aproximando, mas eu reduzi o beijo para um selinho — aconteceu o que, Ana?
— A gente pode conversar depois? — eu perguntei e ele suspirou pesado.
— Ok.

Eu não quis descer para o almoço, então a minha mãe veio até mim, trazendo a minha comida e a sobremesa em uma bandeja.

— Aconteceu algo?
— Primeiro eu queria saber por que a tia Mari não suporta a ideia de eu e o Dante termos algo e dois: porque amigas ficam com ex-namorados?
— Ana — a minha mãe deu um risinho, se sentando na cama — quando a gente era mais nova, ela ficou com o seu pai.
— O que?
— Nós tínhamos namorado um tempo, mas terminamos e ela acabou ficando com ele. Depois nós voltamos e ela conheceu o Marcelo.
— E o que isso tem a ver com ela ser contra a nós dois?
— Eu não sei — a minha mãe riu — mas é a única coisa que tem de errado no passado dela. No mais, é só proteção.
— Uma proteção desnecessária — eu reclamei — então a tia Mari teve um caso com o meu pai?
— Não foi um caso — ela reclamou, rindo — eles ficaram em uma festa, eu soube anos depois.
— Que horror, mãe.
— A Mayra ficou com o João?
— Acho que sim — eu fiz uma careta — eu sei que eu não devia me incomodar por isso, mas...
— É estranho, eu sei. Conversa com ela.
— Ele fez pra se vingar, não foi?
— Não faz o perfil do João, se vingar — a minha mãe fez uma careta — e você escolheu seguir sem ele, mocinha. Não espere que ele pare de viver pra te poupar.

— É — eu suspirei — mas parece vingança.

— O destino se vingando de você, Ana, só se for — a minha mãe riu, se levantando — vê se come. Depois leva a bandeja lá pra baixo.

— Tá bom.

Foi sugestão da minha mãe dar um tempo para esfriar as ideias e ir conversar com a Mayra.

Evitar o Dante foi inevitável, porque eu estava abalada com isso do João estar com a Mayra e ele não estava nem aí. Ele nunca estava *aí* pra algo.

Passaram dois dias e no feriado das crianças, em outubro, eles foram para a casa de praia. Eu me recusei e usei descaradamente o Renato de álibi.

Fiquei sozinha em casa, já que o meu namorado fake estava com o seu namorado de verdade e o meu namorado de verdade, eu não sabia onde estava.

Foi uma surpresa quando eu recebi uma mensagem do João, pedindo para conversarmos. Eu não queria entender o lado dele, mas eu também não poderia afastar todas as pessoas da minha vida e fazer birra infantil.

Passava das seis da tarde quando o João chegou e eu o olhei, me sentindo culpada por tudo o que eu fiz e culpada por querer tirar dele o direito de seguir em frente.

— Eu acho que você já soube — ele falou e eu me sentei ao sofá, fazendo um gesto para ele sentar também — Ana, eu não acho que eu tenha feito algo errado, até porque eu sei que você e o Dante estão juntos.

— João...

— Eu não planejei nada com a May — ele fez uma pausa — eu estava bêbado, ela apareceu do nada e foi acontecendo... Eu não faria algo pra te atingir ou te machucar, nem pra me vingar, isso não faz sentido.

— Você não tem que me explicar.

— Ana, eu tenho — ele resmungou — porque você está punindo uma pessoa que te considera e se preocupa muito com você.

— João, eu não to punindo ninguém — eu reclamei — só não ache que é fácil ver vocês dois juntos.

— Você acha que foi fácil pra mim, saber que você me enganou esse

tempo todo? — ele perguntou indignado — você acha que foi fácil saber que o meu melhor amigo e a minha namorada estavam me traindo, que estavam juntos? Que ele era apaixonado por você? Que vocês viveram um caso no passado? Veio tudo de uma vez, Ana e a única coisa que eu pensava era que você poderia ter sido sincera comigo desde o começo e você não foi.

— Eu amei você — eu falei, como se isso justificasse — eu sofri muito quando eu me dei conta de que já não sentia o mesmo e foi duro pra mim aceitar. Eu não queria te perder.

— Ana, para de ser egoísta — ele reclamou — você ficou com medo de trocar. Você ficou com medo de ceder ao que sentia e quebrar a cara, porque vindo do Dante é o que todo mundo espera e você sabe disso. Mas então você não pensou em quem estava usando, enganando, em quem você faria sofrer, porque doeu e eu não quero que você sinta isso um dia.

— Eu não iria por acaso atrapalhar vocês dois.

— Não é sobre atrapalhar, meu amor — ele falou malevolente e eu engoli o nó que se formava na minha garganta — é sobre entender. Eu a procurei, eu quis, ela acabou me cedendo. Nós dois, eu e você — ele sorriu fraco — vivemos a história mais linda que eu poderia imaginar viver com alguém. Mesmo com esse final torto, quebrado. Eu acho que é raro um casal confiar tanto um no outro, como a gente confiava e viver tão bem por tantos anos. Eu entendi que acabou, você precisa fazer isso também.

Eu apoiei os cotovelos nos joelhos e o rosto entre as mãos, escondendo o meu rosto, porque ouvir dele que havia acabado era realmente dar de cara com o fim. De novo.

Eu respirei devagar, não querendo ceder ao choro, porque mais uma vez eu estava confusa e agoniada com os sentimentos dentro de mim.

— As coisas vão ser diferentes agora. Eu não achei que teria chance de te dizer tudo que ficou engasgado, eu nem precisava fazer, mas você precisava ouvir. Você precisa parar de se colocar como a vítima e aprender a se colocar no lugar do outro. Eu amava mimar você, cuidar de você e fazer o nosso relacionamento dar certo, mas...

— Você não sente falta? — eu perguntei baixinho e ele ficou quieto — eu sinto falta da segurança que eu sentia. Do seu cuidado também. Você não tinha medo de lidar comigo e nem perdia a paciência.

— Ana — o João murmurou e eu o olhei, esperando — faz falta, mas acabou. Não existe uma maneira de apagar tudo o que aconteceu pra tentar de

novo. Não existe um jeito de eu te fazer me amar de novo — ele falava e eu escondi o meu rosto, porque seria tão mais fácil se houvesse um jeito — nós precisamos enterrar essa história e seguir em frente sem carregar mágoas.

— Porque você consegue ser calmo? — eu perguntei, soluçando e ele fez um carinho no meu cabelo — a vida quando a gente estava junto era mais fácil. Eu não tinha que me esconder de ninguém.

— Ana, é isso — ele falou — você não quer ficar comigo. Você quer viver com ele o que a gente tinha.

— Isso parece tão pior... — eu neguei com a cabeça.

— Vocês só precisam se entender, meu bem. Colocar os pingos nos is. Quando você se encontrar com ele, ou sozinha... Quando você se encontrar e ficar em paz, nada do que eu fizer vai incomodar você.

— Você tem razão — eu falei, mesmo que estivesse contrariada.

— Você vai ficar bem?

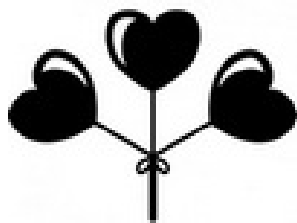
— Eu vou — eu funguei, limpando o meu rosto.

— Se precisar de alguma coisa, pode falar comigo — ele falou.

— Obrigada — eu forcei um sorriso.

O João ainda me deu um abraço e eu o levei até a porta.

Eu subi para tomar um banho e me troquei. Enviei uma mensagem para o Dante, mas como ele não me respondeu, eu fui ver se ele estava em casa.



CAPÍTULO 39

Sexo com intimidade é aquilo que faz o mundo sumir. Eu li isso em algum lugar – não lembro onde – e acho que nunca fez tanto sentido.

A minha vontade ao entrar na casa do Dante, era de conversar e me abrir para ele, mas o beijo nos levou além.

A primeira vez que nós o fizemos foi nesse tapete e foi tão bom.

Eu o olhava arfando ao meu lado e me sentei, pegando a sua camiseta, a vestindo.

— O João foi à minha casa — eu falei e ele me olhou — você acha estranho que ele esteja com a Mayra?

— Tão estranho quanto eu estar com você.

— É sério, Dante — eu reclamei — se fosse ao contrário? Como você reagiria?

— Como ele reagiu. Iria socar a cara dele, mas não sei depois. Eu não sei se sou rancoroso.

— A gente vai viver desse jeito? — eu perguntei e ele fez uma careta confusa — escondendo da sua mãe e do meu pai?

— Você precisa confiar em mim pra gente contar. Porque, Ana, você dá a ideia de assumir e você dá pra trás depois. Assim eu fico perdido no meio da sua confusão.

— Como eu sei se posso confiar em você?

— Arriscando, oras — ele reclamou — eu confio em você. Eu sei que nós dois já erramos, mas que a gente não é obrigado a ficar junto. Se a gente está, é porque a gente quer.

— E se você aprontar? — eu sugeri e ele se sentou, me puxando para mais perto, beijando a minha boca.

— Eu teria que ser muito panaca pra aprontar, depois de tanto tempo

achando que eu teria que pisar no meu amor e no meu desejo pra sempre.

— Isso é o que você diz agora, mas e depois? — eu arqueei as sobrancelhas, mas acabei rindo e ele beijou a minha boca outra vez.

— Se eu aprontar, eu vou perder você — ele me sorriu — e eu não quero isso.

— Bom que você sabe — eu suspirei.

Eu notava no Dante a facilidade de dizer sentir amor, mas ele não jogava para fora um eu te amo. Então eu não iria dizer, não precisava, na verdade.

Quando os nossos pais voltaram, a barriga da tia Mari dava as caras e ela estava reluzente, o que fazia a minha mãe dizer que era uma menina.

O Dante parecia receoso com a gravidez, para não dizer enciumado.

— Porque será que você é tão gostosa? — o Dante perguntou ao entrar no meu quarto e eu dei um risinho, porque nós estávamos avançando no apego e no sentimento, mas eu não sabia se algum dia isso superaria o *tesão* que nós dois tínhamos um no outro.

— Porque será? — eu zombei, colocando o notebook sobre a cama para ir até ele — como você entrou aqui?

— Fiquei esperando o seu pai sair. Às vezes me dá vontade de perguntar pra ele quando ele não vai estar em casa, pra eu poder namorar um pouco.

— Fofo — eu falei sarcástica e ele sorriu, passando um braço em volta do meu corpo, me puxando.

— Já conversou com a Mayra?

— Pra você é fácil. Quero só ver se o João quis ser seu amigo.

— É diferente, Ana — o Dante suspirou.

— Eu vou falar com ela um dia.

— Vendo assim parece que você não superou o João — ele resmungou e eu fiz uma carranca.

[...]

Eu e o Dante estávamos tão focados em esconder o nosso romance que às vezes esquecíamos de nos ver. Era patético.

Ele pressionava para que eu perdoasse a Mayra, até porque ela não agiu errado comigo. Mas eu não estava pronta para isso ainda. Ainda mais vendo como ela e o João estavam indo firmes.

Quero dizer, eu não sabia como eles estavam indo, mas eles eram vistos juntos. E segundo a Madalena, eu mereci.

O final do ano foi se aproximando e como sempre passávamos o natal e o réveillon na casa de praia, a tia Mari tratou logo de chamar o Renato. Mas ele alegou que tinha uma viagem importante à trabalho. Eu o agradei por isso, porque eu amava tê-lo como um amigo. Foi um presente que veio na hora certa, mesmo que ele também achasse que eu devia falar com a Mayra.

— No dia que você e o Dante assumirem o namoro, eu me assumo pros meus pais — ele falou descontraído, colocando a taça de vinho sobre a mesa — à propósito, você cozinha muito bem. Esse babaca aí deu sorte — ele falou indicando o Dante, que deu um risinho.

— Sorte mesmo, porque eu só sei fazer miojo. Mas tenho um telefone que liga pra restaurantes muito bons — o Dante zombou.

— Ele lava louça — eu falei para o Renato, que assentiu.

— Ei! — o Dante protestou.

— Nós fizemos, vocês arrumam — eu falei para ele e o Dilsinho.

Era para isso que eu não estava preparada, também. Eu não queria selar paz com a Mayra e de repente estar em encontros de casais com ela e o João. Era assustador pensar.

Não era sobre sentir posse pelo João. Mas todo fim era doloroso. Ainda mais se tratando de um relacionamento como o nosso foi. Eu poderia sentir a maior paixão do mundo, o tesão mais avassalador pelo Dante, mas nós dois *nunca* seríamos o casal calmo e leve que o João e eu fomos. Não era fácil entregá-lo de bandeja para a Mayra e dizer que estava tudo bem. Ficaria, precisava ficar, mas agora não.

O Dante arrumou a cozinha junto com o Dilsinho e eu e o Renato fomos beber mais vinho na sala.

Já chegava a uma da manhã quando o tio Marcelo ligou, avisando que

eles foram para o hospital, por algo com a tia Mari.

Ela estava sentindo algumas dores na barriga, como contrações. Eu e o Dante ficamos tão preocupados que não nos tocamos que não poderíamos chegar lá juntos. E a tia Mari, em vez de focar no seu estado de saúde, foi logo perguntando onde e com quem estávamos.

— A minha mãe me ligou e eu pedi pro Dante me buscar — eu falei confusa — estava com o Renato, tia.

— Ah — ela falou — está tudo bem, não precisava ligar pra todo mundo, Marcelo — ela falou para o marido.

Não era nada extremamente sério, segundo o médico e logo nós voltamos para casa.

[...]

Era o antepenúltimo sábado do ano, quando a Mayra entrou no meu quarto, me acordando. Me sentei na cama ainda sonolenta, sequer processando a sua presença.

— Eu acho que já deu — ela falou impaciente, abrindo as cortinas — porque eu não sou um monstro que te faz mal, ou que fez algo na intenção de te machucar.

— Mayra — eu falei, mas ela me lançou um olhar autoritário e eu fiquei quieta.

— A gente pode conversar?

— Espera — eu resmunguei, indo até o banheiro.

Lavei o rosto e escovei os dentes, voltando para a minha cama e ela suspirou, vindo se sentar.

— Eu to cansada de pedir pras pessoas pedirem pra você falar comigo — ela falou — eu não queria, deus sabe como eu não queria. Mas aconteceu.

— Mayra, eu não consigo lidar com isso... Ainda — eu completei, para não parecer tão mesquinha.

— Porque não? Por acaso você ainda o ama? Porque basta você dizer, que eu acabo tudo hoje.

— Você não pode fazer isso pra me agradar. O João não é um boneco sem sentimentos.

— Por isso eu to aqui. Eu não suporto a ideia de ficar com ele se isso for acabar com a gente.

— É que eu fiquei com ele por anos — eu falei inconformada — eu não imaginei que veria você com ele.

— Isso te incomoda?

— Sim, mas não quero vocês parem algo por minha causa. Isso é ridículo. Eu só fico com um pouco de inveja. Com o João você sabe que tem algo seguro e eu ainda tenho medo de dar errado com o Dante.

— Queria o João lá de estepe? — ela sugeriu e eu engoli pesado, porque no fundo era isso que eu queria.

— Eu não posso desejar isso. Eu só queria tempo pra assimilar vocês dois.

— Eu não tenho mais tempo pra te dar.

— Por favor, May, eu não to preparada pra lidar com isso ainda. O João não está preparado pra ser amigo do Dante de novo, está?

— O João só não é amigo do Dante ainda, porque o Dante é um babaca prepotente — a Mayra falou — mas é questão de tempo até tudo se acertar. Você está certa de não amar o João?

— Poderia dizer que não, mas eu não amo mais o João e você foi a primeira pessoa a notar isso — eu reclamei.

— Então tudo bem entre nós duas?

— Não vou querer ouvir sobre vocês — eu fui logo avisando e ela sorriu fraco — não tão cedo. Um dia, quem sabe.

— Eu sabia que você não iria fazer birra pra sempre — ela falou, me puxando para um abraço — e eu não queria encerrar o ano brigada com você.

— Nós não estávamos brigadas.

— Olha quantas mensagens minha você ignorou — ela falou entediada e eu encolhi os ombros.

— Onde vocês vão passar o natal?

— Com a mãe dele — ela deu um sorriso fraco e eu assenti devagar.

— Pelo menos a dona Lúcia vai ter isso agora — eu suspirei — ela é um amor, você deu sorte. Porque a minha futura sogra me odeia como nora.

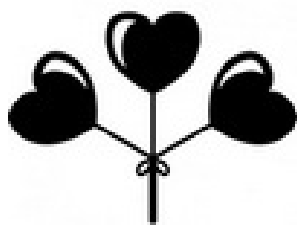
— Mas ama você como uma filha — a Mayra falou descontrada — espero que quando a gente tiver filhos, uma de nós não fique igual a ela.

— É, tomara que não — eu falei, rindo disso, porque seria muito bizarro se fizéssemos isso.

Quando a Mayra foi embora, uma sensação de alívio foi tomando conta de mim. Eu conseguia respirar sabendo que eu e o João éramos história encerrada e que isso era bom para nós dois.

Eu poderia guardar a parte boa do que fomos, saber lidar com a saudade, porque tudo que foi bom deixa saudade e entender que ele seguiu em frente, que ele merecia seguir em frente e encontrar alguém que realmente desse valor ao seu amor.

Caras como o Dante, a gente encontra fácil. Mudar um cara como ele era difícil, eu não poderia garantir que ele iria mudar por mim. Poderia viver o agora com ele. Mas caras como o João eram raros. Sorte de quem encontra e sabe aproveitar.



CAPÍTULO 40

— Eu não vou compactuar com isso — Eu falei para o Dante, quando ele me mostrou o contrato de aluguel do apartamento — ainda mais levar o Bart. A sua mãe vai morrer do coração.

— A minha mãe nem vai dar falta — ele falou, mas eu o olhei, porque a sua mãe dava falta de tudo — e a gente vai ter mais tempo pra ficar junto.

— Você não está fazendo isso só por mim, está?

— Eu to fazendo isso porque eu tenho um dinheiro guardado, eu trabalho feito um condenado e eu quero a liberdade de morar sozinho.

— Nossa — eu ergui as mãos em defesa — tudo bem, senhor super independente.

— Você quer conhecer o lugar? — ele perguntou e eu assenti.

Nós fomos para o apartamento, que era no mesmo andar do Renato e eu abri a porta, entrando junto com ele, que me abraçou por trás.

— Você precisa comprar móveis — eu falei e ele riu, fungando no meu pescoço — o legal é que quando eu disse que estou vindo pra cá, não vou estar mentindo o endereço.

— É — o Dante falou, se divertindo — quando você tiver os nossos filhos, vai poder pedir pra minha mãe visitá-los no apartamento ao lado e dizer que o Renato é o pai.

— Ah — eu gritei, rindo — claro!

— Um dia ela vai ter que acalmar o coração e aceitar a gente — ele falou e eu me virei de frente.

— Você pensa em futuro? — eu perguntei e ele parou um segundo, me olhando serenamente.

— Às vezes.

— Que medo — eu fiz uma careta e ele pressionou os lábios nos meus.

— Medo eu sentia quando você namorava o João e eu tinha que engolir o que eu queria. Achava que ia passar a vida toda sentindo isso e tendo

que fingir que não sentia nada.

— Coitadinho — eu cerrei os olhos para ele — você não teria passado por isso se não tivesse começado a namorar.

— Vai saber se você não ia se apaixonar pelo João — ele falou presunçoso e eu dei um risinho.

Nós fizemos um tour pelo apartamento e quando chegamos à cozinha, o Dante constatou a altura perfeita do balcão. Eu cerrei os olhos para a sua ousadia, mas quando consegui me dar conta do que fazíamos, eu já não estava mais usando a minha roupa. Quero dizer, o meu sutiã estava embolado no meio da minha barriga e ele já havia se abaixado entre as minhas pernas.

Nós pegamos alguns folhetos das lojas de eletrodomésticos e moveis e ficamos dentro do carro escolhendo algumas coisas para o apartamento.

— Eu quero estar bem longe quando você for contar pra sua mãe — eu falei para ele, que me lançou um olhar reprovador.

No dia seguinte, fomos comprar as coisas e eu esperei elas chegarem ao apartamento. O Dante logo chegou e colocamos tudo no lugar, nos dando conta de que precisaríamos comprar jogo de cama, mesa e banho.

— Isso dá tanto trabalho — ele reclamou, se jogando no seu colchão e eu sorri, o olhando. Era fato que eu nunca mais teria algo calmo e seguro como eu tive com o João, mas eu amava viver essa loucura com o Dante. Nós dois éramos imprevisíveis e estávamos aprendendo a funcionar com as limitações de um relacionamento escondido.

— Ana — ele me chamou, colocando o braço sob a cabeça e eu acenei, o incentivando a falar — já pensou no que quer de natal?

— Não sei — eu falei presunçosa — me surpreenda — brinquei, indo me deitar ao seu lado.

— Esse ano foi tão doido — ele falou — acho que a gente só está aqui hoje porque eu te chamei pra aquela festa.

— Talvez — eu ponderei — não teríamos bebido e ficado sozinhos se não fosse.

— Ainda bem que eu te chamei — ele falou descontraído e eu sorri fraco.

— Vamos? Eu tenho uma mala pra fazer — eu falei e ele me cerrou os olhos, me lançando um sorriso presunçoso.

— Você acha mesmo que não vamos inaugurar essa cama? — ele

perguntou incrédulo e eu dei um riso, enquanto ele vinha parcialmente para cima de mim.

— Você não cansa não? — eu perguntei e ele negou com a cabeça.

— De você, não.

[...]

O tio Marcelo e a minha mãe riam da nossa cara, porque estar numa casa juntos o tempo todo, dificultava o disfarce. E a tia Mari estava dez vezes mais doida grávida.

E ninguém queria a tia Mari nervosa.

— Ela pode ficar sabendo daqui dez anos — eu falei para o Dante, que trancou a porta do quarto — a gente faz muito sexo — eu reclamei.

— Ainda bem — ele falou o óbvio, tirando a roupa enquanto vinha para a cama. Eu o deixei tirar o meu vestido e a minha calcinha. Eu fiz um carinho no seu cabelo quando ele deixou um beijo rápido no meu sexo e veio para cima de mim, conectando os nossos sexos. Eu afastei mais as pernas, levando uma mão para a lateral do seu rosto, o olhando e ele fechou os olhos, arfando e aumentou o ritmo dos movimentos.

— Ei, Ana — ele sussurrou, quando eu já estava inquieta sob o seu corpo e eu gemi, jogando a cabeça para trás, quase me entregando. O Dante gemeu junto comigo, antes de dizer: — eu amo você — ele falou e eu o arranhei, tento o meu gemido abafado por um beijo e o senti vir junto comigo.

Ignorei o que ele havia dito, porque não estava segura de dizer e me virei quando ele deitou ao meu lado, o abraçando e escondi o rosto no seu pescoço.

Na véspera do natal, eu fui ajudar com a ceia e o dia se resumiu a isso, enquanto o Dante passou o dia bebendo. O que foi uma merda, ele ficou meio bêbado e tentava me beijar em qualquer lugar.

— O meu namorado está vindo pra cá, você não pode me beijar — eu reclamei e ele riu, me prendendo entre o seu corpo e a parede.

— O seu namorado é gay — ele sussurrou, pressionando os lábios nos meus e eu me esquivei, passando sob o seu braço e descí as escadas.

Eu fui a última a ficar pronta, à noite. A mesa estava arrumada e todos bebiam um vinho gostoso. No copo do Dante, eu coloquei água, porque eu via a

hora de ele contar para todos sobre nós e me beijar, matando a sua mãe em pleno natal.

O seu pai, no entanto, se divertia com a minha preocupação, colocando sempre que eu saía de perto, bebida para o filho.

— Que péssimo pai o tio Marcelo é — eu falei abominando e o meu pai me olhou confuso — embebedando o próprio filho.

Quando trocamos os presentes, pouco antes da ceia, o Dante pegou o meu presente e veio até mim, me puxando pela mão.

— Esse ano foi muito doido — ele falou, esfregando os lábios e correu a língua neles, voltando a falar: — mas a gente viu que família é sagrada e que a gente faz tudo pra manter — ele continuou e eu suspirei aliviada, o abraçando. Precisei segurar a sua mão que descia para a minha bunda e peguei as caixas que ele me entregou.

Eram os chocolates caros que eu gostava, mas não tinha coragem de comprar e a outra caixinha tinha um colar bonito com um coração. Eu sorri para ele, por ser sempre simbólico e carinhoso com presentes. Havia um papel sob o tapete da caixinha de veludo, mas eu deixei para ler depois.

Eu comi tanto, mas tanto, que a minha mãe reclamou a quantidade e eu não conseguia respirar depois.

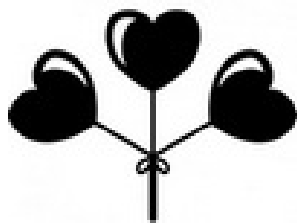
— Deveria ter reservado um lugar para a sobremesa — o Dante falou, se sentando ao meu lado com a taça de mousse que eu havia feito esta manhã.

— Eu sempre como muito em natais, é tradição — eu reclamei e ele riu, assentindo.

— Já leu a cartinha? Eu escrevi à mão — ele falou e eu fiz um carinho no seu rosto.

Nós tínhamos um problema a mais, porque como a tia Mari estava grávida, ela não bebia. Então a sua atenção era redobrada em nós dois.

— Imagina se ela soubesse que a gente namora — o Dante sussurrou para mim, que o empurrei para longe.



CAPÍTULO 41

“Agora que a gente tá junto, eu percebo que fui um tremendo idiota por ter deixado passar tanto tempo. Tempo que eu passei pisando no que eu sempre quis. Num amor que me dava tanto medo, mas que é tão bonito. Nós dois andamos um caminho longo até aqui, mas acho que já aprendemos a compartilhar um pedacinho de vida e a confiar, o que eu achava mais difícil. Você conhecia a minha pior versão, nossa maior conquista é você saber que com você eu quero ser o melhor de mim. Nem todo mundo vai entender, vai acreditar, mas as pessoas vão nos ver e sentir que existe amor. Eu te amo. Muito.”

Eu sorri quando acabei, porque isso vindo do Dante era engraçado e fofo. Ele sabia iludir como ninguém. E fazia a gente gostar disso.

No feriado de natal, os nossos pais foram para a praia e eu fingi querer dormir o dia todo e o Dante saiu, mas logo voltou.

À tarde, o Renato chegaria com a Mayra. Mas eu e o Dante estávamos na piscina. Eu me sentei à borda e ele parou entre as minhas pernas, sacudindo o cabelo molhado para me respingar água e eu grunhi, como se eu pudesse me esquivar dos pingos que caíram em mim.

— Você sabe que horas eles chegam? — o Dante perguntou — o João vem?

— Não sei se vem — eu falei, fazendo um carinho no seu cabelo, porque ele sentia falta da amizade do João, mas nós não sabíamos se as coisas entre eles voltariam a ser o que era antes, um dia.

Eu bebi um pouco da cerveja, segurando a mão do Dante que tentou desfazer o nó lateral da minha calcinha de biquíni e ele riu, puxando o laço de uma vez.

— Para, Dante — eu reclamei, colocando o copo no chão — você é

muito pervertido.

— Isso é ruim?

— Alguém pode chegar aqui.

— Você tem sorte, sabia? — ele perguntou e eu sorri falso para ele — não é todo cara que gosta tanto de chupar a namorada — ele reclamou e eu dei risada, jogando a cabeça para trás.

— Mas você não precisa fazer isso aqui — eu falei, mas ele puxou a calcinha — alguém pode nos ver.

— Não tem ninguém aqui — ele falou, usando as pontas dos dedos para afastar os meus lábios íntimos. Eu o olhei, porque ele iria mesmo fazer isso e se alguém chegasse nós teríamos que parar. Ele beijou o meu clitóris, me olhando e eu mantive o olhar, estremecendo quando ele escorregou a língua na minha intimidade. Os seus beijos ficaram mais impetuosos e eu apoiei o meu corpo nas mãos, jogando a cabeça para trás. Ele deu um risinho, dando lambidas longas no meu sexo, mas quando um gemido forte me escapou, ele parou, erguendo a minha perna, me deixando mais exposta. Eu o olhei atordoada, o vendo inclinar a cabeça, beijando o meu sexo mais intensamente e passou a circular um dedo no meu clitóris. Eu estremeci, deixando o meu corpo cair deitado no chão, sucumbindo ao orgasmo.

Quando a minha respiração foi desacelerando, o Dante já estava sobre o meu corpo e puxou a sua sunga para baixo, entrando em mim devagar.

— Eu espero mesmo que ninguém chegue aqui — ele grunhiu, afundando o rosto no meu pescoço e eu o abracei.

[...]

O meu namorado fake chegou com presentes para mim. Um vestido muito bonito que eu usaria no réveillon. Ele havia feito o mesmo para a Mayra.

Eu não perguntava sobre ela e o João, porque eu não estava preparada para saber, mas pelos sorrisinhos que ela dava para o celular, eu poderia dizer que eles iam bem.

E isso era bom. Se eu pudesse escolher, não iria pedir para o meu ex se apaixonar pela minha melhor amiga, mas não era uma escolha.

Para mim soava mais como uma espécie de carma. Poderia dizer que eu havia aprendido a lição.

Mas essas coisas de destino e carma eram complicadas de entender. Eu não havia nem entendido ainda qual é a do amor.

Eu amei o João e ele sabia mostrar somente as coisas boas do que ele era, mas nem isso me manteve apaixonada. Não era para ser. Às vezes o seu melhor não é o melhor que o outro procura.

O Dante era um monte de coisas boas, mas os seus defeitos batiam de frente com os meus e talvez isso não nos deixasse criar algo constante e morno. Cair na rotina. Rotina é bom, mas viver sentindo *isso* era tão melhor. Pelo menos agora.

Quando estávamos juntos, com o João eu não tinha medo de desmoronar, porque ele procurava me entender sem me culpar. Ele roubava a razão do mundo e dava para mim. E eu precisava de equilíbrio. Todo mundo precisa. O Dante jogava a verdade na minha cara e não tinha medo de me fazer entender que eu estava errada, mas ele aprendia a me ouvir.

Eu estava lidando com alguém que tinha sentimentos e vontades, que desarmava para lidar comigo, que me dava amor, que fazia amor comigo como ninguém fez ou faria, mas esperava isso de volta. E eu tinha para retribuir. Eu não estava com ele por ser cômodo ou fácil. Nós estávamos juntos por não aguentar mais – como ele dizia – pisotear nesse sentimento que nos deu tanto medo, por tanto tempo.

Talvez eu não devesse, mas hoje eu só queria cultivar esse sentimento grande que eu tinha por ele.

Eu o olhava no sofá, admirando a barriga da sua mãe que estava animada e emocionada com os primeiros chutes do bebê. Ele me pegou os olhando e sorriu fraco, me arrancando um risinho, porque eu não imaginava como ele conseguiria fazer a sua mãe entender que ele sairia de casa. Acho que assim como a minha mãe, a tia Mari não achava que isso fosse acontecer.

Para elas, nós nos casaríamos – não um com o outro – e moraríamos com elas para o resto das suas vidas.

Nós ficamos na área da piscina e eu vi de longe a Mayra numa chamada com o João. Há um ano éramos nós aqui, juntos.

O Dante ajudava os nossos pais na churrasqueira e o Renato preparava algumas bebidas.

Eu não saberia se algum dia isso mudaria. Eu não me lembrava de algum natal ou virada de ano que passamos longe um do outro, ou dos nossos pais. *Família* era estar unido. A nossas mães provavam que família não é só laço de sangue.

Quando o tio Marcelo preparava os fogos para comemarmos a virada do ano, eu senti alguém me abraçar por trás e eu sorri, imaginando que fosse o Renato, porque ele era um ótimo ator.

— Feliz ano novo, meu amor — o Dante sussurrou e a minha sensação era de estar perdendo o chão. Ele não estava fazendo isso aqui. As minhas mãos trêmulas foram para as suas, que envolvia o meu corpo e eu queria afastá-lo, mas ele voltou a falar:

— Eu quero muito que esse ano a gente aprenda a lidar com esse tanto de sensações, que a gente descubra de verdade o que sente e tenha coragem de enfrentar todo mundo — ele falava baixinho, perto do meu ouvido e eu controlava a minha respiração, porque a essa altura a tia Mari já estaria a nossa frente fazendo um escândalo — eu vou dizer de novo, que é pra você entender direito a minha intenção: eu te amo e eu nunca abri a porta do meu coração pra ninguém, mas ela está escancarada pra você. Você não só fica se não quiser — ele deu um risinho, deixando um beijo no meu cabelo e eu fechei os olhos, me segurando nele, porque a minha sensação era de não conseguir me manter de pé.

— A sua mãe vai matar a gente — foi o que eu consegui dizer e ele riu, me virando de frente.

— Ela está olhando? — ele perguntou e eu espiei atrás dele, vendo que tínhamos plateia. E quem nos assistia só queria o nosso bem. E a sua mãe só não nos queria juntos.

— Está todo mundo olhando — eu falei, chegando a arfar de nervoso — a gente podia ter ficado escondido.

— Eu não aguentava mais — ele reclamou — e eu fiz um acordo.

— Acordo? — eu perguntei confusa e ele deu um sorrisinho.

— Depois eu te conto — ele sorriu fraco — não quer me dar um beijo?

— Na frente de todo mundo? — eu perguntei e ele escorregou uma

mão pelo meu cabelo — Dante, todo mundo vai ver, meu Deus do céu — eu desapareci nervosa, sendo interrompida pela sua boca tomando a minha.

Eu encerrei o beijo rápido, o abraçando e escondi o rosto no seu pescoço, porque eu nunca mais iria encarar os nossos pais.

O acordo que o Dante fez com a sua mãe foi de não sair de casa de pudesse me namorar.

— Se por acaso vocês brigarem, vocês vão ser obrigados a conviverem como foi a vida toda — ela falava para nós dois, depois de nos colocar sentados no sofá e nos encher de sermões e avisos. O Renato ia passando para a cozinha, mas ela gritou para ele, fazendo um gesto para ele vir até nós — porque você me enganou por tanto tempo? — a tia Mari colocou as mãos na cintura e eu dei um risinho, me encostando ao corpo do Dante, que levou a mão sobre a minha — o seu pai é difícil, mas não vai abrir mão do único filho só por ele namorar outro cara.

— A minha mãe é muito doida — o Dante falou baixinho, mas sua mãe ouviu, porque nos olhou.

— Vocês dois já estão avisados — ela lançou aquele olhar autoritário, que o Dante herdou dela, eu poderia dizer e saiu andando.

— Os pombinhos tem hora pra namorar? — o Renato zombou — você vai fazer o que com os móveis que comprou, Dante?

— Vender — o Dante falou contrariado — vocês não entendem, mas é muito difícil ser filho dela.

— É só o jeito exagerado de amar vocês — o Renato falou desinteressado.

Quando eu e o Dante ficamos sozinhos, ele pegou uma cerveja no freezer e veio até mim, que estava sentada na mesa de madeira e parou entre as minhas pernas. Ele bebeu um gole da garrafa e me entregou, mas eu a coloquei ao meu lado.

— Tudo começou aqui — ele sussurrou e eu assenti, o olhando, porque ele segurava o meu rosto entre as suas mãos — e hoje, meu amor, ah... — ele deu um risinho — eu nem acredito que estamos juntos, de verdade.

— Dá um medo — eu falei, porque tudo que é novo dá medo e ele parou um segundo — um medo bom.

— Tão bom que eu nem consigo acreditar que eu não vou mais precisar me esconder pra amar você.

— Você é muito um conquistador barato — eu falei, cedendo aos seus beijos — mas eu também amo você — ele ia começando um beijo longo quando eu falei e parou, me olhando, acariciando o meu rosto com o polegar, escorregando a mão pelo meu cabelo. Eu sorri fraco, juntando os nossos lábios e o beijo começou carinhosamente, porque ele era o cara que eu amava e agora, a minha pessoa certa.

Nós dois não estávamos aqui nos prometendo eternidade. Ficaríamos juntos enquanto a reciprocidade permitisse. Enquanto a felicidade batesse à nossa porta, enquanto os domingos de chuva se resumissem ao amor e tesão. Porque qualquer relação – nós aprendemos na marra – só funciona direito se for recíproca. Não adianta você querer dar o que não tem para alguém.

FIM!



EPÍLOGO

JOÃO PEDRO

Perdão é a paz que você aprende a sentir quando se liberta do que te fez mal. De quem te fez mal.

Quando você é pego de surpresa por uma situação difícil de perda, de traição, de engano, acha que não vai parar de doer, que não vai ser feliz de novo, que nunca mais vai amar alguém. Mas a vida vem e te prega peças engraçadas.

Eu ainda não consigo explicar direito o ódio cego que senti quando soube que a Ana me traía e que o meu melhor amigo fazia parte disso.

Mas depois de um tempo, eu consegui ver que eu estava apegado às exigências. Nós dois paramos de funcionar como casal fazia tempo, só não queríamos enxergar afinal na teoria éramos o casal perfeito.

Mas ninguém quer viver de teorias, de fantasia, de aparência.

E eu descobri na marra que amor não era aquilo que eu sempre achei que fosse. Eu sentia segurança com a Ana, não era amor. Ela se apoiava em mim por ter medo de se entregar ao que realmente queria. E talvez isso tenha nos feito sofrer tanto.

Nós fantasiávamos um amor de novela e queríamos nos contentar com aquilo, sendo que já não nos satisfazia mais. Amor não é só a união de duas pessoas que querem estar em uma relação. Vai além.

Quando acaba, só resta seguir em frente. Então a gente segue, com todas as marcas que ficaram. O relacionamento acabou, o que eu pensei que

fosse amor, também.

E se eu acreditasse mesmo nessa história de destino, saberia que tudo estava sendo escrito para acabar onde acabou.

Às vezes a gente não está preparado e nem esperando por um novo amor, ele simplesmente chega. Não tem isso de hora certa ou quando você está melhor. Ele simplesmente chega.

Mas voltando ao início, essa coisa de perdão tira um peso da gente. Eu os culpava pelo que me fizeram, mas isso passou. Não poderia culpá-los por sentirem amor. Aquele amor piegas que todo mundo vê e descredita, porque quem diria que o Dante viraria isso?

A Mayra ajudava a Ana a encher os balões para a comemoração do nono mês da Sara, irmã do Dante. E eu acabei cedendo para ajudá-los e encerrar de vez essa história de traição e erros. Era hora de perdoá-los e de me perdoar.

Porque essa história deles abriu a porta para que hoje eu vivesse algo tão mais completo e certo. Sendo bizarro, eu poderia usar as palavras que a Ana usava para falar do Dante: uma história tão mais cheia de amor e tesão.

— Eu achei que vocês não iam mais voltar a se falar — a Marília falou e eu sorri fraco — mas agora que está tudo bem, eu preciso que vocês vão pegar o bolo e as caixas de doces. Cuidado com o bolo — ela enfatizou.

— Ela não muda, né? — eu perguntei e o Dante riu, balançando a cabeça.

Eu sabia que seria questão de tempo até as coisas voltarem ao normal entre nós, mas não estava com pressa. Era um passo de cada vez.

— E você? Está preparado para essa nova fase? — o Dante perguntou e eu sorri fraco, assentindo. Era fase de recomeçar a nossa amizade e aproveitar mais o meu amor.

Porque às vezes, você ama a pessoa errada por anos enquanto a pessoa certa está bem ao seu lado.

Nós fomos para minha casa – eu e a Mayra – para tomar um banho e voltar para a festa, que seria às sete da noite.

Ela subiu para o meu quarto e eu fui até a cozinha, para pegar um copo com água.

— Já falou com a May? — a minha mãe perguntou e eu a olhei.

— Sobre?

— Traz bolo pra mim — o João Lucas falou — não esquece.

— Tá — eu dei um risinho, bebendo a água e deixei o copo sobre a mesa, indo para o meu quarto.

Quando entrei, a Mayra estava sentada na minha cama, com uns papéis na mão e me olhou, abrindo a boca duas vezes para falar, mas desistiu.

— Tá tudo bem? — eu perguntei, sorrindo confuso, porque ela tentou falar de novo, mas negou com a cabeça. Eu fui até ela, me sentando à sua frente — aconteceu algo?

— Na verdade, aconteceu — ela fez uma careta — olha — ela empurrou as folhas para mim e eu peguei, demorando a assimilar o que eu lia.

Teste de gravidez: positivo.

Pela dosagem do Beta HCG ela estava com mais ou menos seis semanas.

Eu a olhei, sentindo a minha pressão cair, porque de repente, eu já não via mais nada.

Quando fui recuperando os sentidos, lembrava exatamente do médico nos alertando quando ela teve uma virose, que o efeito do anticoncepcional poderia ficar comprometido.

Mas quem iria levar as chances disso à sério e quem iria imaginar que ela estaria fértil bem nesses dias?

— Você diz alguma coisa, porque eu to desesperada — ela falou e eu a olhei, vendo que agora, eu estava encostado à cabeceira da cama — eu conheço uma amiga que conseguiu interromper e... — ela começou a disparar essas besteiras e eu a puxei, segurando o seu rosto para beijar a sua boca.

— Eu amo tanto você — eu falei, não conseguindo ainda respirar direito — como você não me disse nada antes?

— Eu fiquei apavorada — ela reclamou — mas a Ana sabe e o Dante

também. A sua mãe foi comigo fazer o exame.

— Que doideira — eu falei, rindo desacreditado, porque nós seríamos pais.

— Eu não imaginei que aconteceria algo assim — ela falou, mas eu a interrompia com mais beijos.

— Tudo bem — eu falei — a gente cuida dele. Ou dela.

— João — a Mayra reclamou — um bebê muda tudo na vida da gente.

— Eu sei — eu falei confuso — você não quer?

— Não sei — ela suspirou.

— Vem, vamos tomar banho, pra não chegarmos tarde.

[...]

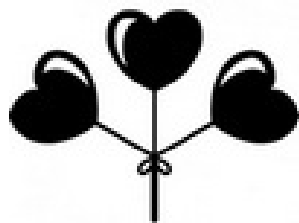
Na hora de cantar os *parabéns* para a Sarinha, eu abracei a Mayra por trás, porque ela estava mais nervosa depois que me contou sobre o bebê. Mas isso só me fazia sentir mais amor ainda. Por mim, por ela, por nós dois e pela vida.

Eu desci a minha mão para a sua barriga e ela virou a cabeça para mim, que deixei um beijo na sua testa.

Poderia dizer que a gente se completa, porque eu gostava das coisas mais certas e ela já havia vivido o suficiente para saber que queria o mesmo que eu.

E agora, mesmo que um dia a gente viesse a trilhar caminhos separados, teríamos um laço que acabaria nos unindo. Pra sempre.

FIM!



DICA DE LEITURA:

Amor vagabundo:

<http://amzn.to/2icJSeJ>

No limite da razão:

<https://amzn.to/2Oy3B75>

Viradas de jogo:

<http://amzn.to/2iWTx8e>

Viradas de jogo 2:

<http://amzn.to/2iaUwjc>

Desatando:

<https://amzn.to/2AqSeJa>

Mudanças:

<http://amzn.to/2j1UFd3>

Mudanças 2:

<http://amzn.to/2q8y7bm>

O amor e outros jeitos de sobreviver:

<http://amzn.to/2vxjeT7>

Eu sou seu – esse é o nosso destino:

<http://amzn.to/2wSRtmM>

Golpe do destino:

<http://amzn.to/2y9onFc>

Doces Ilusões – Atingida pelo destino:

<https://amzn.to/2S5YpZV>

Doces Ilusões – Ganhar o impossível: perdão e amor:

<https://amzn.to/2yNaBWu>

Doces Ilusões – Um novo começo:

<https://amzn.to/2Cwq7cX>

PERFIL NO WATTPAD: <https://w.tt/2I4C4FU>

INSTAGRAM: @FERNANDAVERICAESC

FACEBOOK: FACEBOOK.COM/FERNANDAVERICAAUTORA/

Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Dica de leitura:](#)